UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

IZABEL DA SILVA

“BOTA FOGO NESSES VAGABUNDOS!”:

xenofobia e resistência em narrativas online de/sobre migrantes de crise venezuelanos(as)

CAMPINAS – SP

2023

IZABEL DA SILVA

“BOTA FOGO NESSES VAGABUNDOS!”:

xenofobia e resistência em narrativas online de/sobre migrantes de crise venezuelanos(as)

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada na área de Linguagem e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cecília Cossi Bizon

Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pela aluna Izabel da Silva e orientada pela Profa. Dra. Ana Cecília Cossi Bizon.

CAMPINAS – SP

2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

Si38b

Silva, Izabel da, 1984-
"Bota Fogo nesses vagabundos" : xenofobia e resistência em narrativas online de/sobre migrantes de crise venezuelanos(as) / Izabel da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Ana Cecília Cossi Bizon.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Narrativas digitais. 2. Xenofobia. 3. Resistência. 4. Violência contra imigrantes. 5. Venezuela. I. Bizon, Ana Cecília Cossi, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: "Put fire on these vagabounds!" : xenophobia and resistance in online narratives of/about Venezuelan crisis migrants
Palavras-chave em inglês:
Digital narratives
Xenophobia
Resistência
Immigrants - Violence against
Venezuela
Área de concentração: Linguística Aplicada
Titulação: Doutora em Linguística Aplicada
Banca examinadora:
Ana Cecília Cossi Bizon [Orientador]
Douglas Roberto Knupp Sanque
Glenda Cristina Valim de Melo
Maria Elena Pires Santos
Marilda do Couto Cavalcanti
Data de defesa: 30-06-2023
Programa de Pós-Graduação: Linguística Aplicada

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0002-1687-2765
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/1813918109385719

BANCA EXAMINADORA:

Ana Cecília Cossi Bizon

Maria Elena Pires Santos

Marilda do Couto Cavalcanti

Glenda Cristina Valim de Melo

Douglas Roberto Knupp Sanque

IEL/UNICAMP
2023

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

DEDICATÓRIA

Às(Aos) des(re)territorializadas(os)*, que possam ser protagonistas de narrativas de vida e resistência.*

Para minha amada amiga Gilmara Michael*, que marcou minha trajetória de vida e que nos deixou tão cedo este ano, mas que sempre estará presente em meus sentimentos e ações.*

“La migración es el desplazamiento de la esperanza y la desesperanza, de los sueños y las pesadillas. Es la búsqueda de una vida mejor, el intento desesperado por encontrar un lugar donde pertenecer. Los migrantes son valientes, resilientes y luchadores incansables en busca de un futuro digno. Debemos escuchar sus voces y comprender su realidad, porque todos somos parte de esta historia en movimiento”.

- Valeria Luiselli, escritora e ativista mexicana.

AGRADECIMENTOS

*À **Dona Estelita Brito da Silva**, minha mainha, mulher baiana de fibra afeita ao afeto, que deu a vida a três mulheres cada uma diferente à sua maneira. A vida dura e precária não lhe deu oportunidades de estudar e, mesmo analfabeta, sempre insistiu na educação de suas meninas. E, hoje, nossa família de mulheres resiste para reexistir porque temos seu exemplo de luta, ética, humildade e esperança de que o mundo pode ser melhor por meio da **Educação**.*

*À minha orientadora, **Profa. Dra. Ana Cecília Cossi Bizon**, uma potência de mulher, por quem tenho imensa admiração e profunda gratidão pela dedicação incansável, orientação sábia e apoio incondicional ao longo desta trajetória acadêmica. Ana, te agradeço de coração por compartilhar seu conhecimento, paciência e tempo (inclusive em finais de semana, férias e feriados), sem os quais eu não teria conseguido escrever esta tese.*

*Gostaria também de expressar minha admiração e gratidão à banca examinadora, composta pela **Profa. Dra. Maria Elena Pires Santos**, **Profa. Dra. Marilda do Couto Cavalcanti, Profa. Dra. Glenda Cristina Valim de Melo** e pelo **Prof. Dr. Douglas Roberto Knupp Sanque**. Agradeço sinceramente pela leitura cuidadosa desta tese e pelas valiosas contribuições ao trabalho. Suas observações críticas enriqueceram significativamente esta pesquisa.*

*Um agradecimento especial à **Profa. Dra. Marilda do Couto Cavalcanti** (desde a primeira qualificação do projeto) e ao **Prof. Dr. Douglas Roberto Knupp Sanque**, pelas importantes contribuições na banca de qualificação de tese para eu aprimorar e expandir esta pesquisa.*

*Além disso, gostaria de agradecer à banca de suplentes, **Profa. Dra. Ana Maria de Fátima Leme Tarini, Profa. Dra. Bruna Elisa Frazatto** e **Profa. Dra. Helena***

***Regina Esteves de Camargo**, por aceitarem o convite e disponibilizarem seu tempo e conhecimento para avaliar e participar das discussões em torno desta tese.*

*Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos à **Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)** pela oportunidade de realizar o Doutorado em Linguística Aplicada no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Sinto-me honrada por ter sido parte dessa instituição de renome e por ter tido a chance de contribuir para a área de conhecimento que tanto me apaixona.*

*Meu agradecimento especial também **às professoras e aos professores do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do IEL/UNICAMP**. Seus conhecimentos, orientações acadêmicas e estímulos intelectuais foram essenciais para o meu desenvolvimento como pesquisadora e para a qualidade desta tese.*

*Agradeço **às(aos) funcionárias(os) e colaboradores da Unicamp** pela dedicação em tornar a experiência acadêmica mais enriquecedora. Meu especial agradecimento à **Secretaria Acadêmica e Coordenação do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada**, por todo o suporte e orientação fornecidos ao longo dessa jornada.*

*Meu singelo agradecimento **às professoras e aos professores transfronteiriças(os)** do curso de Letras - Português/Espanhol e do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteira da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), aqui representados tão carinhosamente pela **Profa. Dra. Maria Elena Pires Santos**, que tem contribuído de forma significativa com minha formação humana e acadêmica desde 2004.*

*Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos ao **Instituto Federal do Paraná (IFPR)** pela oportunidade de realizar meu doutorado. Estendo meus agradecimentos às direções, às coordenações, ao corpo de servidores e colaboradores do IFPR, Campus Colombo e Campus Avançado Coronel Vivida, pelo apoio e colaboração ao longo desses anos de pesquisa. E a vocês, professoras e*

professores do IFPR, agradeço pela troca de conhecimentos, conversas inspiradoras nos intervalos das aulas e pela parceria e amizade que construímos juntos.

Expresso também minha profunda gratidão a ***minhas amadas alunas e queridos alunos****, vocês foram a minha motivação diária, o combustível que impulsionou minha busca pelo conhecimento e meu desejo constante de me tornar uma professora melhor para cada um de vocês. Com sua paciência, compreensão e carinho, vocês me incentivaram a continuar estudando, superando desafios e me aprimorando constantemente.*

E não menos importante, não posso deixar de mencionar minha gratidão ***à minha rede de afetos****, família, amigas e amigos tão especiais, que me apoiaram durante o percurso da pós-graduação e muito antes com tanto carinho e presença (física ou virtual). Vocês são o meu bem mais precioso, suas palavras de encorajamento, discussões estimulantes e apoio emocional foram fundamentais para minha motivação ao longo dessa trajetória desafiadora.*

A conclusão deste doutorado marca uma importante fase da minha vida acadêmica, e sou imensamente grata às pessoas que estiveram ao meu lado durante esse caminho. Espero que meu trabalho possa contribuir de alguma forma para o avanço do conhecimento na área de Linguística Aplicada e inspirar futuras pesquisas.

RESUMO

Os processos de globalização têm transformado as relações entre fluxos de pessoas, tecnologias, informações e ideologias de escala, velocidade, paisagens e intensidade dos deslocamentos populacionais (APPADURAI, 1996). Nesse sentido, o avanço das tecnologias de informação vem proporcionando também novas formas de comunicação entre migrantes e refugiados(as) no processo de migrar. As plataformas de mídias sociais, especialmente, Facebook, Twitter, Youtube e Instagram, passaram a ter um papel central na mobilidade de migrantes, tornando-se espaços de interação, mas também de solidariedade e de manifestações democráticas (COGO, 2012). Por outro lado, em um cenário de reconfiguração dos fluxos migratórios para o eixo Sul-Sul, marcado pelo crescimento da extrema-direita no mundo (BAENINGER, 2018; SANQUE, 2020), esses sites de mídias sociais também têm funcionado como agentes desterritorializadores (HAESBAERT, 2004) ao facilitarem aos usuários a disseminação de fake news e o compartilhamento de discursos de ódio e ao mobilizarem práticas xenofóbicas contra migrantes de crise e refugiados(as). Com a crise na Venezuela, desde 2015, milhares de venezuelanos(as) têm deixado o país e solicitado entrada e/ou refúgio no Brasil, principalmente pela fronteira de Pacaraima, em Roraima (ACNUR, 2018). Com poucos recursos, os(as) migrantes venezuelanos(as) passaram a se alojar em abrigos e instalações com pouca infraestrutura nas ruas da cidade, tornando-se constantemente alvos de discursos de ódio e de ataques xenofóbicos. Nesta pesquisa, analiso especificamente as narrativas online do ataque xenofóbico, nomeado pela mídia de “Bota fogo!”, ocorrido no dia 18 de agosto de 2018, dois meses antes das eleições presidenciais no Brasil, quando um grupo de brasileiros(as) ateou fogo nos acampamentos dos migrantes e expulsou cerca de 1.200 venezuelanos(as) da cidade de Pacaraima/RR. Alinhada à perspectiva Indisciplinar, Transgressiva e Poscolonial da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; JUNG; LUNARDELLI; PIRES-SANTOS, 2015; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018; CAVALCANTI, 2019), esta tese se pauta nos construtos teórico-analíticos dos estudos de narrativas (MOTTA, 2013; BASTOS; BIAR, 2015; DE FINA, 2016, 2020) e dos posicionamentos interacionais (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999) em contextos online, na noção de entextualização (BAUMAN; BRIGGS, 2006), valendo-se, também, da análise de pistas de indexicalização (WORTHAM, 2001; BIZON, 2013). O objetivo desta pesquisa foi compreender como migrantes de crise venezuelanos(as) são narrados(as) e como se narram em algumas plataformas de interação digital, considerando o impacto dessas narrativas para seus processos de des(re)territorialização no Brasil. As seguintes perguntas de pesquisa orientaram o trabalho: (i) Como migrantes de crise venezuelanos(as) são narrados(as) em práticas discursivas e narrativas jornalísticas no contexto do ataque “Bota Fogo!” em sites de mídias sociais? e (ii) Como esses migrantes se narram em diferentes plataformas digitais após o referido evento? Com base em uma perspectiva epistemológica qualitativa/interpretativista e nos pressupostos metodológicos da Etnografia Digital, o *corpus* analisado recobriu as narrativas online do evento a partir de três enquadramentos: (i) a trajetória textual do ataque xenofóbico nas plataformas digitais do Portal G1; (ii) as narrativas online do evento em plataformas digitais estrangeiras e (iii) entextualizações do ataque “Bota Fogo!”. A análise das trajetórias textuais e das entextualizações sinaliza que, nos espaços digitais como as plataformas de mídias sociais, narrativas sobre os(as) migrantes de crise e por

esses migrantes emergem, consolidando algumas práticas discursivas já normalizadas e geradoras de des(re)territorializações, que fomentam posicionamentos xenofóbicos e de exclusão. Ao mesmo tempo, mesmo que em menor proporção, outras narrativas surgem como atos de resistência a esses mesmos posicionamentos interacionais. Os resultados da tese também indicaram o perigo da disseminação de boatos e fake news no contexto das Eleições de 2018, com a ascensão do bolsonarismo no Brasil. Combinado a isso e a um cenário que já era de precariedade com o aumento do fluxo migratório na fronteira, o compartilhamento de narrativas online com informação falsa acabou influenciando de forma tendenciosa os posicionamentos de moradores locais e potencializando reações xenofóbicas que extrapolaram a materialidade dos textos, culminando em ataques a migrantes e refugiados(as) venezuelanos(as) na fronteira de Pacaraima/RR.

Palavras-chave: narrativas online; posicionamentos interacionais; entextualização; refugiados(as) e migrantes de crise venezuelanos(as); xenofobia; resistência; mídias sociais.

ABSTRACT

The processes of globalization have transformed the relationships between flows of people, technologies, information, and ideologies in terms of scale, speed, landscapes, and intensity of population movements (APPADURAI, 1996). In this sense, the advancement of information technologies has also provided new forms of communication between migrants and refugees in the migration process. Social media platforms, especially Facebook, Twitter, YouTube, and Instagram, have become central in the mobility of migrants, becoming spaces for interaction, solidarity, and democratic expressions (COGO, 2012). On the other hand, in a scenario of reconfiguration of migratory flows towards the South-South axis, marked by the growth of the far-right worldwide (BAENINGER, 2018; SANQUE, 2020), these social media sites have also functioned as deterritorializing agents (HAESBAERT, 2004) by facilitating the dissemination of fake news and the sharing of hate speech, as well as mobilizing xenophobic practices against migrants in crisis and refugees. With the crisis in Venezuela since 2015, thousands of Venezuelans have left the country and sought entry and/or refuge in Brazil, mainly through the Pacaraima border in Roraima (ACNUR, 2018). With limited resources, Venezuelan migrants have settled in shelters and facilities with limited infrastructure in the streets of the city, constantly becoming targets of hate speech and xenophobic attacks. In this research, I specifically analyze the online narratives of the xenophobic attack, named by the media as “Bota fogo!” (“Set it on fire!”), which occurred on August 18, 2018, two months before the presidential elections in Brazil, when a group of Brazilians set fire to the migrants’ camps and expelled about 1,200 Venezuelans from the city of Pacaraima/RR. Aligned with the Indisciplinary, Transgressive, and Postcolonial perspective of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2006; JUNG; LUNARDELLI; PIRES-SANTOS, 2015; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018; CAVALCANTI, 2019), this thesis is based on the theoretical-analytical constructs of narrative studies (MOTTA, 2013; BASTOS; BIAR, 2015; DE FINA, 2016, 2020) and interactional positioning (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999) in online contexts, the notion of entextualization (BAUMAN; BRIGGS, 2006), and also utilizes the analysis of indexicalization cues (WORTHAM, 2001; BIZON, 2013). The objective of this research was to understand how Venezuelan migrants in crisis are narrated and how they narrate themselves on some digital interaction platforms, considering the impact of these narratives on their processes of (de)territorialization in Brazil. The following research questions guided the work: (i) How are Venezuelan migrants in crisis narrated in discursive practices and journalistic narratives in the context of the “Bota Fogo!” attack on social media sites? and (ii) How do these migrants narrate themselves on different digital platforms after the mentioned event? Based on a qualitative/interpretative epistemological perspective and the methodological assumptions of Digital Ethnography, the analyzed *corpus* covered the online narratives of the event from three framings: (i) the textual trajectory of the xenophobic attack on digital platforms of the G1 Portal; (ii) the online narratives of the event on foreign digital platforms, and (iii)

entextualizations of the “Bota Fogo!” attack. The analysis of textual trajectories and entextualizations indicates that, in digital spaces such as social media platforms, narratives about migrants in crisis and by these migrants emerge, consolidating some already normalized discursive practices that generate (de)territorializations, fostering xenophobic and exclusionary positions. At the same time, although to a lesser extent, other narratives emerge as acts of resistance to these same interactional positions. The results of the thesis also indicated the danger of the spread of rumors and fake news in the context of the 2018 elections, with the rise of Bolsonarism in Brazil. Combined with an already precarious situation due to the increase in migratory flow at the border, the sharing of online narratives with false information ended up influencing local residents' positions in a biased manner and exacerbating xenophobic reactions that went beyond the materiality of the texts, culminating in attacks on Venezuelan migrants and refugees at the Pacaraima/RR border.

Keywords: online narratives; interactional positioning; entextualization; Venezuelan migrants in crisis and refugees; xenophobia; resistance; social media.

RESUMEN

Los procesos de globalización han transformado las relaciones entre flujos de personas, tecnologías, información e ideologías en términos de escala, velocidad, paisajes e intensidad de los movimientos de población (APPADURAI, 1996). En este sentido, el avance de las tecnologías de la información también ha proporcionado nuevas formas de comunicación entre migrantes y refugiados(as) en el proceso de migración. Las plataformas de redes sociales, especialmente Facebook, Twitter, YouTube e Instagram, se han vuelto centrales en la movilidad de los(las) migrantes, convirtiéndose en espacios de interacción, solidaridad y expresiones democráticas (COGO, 2012). Por otro lado, en un escenario de reconfiguración de los flujos migratorios hacia el eje Sur-Sur, marcado por el crecimiento de la extrema derecha en todo el mundo (BAENINGER, 2018; SANQUE, 2020), estos sitios de redes sociales también funcionan como agentes desterritorializadores (HAESBAERT, 2004) al facilitar la difusión de noticias falsas y el compartir de discursos de odio, así como movilizar prácticas xenófobas contra migrantes en crisis y refugiados(as). Con la crisis en Venezuela desde 2015, miles de venezolanos(as) han abandonado el país y buscado ingresar y/o refugiarse en Brasil, principalmente a través de la frontera de Pacaraima en Roraima (ACNUR, 2018). Con recursos limitados, los(las) migrantes venezolanos(as) se han establecido en refugios e instalaciones con infraestructura limitada en las calles de la ciudad, siendo constantemente objetos de discursos de odio y ataques xenófobos. En esta investigación, se analizan específicamente las narrativas en línea del ataque xenófobo, denominado por los medios como “Bota fogo!” (“¡Incendialo!”), que ocurrió el 18 de agosto de 2018, dos meses antes de las elecciones presidenciales en Brasil, cuando un grupo de brasileños(as) incendió los campamentos de los(las) migrantes y expulsó a unos 1,200 venezolanos(as) de la ciudad de Pacaraima, Roraima. Alineada con la perspectiva Indisciplinaria, Transgresora y Poscolonial de la Lingüística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; JUNG; LUNARDELLI; PIRES-SANTOS, 2015; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018; CAVALCANTI, 2019), esta tesis se basa en los constructos teórico-analíticos de los estudios de narrativas (MOTTA, 2013; BASTOS; BIAR, 2015; DE FINA, 2016, 2020) y el posicionamiento interactivo (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999) en contextos en línea, la noción de entextualización (BAUMAN; BRIGGS, 2006) y también utiliza el análisis de señales de indexicalización (WORTHAM, 2001; BIZON, 2013). El objetivo de esta investigación fue comprender cómo son narrados(as) y cómo se narran a sí mismos(as) los(las) migrantes venezolanos(as) en crisis en algunas plataformas de interacción digital, considerando el impacto de estas narrativas en sus procesos de (des)territorialización en Brasil. Las siguientes preguntas de investigación guiaron el trabajo: (i) ¿Cómo son narrados(as) los(las) migrantes venezolanos(as) en crisis en las prácticas discursivas y narrativas periodísticas en el contexto del ataque “Bota fogo!” en sitios de redes sociales? y (ii) ¿Cómo se narran a sí mismos(as) estos(as) migrantes en diferentes plataformas digitales después de dicho evento? Desde una

perspectiva epistemológica cualitativa/interpretativa y con los supuestos metodológicos de la etnografía digital, el *corpus* analizado cubrió las narrativas en línea del evento desde tres perspectivas: (i) la trayectoria textual del ataque xenófobo en las plataformas digitales del Portal G1; (ii) las narrativas en línea del evento en plataformas digitales extranjeras y (iii) las entextualizaciones del ataque "Bota fogo!". El análisis de las trayectorias textuales y las entextualizaciones indica que, en espacios digitales como las plataformas de redes sociales, surgen narrativas sobre migrantes en crisis y por parte de ellos(as), consolidando algunas prácticas discursivas ya normalizadas que generan (des)territorializaciones, fomentando posiciones xenófobas y excluyentes. Al mismo tiempo, aunque en menor medida, surgen otras narrativas como actos de resistencia a estas mismas posiciones interaccionales. Los resultados de la tesis también indicaron el peligro de la propagación de rumores y noticias falsas en el contexto de las elecciones de 2018, con el surgimiento del bolsonarismo en Brasil. Combinado con una situación ya precaria debido al aumento del flujo migratorio en la frontera, el compartir narrativas en línea con información falsa terminó influyendo sesgadamente en las posiciones de los residentes locales y exacerbando reacciones xenófobas que trascendieron la materialidad de los textos, culminando en ataques a los(las) migrantes y refugiados(as) venezolanos(as) en la frontera de Pacaraima, Roraima.

Palabras clave: narrativas en línea; posicionamientos interaccionales; entextualización; refugiados(as) y migrantes venezolanos(as) en crisis; xenofobia; resistencia; redes sociales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Interação em uma Página do Facebook	24
Figura 2	'Bota Fogo!': o ataque de brasileiros a imigrantes venezuelanos em Pacaraima	31
Figura 3	Captura de tela do perfil da pesquisadora no Facebook	60
Figura 4	Captura de tela do perfil da pesquisadora no Twitter	60
Figura 5	Notícias com maior engajamento nas mídias sociais	83
Figura 6	Notícia de Alessandra Monnerat e Caio Sartori de 03 de agosto de 2018	153
Figura 7	Captura de tela da notícia de Avener Prado de 21 de agosto de 2018	155
Figura 8	Notícia de Mauro Donato de 20 de agosto de 2018	156
Figura 9	Notícia de Alcides Moreno de 20 de agosto de 2018	156
Figura 10	Notícia de Patrícia C. Mello e Avener Prado de 21 de agosto de 2018	157
Figura 11	Vídeo do comerciante Raimundo Nonato na ambulância	158
Figura 12	Captura de tela do vídeo do comerciante apagado	159
Figura 13	Venezuelanos são alvos de ataques em Roraima após assalto a comerciante	164
Figura 14	"Após conflito, governo diz que reforçará segurança e enviará voluntários na área de Saúde para Roraima"	189
Figura 15	"Crianças venezuelanas buscam comida no lixo na fronteira do Brasil em meio à tensão após ataques"	211
Figura 16	*"Gobierno insta a respetar derechos de venezolanos víctimas de ataques en Brasil"*	236
Figura 17	*"Comunicado oficial de la @CancilleriaVE"*	242
Figura 18	*"Cerca de 1.200 venezolanos abandonan Brasil tras incidentes en la frontera"*	248
Figura 19	*"Pacaraima no quiere más venezolanos"*	254
Figura 20	Mapa de interações sobre imigração venezuelana	264
Figura 21	"Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde" no Facebook	280

Figura 22 Relato entextualizado como notícia no site do Jornal da Cidad 283

Figura 23 *Fact-checking* do Relato: “#Verificamos: Textos e imagens sobre a crise migratória em Roraima misturam dados certos e errados” 287

Figura 24 Captura de tela de Ferramenta *Fact-Check* no Facebook 291

Figura 25 Mapa conceitual - O que as narrativas contaram 304

Figura 26 Mapa conceitual - Trajetória das entextualizações do Relato 308

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Pistas analíticas de indexicalidade - Wortham (2001)	105
Quadro 2	Síntese das Pistas indexicalizadoras - Bizon (2013)	107
Quadro 3	Geração de registros em capturas de tela - Portal G1	137
Quadro 4	Geração de registros em capturas de tela - Plataformas estrangeiras	143
Quadro 5	Geração de registros em capturas de tela - Entextualizações do ataque	145
Quadro 6	Estrutura da narrativa canônica de Labov	150
Quadro 7	Dimensões da narrativa em mídias sociais	151
Quadro 8	Análise pragmática da narrativa jornalística	152

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
CMC	Comunicação mediada por computador
CNIG	Conselho Nacional de Imigração
FGV	Fundação Getúlio Vargas
MJSP	Ministério da Justiça e Segurança Pública
MTB	Ministério do Trabalho
OBMIGRA	Observatório das Migrações Internacionais
RSF	Repórteres Sem Fronteiras
SINCRE	Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros
SISMIGRA	Sistema de Registro Nacional Migratório
SUS	Sistema Único de Saúde
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **22**
1. Migrantes de crise e xenofobia em plataformas de mídias sociais 22
2. Objetivo e perguntas de pesquisa 34
3. Desenho da pesquisa 35
CAPÍTULO 2 – TRAJETÓRIAS TEÓRICAS E CONCEITUAIS **37**
2.1 Narrativa: concepções e abordagens 38
2.2 Narrativa como prática social em contextos online 49
2.2.1 Narrativa e mobilidade: trajetórias textuais, entextualização e escalas 66
2.3 Narrativas jornalísticas, enquadramento (framing) e desinformação 72
2.3.1 Enquadramento de relatos noticiosos (news framing) 78
2.3.2 Narrativas online e fake news 82
2.4 Posicionamento na análise de narrativas online 87
2.4.1 Alinhamento (footing) e estruturas de participação 101
2.4.2 Pistas indexicalizadoras 104
CAPÍTULO 3 - MIRADAS EPISTEMOLÓGICAS E O PERCURSO METODOLÓGICO **111**
3.1 A natureza da pesquisa: um olhar in(ter)disciplinar 111
3.2 Intersecções entre a pesquisa off-line e a etnografia digital 114
3.2.1 Situando a abordagem da etnografia digital 115
3.2.2 Procedimentos metodológicos e graus de participação 124
3.2.3 Considerações éticas na etnografia digital 130
3.3 Geração de registros e constituição do corpus 135
3.3.1 Primeiro enquadramento: registros do ataque no Portal G1 136
3.3.2 Segundo enquadramento: narrativas sobre o evento em plataformas digitais estrangeiras 142
3.3.3 Terceiro enquadramento: entextualizações do conflito 145
CAPÍTULO 4 - "BOTA FOGO NESSES VAGABUNDOS!": NARRANDO O ATAQUE XENOFÓBICO **148**
4.1 Síntese das categorias analíticas 149
4.2 "Bora filmar! É Seu Raimundo, é?": dos boatos e fake news sobre o assalto ao ataque xenofóbico 152
4.3 Primeiro enquadramento: a trajetória textual do ataque xenofóbico nas plataformas digitais do Portal G1 161
4.3.1 Trajetória textual 1 - A circulação do ataque: "Expulsamos todos os venezuelanos e vamos manter a entrada da cidade fechada" 163
4.3.2 Trajetória textual 2 - O controle do conflito: "A solução é mandar a Força Nacional para proteger delinquentes Venezuelanos, isso é só aqui no Brasil mesmo" 187
4.3.3 Trajetória textual 3 - A precariedade da situação migratória: "Nossa mãe

não tem trabalho. Ela vendia café na rua, mas perdemos tudo quando queimaram nossas coisas” 209
4.4 Segundo enquadramento: narrativas do evento em plataformas multimídias estrangeiras 233
4.4.1 TeleSUR: “Gobierno insta a respetar derechos de venezolanos víctimas de ataques en Brasil” 235
4.4.2 Globovisión: “Cerca de 1.200 venezolanos abandonan Brasil tras incidentes en la frontera” 247
4.4.3 DW Español: “Pacaraima: la ciudad xenófoba” 252
4.5 Terceiro enquadramento: entextualizações do ataque “Bota Fogo!” 264
4.5.1 O Relato que viralizou: “Como me enoja ver gente de outros estados cobrando de nós roraimenses a caridade que (...) jorramos em cima dos venezuelanos que fugiram do Socialismo” 266
4.5.2 Entextualização do Relato como Notícia: “Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde” 279
4.5.3 Fact-checking do Relato: “#Verificamos: Textos e imagens sobre a crise migratória em Roraima misturam dados certos e errados” 286
CONSIDERAÇÕES FINAIS **293**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **312**

INTRODUÇÃO

"Através da migração, as pessoas rompem as correntes da opressão, reescrevem suas histórias e constroem novas identidades, carregando consigo a força de suas raízes e a determinação de se reinventarem".

- Reflexão atribuída a **Carolina Maria de Jesus**, escritora brasileira.

1. Migrantes de crise e xenofobia em plataformas de mídias sociais

Nas últimas décadas, com a complexificação de questões geopolíticas e uma série de eventos naturais que têm atingido o globo, temos acompanhado mudanças significativas nos fluxos migratórios, especialmente no contexto das **migrações de crise**[1] (BAENINGER, 2018). Considerando o avanço das tecnologias de informação, cada vez mais intenso, as formas de comunicação entre os migrantes vêm igualmente ganhando novos contornos, impactando nossa compreensão sobre a interação em comunidades multilíngues. Estudiosos de diferentes áreas do conhecimento têm destacado essas mudanças em pesquisas sobre a mobilidade humana. O antropólogo indiano Appadurai (1996), por exemplo, mostrou que os processos de globalização estão transformando as relações entre fluxos de pessoas, tecnologias, finanças, informações e ideologias de escala, velocidade, paisagens e intensidade dos deslocamentos populacionais.

As discussões sobre superdiversidade e globalização (VERTOVEC, 2007) vêm modificando não apenas nossa visão acerca das migrações, mas também as perspectivas sobre língua e cultura. Concentrando-se em compreender como as condições de comunicação e o encontro cultural estão sendo transformados, tais discussões evidenciam como essas transformações afetam a maneira como olhamos para as linguagens, identidades e práticas sociais multissemióticas.

[1] Utilizo o termo "migração de crise" para me referir a refugiados e migrantes no sentido de signatários deslocados, considerados, segundo Bizon e Camargo (2018, p. 712), com base em Baeninger e Peres (2017), "os migrantes com a condição jurídica de refugiado, migrantes solicitantes de refúgio, migrantes com 'refúgio humanitário', crise humanitária e migrantes refugiados ambientais".

Com a expansão da globalização e a emergência da internet como infraestrutura de inovação, as mídias sociais digitais passaram a ocupar um papel central no cotidiano das pessoas, convertendo-se em uma importante tecnologia de informação que vem facilitando o trânsito de migrantes ao redor do mundo (VERTOVEC, 2007). Como parte dessa centralidade, as redes sociais online (doravante RSO) igualmente ganharam espaço em discussões científicas, sendo tomadas tanto como objeto quanto *locus* e instrumento de pesquisa, isto é, ferramenta para geração de registros e de dados online (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

Não é novidade que a mobilidade e a superdiversidade são marcas acentuadas da globalização. E o que temos observado é uma rápida e transglobal circulação de pessoas, identidades, informações, textos e discursos possibilitados pela tecnologia midiática, informacional e digital (FABRÍCIO, 2013). Nesse contexto, cada vez mais, as plataformas digitais[2] (ambientes mediados pelas tecnologias digitais) vêm sendo consideradas espaços de possibilidades democráticas. Os sites de redes sociais, por exemplo, Facebook, Youtube e Twitter, oferecem aos sujeitos uma plataforma para a expressão e manifestação de diferentes performances identitárias. Isso tem instigado diferentes pesquisadores, sob diferentes aparatos metodológicos, a abordar o impacto das novas tecnologias e das mídias nas interações sociais e nos processos de socialização no âmbito da comunicação mediada por computador e por dispositivos tecnológicos (POLIVANOV, 2014; VARIS, 2014; entre outros) – inclusive, pesquisas que retratam as migrações contemporâneas e a mobilidade humana (COGO, 2012; DE FINA, 2017).

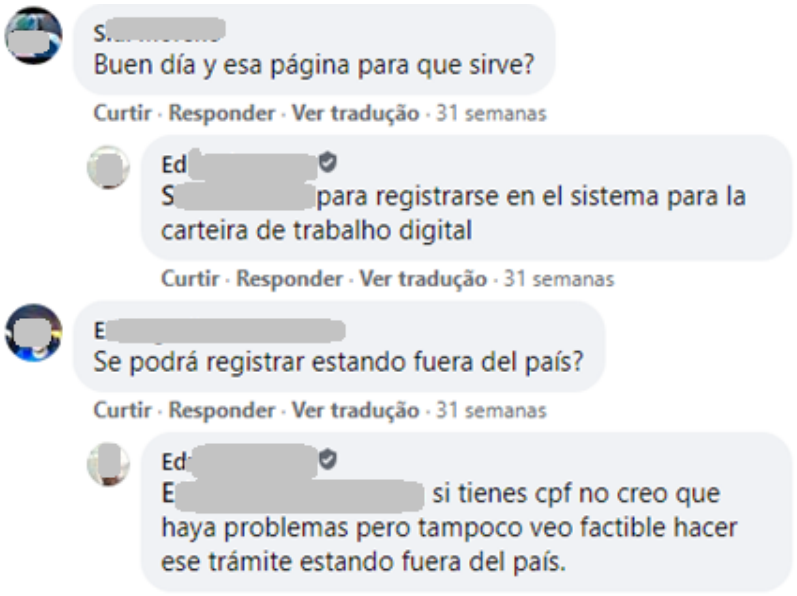
No âmbito específico das migrações contemporâneas, apesar de o uso das mídias sociais ter papel fundamental para populações em deslocamento,

[2] Nas palavras de Van Dijck (2019), uma plataforma pode ser “um site online que se vale de tecnologias automatizadas e modelos de negócio para organizar fluxos de dados, interações econômicas e trocas sociais entre usuários da internet” (2019, s/p., vídeo do Youtube). Mais especificamente, as plataformas digitais são ambientes tecnológicos que permitem a interação, compartilhamento e distribuição de conteúdos, serviços e aplicativos por meio da internet ou de redes de comunicação digital. Alguns exemplos de plataformas digitais incluem buscador de informações como o Google, mídias sociais como Facebook, Twitter e Instagram, sites de compartilhamento de vídeos como YouTube, serviços de streaming como Netflix e Spotify, *marketplaces* online como Amazon, aplicativos de mensagens instantâneas como WhatsApp e Telegram, sistemas de gerenciamento de conteúdo informacional como os sites de notícias, a exemplo do Portal G1, Folha de S. Paulo, TeleSUR, entre outros (VAN DIJCK, 2013, 2019; VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018). Em suma, tais plataformas desempenham um papel fundamental na conectividade global, na disseminação de informações, no comércio eletrônico e na interação social online, permitindo que usuários acessem, criem e compartilhem conteúdos e serviços de forma interativa e colaborativa.

incluindo-se migrantes de crise – refugiados e migrantes em situação de vulnerabilidade –, notadamente para os processos de interação e organização, ainda são tímidas as pesquisas na área da Linguística Aplicada que procuram observar as narrativas e as práticas discursivas em contextos digitais, sobretudo debruçando sobre a questão migratória. Nesse sentido, acredito que uma pesquisa como esta que proponho apresenta-se relevante ao se comprometer em investigar como a tecnologia e, sobretudo, as mídias sociais, têm impactado a mobilidade, as narrativas e os processos interacionais de/sobre migrantes nesses espaços digitais.

Como se observa nas capturas de tela (*print screen*)[3] da interação a seguir, extraídas de uma página do Facebook voltada a migrantes venezuelanos(as) no Brasil, as redes sociais online têm sido usadas como uma importante plataforma de contato e de fonte de informação sobre os trâmites para a entrada no país de destino, porque ajudam na comunicação e formam redes de solidariedade:

Figura 1 - Interação em uma Página do *Facebook*



Fonte: Página do Facebook, 2019[4].

[3] A ferramenta *print screen* foi utilizada para registrar todos os dados deste trabalho. Para ter acesso às imagens e aos vídeos completos, especificamente do *Facebook,* é necessário ter um perfil de usuário e se conectar com *login* e senha na plataforma.
[4] Publicado em 29 de outubro de 2019. Acesso em: 08 jun. 2020.

Como indicam as interações das capturas de tela, assim como as pesquisas de Cogo (2012), migrantes e refugiados, em sua grande maioria, usam as redes sociais online de diferentes maneiras, mas sobretudo em práticas relacionadas à decisão de migrar, às dinâmicas de instalação no país de migração, à manutenção e recriação de vínculos com os lugares de nascimento ou, ainda, aos processos de mobilização por direitos e cidadania no desenrolar desse percursos migratórios.

Tendo isso em vista, dois motivos me levaram a olhar para as plataformas de mídias sociais como um *locus* de pesquisa. O primeiro deve-se ao fato de elas se configurarem como um **espaço democrático e de sociabilidade**, em que é possível compreender os processos de interação e as práticas discursivas, em especial, daqueles que se referem à mobilidade humana. Em relação à segunda justificativa, considerando o momento sócio-político em que vivemos de intensificação da democracia frágil – processo que vem se acelerando nos últimos anos justamente perpassado pelas tecnologias de comunicação –, entendo que as plataformas de interação digital também têm funcionado como **agentes desterritorializadores** (HAESBAERT, 2004; BIZON, 2013). Isso porque, apesar do poder político e agentivo das interações nesses espaços virtuais, as mídias sociais frequentemente são usadas para reproduzir **discursos de ódio**[5] e mobilizar **práticas estigmatizadoras contra grupos minoritários**. Os resultados de algumas pesquisas já confirmam que as mídias sociais podem atuar como mecanismo de propagação de pontos de vista extremistas, contribuindo, inclusive, com a disseminação de uma narrativa antirrefúgio, que contribui para o aumento dos crimes de ódio offline (POHJONEN, 2019; MÜLLER; SCHWARZ, 2020).

Em meio a um cenário atravessado pelo ressurgimento da extrema direita no mundo, o **discurso de ódio online**, em particular a **xenofobia**[6], tem estado no

[5] Em alinhamento com Butler (2021), entendo "discurso de ódio" (online) como uma forma específica de linguagem que tem como objetivo prejudicar, excluir e desumanizar certos grupos sociais com base em sua identidade, características ou pertencimento. Segundo a filósofa, o discurso de ódio pode ser considerado um ato *performativo,* pois geralmente tem o poder de reforçar normas sociais, preconceitos e estereótipos que perpetuam a marginalização, a violência simbólica e a opressão de determinadas pessoas a exemplo dos migrantes de crise (BUTLER, 2021).

[6] É significativo pontuar que alguns significados que a palavra **xenofobia** carrega se vinculam a medo, rejeição, antipatia e profunda aversão ao estrangeiro. Implica também desconfiança e preconceito em relação às pessoas estranhas ao país e às construções culturais daqueles que se consideram como estando em seu território. Como expõe Albuquerque Jr. (2016), a xenofobia pode se manifestar de distintas maneiras, seja na recusa de conviver com o diferente ou mesmo levar a agressões físicas ou simbólicas. Em casos extremos, sob diferentes pretextos, ela pode levar ao extermínio do estrangeiro, entendido, em muitos casos, como "um invasor do território e predador dos

centro do debate sobre o fenômeno das migrações do **Sul Global**[7]. De acordo com os resultados da pesquisa de Díaz (2017), narrativas em escala global que caracterizam as migrações internacionais como um **problema** não advêm do seu impacto numérico ou de suas taxas de crescimento, mas, sobretudo das mudanças em sua composição e dos locais para onde essas populações deslocadas se dirigem. Para Díaz (2017, p. 37, grifos meus), "o problema aparece quando essas populações se tornam visíveis às portas das nações mais poderosas e **quando sua origem majoritária não é mais europeia ocidental ou branca, mas sim do Sul Global** e, portanto, amplamente **racializada**"[8] .

Para entender as transformações na configuração dos fluxos migratórios nos últimos anos, trago alguns dados importantes que ilustram essa complexidade e a heterogeneidade da migração internacional. Conforme relatório do ACNUR (2018), aproximadamente 70,8 milhões de pessoas estão em situação de deslocamento forçado no mundo, sendo 25,9 milhões de **refugiados**[9] e 3,5 milhões de solicitantes de refúgio. O documento mostra que mais de 60% dos refugiados são de apenas cinco países: Síria (6,7 milhões), Afeganistão (2,7 milhões), Sudão do Sul (2,3 milhões), Myanmar (1,1 milhão) e Somália (0,9 milhão). E os países que mais receberam refugiados foram Turquia (3,7 milhões), Paquistão (1,4 milhão) e Uganda (1,2 milhão).

Essa reconfiguração da mobilidade para o eixo Sul-Sul se deve, em grande parte, por restrições impostas por países do Norte Global para a entrada e permanência de migrantes internacionais. Embora não se deva perder de vista os condicionantes fora das fronteiras nacionais, de fato, como analisa Baeninger (2018, p. 13), "as migrações Sul-Sul se consolidam no bojo de processo mais amplo das

---

recursos naturais, das oportunidades de trabalho e riqueza que pertenceriam, naturalmente, ao grupo que estaria sendo invadido e predado" (ALBUQUERQUE Jr., 2016, p. 10).

[7] O *Sul Global* é uma categoria que tem sido destacada em diferentes pesquisas, sobretudo nas proposições das Epistemologias do Sul de Boaventura de Sousa Santos. É uma categoria que coincide apenas parcialmente com o sul geográfico, pois visa caracterizar os espaços/territórios mais pelo seu posicionamento em relação à distribuição desigual de poder global. Sendo o *Norte Global* definido por sua centralidade e hegemonia, e o Sul Global por seu caráter periférico e subordinado (SOUSA SANTOS *et. al.,* 2018; DÍAZ, 2019).

[8] No original: "El problema aparece cuando estas poblaciones se hacen visibles a las puertas de las naciones más poderosas, y cuando su procedencia mayoritaria ya no es europeo-occidental ni blanca, sino procedente del Sur global y por ende en gran parte racializada".

[9] A Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, define "refugiados" como as pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um grupo social específico ou opinião política e não podem ou não querem valer-se da proteção de seu país, ou àquelas que foram obrigadas a deixá-lo devido a grave e generalizada violação de direitos humanos.

migrações transnacionais, da divisão internacional do trabalho, da mobilidade do capital". A autora ainda argumenta ser importante avaliar os elementos que reconfiguram os impactos migratórios no âmbito de cada país.

Com a incorporação do Brasil na rota das migrações contemporâneas, é perceptível o aumento no número de migrantes que chegaram ao país na última década. Numa comparação de dados obtidos do Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros (SINCRE) da Polícia Federal[10], o país tinha cerca de 55.152 imigrantes em 2010, passando, em 2015, para 115.960 mil, o que representa um aumento de mais de 110%. Conforme dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (SisMigra) apresentados no Relatório Anual de 2019 do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2019)[11] , entre os anos de 2011 e 2018, o Brasil registrou o número de 774,2 mil imigrantes, sendo que, desse total, 492,7 mil são considerados imigrantes de longo termo, ou seja, permanecem no país em um período superior a um ano, e são oriundos, em maior medida, do Sul Global. O relatório ressalta que, diferentemente das migrações do final do século XIX e princípios do XX, os novos fluxos migratórios para o Brasil são protagonizados por nacionais "haitianos, principal nacionalidade no mercado de trabalho, **venezuelanos**, fluxo migratório que cresceu de forma significativa a partir de 2016, além de outras nacionalidades tais como os senegaleses, bolivianos, colombianos e bengalis" (OBMigra, 2019, p. 3).

A acolhida humanitária aos haitianos e venezuelanos responde por um volume importante dos registros. Contudo, como descrito no relatório do OBMigra (2019, p. 88), destaca-se "o papel relevante da imigração venezuelana, responsável pelo maior volume de registros concedidos aos migrantes de longo termo em 2018, cerca de 32 mil" (OBMigra, 2019, p. 88). O relatório mensal mais atualizado do Observatório divulga o número de 17.741 mil registros de migrantes em janeiro de

[10] A antiga base de dados do Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros (SINCRE) foi substituída pelo SISMIGRA – Sistema de Registro Nacional Migratório. É nessa nova base, de onde os dados foram retirados, que a Polícia Federal e o Ministério da Justiça e Segurança Pública mantêm atualizados os registros de entrada e saída de migrantes no Brasil. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra. Acesso em: 23 jan. 2020.

[11] O Observatório foi instituído a partir de um termo de cooperação, em 2013, entre o Ministério do Trabalho (MTb), por meio do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), e a Universidade de Brasília (UnB). No entanto, com a extinção do MTb em janeiro de 2019, o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), juntamente com o CNIg, assumiu as competências do antigo Ministério referente às questões de imigração laboral.

2020, sendo 9.723 de solicitantes venezuelanos, 2.573 haitianos e 512 colombianos[12].

O crescimento em relação à migração forçada de refugiados e uma diversificação quanto ao perfil dos solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado[13] também é bastante significativo. De acordo com a 1ª edição do Relatório do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) (2016), entre 2010 e 2015, as solicitações de refúgio por país de origem foram feitas, respectivamente, em maior número, por cidadãos dos seguintes países: Haiti (48.371 solicitações), Senegal (7.206), Síria (3.460), Bangladesh (3.287), Nigéria (2.578), Angola (2.281), Congo (2.167), Líbano (1.749), Venezuela (1.529), entre outros. Dados do último relatório anual do CONARE (2018) mostram que, até dezembro de 2018, foram recebidas 85.438 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado somente da Venezuela. Dessas, 61.681 foram realizadas apenas em 2018, e 81% das solicitações foram apresentadas no estado de Roraima.

Nos primeiros seis meses de 2019, a movimentação de trabalhadores venezuelanos foi superior à de todo o ano de 2018, o que, de acordo com o Relatório Anual do Observatório (OBMigra, 2019, p. 3), “sinaliza que o mercado de trabalho formal vem absorvendo fortemente o contingente de imigrantes no país”. Entre os meses de dezembro de 2019 e janeiro de 2020, com cerca de 8 mil solicitações de refúgio, a Venezuela continuou no topo da lista de pedidos, e o município de Pacaraima registrou o maior número deles, com destaque para o estado de Roraima como porta de entrada e saída no território nacional.

Nesse contexto, chamou minha atenção a decisão do CONARE e do Ministério da Justiça e Segurança Pública de conceder a condição de refugiados a 21.432[14] venezuelanos num julgamento em bloco, realizado em 05 de dezembro de 2019. Segundo o Comitê, a concessão de refúgio foi tomada com base em duas decisões: “o reconhecimento do cenário de crise e generalizada violação de direitos

---

[12] Portal de Imigração do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-mensais. Acesso em: 23 jan. 2020.

[13] São as pessoas que solicitam ao Estado Brasileiro serem reconhecidas como refugiadas, mas que ainda não tiveram sua solicitação de reconhecimento deliberada pelo Comitê Nacional para os Refugiados. Enquanto aguardam a decisão, essas pessoas se encontram em situação migratória regular em todo o território nacional (CONARE, 2018).

[14] Disponível em: https://www.novo.justica.gov.br/news/conare-concede-refugio-para-21-mil-venezuelanos. Acesso em: 23 jan. 2020.

humanos na Venezuela", e a "publicação da Resolução Normativa Nº 41, de 2 de outubro de 2019", que permitiu a adoção de procedimentos diferenciados na eliminação de entraves, facilitando a deliberação dos pedidos. Isso significa que as concessões foram decisões políticas.

Sabe-se que as decisões de migrar são motivadas por fatores distintos e estão incorporadas às experiências cotidianas e à complexidade humana. Migrantes e refugiados se movem ao tentar fugir de guerras, catástrofes naturais, fome ou problemas políticos; há pessoas que se deslocam em busca de emprego ou melhores condições de trabalho e moradia. Como observado, mesmo que a mobilidade humana seja motivada por um problema primordial, a ação que gera o movimento raramente envolve um único fator. No caso da **Venezuela**, mais de 3 milhões de venezuelanos deixaram suas casas por muitas razões: "violência, insegurança, medo de serem alvo de suas opiniões políticas (reais ou percebidas), escassez de alimentos e remédios, falta de acesso a serviços sociais e incapacidade de sustentar a si e a suas famílias" (ACNUR, 2018, p. 24).

Apesar do crescente aumento de migrantes e refugiados venezuelanos que têm adentrado no país, o número ainda é pequeno se comparado aos números das migrações internacionais de crise em uma escala global. Ainda assim, tem representado forte impacto nas comunidades que os recebem, principalmente na fronteira do Brasil com a Venezuela. A dinâmica transnacional já era uma característica cotidiana no município de **Pacaraima**, em Roraima, no entanto, começou a aumentar a partir do final de 2015, intensificando-se em 2016 e 2017, quando se tornou a principal porta de entrada desses migrantes no Brasil. No entanto, com a intensificação da migração, sem recursos para seguirem caminho em direção a outras cidades, muitos venezuelanos passaram a se alojar em instalações precárias nas ruas da fronteira brasileira, tornando-se alvos constantes de discursos de ódio e xenofobia.

Como explica Schwarcz (2019, p. 219), são muitas as ocorrências de violência e intolerância a diferentes grupos da sociedade nos últimos anos. Nos meses que precederam as eleições federais de 2018 – agosto, setembro e outubro – foram registrados, por dia, cerca de 16 casos de crimes por intolerância racial, religiosa, social, étnica e de gênero. De acordo com a autora, desde 2015, detectou-se um aumento de 63% dos casos de xenofobia contra estrangeiros

provenientes do Haiti, África e América Latina, sendo que apenas 1% desses casos resultou em processo judicial.

Nos últimos anos, a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos recebeu inúmeras denúncias com motivação racista, misógina, LGBTIfóbica e, especificamente, cerca de 150.000 mil denúncias envolvendo apenas os casos de xenofobia (INTERVOZES, 2019, p. 21). Como aponta o relatório do Intervozes (2019), o processo eleitoral de 2018 acentuou a propagação do **discurso de ódio online** no Brasil, e estreitou a relação entre o que se diz na rede e as manifestações de violência fora da internet.

Em Roraima, desde o início de 2018, houve vários ataques e crimes com motivação xenofóbica, claramente dirigidos a migrantes venezuelanos. Conforme matéria publicada em 22 de março de 2018[15] pelo Nexo Jornal, em 05 de fevereiro daquele ano, um homem lançou uma bomba incendiária contra uma casa onde viviam 31 venezuelanos. No dia 19 de março de 2018, um grupo de 300 brasileiros queimou os pertences e expulsou 200 venezuelanos de um abrigo em Boa Vista. As agressões contra a vida de venezuelanos continuaram nos anos seguintes, como denuncia a reportagem de 28 de novembro de 2019[16] do Jornal *The Intercept* Brasil: dois venezuelanos (um de 28 anos e outro com 51) foram assassinados enquanto dormiam nas ruas da capital roraimense. Esses são apenas alguns dos inúmeros casos de xenofobia ocorridos contra migrantes e refugiados venezuelanos instalados em Roraima.

Nesta tese, focalizo especificamente as trajetórias textuais e narrativas online do ataque xenofóbico que aconteceu no dia 18 de agosto de 2018, dois meses antes das eleições federais, quando um grupo de brasileiros expulsou cerca de 1.200 venezuelanos que estavam alojados na fronteira de Pacaraima. Algumas postagens chegaram a mencionar que o ataque aos venezuelanos teria sido planejado após a rápida disseminação de fake news e boatos sobre um assalto com espacamento e assassinato de um comerciante de Pacaraima/RR.

---

[15] Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/22/Os-3-ataques-cometidos-contra-imigrantes-venezuelanos-em-Roraima. Acesso em: 15 jan. 2020.

[16] Disponível em: https://theintercept.com/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/. Acesso em: 15 jan. 2020.

O ataque circulou em diferentes plataformas digitais – não só no Brasil – por meio de gravações dos próprios moradores roraimenses que participaram do confronto. Como ilustra a Figura 2, o evento ficou conhecido como **"Bota Fogo!"** devido às imagens de pessoas ateando fogo, bombas caseiras e destruindo com pedras e pauladas os alojamentos dos(das) migrantes venezuelanos(as) na fronteira de Roraima:

Figura 2 - 'Bota Fogo!': o ataque de brasileiros a imigrantes venezuelanos em Pacaraima



Fonte: Página da *BBC News Brasil* no Facebook, 2018[17].

A Figura 2 é a captura de tela de uma notícia com vídeo compartilhada na Página do Facebook da *BBC News Brasil*, em 21 de agosto de 2018. O título da notícia – "'Bota fogo!': o ataque de brasileiros a imigrantes venezuelanos em Pacaraima" –, a manchete ("Grupo de homens carregando pedras e paus

[17] Página do Facebook da *BBC News Brasil*, publicado em 21 de ago. de 2018. Disponível também no canal da agência de notícias no Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=CrXBt9pVG4Q. Acesso em: 11 out. 2019. Todos os destaques feitos em círculos vermelhos são meus.

incendiaram tendas, mochilas e artigos pertencentes a venezuelanos") e a fumaça escura ao fundo da imagem registram como o ataque aconteceu. Na cena retratada, um morador está registrando o evento com seu celular. Ao reproduzir o vídeo, é possível ouvir sons de explosões, disparos e vozes de alguns participantes do ataque, que proferem frases como: "Bota fogo!"; "Vamos botar fogo, gente!"; "Aqui tem fogo!"; "Esses vagabundos!". Tais expressões e índices avaliativos utilizados pelos moradores durante o ataque já apontam para a maneira como os venezuelanos são retratados localmente e nas mídias sociais, sendo caracterizados como migrantes indesejáveis no país.

O ataque de 18 de agosto de 2018 em Pacaraima, destarte, pode ser compreendido por meio de enunciados bastante concretos, articulados tanto em termos de ação física (o dado – o fogo no acampamento, bombas, pauladas etc.) quanto em termos de ação simbólica (sentido postulado – enunciações xenofóbicas contra um grupo específico). Entretanto, não considero esse acontecimento como um ato isolado, circunscrito e encerrado espacial e temporalmente, e sim produzido por um conjunto complexo de razões históricas, culturais, econômicas e, principalmente, políticas, que vão além da simples "defesa do território".

Por isso, nesta tese, busco investigar o ataque "Bota Fogo!", etnograficamente, como um **evento**[18] que é parte integrante de uma **arquitetônica**, nos termos de Bakhtin ([1920-1924]2017). Quer dizer, um acontecimento que se insere em um contexto mais amplo que envolve a migração de crise/venezuelana para o Brasil, também composta de outras "valorações reais, de afirmações, de ações, e cujos participantes são objetos efetivamente reais, unidos por relações concretas de eventos no evento singular do existir" (BAKHTIN, [1920-1924]2017, p. 123-124). Essa perspectiva me permitiu olhar tanto para o conteúdo do evento em termos linguísticos, textuais, composicionais e multissemióticos – ou seja, o ataque enquanto produto discursivo –, quanto para o processo e os efeitos do ataque, envolvendo os agentes e seus posicionamentos interacionais.

Em uma direção parecida à de Bakhtin, Blommaert e Dong (2010, p. 10) sublinham que "todo ato de uso da linguagem é um ato que é avaliado, pesado,

[18] O conceito perpassa todo o livro *Para uma filosofia do ato,* escrito entre 1920 e 1924. Em uma síntese de Sobral, para Bakhtin, o *evento* designa "o processo de entidades, ou objetos, no plano histórico concreto, como a presentificação, ou apresentação, dos seres à consciência viva, isto é, situada no concreto" (SOBRAL, 2013, p. 26).

medido socialmente, em termos de contrastes entre este ato e outros[19]". Os autores reiteram que, uma vez que todo ato de linguagem não é estático e isolado, mas social e culturalmente consequente do uso, "[ele] **precisa ser situado** em padrões mais amplos de comportamento social humano, e conexões intrincadas entre vários aspectos desse complexo precisam ser especificadas[20]" (BLOMMAERT; DONG, 2010, p. 11, grifo meu).

O ataque ocorrido em Pacaraima aponta, assim, para relações retrospectivas e prospectivas que precisam ser consideradas para compreender por que a construção de uma narrativa anti-refúgio e contrária à migração originária do Sul Global vem se fortalecendo no país desde as eleições de 2018. Essa perspectiva **situacional** teve um papel essencial na análise e interpretação do evento investigado.

A escolha do referencial teórico, bem como as bases metodológicas que fundamentam esta pesquisa refletem a visão que tenho do mundo. Por isso, é importante explicitar que me alinho à perspectiva Crítica, Indisciplinar e Poscolonial da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; CAVALCANTI, 2006, 2013), em diálogo com o que Boaventura de Sousa Santos (2010, 2018) define como Epistemologias do Sul. Nessa perspectiva, busca-se uma racionalidade alternativa, perpassada por uma sociologia das ausências e das emergências, por ecologias dos saberes e por um trabalho de tradução, o que implica em novos processos de produção de conhecimentos que, muitas vezes, são subalternizados ou considerados menores[21]. Portanto, na expectativa de contribuir com os estudos no campo da Linguística Aplicada Crítica e Indisciplinar, espero que esta pesquisa possibilite compreender com mais propriedade os usos da(s) língua(gens) e das narrativas na sociedade, abrindo espaço para estudar os novos fluxos migratórios e o campo midiático e digital, a exemplo das mídias sociais na Internet.

Após apresentar o contexto desta pesquisa, enquadrando o ataque "Bota Fogo!" como objeto de estudo, e de sinalizar as justificativas para a escolha desse tema, bem como meu alinhamento epistemológico, apresento, na sequência, o objetivo e as perguntas que orientam este trabalho.

---

[19] No original: "Every act of language use is an act that is assessed, weighed, measured socially, in terms of contrasts between this act and others".
[20] No original: "(...) every act of language needs to be situated in wider patterns of human social behavior, and intricate connections between various aspects of this complex need to be specified".
[21] Tais conceitos serão melhor detalhados e discutidos no Capítulo 3.

2. Objetivo e perguntas de pesquisa

O objetivo desta pesquisa é compreender como migrantes de crise venezuelanos(as) são narrados(as) e como se narram em algumas plataformas de interação digital, considerando o impacto dessas narrativas para seus processos de des(re)territorialização no Brasil. Mais especificamente, busca-se compreender como suas *performances* identitárias e posicionamentos interacionais se des(re)constroem no contexto online, produzindo e/ou reformulando lugares sociais para esses migrantes a partir da trajetória textual do ataque xenofóbico “Bota Fogo!”, ocorrido em 18 de agosto de 2018, na fronteira de Pacaraima/RR. As seguintes perguntas de pesquisa orientam este estudo:

1) **Como migrantes de crise venezuelanos e venezuelanas são narrados(as) em práticas discursivas e narrativas jornalísticas no contexto do ataque “Bota Fogo!” em sites de mídias sociais?**

2) **Como esses migrantes se narram em diferentes plataformas digitais após o referido evento?**

Com esta pesquisa sobre as trajetórias textuais do ataque “Bota Fogo!” e as narrativas online relacionadas a ele, espero contribuir para a área da Linguística Aplicada, ao problematizar as condições precárias dos migrantes de crise, a violência e xenofobia que enfrentam e a perpetuação de discursos de ódio nas plataformas de mídias sociais. Sendo assim, esta pesquisa busca desafiar tais representações negativas, promovendo uma ética de cuidado e reconhecimento da diversidade linguística e cultural e do valor de todas as vidas (PIRES SANTOS, 2014; BUTLER, 2018, 2021). Além disso, a tese ressalta a importância de uma abordagem crítica e intercultural (WALSH, 2007) para entender as práticas discursivas nas mídias sociais e seus efeitos nos posicionamentos sobre/dos migrantes de crise. No contexto da migração, é fundamental problematizar os discursos online estigmatizantes e desumanizadores, visando promover a

resistência por meio da linguagem e ampliar as narrativas de justiça social e esperança (MELO, 2019; CAVALCANTI; BIZON, 2020).

3. Desenho da pesquisa

Tendo explicitado o objetivo e as perguntas que direcionam esta pesquisa, passo a explicar como está organizada a estrutura dos capítulos desta tese. No Capítulo 1 (Introdução), apresentei um panorama sobre a migração nacional e a configuração dos novos fluxos migratórios, incluindo a incorporação do Brasil na rota contemporânea das migrações do eixo Sul-Sul. Neste mesmo capítulo, apresentei algumas informações acerca da migração venezuelana para o Brasil, bem como os efeitos que a chegada desse grupo de migrantes de crise têm suscitado no país em termos de atos e práticas discursivas nas plataformas de mídias sociais, especificamente, a partir do ataque xenofóbico “Bota Fogo!”, ocorrido em 18 de agosto de 2018, no período eleitoral para a presidência da república.

No Capítulo 2, discuto os construtos teóricos e analíticos que fundamentam a tese, focalizando as concepções e abordagens a respeito das narrativas, tanto as canônicas quanto as midiáticas/jornalísticas (incluo nessa seção a noção de enquadramento, fake news e desinformação), bem como as características das narrativas produzidas em contextos online. Ainda no capítulo 2, discorro sobre conceitos-chave mobilizados na análise dos dados, a saber: performance, posicionamento interacional, alinhamento (*footing*), e pistas indexicalizadoras.

A partir de uma perspectiva epistemológica indisciplinar, no capítulo 3, contextualizo a metodologia da pesquisa a partir dos princípios e das características da pesquisa qualitativo-interpretativista. Como discorro no capítulo, realizei uma pesquisa de cunho etnográfico, fundamentada principalmente em uma abordagem digital, para enquadrar o evento “Bota Fogo!”, justamente por “leva[r] em consideração não somente a comunicação ou interação imediata da cena, como também a relação entre esta interação e o contexto social maior, a sociedade onde este contexto se insere” (MATTOS, 2011, p. 56). Ainda no capítulo 3, explico quais foram os procedimentos utilizados para a geração dos registros e dados online,

quais foram as implicações éticas em se desenvolver uma etnografia digital e os graus de participação da pesquisadora no trabalho.

No capítulo 4, debruço-me na análise e interpretação dos dados. Esse capítulo está dividido em três enquadramentos. No primeiro, analiso as trajetórias textuais envolvendo as narrativas jornalísticas do ataque “Bota Fogo!” e a participação da audiência compartilhada nos comentários dessas postagens na Página do G1 no Facebook e no site do portal de notícias. No segundo enquadramento, menos extenso, focalizo a trajetória textual do ataque aos migrantes venezuelanos(as) em plataformas digitais estrangeiras: *TeleSur, Globovisión* e *DW Español*. E, no último, teço considerações sobre entextualizações produzidas a partir da circulação do evento em diferentes plataformas digitais.

A análise das trajetórias textuais e entextualizações sinaliza que, nos espaços digitais com as plataformas de mídias sociais, narrativas sobre os migrantes de crise e por esses migrantes emergem, consolidando algumas práticas discursivas já normalizadas e geradoras de des(re)territorializações (HAESBAERT, 2004), que fomentam processos xenofóbicos e de exclusão. Contudo, mesmo que em menor proporção, ao mesmo tempo, outras narrativas surgem como resistência a esses mesmos processos.

CAPÍTULO 2 – TRAJETÓRIAS TEÓRICAS E CONCEITUAIS

Estudos sobre deslocamentos migratórios, de diferentes áreas do conhecimento, passaram a se preocupar com “os processos de deslocamento e realocação vividos pelos narradores e protagonistas de suas histórias” (DE FINA; TSENG, 2017, p. 382), proporcionando uma contrapartida às visões muitas vezes negativas sobre grupos sociais marginalizados, que costumam circular em discursos na mídia e em redes sociais online.

Nesta pesquisa, mobilizo a **narrativa** como um construto teórico e metodológico central para compreender como migrantes de crise venezuelanos se narram e são narrados em diferentes plataformas digitais a partir da trajetória textual de um evento de mídia específico (nomeado de “Bota Fogo!”). Por isso, na primeira seção teórica (2.1) deste capítulo, discuto o conceito de narrativa que suleia a tese. Na sequência, em consonância com a base metodológica deste trabalho, pautada na etnografia digital, estabeleço uma intersecção entre os estudos da narrativa e o contexto online (seção 2.2). Na subseção 2.2.1, discorro sobre os conceitos de trajetórias textuais, entextualização, ordem de indexicalidade e escalas. Em seguida, introduzo alguns aspectos dos relatos noticiosos, incluindo a análise pragmática da narrativa jornalística (seção 2.3) e a noção de enquadramento (subseção 2.3.1), fundamentais para analisar parte dos dados da pesquisa. Como o evento de mídia focalizado surgiu a partir da disseminação de desinformação deliberada em Pacaraima/RR, e por entender também que tal desinformação se constitui como um novo tipo de narrativa em ambientes digitais, a subseção seguinte (2.3.2) é dedicada ao fenômeno das fake news. Vale ressaltar que os estudos que se valem de narrativas são essencialmente qualitativos e, na maioria das vezes, orientam as análises dos fenômenos sociais, como as pesquisas narrativas sobre migração. Nesse sentido, recorro também a construtos teórico-analíticos essenciais para analisar a performance narrativa de/sobre os(as) migrantes venezuelanos(as) nos dados desta pesquisa, quais sejam: posicionamento interacional (seção 2.4),

(des)alinhamentos (*footing*) (subseção 2.4.1) e pistas indexicalizadoras (subseção 2.4.2).

2.1 Narrativa: concepções e abordagens

As histórias que contamos nos ajudam a refletir sobre as experiências vividas de forma significativa, dado que as narrativas emergem como tentativas de organizar e dar sentido às experiências e eventos passados, conectando-nos ao **agora** e nos ajudando a vislumbrar um futuro possível (PAVLENKO, 2007; BARKHUIZEN, 2016). Nessa perspectiva, o estudo de narrativas pode nos ajudar a produzir inteligibilidades sobre a vida social, suas multiplicidades e complexidades, buscando possibilidades para transformá-la (BASTOS, 2004; BASTOS; BIAR, 2015).

Nas últimas décadas, os estudos narrativos tornaram-se um campo rico e variado, o qual foi moldado por numerosas tradições disciplinares (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2015). Nesse campo, a narrativa tem sido utilizada como uma forma legítima de investigação em narratologia (tradicionalmente envolvendo o estudo da narrativa literária e ficcional), mas também em psicologia, sociologia, antropologia, educação, análise do discurso, pragmática, sociolinguística e linguística aplicada (voltada à análise de **histórias de vida** eliciadas em entrevistas de pesquisa) (PAVLENKO, 2007; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2015).

Para esta pesquisa, o conceito de **narrativa** é relevante tanto como objeto de pesquisa quanto como ferramenta metodológica, justamente por possuir diferentes funções que podem ajudar a contar e explicar eventos importantes da vida cotidiana, inclusive aqueles narrados nas mídias sociais e digitais.

De Fina e Tseng (2017) destacam a importante função das narrativas na transmissão de valores morais e normas sociais e seu papel crucial nos encontros institucionais, quando se trata de processos que envolvem os fluxos migratórios. Além disso, são essenciais na construção de identidades individuais e coletivas e são usadas para indexicalizar modos de ser e identificações sociais (DE FINA; TSENG, 2017). Bastos e Biar (2015, p.102-103) também apresentam algumas funções que fazem da análise de narrativa uma ferramenta teórico-metodológica importante:

> (i) promove diálogo entre múltiplas áreas do saber; (ii) se debruça sobre a fala dos mais diversos atores sociais, nos mais diversos contextos; (iii) reverbera entendimento do discurso narrativo como prática social constitutiva da realidade; (iv) nega a possibilidade de se delinear as identidades estereotipadamente, como instituições pré-formadas, atentando para os modos como os atores sociais se constroem para fins locais de performatização (Butler, 1990) e (v) avança no entendimento sobre os modos como as práticas narrativas orientam, nos níveis situados de interação, os processos de resistência e reformulação identitária.

Nessa visão dinâmica da análise de narrativa, o **contexto social** mais amplo a influencia, entretanto, as identidades que nela/dela emergem também são construídas por meio de **negociações** com os interlocutores. Apesar de Bastos e Biar (2015) utilizarem a análise de narrativas para interpretar dados de fala em suas pesquisas, gerados em interações cotidianas, institucionais, entrevistas de pesquisa e em grupos focais, acredito que suas razões possam ser produtivas também para compreender análises de narrativas em contextos online, como é o caso desta pesquisa.

Destaco que me distanciarei da noção fundante do estruturalismo que entendia a narrativa apenas como ficção e não como interpretação da realidade, para aproximar-me de uma visão mais dinâmica, sociointeracional, discursiva e performativa de narrativa (WORTHAM, 2001; PAVLENKO, 2007; BASTOS; BIAR, 2015; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008, 2015; DE FINA, 2016), atrelada a um forte caráter político, que vê a narrativa como prática social, atividade histórica e culturalmente situada (BASTOS, 2004; THREADGOLD, 2005; FABRÍCIO; BASTOS, 2009; BIZON, 2013).

Como introduz Bastos (2004), os estudos seminais de análise da narrativa na perspectiva da sociolinguística foram realizados por Labov e Waletsky (1967) e Labov (1972). De acordo com Bastos (2004), no entendimento de Labov, a narrativa remete “a um acontecimento específico – e a hábitos passados ou ações recorrentes – e se[r] estrutura[da] numa sequência temporal, constituída de pelo menos duas orações com juntura temporal” (BASTOS, 2004, p. 119). Por sua vez, Bastos e Biar (2015, p. 105) explicam que Labov definiu a narrativa como “um método de se recapitular experiências passadas que combina, a partir de propriedades identificáveis bem delimitadas, sequências verbais e sequências de eventos”.

Ao que se convencionou chamar de modelo canônico de narrativa nos estudos da linguagem, Labov identificou principalmente seis elementos essenciais na estrutura narrativa: 1) sumário; 2) orientação; 3) ações complicadoras; 4) avaliação; 5) resolução e; 6) coda. O **sumário** ou **resumo** introduz o assunto geral da narrativa e o motivo da narração. A **orientação** informa sobre os aspectos contextuais da narrativa: "o que" aconteceu, "quem" são os participantes da história, "quando" e "onde" o acontecimento ocorreu. A **ação complicadora** refere-se à sequência temporal dos enunciados, ordenados com base na cronologia dos eventos vividos, ou seja, indica o período após a contextualização em que o narrador passa a narrar o acontecimento de fato. A **avaliação** representa o momento em que o narrador apresenta sua perspectiva sobre o acontecimento. É a partir da avaliação que, segundo Labov, podemos identificar o **ponto** da narrativa, ou seja, o motivo que justifica sua reportabilidade. A **resolução** ou o **resultado** apresenta o desfecho das ações complicadoras. E a **coda** (elemento opcional) corresponde à parte da narrativa que marca a transposição do tempo da história para o tempo presente da interlocução (FABRÍCIO; BASTOS, 2009; BASTOS; BIAR, 2015).

A grande contribuição de Labov para a análise de narrativa, conforme Bruner (1991, p. 11), deve-se ao fato de o sociolinguista ter "reconhecido e apresentado uma explicação linguística de estrutura narrativa em termos de dois componentes: o que aconteceu e por que merece ser contado". Por sua vez, segundo Bastos (2004) e Fabrício e Bastos (2009), o crédito do trabalho de Labov deve-se à sua apresentação dos conceitos de **ponto, reportabilidade** e **avaliação**. Para as pesquisadoras, esses conceitos ajudam a identificar episódios narrativos e a compreender a narrativa como uma *performance* de identidade na interação. Como observei, o ponto é indicado pelo narrador na avaliação da narrativa, isto é, remete à parte da narrativa que apresenta informação sobre sua carga emocional e dramática (BASTOS, 2004). Assim como o ponto, a narrativa precisa ter reportabilidade, ou seja, deve ser contável, fazendo referência a acontecimentos não banais. Esses conceitos são úteis para pensar o evento narrado nesta tese, pois, ademais de possuir um ponto, considero o ataque em Pacaraima um acontecimento extraordinário, cujo potencial de reportabilidade fez com que a história fosse massivamente narrada, avaliada e, como mostrarei na análise dos dados,

entextualizada em notícias e comentários nas plataformas digitais de mídias sociais e jornalísticas.

Como reflete Bastos (2004), o modelo canônico de Labov, apesar do foco em aspectos formais dos textos, abriu caminho para estudarmos as narrativas como práticas sociais, oferecendo diretrizes para identificarmos segmentos de falas como narrativas. Apesar das inúmeras contribuições para os estudos da narrativa, a abordagem estrutural de Labov recebeu várias críticas de estudiosos por reconhecer apenas textos bem organizados e monológicos como narrativas. Conforme discutem Fabrício e Bastos (2009), Labov foi criticado também por entender a narrativa como uma estrutura autônoma e descontextualizada, sem considerar que podem existir narrativas sem uma sequência cronológica tradicional. Além disso, o modelo laboviano não abordava a construção de sentidos no contexto interacional, ignorando a agência participativa da audiência na construção e interpretação da narrativa. As autoras argumentam, então, que a narrativa como prática social estruturadora do discurso e da identidade não pode ser analisada apenas a partir do texto, desconsiderando as relações micro e macrossociais. Alinho-me, assim, à concepção de Fabrício e Bastos (2009), para quem a forma narrativa constitui-se como "um mecanismo rotineiro de intelecção – socialmente aceitável e respondendo a intenções, audiências e contextos específicos – sobre quem somos, sobre quem são os outros e sobre o que nós e eles fazemos" (FABRÍCIO; BASTOS, 2009, p. 42).

É significativo ressaltar, então, que as abordagens posteriores ao trabalho de Labov marcaram um afastamento da narrativa estritamente como texto – isto é, definida com base apenas em critérios textuais e estudada principalmente por sua composição textual –, em direção a uma narrativa como prática social focada na linguagem em interação (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008; DE FINA, 2016). Como explicita Bastos (2004, p. 121), "a narrativa passa a ser vista como uma construção social e não mais como uma representação do que aconteceu". Desse modo, os estudos que investigam as narrativas como práticas sociais mais amplas passaram a reconhecer como narrativas uma gama maior de textos e a discutir as relações entre a narrativa e o mundo extratextual.

A abordagem sociointeracional marca uma mudança na orientação em estudos narrativos de textos para práticas sociais e implica um destaque de elementos interacionais na narração de histórias (DE FINA; GEORGAKOPOULOU,

2008, 2015; DE FINA, 2016). As pesquisas propostas nessa linha focalizam a interação local, no nível micro, como um ponto de partida para a análise e compreensão macro da incorporação de narrativas em contextos discursivos e socioculturais amplos.

Como argumentam De Fina e Georgakopoulou (2008, 2015), essa abordagem de análise narrativa concentra-se, particularmente, em: (i) focalizar a interação no nível local; (ii) uma ênfase no poder de contextualização das narrativas e; (iii) um compromisso com questões teóricas sociais. Em relação ao primeiro ponto, segundo as autoras, é localmente que fica perceptível como as narrativas emergem de estruturas de participação específicas e como as histórias se desenvolvem não como um produto acabado, mas como um emaranhado de ações locais. Contudo, De Fina e Georgakopoulou (2015) argumentam que **as narrativas são moldadas por contextos**, ao passo que **potencializam a criação de novos e constituem novas práticas e compreensões do mundo**, com possibilidades para alterar as relações de poder na sociedade.

Isso significa que, além de ser necessário haver um ponto de partida no nível micro, deve-se também colocar ênfase no poder de contextualização das narrativas e estabelecer "articulações entre diferentes níveis de contexto e diferentes escalas, a fim de explicar como o ato de contar histórias se molda e é moldado por ideologias, relações sociais e agendas sociais em diferentes comunidades, tempos e espaços[22]" (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2015, p. 3).

Neste ponto, esclareço que, assim como para as pesquisadoras, o objeto de estudo deste trabalho nasce de um compromisso com questões teóricas sociais, porque se preocupa com as manifestações da performance identitária de migrantes de crise. Na abordagem socioconstrucionista e interacional assumida por De Fina e Georgakopoulou (2015), o terceiro ponto de análise da narrativa consiste no reconhecimento de que contar histórias é uma medida fundamental para estudar a natureza emergente, negociada e situada dos processos de construção e reivindicação de identidades no discurso.

Vinculadas à abordagem sociointeracional e discursiva, que vê as narrativas como produções orientadas para a interação, Bastos e Biar (2015)

[22] No original: "Our approach, however, takes a further step beyond the local level of tellings and looks for links and articulations between different levels of context and different scales in order to explain how the telling of stories shapes and is shaped by ideologies, social relations, and social agendas in different communities, times, and spaces".

definem a narrativa “como o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social” (BASTOS; BIAR; 2015, p. 99). Esse entendimento reafirma que, para as pesquisadoras, os significados sociais não são passíveis de descoberta na narrativa, mas sim de construção ativa.

Tendo isso em vista, reitero que as narrativas são construções sociais, discursivas e culturais, uma versão da realidade, e que, segundo Bruner (1991), só podem alcançar “verossimilhança”. Dessa maneira, sua aceitabilidade não depende de precisão lógica ou verificação empírica. Centrado em uma abordagem cognitiva, a preocupação de Bruner (1991) não é em como o texto narrativo é construído, mas como a narrativa opera como um instrumento de construção da realidade. Em uma direção semelhante, Pavlenko (2007), parte das abordagens textuais e discursivas para articulá-las a uma perspectiva que vê a narrativa como uma construção interacional de uma variedade de vozes e discursos e, portanto, como manifestação da agência na apresentação de si e de influências sociais e culturais.

Saliento que o construto teórico da narrativa é essencial para este trabalho, pois, além de ser um importante método de pesquisa, também pode ser visto como uma base teórica valiosa para pesquisas sobre migração e refúgio – inclusive aquelas que envolvem o papel da mídia (CAVALCANTI, 2019). Conforme lembram Threadgold (2005) e Bizon (2013), a narrativa pode ser usada como uma **teoria** para investigar determinada prática social ou uma realidade social em particular, ou mesmo para explicar como essas práticas funcionam e o que acontece em diferentes âmbitos da vida cotidiana das pessoas. Como abordagem teórica, as narrativas têm um papel político e ideológico fundamental, quando assumidas como **atos de fala performativos**, pois além de atribuir certos tipos de significados à pesquisa, também mobilizam identidades, encenam e mudam realidades e normas sociais (THREADGOLD, 2005; BIZON, 2013). Saliento ainda que, ao adotar uma **teoria narrativa** como constructo de análise e interpretação, entendo que “as histórias, como *performances* linguísticas cotidianas, são contextualizadas e emolduradas pelos contextos em que ocorrem e, por sua vez, contribuem para a

construção de contextos institucionais e sociais mais amplos"[23] (THREADGOLD, 2005, p. 262).

Na visão de Wortham (2001), as narrativas vão além de representar eventos e personagens, pois também pressupõem uma certa versão do mundo social e posicionam o narrador e o público em relação a esse mundo social e em relação um ao outro. Portanto, pode-se inferir que as narrativas não apenas representam estados de coisas, mas também realizam ações sociais, na medida em que o posicionamento interacional, ou seja, a posição do falante em relação aos outros é essencial para a produção do significado no contexto da interação.

Consoante a Wortham (2001), a narrativa tem duas funções essenciais: representacional e interacional. A função representacional indica que uma narrativa pode moldar o "eu" do narrador, descrevendo-o como um tipo específico de pessoa. Já a função interacional indica que os narradores agem como tipos específicos de pessoas enquanto contam suas histórias e se relacionam com seu público de maneiras características ao narrar. Essa função interacional procura mostrar como narrador e público podem se posicionar interativamente através da narrativa.

A maioria das narrativas pressupõe pelo menos dois eventos interacionais: o **evento narrado** (*narrated event*) e o **evento narrativo** (*storytelling event*). Com base nos trabalhos de Bakhtin e Jakobson, Wortham (2001) descreve o evento narrado como o evento descrito pelo enunciado, e se refere ao evento narrativo (ou **evento de contar histórias**) como o representante do contexto interacional. Uma análise monológica da narrativa examina apenas um dos dois tipos de evento. Em vez disso, assumo com Wortham (2001) a vertente dialógica de Bakhtin na avaliação dos dados, por entender que a **postura do falante no evento narrativo, o modo como o conteúdo é enunciado no evento narrado e a posição estabelecida no contexto interacional não podem ser separados um do outro** (WORTHAM, 2001). Assim, na análise de dados desta tese, busco olhar não apenas para o conteúdo representado no enunciado (as histórias em si, notícias e relatos do evento) das narrativas, mas também para posições assumidas pelos atores sociais ao dizer o que eles dizem (ou seja, o momento em que se narra, comentários, as reações multissemióticas etc.).

---

[23] No original: "(...) which assumes that stories, as everyday linguistic performances, are both contextualized and framed by the contexts in which they occur and in turn contribute to the construction of those wider institutional and social contexts".

Embora o estudo da narrativa tenha suas raízes na análise da narrativa conversacional, seu conceito e abordagens foram ampliados e passaram a incluir outros tipos de narrativas. Assim, dessa mudança da narrativa sociolinguística como um gênero bem delineado e com uma estrutura identificável, decorre o surgimento de novas funções e formas fragmentadas de narrativa em uma ampla gama de arenas sociais.

Barkhuizen (2016) realiza, por exemplo, investigações narrativas de **histórias curtas** (*short stories*) e sua relação com a construção identitária de professores. O pesquisador define histórias curtas como "trechos de dados extraídos de um conjunto maior de dados, como conversas, entrevistas, narrativas escritas (como diários de professores) e histórias digitais multimodais[24]" (BARKHUIZEN, 2016, p. 660). Assim como as narrativas longas, Barkhuizen (2016) compreende que as histórias curtas também têm a importante função de narrar experiências passadas ou de um futuro imaginado, incluindo comentários reflexivos ou avaliativos sobre essas experiências. As histórias curtas geralmente incorporam a ação e também podem possuir uma dimensão temporal, em que a narração do mundo da história pode ser (re)moldada no discurso do **aqui** e **agora**.

O foco principal de análise de Barkhuizen (2016) centra-se sistematicamente no **conteúdo** e no **contexto** das histórias curtas. Embora seja uma abordagem interessante para entender o conteúdo das narrativas envolvendo a temática migratória nas mídias sociais, uma análise temática e de conteúdo, isoladamente, pode ser insensível à natureza interpretativa dos dados. A análise de conteúdo sem um referencial teórico e um procedimento metodológico claro pode acabar resultando "em uma longa lista de observações, fatores ou categorias, ilustrados por citações dos participantes, que perde as ligações entre as categorias, essencializa descrições particulares, e falha em descrever o quadro geral onde eles podem se encaixar[25]" (PAVLENKO, 2007, p. 167).

Em contraposição, reconhecendo a natureza performativa das narrativas, Pavlenko (2007) considera que a análise precisa envolver **conteúdo, contexto** e **forma** para atentar-se às maneiras pelas quais os dispositivos linguísticos e

[24] No original: "Short stories are excerpts of data extracted from a larger set of data such as conversations, interviews, written narratives (such as teacher journals), and multimodal digital stories".
[25] No original: "(...) in a laundry list of observations, factors, or categories, illustrated by quotes from participants, that misses the links between the categories, essentializes particular descriptions, and fails to describe the larger picture where they may fit".

narrativos são indexicalizados, de modo a atender aos objetivos interacionais dos narradores/enunciadores de histórias e construir “eus” (*selfs*) particulares. No entanto, a crítica que Pavlenko (2007) faz particularmente à análise focada apenas no conteúdo das narrativas não implica que deva ser excluída das pesquisas. Em vez disso, reitero o posicionamento da pesquisadora de que o conteúdo não pode ser analisado particularmente: “os três são interdependentes e a compreensão do conteúdo é impossível sem uma análise cuidadosa do contexto e da forma[26]” (PAVLENKO, 2007, p. 174). Além disso, a autora recomenda que seja considerado não apenas o que foi dito ou escrito em uma narrativa, mas também o que foi omitido e por quê. Sendo assim, nesta pesquisa, a abordagem performativa é a mais saliente, visto que oferece uma ampla gama de ferramentas que contribuem à análise do posicionamento interacional nas narrativas[27].

Voltando às **histórias curtas**, destaco que a noção de Barkhuizen (2016) é diferente do termo **histórias pequenas** (*small stories*)[28] empregado por Georgakopoulou (2013, 2017). O primeiro corresponde a excertos de narrativas extraídos de dados longos como, por exemplo, entrevistas de pesquisa, cuja análise se concentra em seu conteúdo. Já o segundo termo envolve principalmente histórias que apresentam uma fragmentação narrativa, excedem os limites de um único evento de fala e resistem a uma categorização clara do começo ao meio, tornando problemática a identificação de um único narrador para a história (GEORGAKOPOULOU, 2017, p. 267). Diferentemente da noção de histórias curtas, a análise de micronarrativas focaliza principalmente os aspectos da narrativa junto à performance identitária, e tem sido utilizada com frequência em contextos online[29].

Com base nas reflexões apresentadas sobre as diferentes abordagens de investigação narrativa, chamo a atenção para algumas recomendações feitas por Pavlenko (2007), que considero importantes especificamente para o trabalho de análise de dados online desta tese em relação ao conteúdo, contexto e forma das narrativas nos níveis macro e micro. Primeiro, Pavlenko (2007) recomenda que as

---

[26] No original: “in reality the three are interdependent and understanding of content is impossible without close analysis of both context and form”.
[27] Discorro mais atentamente sobre esses recursos na seção 2.6 deste capítulo teórico.
[28] Até o momento desconheço uma tradução única/fixa para a expressão *small stories,* por isso, intercalo, na escrita da tese, entre o uso dos termos “narrativas/histórias pequenas”, “narrativas breves” e/ou “micronarrativas”.
[29] A noção de *small stories* será melhor discutida na próxima seção sobre narrativas em contextos digitais/online.

notas de observação e de transcrições de narrativas não sejam tratadas como fatos, e sim como construções discursivas. Conforme pontua a autora, “esse tratamento desconsidera a natureza interpretativa da narrativa, ou seja, o fato de que o ato da narração transforma inalteravelmente o seu sujeito e qualquer interpretação posterior interpreta a narrativa e não o evento em questão[30]” (PAVLENKO, 2007, p. 168).

Sabendo que tais descrições dos atores sociais sobre seus próprios comportamentos e dos outros nem sempre correspondem à realidade factual, para que os eventos e fenômenos sejam melhor examinados, é necessário realizar a análise por meio da triangulação de dados, em vez de apenas focalizar narrativas (PAVLENKO, 2007). Por isso, no capítulo 3, detalho minhas escolhas metodológicas, pautadas na pesquisa qualitativa/interpretativista e na etnografia digital, para a geração de diferentes tipos de dados online (narrativos, linguísticos, multissemióticos, observacionais etc.) sobre o evento “Bota Fogo!”, e para o registro de informações sócio-históricas e sociopolíticas que ajudaram a compreender o contexto em que o ataque ocorreu.

Seguindo os apontamentos de Bastos e Biar (2015), um passo importante na análise de narrativas deve definir, por exemplo, se um determinado trecho de fala é ou não uma narrativa. É preciso segmentar os dados gerados nos contextos de pesquisa em função da presença (ou não) de narrativas, tanto em uma perspectiva mais ampla (organização geral da fala, ou de seus segmentos), quanto em uma perspectiva mais localizada e episódica, reportando-se a um único evento. Com efeito, neste trabalho, procuro examinar como as narrativas se organizam entre si nos dados em análise. Observo, por exemplo, se há narrativas mais amplas abarcando narrativas menores em sua constituição e como tais narrativas episódicas se encaixam e se relacionam entre si.

Seguindo tais cuidados, na análise dos dados, procurei articular reflexões teóricas consistentes com um quadro metodológico e analítico que privilegiasse não apenas um aspecto das narrativas, mas como as ações sociais e os posicionamentos sobre o evento “Bota Fogo!” emergiram nas plataformas de mídia social em termos de conteúdo, forma e contexto envolvendo relações escalares nos

[30] No original: “This treatment disregards the interpretive nature of storytelling, that is the fact that the act of narration unalterably transforms its subject and any further interpretation interprets the telling and not the event in question”.

níveis micro e macro. Nesta tese, o nível macro da análise busca abranger as circunstâncias históricas, políticas, econômicas e culturais da produção narrativa, ou seja, corresponde ao modo como as narrativas do ataque em Pacaraima estão localizadas no tempo e no espaço, atendendo especificamente ao contexto migratório que marca a vinda dos/das venezuelanos/as para o Brasil, o advento da disseminação de fake news e o período eleitoral de 2018. Por sua vez, o nível micro tenta dar conta do contexto das narrativas (notícias, comentários, postagens, reações multissemióticas) e entextualizações dessas narrativas e, portanto, da participação da audiência, do tipo de plataforma digital (Facebook, Youtube, Twitter), das funções narrativas, das performances e dos posicionamentos interacionais indexicalizados nas trajetórias textuais do evento “Bota Fogo!”. Consideravelmente, não marco de forma nítida uma separação entre os níveis micro e macro, em vez disso, a análise das narrativas online permitiu-me examinar as relações e interdependências múltiplas entre eles.

Além disso, em relação à interpretação da realidade dos atores sociais – migrantes e nacionais –, preocupo-me em não os apresentar como uma única categoria homogênea. Em contraste, com base em discussões de pesquisas anteriores em Linguística Aplicada amparadas em um olhar culturalmente sensível (MOITA LOPES, 2006; CAVALCANTI; PIRES-SANTOS, 2008; SILVA, 2011; BIZON, 2013; FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2018; CAVALCANTI, 2019, entre outras/os), na análise das narrativas e trajetórias textuais, busco tecer reflexões a partir de experiências vividas por migrantes e refugiados em interação nas mídias sociais digitais, privilegiando categorias como raça, etnia, gênero e classe social.

Nesta seção, revisei algumas concepções teórico-metodológicas envolvendo os estudos da narrativa. Expliquei como a narrativa canônica, comumente utilizada para se referir ao ato de contar histórias centradas em eventos passados (que também podem ser inesperados), é sequencialmente organizada – temporal e causalmente – e, em geral, examina os elementos narrativos da composição laboviana: resumo, orientação, ação complicadora, ponto, resolução, avaliação do narrador e coda. Para além dessas contribuições, entre os avanços mais recentes dos estudos da narrativa, estão as preocupações com a construção de subjetividades e experiencialidade por meio de histórias, a estreita ligação entre narrativa e modos de compreensão de si e do outro e o lugar epistemológico da

pesquisa narrativa no espectro das investigações qualitativas sobre as performances identitárias (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2015).

Em resumo, apresentei alguns esclarecimentos terminológicos e recomendações para a pesquisa com narrativa consistentes com uma visão de histórias não apenas como textos, passíveis de uma análise tão somente estrutural, mas como práticas moldadas socioculturalmente, elaboradas de forma interacional em contextos situados específicos. Na seguinte seção, discorro, especificamente, sobre as narrativas em ambientes de interação digital.

2.2 Narrativa como prática social em contextos online

> *"**Prática** não é uma simples palavra, nem uma escolha fácil. Ela é o conceito-chave subjacente aos estudos de letramento e faz dos estudos de **linguagem** e **letramento** o que eles são. O conceito fornece um mapa para pensar temas tão diversos quanto o papel da **agência** e a **significância** do corpo, dos objetos, dos textos. Esclarece as relações entre **ação** e **discurso**. Quando é vista como um conjunto de práticas, a linguagem fornece a moldura para situar uma teoria da linguagem numa teoria da vida" (BARTON; LEE, 2015, p. 41).*

A tecnologia tem estado cada vez mais presente em nossas interações cotidianas, inclusive, influenciando o processo de produção e recepção de novos tipos de práticas narrativas. Conforme discorrido na seção anterior, a análise canônica da narrativa se concentrava especialmente nas características formais e de gênero dos textos. Com o crescente uso das mídias sociais como um espaço para a interação, a troca de informações e o debate público, pesquisadoras(es) como De Fina (2016, 2017, 2020), Georgakopoulou (2008, 2017), Page (2012, 2015), Fabrício (2017), entre outras/os, têm se preocupado com a análise de narrativa como prática social em diferentes contextos como os ambientes online. Sendo assim, entendendo que essa nova orientação possui algumas diferenças que precisam ser observadas em relação à análise de narrativas em plataformas digitais, nesta seção, apresento algumas delas.

Por tratar-se de um método de pesquisa participativo e/ou colaborativo, interativo e não linear, a narrativa em ambientes online (assim como a offline)

também costuma ser usada como objeto de pesquisa, ferramenta de ensino e aprendizagem e construto teórico de análise e interpretação de dados. A depender do objetivo do estudo, é possível encontrar diferentes tipos de pesquisas com foco em narrativas em diferentes contextos (digitais ou não), como, por exemplo: relatos reflexivos; autobiografias; narrativas que relatam eventos específicos; histórias de vida que recontam a história de outra pessoa; descrições de ações e performances (DE FINA; TSENG, 2017); representações de solicitantes de refúgio em noticiários televisivos; narrativas de estudantes migrantes sobre convênios de intercâmbio e exames de proficiência (BIZON, 2013); narrativas sobre o discurso da migração em portais de notícias brasileiros (CAVALCANTI, 2019).

Como já explicitado, esta pesquisa focaliza a análise de narrativa como prática social em contextos online. Entendo que, assim como as pesquisas em narrativas offline centram-se nos encontros sociais, o critério da co-presença tem ressignificado e incorporado as interações face a face em contextos digitais. Esse entendimento tem contemplado cada vez mais “ocasiões, igualmente frequentes para certos grupos, em que pessoas não necessariamente estão na companhia física uma das outras, mas ainda assim estão fazendo coisas juntas: conversando pelo Whatsapp, orientando por Skype, discutindo no Facebook” (BIAR; ORTON; BASTOS, 2021, p. 234). E, nesse sentido, parto da análise de narrativa como prática social para entender esses encontros interacionais, perpassados por língua(gem), nesses novos cenários tecnologicamente mediados.

Nesse caminho, os dados narrativos online selecionados para a discussão nesta pesquisa centram-se em trajetórias textuais como (re)contagens midiáticas (sobretudo notícias, postagens e comentários online) e entextualizações do evento de mídia “Bota Fogo!”, que circularam em diferentes plataformas de mídias sociais. Relembro que o evento se refere ao ataque ao acampamento de migrantes de crise realizado por brasileiros em 18 de agosto de 2018 na fronteira de Pacaraima/RR, que resultou na expulsão de cerca de 1200 venezuelanos/as do país. O conflito, que teve grande engajamento social, foi descrito como um ato xenófobo em relatos de notícias e atraiu diferentes reações em postagens e comentários online. Desse modo, considerando a circulação e a trajetória do evento em contextos online, nesta seção, amplio os estudos na área da narrativa,

apresentando algumas considerações sobre a abordagem teórico-metodológica aqui adotada.

Embora esta pesquisa se alinhe à perspectiva de prática social e performativa das narrativas em mídias sociais e, portanto, incorporada a aspectos da etnografia digital, é preciso esclarecer brevemente de onde surge esse alinhamento. Começo por dizer que a discussão sobre o papel da língua(gem) e das histórias narradas em contextos de mídia social é informada por campos interdisciplinares de pesquisa. Page (2012, 2015) destaca, principalmente, as pesquisas realizadas sobre narrativas na internet a partir da **Narratologia digital** e da **Comunicação Mediada por Computador** (doravante CMC).

A narratologia digital surgiu, na década de 1990, como uma maneira de analisar as histórias que dependiam de um computador para sua produção e exibição e um modo de examinar exemplos de ficção digital. A narratologia digital foi caracterizada também por suas tentativas de documentar e teorizar as então novas formas artísticas em termos de seu potencial narrativo. Dessas teorizações surgiram expressões como **agência, imersão** e **interação**, na tentativa de repensar a relação do leitor com o texto narrativo em ambientes digitais (PAGE, 2012). Entretanto, esse campo de pesquisa recebeu algumas críticas dada sua limitação ao se concentrar somente em exemplos de narrativa como textos ficcionais. Além disso, o entendimento de interatividade foi conceituado apenas em termos de relação leitor-texto, não se preocupando com a interação entre os participantes. E, por último, a narratologia digital se interessava em leituras de textos específicos, não se apresentando como uma abordagem mais contextualizada da produção e recepção narrativa (PAGE, 2012). Em suma, a ênfase crítico-literária da narratologia digital resultou em um *corpus* restrito de textos e em uma redução muito simplista de ficção e narrativa em mídia digital, excluindo de seu escopo, por exemplo, os gêneros contemporâneos como blogs, narrativas digitais e narrativas de histórias de vida.

No mesmo período, a pesquisa em um domínio mais amplo da CMC – cujas origens estavam relacionadas ao campo interdisciplinar das ciências sociais e da linguística –, passou a se concentrar em conjuntos de dados maiores. De acordo com Page (2012), os primeiros trabalhos em CMC partiam da análise linguística e focalizavam a interpretação de características textuais encontradas em textos digitais. Além disso, tinham interesse na análise das propriedades e recursos

específicos dos diferentes tipos de mídias. Dada a influência dos princípios contextualizadores inerentes às tradições de pesquisa, incluindo etnografia, sociologia, sociolinguística, análise da conversação, análise do discurso e pragmática, desde o início, as formas de CMC[31] davam atenção à construção de pesquisas empíricas de relatos mais centrados no usuário e no discurso mediado por computador. Entre os exemplos investigados no campo incluem a preocupação com as mudanças em relação aos padrões de "tomada de turnos" da interação face a face para formatos mediados por computador; o estabelecimento de categorias de gêneros digitais específicos; a heterogeneidade do discurso distribuído de acordo com padrões e restrições de um determinado gênero ou segundo as características dos participantes das mídias digitais; e a explicação de como as normas para interação online são estabelecidas (PAGE, 2012). O trabalho sociolinguístico da CMC por meio de uma abordagem centrada no usuário, da mesma forma, buscou compreender as funções pragmáticas e sociais do discurso em pesquisas realizadas sobre a identidade individual e coletiva.

Apesar da importante preocupação da CMC com a interação, esses estudos se concentraram mais na interpretação dos dados dentro de um espaço online específico do que em uma abordagem mais ampla das narrativas em contextos discursivos online. Com essa preocupação, Page (2012) ampliou o escopo das pesquisas de CMC para os formatos de **mídia social** com a finalidade de (i) incluir análises contextualizadas da narrativa cotidiana nas mídias sociais e de (ii) usar o trabalho discursivo analítico e sociolinguístico para enfocar as formas em que os gêneros narrativos (em particular narrativas de experiência pessoal) estão sendo retrabalhados em contextos online.

Dessa maneira, em contextos de mídias sociais, o posicionamento interacional marca uma mudança na análise narrativa de textos para narrativas orientadas à prática social. Como sinalizei anteriormente, essa nova abordagem requer uma orientação que não se concentre apenas na análise dos elementos formais e textuais de gêneros digitais, mas que se atente, principalmente, aos

[31] Com o recente desenvolvimento de novas tecnologias e aplicativos, as formas anteriores de CMC (Comunicação Mediada por Computador) têm sido repensadas nos estudos contemporâneos que investigam a interação em ambientes online. É possível observar uma mudança em relação às interações em redes de mídia social – antes conectadas a terminais de computador estáticos – para o uso de tecnologias cada vez mais móveis, a exemplo dos *smartphones*.

discursos socialmente situados nos quais essas características estão incorporadas (DE FINA; GORE, 2017).

Como fica evidente, a principal distinção está na transposição da análise narrativa (canônica) centrada apenas no texto, em direção a uma visão de narrativa como **prática social**, porque envolve o **ato de contar histórias**, e, nesse sentido, o foco recai também sobre o discurso e a prática semiótica (DE FINA, 2016; DE FINA; GORE, 2017). A partir dessa perspectiva contextualizada, o ato de contar histórias pode ser visto como "um processo complexo de reconstrução, reavaliação e compreensão de eventos que ocorrem em mídias específicas e, por sua vez, são incorporados a diferentes práticas" (DE FINA; GORE, 2017, p. 237). Sendo assim, o processo de narrar pode ser utilizado para dar sentido a eventos e participantes que estão inseridos em contextos interacionais particulares como os ambientes online. Nesses casos, a narrativa tanto molda quanto é moldada por esses contextos.

Na contramão dos modelos de estudos narrativos pautados estritamente em critérios textuais e que geralmente privilegiam os relatos longos e ininterruptos, Bamberg e Georgakopoulou (2008) e Georgakopoulou (2017) propõem o termo **narrativas pequenas** (*small stories*), já introduzido anteriormente neste capítulo, para avaliar a identidade em contextos online. A investigação narrativa de histórias breves tem contribuído para a análise da identidade devido a sua função discursiva e ao fato de as narrativas se orientarem para a **ação** e o **uso da linguagem** em sociedade. Sobre esse ponto, os autores citados entendem o conceito de narrativas pequenas como "aspectos do uso da linguagem situada, empregadas por falantes/narradores para posicionar uma exibição de identidades situadas e contextualizadas[32]" (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 378). Por isso, a afiliação a essa perspectiva tem relação com o interesse deste trabalho em ponderar sobre o papel agentivo das narrativas ao desempenharem ações sociais, considerando que as pessoas realmente usam histórias em situações cotidianas para se posicionar e criar um senso de quem são também mediadas pela tecnologia.

Georgakopoulou (2017) destaca duas razões que objetivam reposicionar a análise narrativa convencional para o contexto das mídias sociais: o caráter metodológico e epistemológico. A base metodológica, segundo a pesquisadora, explora como a análise narrativa pode responder aos novos desafios que as mídias

[32] No original: "Narratives, in our approach, are aspects of situated language use, employed by speakers/narrators to position a display of situated, contextualized identities".

sociais representam, “em particular, deve interrogar o que é distinto nelas, mas também como elas se baseiam ou se distanciam de outras formas e práticas de contar histórias”[33] (2017, p. 269). O caráter epistemológico, por sua vez, envolve uma perspectiva crítica no processo de estender a pesquisa de narrativas pequenas para as mídias sociais, com o compromisso de tentar responder a duas questões centrais: “Qual é o potencial sociopolítico dos engajamentos de mídia social para a transformação? Quais práticas contraculturais, ocultas e não oficiais de criação de significado as mídias sociais engendram?”[34] (GEORGAKOPOULOU, 2017, p. 269).

Nesse movimento, considerando o caráter epistemológico e metodológico, o ponto de partida para se engajar na pesquisa de *small stories* deve ser o reconhecimento de que as narrativas produzidas em plataformas de interação digital normalmente:

> - anunciam e realizam a experiência da vida cotidiana minuto a minuto;
> - são transportáveis e circuláveis em diferentes plataformas de mídia;
> - são incorporadas a uma variedade de ambientes online e offline;
> - são multissemióticas e com vários autores;
> - abordam simultaneamente públicos diferentes, potencialmente grandes e imprevisíveis (GEORGAKOPOULOU, 2017, p. 269-270)[35].

As histórias contadas em contextos atuais de mídia social, e que exibem a experiência da vida cotidiana momento a momento, costumam ser narradas sobre diferentes tópicos. As narrativas podem englobar relatos de atividade profissional, como as atualizações de um político ou uma figura pública no Twitter; documentar histórias contínuas de experiências pessoais do/a narrador/a no Facebook; incluir tópicos emocionais profundamente significativos para os usuários, compartilhados em blogs, entre outros. De acordo com Page (2012), os fragmentados tópicos narrativos produzidos e exibidos como histórias em contextos de mídia social são

---

[33] No original: “(...) in particular for interrogating what is distinctive about them, but also how they draw on or depart from other forms and practices of storytelling”.
[34] No original: “What is the socio-political potential of social media engagements for transformation? What counter-cultural, hidden and unofficial practices of meaning-making do social media engender?”
[35] No original: “In particular, my claim has been that the starting point of a narrative analysis on social media should be the recognition that stories produced on social media normally: announce and perform the minute-by-minute everyday life experience; are transportable and circulatable in different media platforms; are embedded into a variety of online and offline environments; are multi-semiotic and multi-authored; address simultaneously different, potentially big and unforeseeable, audiences”.

frequentemente efêmeros, pequenos, localizados nas margens de outros tipos de conversa e se diferem dos cânones da narratologia digital. Na explicação da sociolinguista, apesar de os tópicos não serem apresentados como relatos ficcionais, muitas das narrativas do dia a dia que compartilham a experiência de vida dos participantes são artísticas, emotivas, reflexivas, lúdicas e, às vezes, pouco confiáveis, assim como eram os textos na narratologia digital (PAGE, 2012).

Para além da narratologia digital, esses exemplos apenas sugerem uma complexa variedade de tópicos narrativos que podem emergir em diferentes plataformas digitais e que passaram a ser examinados em pesquisas no domínio posterior e mais amplo da comunicação mediada por computador. As pesquisas mais recentes reconhecem que, nas mídias sociais, se entrelaçam os contextos público e privado, como o registro público de uma atividade profissional no Twitter, por um lado, e os domínios semi-privados do Facebook, por outro, com exibições de acontecimentos cotidianos e o compartilhamento de emoções, reflexões, desabafos dos/as participantes das redes.

Contar histórias é, portanto, um **processo interativo**, cujos traços podem ser vistos nos formatos conversacionais das mídias sociais e estão entrelaçados entre contextos online e offline, envolvendo relatos da vida pública e/ou privada (PAGE, 2012). A interatividade pode ser percebida em termos de relação leitor-texto, mas principalmente na interação entre os atores sociais que participam das mídias sociais. Reitero, dessa forma, que as narrativas produzidas em contextos digitais podem ter vários participantes e ser consideravelmente multissemióticas. O processo interativo fica perceptível devido à possibilidade de existirem narrativas digitais que possuem apenas um(a) narrador(a) e outras que são co-criadas com a colaboração de diferentes participantes da interação.

Como informam as pesquisas de De Fina (2016) e Georgakopoulou (2017), algumas narrativas nas mídias sociais se assemelham a extensos monólogos, enquanto outras são mais fragmentadas e seu enredo se constrói com a circulação do discurso. A multimodalidade, por sua vez, colabora para que as histórias sejam contadas nesses ambientes de forma interativa com o uso de palavras, emojis, imagens, sons e recursos audiovisuais, como os vídeos publicados no YouTube e os *podcasts* disponíveis como registro de histórias orais (PAGE, 2012).

O conceito de **narratividade** tem sido essencial para caracterizar as diferenças da narrativa em mídias sociais. Em geral, a narratividade é considerada uma característica binária usada para classificar um texto como sendo uma narrativa ou não, apesar disso, as abordagens atuais descrevem a narratividade como um conjunto difuso (PAGE, 2012, 2015, 2017). Em relação às narrativas canônicas, a narratividade está regularmente associada a eventos relatados e ordenados dentro de uma estrutura temporal. Nos eventos que possuem distintos graus de narratividade, as conexões causais são percebidas como mais narrativas que as temporais, estando relacionadas a sequências que apontam para uma "estrutura abrangente de complicação e resolução ou um ponto de fechamento claramente definido atribuído com significado interpretativo[36]" (PAGE, 2012, p. 9-10).

Por outro lado, partindo desses parâmetros, a estrutura da narratividade de histórias de mídia social não está organizada em torno de um ponto final único e predeterminado, como mostram as atualizações do Facebook ou uma sequência episódica de entradas de um blog, por exemplo. Como descreve Page (2012), é comum a sequência de postagens em um blog ser interrompida sem aviso, do mesmo modo que pode não haver conexão causal ou temática entre as sequências de episódios postadas nas plataformas de mídia social. Às vezes, as histórias publicadas por um usuário em seu perfil não fazem parte de uma sequência causal de acontecimentos, mas são relatos atualizados momento a momento relacionados com o que o narrador está fazendo no **agora**. Assim, as atualizações nas mídias sociais seguem a trajetória das atividades realizadas pelos atores sociais, porém, não formam uma estrutura narrativa fechada como em um enredo com uma ação complicadora seguida de uma resolução. Ao contrário de uma história prototípica, a narratividade das histórias contadas em mídias sociais apontam para a atualidade, sendo fragmentadas e abertas.

Nas mídias sociais, portanto, as **narrativas costumam ser pequenas**, construídas em **colaboração, co-avaliadas** e fortemente orientadas para a **atualidade**. Essas características das narrativas em contextos digitais se aproximam a aspectos comuns do **discurso das mídias sociais**, como, por exemplo, variabilidade, participação da audiência, intertextualidade, translocalidade (diferentes

[36] No original: "narrativity is associated with sequences that signal a teleological focus, an overarching framework of complication and resolution, or a clearly defined point of closure attributed with interpretive significance".

escalas espaço-temporais) e multimodalidade (DE FINA, 2016; GEORGAKOPOULOU, 2017).

Em se tratando de um foco discursivo-analítico, algumas pesquisas têm adaptado a estrutura dimensional da narrativa proposta por Ochs e Capps (2001) para descrever as diferentes camadas que envolvem, particularmente, as narrativas em contextos multissemióticos e digitais (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; PAGE, 2012, 2015; DE FINA; GORE, 2017; DE FINA; PERRINO, 2017). Em seu modelo das dimensões narrativas, Ochs e Capps (2001) exibem diferentes aspectos que podem ser observados em uma análise de narrativa, e que consideram tanto o produto narrativo quanto o processo de narração.

Como uma alternativa ao modelo binário fixo de narratividade, Ochs e Capps (2001) formularam um quadro com **cinco dimensões da narrativa**, buscando atender a uma análise ampliada, em especial, de narrativas interacionais como as conversas cotidianas. As dimensões descritas por Ochs e Capps (2001) incluem características estruturais da narrativa, mas também enfatizam elementos do contexto interacional, nomeados a saber: **1) narradores** (*tellership*); **2) narrabilidade** (*tellability*); **3) incorporação** (*embeddedness*); **4) linearidade** (*linearity*) e; 5) **postura moral** (*moral stance*).

Em uma breve explicação, a primeira dimensão (*tellership*) é relativa ao número de narradores ativos em uma narração, ou seja, observa se a história é contada por um ou vários narradores. A dimensão da narrabilidade (*tellability*) mostra a reportabilidade da narrativa, indicando se a história possui valor de notícia, por exemplo, como algo que vale a pena ser contado ou se é aparentemente irrelevante. Na terceira dimensão (*embeddedness*), a ênfase recai sobre a incorporação dos elementos contextuais na narrativa, isto é, centra-se na extensão em que uma história pode ser separada ou incorporada em seu contexto. A linearidade (*linearity*), quarta dimensão, envolve as qualidades estruturais de uma história como sequência temporal, causal, multilinear e fechada ou aberta. E, por último, a dimensão da postura moral (*moral stance*) refere-se à atitude do narrador em relação aos eventos relatados, que podem ser certos (*certain*) ou flutuantes (*fluctuating*) (OCHS; CAPPS, 2001, p. 20, tradução minha).

Tais dimensões das narrativas, entretanto, não aparecem necessariamente ordenadas sequencialmente na análise da interação. Segundo as

autoras, “cada dimensão narrativa estabelece uma série de possibilidades, que são realizadas em performances narrativas particulares[37]” (OCHS; CAPPS, 2001, p. 19). As autoras entendem, dessa maneira, o ato de contar histórias como um evento de fala interacional e contextualizado.

Como venho argumentando nesta seção, a narrativa em ambientes online possui distinções que precisam ser consideradas em relação a sua estrutura, mas também em termos de dinâmica dimensional. Na análise dos dados desta pesquisa, parte das narrativas reúne algumas dessas dimensões ao relatar as experiências midiáticas com o ataque xenofóbico, oferecendo possibilidades para compreender a construção narrativa em plataformas de interação online. Contudo, ao estender o conceito dimensional de narrativas de Ochs e Capps (2001) do contexto conversacional para espaços digitais, faz-se necessário, ainda, destacar alguns pontos significativos.

Como as narrativas nesses espaços fogem dos moldes prototípicos centrados em histórias com certa ordenação cronológica e causal, uma alternativa é examinar a atividade narrativa a partir de modelos que sejam multidimensionais e capazes de lidar com a multimodalidade, tão característica das narrativas em plataformas de interação digital. Dessa maneira, Page (2012, 2015) faz alguns apontamentos sobre como o quadro dimensional de Ochs e Capps (2001) pode ser retrabalhado em contextos de mídia social. Entre os elementos distintivos principais, cabe observar a arquitetura e os formatos episódicos dos sites de rede social. É preciso ter em vista que cada plataforma possui características específicas, ou seja, as mídias tanto oferecem diferentes recursos que promovem a interação online, como apresentam limitações para os usuários das mídias sociais interagirem e contarem suas histórias.

Em geral, as narrativas canônicas de experiência pessoal tendem a privilegiar tópicos altamente narrativos (como os relatos de conflitos perigosos), relativamente descontextualizados, com uma postura moral clara, estrutura linear bem definida, e contados sob a perspectiva de um narrador único. Em vez disso, as mídias sociais enfatizam o tempo de retorno e permitem formas reconfiguradas de narração e interação entre um ou vários participantes. Tais possibilidades, em

[37] No original: “Each narrative dimension establishes a range of possibilities, which are realized in particular narrative performances”.

conformidade com Page (2015), influenciam em especial duas dimensões narrativas inter-relacionadas: narrador(es) e linearidade.

Para a pesquisadora, as possibilidades de as narrativas possuírem um ou mais narradores (*tellership*) são ativadas por meio das capacidades interativas das mídias sociais e conforme as características formais da narrativa são posicionadas dentro dos espectros da linearidade nessas plataformas. Como os sites de rede social possuem aspectos colaborativos, "a narrativa de histórias de mídia social tende a contrastar com as expectativas canônicas de um único narrador e operar, em vez disso, com diferentes tipos de narração multipartidária e co-construída[38]" (PAGE, 2012, p. 13). Entretanto, afirma Page (2012), as narrativas em mídia social possuem hierarquias interativas. Apesar dessas plataformas possuírem uma natureza colaborativa, isso não significa que as contribuições narrativas e discursivas sejam iguais e que os papéis dos participantes ao contar histórias de forma colaborativa sejam simetricamente distribuídos. De acordo com a sociolinguista, alguns gêneros de mídia social permitem que seus membros ou moderadores controlem as contribuições de outros participantes, podendo escolher quais comentários serão publicados na rede, ou mesmo, ter o direito de deletar certas postagens no caso de serem consideradas ofensivas.

Em relação à dimensão narrativa da linearidade (*linearity*) nas mídias sociais, a autora informa que:

> As histórias podem ser contadas em sua totalidade dentro de uma **unidade individual** de mídia social, como uma postagem no fórum, uma entrada no blog ou uma atualização de status, mas também podem ser distribuídas em **várias unidades**, como episódios que se desenrolam entre postagens sequenciadas ou entre postagens e comentários. Eles podem reunir material conectado por hiperlinks (como um tuíte e um *link* para uma reportagem externa) ou conectar-se com o material disponível no arquivo mais amplo ou gênero da *web* em que as postagens são armazenadas (PAGE, 2012, p. 12, grifos meus).

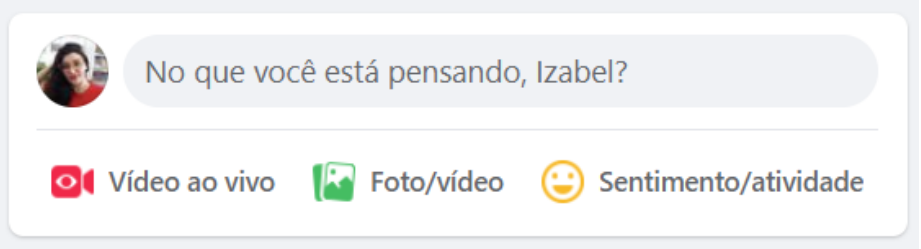
A partir dessa noção de linearidade, que envolve as narrativas contadas em uma ou em diferentes unidades, fica evidente o caráter aberto associado à

[38] No original: "The collaborative nature of social media means that the tellership of social media stories tends to contrast with canonical expectations of a single teller and operate instead with different kinds of multi-party, co-constructed narration".

narratividade dos relatos em mídias sociais (apesar de o diálogo aberto não ser uma característica exclusiva dos ambientes online), e, além disso, um afastamento do tempo passado em direção à fragmentação e a estruturas que são multilineares. Por conseguinte, a sequência temporal das narrativas de mídia social se difere dos exemplos canônicos de narrativa, porque, segundo Page (2012), as histórias contadas em **atualizações de status** de redes sociais, postagens de vídeo e tuítes podem ser relatadas, por exemplo, à medida que se desenrolam, ao invés de uma reflexão retrospectiva distante sobre eventos que já foram concluídos. Nesse sentido, nas narrativas, as construções típicas do tempo narrativo, como os verbos no pretérito, se entrelaçam com as formas verbais do presente.

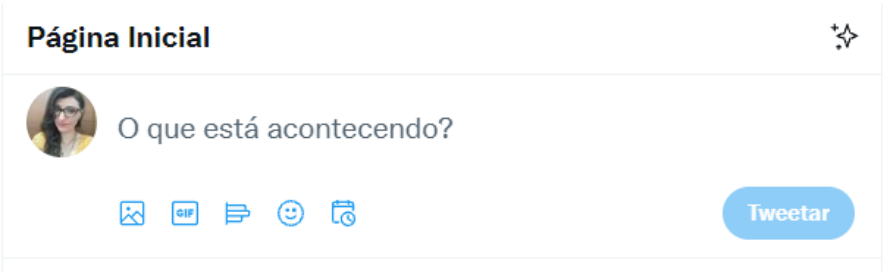
A própria infraestrutura das plataformas de mídia social igualmente possibilita a dimensão de linearidade, criando uma percepção de que os eventos parecem estar acontecendo quase em sincronicidade com o tempo do relato e o tempo de recepção da narrativa. Cito como exemplo o design dos sites de mídia social Facebook e Twitter:

Figura 3 - Captura de tela do perfil da pesquisadora no Facebook



Fonte: Facebook, 2022.

Figura 4 - Captura de tela do perfil da pesquisadora no Twitter



Fonte: Twitter, 2022.

Como mostram as duas capturas de tela, o tempo narrativo (“No que você está pensando, Izabel?”, no **Facebook**, e “O que está acontecendo?”, no **Twitter**) sugere uma antecipação, ao invés de retrospecção, ao induzir a/o usuária/o a relatar seus pensamentos, sentimentos, atividades e acontecimentos nas mídias sociais com o suporte de diferentes elementos multissemióticos (textos, fotos, vídeos, emojis, gifs, enquetes) de modo síncrono (como sinaliza o ícone de “vídeo ao vivo” do Facebook) e assíncrono (ícone calendário com relógio com a função de “programar” a postagem de “tuítes”). Em ambas as plataformas, o tempo narrativo (“no que você está pensando”/“o que está acontecendo”, em vez de “o que pensou”/“o que aconteceu”) aponta para um registro cronológico reverso, conforme expõe Page (2012). Essa característica demonstra como o formato da mídia social aumenta o imediatismo narrativo e promove as interações nos sites de mídias sociais.

As dimensões da narrativa colaborativa e da linearidade que emergem com as práticas narrativas nas mídias sociais precisam considerar também a referência ao contexto nos quais estão incorporadas. Não obstante, determinar a dimensão de incorporação dos elementos contextuais na narrativa (*embeddedness*) não é uma tarefa fácil. Isso porque, antes mesmo de as pesquisas envolvendo o discurso mediado pela tecnologia enquadrarem a interação linguística, os fatores contextuais já eram entendidos como entidades dinâmicas e multicamadas importantes na interpretação dos dados (PAGE, 2012).

Ainda assim, apesar dos desafios de capturar uma imagem completa das práticas interativas e narrativas nas mídias sociais, um caminho seria avaliar os aspectos de contexto em várias camadas. As camadas contextuais que podem ser consideradas, conforme propõe Page (2012), incluem observar como: os participantes interagem nas mídias sociais e como se dá sua relação com outras pessoas da comunidade de prática; um contexto imaginado pode ser projetado pelos participantes com base em seu conhecimento de mundo e pistas fornecidas na interação mediada; o contexto extra-situacional se manifesta na mídia social (ou seja, incluem o exame de como as práticas sociais offline relacionadas a fatores macrossociais, por exemplo, gênero, idade, etnia ou identidade nacional, podem moldar a participação dos membros nos espaços online). A pesquisadora também inclui na avaliação as camadas referentes a um contexto textual e outro genérico. No

contexto textual, é preciso analisar o co-texto verbal em que as narrativas são construídas, o layout e os recursos da mídia social, assim como o discurso que envolve as histórias nos comentários e postagens, por exemplo. O contexto genérico inclui, por sua vez, capturar o modo que os recursos mais amplos do site de rede social são incorporados na narrativa, como propósito declarado, tópico e regras de conduta (PAGE, 2012, p. 14-15).

Em relação à dimensão da narrabilidade (*tellability*) de uma história contada em contextos online, destaco que ela se distingue da característica descrita anteriormente de **narratividade** (*narrativity*), a qual está relacionada com as dimensões de linearidade e de narrativa colaborativa com um ou vários narradores (*tellership*). Segundo esclarece Page (2012), a dimensão da narrabilidade de histórias de mídia social refere-se à qualidade que torna uma história digna de ser contada. Todavia, diferente dos relatos feitos em outros contextos, a reportabilidade das narrativas online não depende necessariamente da avaliação de seu conteúdo, mas sim do engajamento interpessoal dos participantes relacionado às características dialógicas e interativas das mídias sociais. Nas palavras expressas pela sociolinguista, a dimensão da narrabilidade:

> traz para o centro do palco a questão de como os narradores se orientam e as histórias que contam para o seu público (mesmo quando o público é indeterminado) e como o público responde. A capacidade de comunicação está, portanto, no cerne da qualidade social da mídia social e resulta em diversos padrões de engajamento interativo[39] (PAGE, 2012, p.16).

Percebendo que, nas mídias sociais, as práticas de narrativa operam dentro de contratos negociados entre o narrador e sua audiência, fica evidente como a narrabilidade está mais relacionada com o papel da narrativa na construção de relações sociais do que, de fato, com o conteúdo das histórias. Dessa maneira, quando a narrabilidade de uma narrativa de mídia social não se concretiza, isso reflete no engajamento do público que, simplesmente, se recusa a colaborar com a história, fazendo com que diminuam as visualizações da página e dos comentários. Assim como as outras dimensões citadas, a narrabilidade mostra como as práticas

[39] No original: “The dimension of tellability brings to center stage the question of how tellers orient themselves and the stories they tell to their audiences (even when the audience is indeterminate), and how their audiences respond”.

narrativas nas mídias sociais podem ser produzidas com diferentes propósitos, seja para reivindicar associação a um grupo ou comunidade, seja para demonstrar alinhamento ou distanciamento, ou mesmo para moldar as identidades dos narradores e de suas interações com a audiência.

Em suma, as dimensões da narrativa apresentadas atestam as diferenças que envolvem o ato de contar histórias em mídias sociais, tanto em relação às características estruturais da narrativa e às mudanças no aspecto da linearidade, quanto em relação ao respeito aos elementos contextuais, a exemplo da participação colaborativa de um ou vários narradores e da incorporação de multicamadas do contexto na narrativa. Fato é que tais mudanças acabam influenciando a interpretação de como o conteúdo se torna narrável em contextos online, mas também coloca ênfase nas construções identitárias, quer dizer, na forma como a postura moral se manifesta nesses espaços.

Com base nesses preceitos, o interesse deste trabalho em compreender como as identidades e os posicionamentos emergem nas narrativas de mídia social se coaduna com a perspectiva teórica que entende o ato de contar histórias como uma prática situada e, portanto, interativa e performativa, em vez de um texto estático e descontextualizado. Assim, tomo como base as palavras de Bizon (2013, p. 12), para quem a análise de narrativas deve ser entendida como:

> lugares de construção da vida social em práticas situadas, como um processo teórico-metodológico potencialmente capaz de evidenciar os posicionamentos interacionais de seus narradores, reconhecendo também o movimento dessas narrativas como engrenagens para a transformação de suas identidades, das identidades de seus interlocutores e das realidades sociais.

Compartilho do entendimento expresso por Bizon (2013) e, por isso, nesta pesquisa, direciono a análise de narrativas como prática situada, reconhecendo que as histórias contadas online também podem representar um local para a produção discursiva de performances identitárias de/sobre migrantes de crise em sites de rede social, isto é, como uma forma de os participantes e sua audiência se apresentarem e darem sentido a si mesmos e aos outros. Ressalto, contudo, que a perspectiva discursiva adotada neste trabalho se opõe a uma percepção essencialista da identidade como uma entidade estável e unificada, rejeita a naturalização e

homogeneização da identidade e evita enquadrar os atores sociais em categorias sociais preexistentes. Em vez disso, com base nessa visão, compreendo as identidades como “plurais, constantemente negociadas e fluidas, manifestadas e tornadas significativas por meio do discurso dos participantes e representadas em relação a contextos localizados de interação[40]” (PAGE, 2012, p. 17).

Do mesmo modo como as histórias contadas em mídia social circulam por meio de diferentes trajetórias textuais, as identidades que as acompanham também precisam ser vistas como transportáveis, discursivas e situadas (PAGE, 2012). Conforme afirma Page (2012), as identidades transportáveis podem aparecer explicitamente declaradas nos textos ou serem invocadas por meio da indexicalidade[41]. Nesse sentido, apesar de existirem diferentes maneiras por meio das quais as pessoas podem (re)construir suas identidades, chamo a atenção para dois aspectos específicos de como as identidades podem se manifestar discursivamente de forma explícita ou implícita em plataformas de interação digital.

Em relação ao primeiro aspecto, cabe observar como as identidades são transportáveis em termos de performance, isto é, quem são as pessoas e o que os atributos que elas escolhem apresentar sobre si mesmas dizem sobre elas (escolhas como avatar, nome do perfil, gênero, localização, idade etc.) (GOFFMAN, [1957]2002). O segundo aspecto remete ao papel assumido por uma pessoa em uma interação particular com outras pessoas nas mídias sociais (as identidades discursivas e situadas podem ser atribuídas por funções específicas, como narrador, comentador, moderador de um grupo, amigo do Facebook, seguidor do Twitter etc.). Assim, em uma explicação resumida de Page (2012, p. 18),

> identidades transportáveis são atributos ou características que um participante carrega em múltiplas situações de discurso, enquanto identidades discursivas e situadas são papéis ocasionados localmente adotados em relação a uma situação de fala particular[42].

---

[40] No original: “From a discursive perspective, identities are plural, constantly negotiated, and fluid, manifest and made meaningful through the participants’ discourse and enacted in relation to localized contexts of interaction”.

[41] Para analisar tais aspectos das performances identitárias e, por sua vez, dos posicionamentos interacionais, nesta pesquisa, emprego diferentes construtos teórico-analíticos que estão explicitados nas seções deste capítulo, e que também recupero no capítulo de análise dos dados.

[42] No original: “Transportable identities are attributes or characteristics that a participant carries across multiple discourse situations, while discourse and situated identities are locally occasioned roles adopted in relation to a particular speech situation”.

Diferentemente de outros contextos de pesquisa, em que a identidade é analisada com base nas informações tornadas relevantes pelos próprios participantes do discurso em sua interação, em uma análise de narrativas nas mídias sociais, esse processo pode ser comprometido, pois não há garantias de que os dados fornecidos pelos atores sociais em suas redes sejam de fato verdadeiros. Nas histórias contadas nas redes sociais, alguns narradores podem usar pseudônimos e manipular o que desejam revelar para sua audiência. Sendo assim, atento-me para a ressalva de que o processo de interpretação da identidade dos participantes da narrativa só pode permanecer parcial e subjetivo em contextos de interação digital (PAGE, 2012). E, nesse sentido, em vez de tentar estabelecer referência com atributos verdadeiros do contexto offline, a interpretação que faço dos dados online[43] no último capítulo deve ser entendida em termos de *performance,* visto que, examino como os usuários se posicionam e posicionam os outros nas mídias sociais em relação à situação de migração e refúgio.

Em se tratando de comunicação mediada digitalmente, como as interações realizadas nos comentários de postagens em redes sociais online, De Fina (2016) mostra as possibilidades de focalizar três aspectos da **participação da audiência**: a) o tipo de interação que os comentadores estabelecem entre si, b) os recursos que usam para transmitir seus pontos e posições e c) os enquadramentos (*frames*) em que os comentários se concentram. Com relação a esse tipo de interação, a pesquisadora observa uma tendência crescente que se afasta da interação focada estritamente no conteúdo das narrativas em direção à performance, ou seja, centrada na participação da atividade interacional e no contexto da narrativa. Sendo assim, é preciso considerar diferentes características em uma análise discursiva da narrativa, a partir de uma perspectiva que privilegia a participação e a colaboração da audiência na prática de contar histórias. A esse respeito, a participação do público conforma uma das partes importantes da interpretação dos dados desta tese, pois entendo que é a partir da análise das interações, nos comentários das postagens das notícias nas plataformas digitais, que podemos ter uma compreensão do significado social e dos posicionamentos sobre a migração venezuelana.

[43] No capítulo 3, forneço uma explicação ampliada dos procedimentos metodológicos utilizados e dos aspectos éticos seguidos para o tratamento dos dados online selecionados para a análise.

Nesta seção, mostrei algumas distinções que têm emergido em pesquisas centradas na análise de práticas narrativas em novos ambientes de mídia social. Um novo direcionamento para analisar a narrativa como **histórias pequenas** (GEORGAKOPOULOU; BAMBERG, 2008; GEORGAKOPOULOU, 2015 etc) abriu caminho para repensar a consolidada tradição em pesquisa com narrativas canônicas. A pesquisa de histórias pequenas têm buscado captar “a natureza fugaz, mas também onipresente, da narrativa cotidiana em contextos de crescente importância, como ambientes de mídia social” (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2015). Conforme investigações recentes, os contextos de interação online proporcionaram o aparecimento de novos gêneros narrativos, mas também o entrecruzamento com antigos; potencializaram uma ampla distribuição e incorporação de narrativas em diferentes plataformas e mídias; e propiciaram novas formas de participação e distintos papéis da audiência se comparados às situações de interação face a face. Entretanto, apesar da marcante dinamicidade das plataformas e mídias digitais, diferentes restrições e limitações podem ser impostas às práticas narrativas por esses ambientes mediados, seja em relação ao tipo de histórias que neles podem ser contadas ou a como elas podem ser narradas (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2015). Tomando como base os apontamentos sobre as narrativas em contextos online, as histórias contadas nesses espaços podem ser vistas como formas de capturar e compartilhar as minúcias da vida cotidiana e, além disso, como imbricações entre as práticas comunicativas e as mídias digitais em que emergem.

2.2.1 Narrativa e mobilidade: trajetórias textuais, entextualização e escalas

Como argumentei na seção anterior, as narrativas em contextos digitais têm o potencial de circular rapidamente e de ser transportadas a diferentes plataformas de mídia social. A mobilidade também foi uma questão central para Blommaert (2010), sobretudo em um cenário de mudanças econômicas e tecnológicas que integram o processo de globalização contemporâneo. Para o sociolinguista, o desafio da mobilidade é o deslocamento dos recursos e dos eventos linguísticos da sua posição fixa (e tradicional) em determinada localização temporal e espacial em direção à inserção da linguagem em um espectro da ação

humana definida em termos de **trajetórias temporais** e **espaciais**. Segundo o autor, "a mobilidade é algo que possui características espaciais e temporais, e o texto móvel é um texto que tem a capacidade de viajar no tempo e no espaço[44]" (BLOMMAERT, 2010, p. 29-30). Nesse sentido, considerando as características móveis dos dados analisados, precisei olhar para o evento "Bota Fogo!" como uma **trajetória textual** interligada em uma **cadeia de eventos, entextualizações** e **escalas**.

A mobilidade dos textos não surge com a Internet, mas acabou se tornando uma característica saliente nas plataformas de mídias sociais. Sendo assim, seguindo os rastros dos dados online, notei que a narrativa sobre o evento enquadrado percorreu diferentes trajetos nas mídias sociais, encontrando no caminho **eventos cruzados** e formando, assim, uma **cadeia de eventos**. Por isso, precisei escolher uma das diferentes rotas sobre o ataque para seguir nas mídias sociais. A respeito das expressões em destaque, Wortham e Rhodes (2015) explicam que "as narrativas são reunidas em cadeias ou trajetórias, por meio de processos discursivos que ligam os eventos da fala[45] uns aos outros" (WORTHAM; RHODES, 2015, p. 161). Na visão de Blommaert (2010) e Fabrício (2017), a mobilidade é certamente uma característica dos processos de globalização que faz parte das mídias comunicacionais, pois, em sua afirmação, tanto os signos quanto as pessoas se movem ao longo de cadeias de eventos narrativos que ocorrem em diferentes escalas espaço-temporais.

Como pontuam Wortham e Reyes (2015, p. 169), realizar uma análise centrada na circulação de dados de novas mídias nos permite descobrir ações sociais que só tomam forma por meio de **eventos**. Para descobrir o posicionamento e a ação social que estão sendo realizados por meio do discurso nas narrativas em contextos online, é necessário traçar um caminho subsequente de eventos. No caso

---

[44] No original: "Mobility is something that has spatial as well as temporal features, and mobile text is text that has the capacity to travel through time and space".

[45] Para apresentar seu argumento de cadeias narrativas através de eventos vinculados, Wortham e Rhodes (2015) e Wortham e Reyes (2015) partem da noção central de *evento de fala*. Esses pesquisadores, com base em Goffman (1981), Hymes (1962, 1974), Jakobson (1960), dentre outros, descrevem um único evento de fala a partir de seus componentes essenciais, ou seja, como aquele que envolve um emissor/orador comunicando uma mensagem a um receptor/destinatário/ouvintes/público sobre algum tópico, por meio de algum canal (como a fala), em algum código denotacional (como a língua portuguesa/inglesa), em algum local espaço-temporal. O contexto de realização do evento de fala pode ser tanto um ambiente físico quanto um mundo social com normas sobre identidades sociais e eventos sociais. Por isso, segundo os autores, o evento tem consequências sociais e realiza ação social (WORTHAM; REYES, 2015; WORTHAM; RHODES, 2015).

desta pesquisa, para entender esse movimento da xenofobia para além do acontecimento (o conflito em Pacaraima), acompanhei os vestígios de sua trajetória nos sites de redes sociais, destaquei sobretudo o enquadramento dado pelas narrativas jornalísticas e examinei a participação da audiência nos comentários dos *posts* noticiosos. Em outras palavras, a trajetória textual escolhida foi estabelecida como rota a fim de observar como as *performances* identitárias de/sobre os migrantes de crise e como o **discurso** (como a xenofobia, o discurso de ódio etc.) se moveram através de eventos de fala cruzados e de processos de **entextualização**.

Considerando que textos se movem muito rapidamente nas mídias sociais, as trajetórias textuais se tornam, assim, acontecimentos intertextuais imprevisíveis. À medida que são projetados para além do contexto original, os textos podem percorrer diversas trajetórias textuais e serem continuamente entextualizados em novos contextos. Dessa forma, Bauman e Briggs (2006) concebem a noção de **entextualização** como:

> o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade – um texto – que pode ser extraído de seu cenário interacional. Um texto, então, nesta perspectiva, é discurso tornado passível de descontextualização. Entextualização pode muito bem incorporar aspectos do contexto, de tal forma que o texto resultante carregue elementos da história de seu uso consigo (BAUMAN; BRIGGS, 2006, p. 206).

É possível dizer, então, que a noção de entextualização remete à particularidade de textos e discursos serem retirados de um contexto e replicados em outro, tornando-se um novo texto com novas condições para contextualização. É difícil prever que entextualizações podem emergir nas trajetórias textuais de um evento. Ainda assim, a entextualização permite incorporar aspectos do contexto, de tal forma que o texto resultante carregue elementos da história de seu uso. Por isso, para Bauman e Briggs (2006), a compreensão dos textos só pode ser concretizada por meio de sucessivos processos de entextualização, descontextualização e recontextualização.

Nessa direção, Fabrício (2017) e Fabrício e Moita Lopes (2018) reiteram que os sucessivos ciclos de entextualização, descontextualização, recontextualização produzem rastros de mutabilidade e regularidade na viagem dos

textos. Como o significado é produzido com base no movimento de oscilação entre regularidade e mutabilidade, são esses dois aspectos que, segundo Fabrício (2017), atribuem nexos e coerência ao processo de construção, circulação e interpretação de sentidos, tendo em vista que a entextualização "diz respeito a laços unindo textos produzidos em episódios específicos de uso da linguagem (e de outros recursos semióticos) e sua recapitulação em outros episódios subsequentes" (FABRÍCIO, 2017, p. 22).

No entendimento articulado por Fabrício (2017), é pela entextualização, descontextualização e recontextualização que ciclos de discursos se movimentam. Isso significa que, ao mesmo tempo em que as trajetórias de textos iteram, citam, copiam e produzem outros textos, elas tornam visíveis regularidades como discursos, ordens de indexicalidade e recursos semióticos capazes de essencializar e normatizar padrões de língua(gem) e identidades sociais (FABRÍCIO, 2017; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018). Conforme os autores citados, é esse tipo de circuito que, performativamente, constrói significados sempre em movimento.

Para o estudo em tela, considero que o conceito de **ordem de indexicalidade** seja relevante, dado que, por meio dele, pode-se estabelecer uma relação entre os **níveis microssociais** e **macrossociais** na análise dos fenômenos linguísticos. Por meio da ordem de indexicalidade, é possível analisar como os "agentes semióticos acessam categorias e conceitos do plano macrossociológico como valores no reino indexável do micro-contextual[46]" (SILVERSTEIN, 2003, p. 193).

A concepção de ordem de indexicalidade também é utilizada por Blommaert (2010) para se referir à **natureza hierarquizada** e **ordenada** dos processos indexicais. Elas evidenciam **normas, crenças** e **valores estratificados** que constituem os **textos/discursos** em **escalas espaço-temporais**. Como explica o autor, as ordens de indexicalidade organizam as diferenças entre, de um lado, os usos linguísticos que categorizam o que é 'bom', 'normal', 'apropriado' e 'aceitável' e, do outro, aquilo que é 'desviante', 'anormal' etc. (BLOMMAERT, 2010, p. 14). Portanto, as ordens de indexicalidade são importantes por definir as linhas dominantes para os sentidos de pertencimento, de construção identitária e do desempenho de diferentes papéis na sociedade.

[46] No original: "(...) how semiotic agents access macro-sociological plane categories and concepts as values in the indexable realm of the micro-contextual".

Assim, chamo a atenção para a importância da **situacionalidade** (nível micro) do contexto da interação (digital ou não) e sua articulação com a **estrutura social** (nível macro). No lugar de estudar o contexto apenas como condição para a produção de discurso, Blommaert (2008) sugere que o **discurso**[47] seja usado como objeto social. Isso significa que é preciso observar também as contribuições referenciais diretas do significado textual, o que implica ver tanto como a linguagem gera a estrutura social, como o econômico, o social e o político geram o linguístico (BLOMMAERT, 2008, p. 113).

Além do papel essencial da língua(gem) na construção do significado social, cultural e político, abraço a idéia de considerar as práticas semióticas que são incorporadas às trajetórias textuais de eventos e narrativas circulantes em diferentes contextos. Olhar para a situacionalidade dos espaços de interação digital, por exemplo, nos permite examinar de perto as relações discursivas que os participantes compartilham e negociam dentro desses espaços. Tal análise requer um olhar atento para as possibilidades e restrições de diferentes plataformas de mídias sociais, mas também para os "processos de transformação e entextualização envolvidos na criação de narrativas em contextos específicos e as lutas de poder para as quais a narrativa de histórias contribui" (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2015, p. 13) . Essa visão compartilha uma orientação para entender o ato de contar histórias em diferentes contextos como um processo.

Como esta pesquisa apresenta características da etnografia digital, para compreender a mobilidade dos textos e dos posicionamentos interacionais, busquei observar também as diferentes escalas que emergiram nas trajetórias do evento nas plataformas digitais. A definição de **escala** é ampla, multidisciplinar e depende dos diferentes sentidos que as pessoas empregam em relação ao termo. Em um sentido amplo, a noção de escala pode compreender os muitos aspectos em que a vida

---

[47] Gee (1999) emprega o termo "D/discurso", com as iniciais maiúsculas e minúsculas, para diferenciar como o discurso é materializado nos níveis micro e macrossociais. O autor argumenta que o discurso não se refere apenas às palavras faladas ou escritas, mas também engloba as práticas sociais e as estruturas de poder. Para tanto, Gee (1999) usa a convenção do "D" maiúsculo para se referir ao discurso como uma forma geral de comunicação e significado, e o "d" minúsculo para fazer referência a discursos específicos que ocorrem em contextos locais. Apesar de entender que essa convenção criada pelo autor prevê uma concepção dinâmica sobre o discurso, nesta tese, optei por não marcar a diferença de escrita entre "D/d". Isso porque, assim como argumentam Blommaert e De Fina (2015), os eventos linguísticos e as práticas discursivas podem emergir de forma interconectada em diferentes escalas espaço-temporais.

social pode ser dimensionada como espaço, tempo, política, público, privado e interações de todos os tipos (CARR; LEMPERT, 2016).

Nesse aspecto, a análise das trajetórias de eventos cruzados em novas mídias (como os sites de redes sociais) possui algumas diferenças em relação à pesquisa etnográfica tradicional. Com base no entendimento de Wortham e Reyes (2015), os dados etnográficos, muitas vezes, traçam uma cadeia de interações com a extensão de um único elo e se estendem apenas por um pequeno número de eventos. No entanto, nas novas mídias, os padrões de eventos cruzados tendem a ocorrer em escalas espaciais (virtuais) mais extensas e em escalas temporais intermediárias. As cadeias de eventos narrativos são amplificadas pelas mídias sociais, possibilitando o acesso a muitos links de vários nós e projetando-se para uma ampla gama de destinatários (WORTHAM; REYES, 2015).

Outro aspecto da pesquisa com narrativas em contextos digitais é que os participantes estão separados uns dos outros no espaço e no tempo. Os interlocutores até podem se conhecer no contexto offline, mas, muitas vezes, é comum que pessoas que nunca se conheceram presencialmente interajam e realizem ações sociais conjuntas em ambientes de mídias sociais. Em comparação à análise da escala temporal na pesquisa etnográfica, as ações sociais realizadas por meio de novos dados de mídia, diferente da abordagem tradicional, emergem e mudam ao longo de horas, dias e meses, em vez de anos e décadas (WORTHAM; REYES, 2015). Do mesmo modo, no lugar de observarmos um processo sócio-histórico de longo prazo, a interação é estendida (ampliada), pois os participantes em contextos online esperam respostas rápidas, ao passo que os tópicos das conversas interacionais também mudam rapidamente.

A esse respeito, o intuito de realizar uma análise que se atente também às escalas espaço-temporais (e não somente) na análise narrativa deve-se ao reconhecimento das relações que podem ser estabelecidas entre o nível linguístico e o nível social. Além disso, por meio de alinhamentos espaço-temporais entre o evento narrado e o evento narrativo, os narradores podem alcançar diferentes efeitos pragmáticos. Como têm mostrado os trabalhos de alguns pesquisadores, essas escalas não são ideologicamente neutras, visto que configuram algum tipo de posicionamento do(s) narrador(es) e dos comentadores em sites de mídias sociais. Assim, atentar-se para a orientação dos elementos cronotópicos pode contribuir para

compreender não apenas como a ação se estrutura, mas também como a narrativa indexa e reproduz diferentes tipos de identidades (BLOMMAERT; DE FINA, 2015; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2015; DE FINA; PERRINO, 2017; FABRÍCIO, 2017).

Considerando que parte dos dados que constitui o *corpus* desta tese é formada por narrativas jornalísticas online, na próxima seção, discorro sobre as características específicas desse tipo de relato, em especial sobre o enquadramento noticioso e as emergentes *fake news*.

2.3 Narrativas jornalísticas, enquadramento (framing) e desinformação

O tema da migração tem emergido como um dos tópicos principais nas narrativas jornalísticas de diferentes meios de comunicação convencionais e digitais dentro e fora do país. E não é novidade que o discurso da mídia já provou ser eficaz no que diz respeito à (re)produção de representações discursivas estigmatizantes e estereotipadas sobre imigrantes e refugiados (van DIJK, 2008; LASSO, 2018; CANTALAPIEDRA, 2019). Como apontei anteriormente, nos últimos anos, o Brasil tem observado uma constante chegada de migrantes do Sul Global e que se somam aos demais contingentes que já residem no país. Como é de conhecimento, neste trabalho, investigo a trajetória textual do evento “Bota Fogo!” para entender como migrantes de crise, especificamente os/as venezuelanos/as, se narram e são narrados em narrativas jornalísticas e interações (comentários e reações multissemióticas da audiência) que circularam em alguns portais de notícias *online*. Por isso, ampliei o construto teórico das narrativas para incluir aspectos importantes do discurso jornalístico para dar conta dessa empreitada analítica envolvendo o contexto midiático.

Assim como as narrativas de histórias de vida, o texto comunicativo (informativo ou persuasivo) requer estruturas narrativas para organizar o discurso. No caso da mídia, “os acontecimentos noticiosos são apresentados de forma sistemática, com base em convenções narrativas que oferecem uma explicação

sobre “quem” está fazendo “o quê” e “para que” finalidade[48]” (ARDÈVOL-ABREU, 2015, p. 424). A notícia enquanto narrativa jornalística é definida por Ardèvol-Abreu (2015) como “uma construção textual e visual realizada em torno de um eixo central de pensamento, de uma determinada perspectiva, construída por um profissional da informação (embora não só por ele) que irá fornecer um quadro de interpretação para o público exposto à mensagem[49]” (2015, p. 424).

Em geral, no jornalismo, uma única notícia ou reportagem pode ser configurada como uma narrativa porque tem uma estrutura textual fechada, cuja função é relatar fatos, dramas pessoais/coletivos, lugares e acontecimentos de interesse público com efeitos de veracidade e realidade (MOTTA, 2013). O relato jornalístico, a exemplo do gênero textual notícia, é redigido em terceira pessoa com linguagem descritiva e objetiva. A parte mais evidente desse tipo de texto é a **lide**, na qual o jornalista narra o que aconteceu, quem são os participantes envolvidos no evento, quando, como e o porquê do incidente reportado.

Entretanto, esse gênero textual busca retratar a realidade de forma fragmentada e inconclusa e basicamente não admite a manifestação da subjetividade. Isto é, as notícias relatam “fragmentos parciais de histórias e atores dos dramas e tragédias humanas contadas e recontadas diariamente, pontuadas de lacunas e hiatos de sentido que precisam ser permanentemente negociados pelo receptor no ato de leitura” (MOTTA, 2007, p. 162). E, nesse sentido, torna-se um desafio caracterizar as notícias como narrativas.

Desse modo, para desvelar a lógica narrativa de uma notícia e/ou reportagem, é preciso observar principalmente como os textos lidam com o tempo e o organizam. Como o tempo no relato jornalístico é difuso, seguindo o modelo de análise pragmática da narrativa proposto por Motta (2007, 2013), é crucial ordená-lo como no tempo narrativo. Para isso, é preciso reconfigurar os relatos como unidades temáticas, reunindo as informações com o mesmo assunto que estavam dispersas (separadas por intervalos temporais nos portais de notícias) e recompor os

---

[48] No original: “los acontecimientos noticiosos se presentan de manera sistematizada, basada en convenciones narrativas que ofrecen una explicación acerca de quién está haciendo qué, y con qué propósito”.

[49] No original: “es una construcción textual y visual llevada a cabo alrededor de un eje central de pensamiento, de una determinada perspectiva, construida por un profesional de la información (aunque no sólo por éste) que proporcionará un marco de interpretación para los públicos que se expongan al mensaje”.

encadeamentos narrativos (antecedentes e consequentes), ou seja, a sequência temporal do enredo dos conflitos noticiados.

Conforme explica Motta (2013), a narrativa de um relato jornalístico fica evidente quando conseguimos reordenar a cronologia dos acontecimentos, "encontrar os antecedentes, identificar e reposicionar as personagens, seus papéis e **funções** no desenrolar dos episódios" (MOTTA, 2013, p. 98, grifo meu). No caso desta tese, essa explicação confirma a importância de se utilizar uma abordagem pragmática para analisar notícias, visto que reconhece a importância do papel dos atores sociais no processo de produção e recepção do significado das narrativas.

A abordagem pragmática da narrativa, como propõe Motta (2007, 2013), deve evitar uma análise simplesmente linguística e textual, e considerar conjuntamente outros aspectos extralinguísticos importantes na comunicação jornalística como:

> as estratégias e intenções textuais do narrador, por um lado, e o reconhecimento (ou não) das marcas do texto e as interpretações criativas do receptor, por outro lado. A **ênfase está no ato de fala**, na dinâmica de reciprocidade, na **pragmática comunicativa**, não na narrativa em si mesma. (...) observar **as narrativas jornalísticas** como **jogos de linguagem**, como **ações estratégicas de constituição de significações em contexto**, como uma **relação entre sujeitos atores do ato de comunicação jornalística**. A narrativa não é vista como uma composição discursiva autônoma, mas como um dispositivo de argumentação na relação entre sujeitos (MOTTA, 2007, p. 146-147, grifos meus).

Cabe observar, em uma análise pragmática da narrativa jornalística, as condições que regulam o uso da língua(gem), como a ênfase nos atos de fala, mas também o emprego de um enunciado concreto realizado por participantes concretos (emissor/narrador e destinatário/narratário) em uma situação comunicativa concreta. Em face disso, adoto nesta pesquisa a abordagem pragmática justamente porque, assim como propõe Motta, alguns procedimentos desse tipo de análise não se encerram apenas na compreensão do relato noticioso, mas incluem no processo analítico a performance do narrador e da audiência em um contexto situado de comunicação. Como explica o pesquisador, "as narrativas só existem em contexto e, para cumprir certas finalidades situacionais, sociais e culturais, não podem nunca serem analisadas isoladamente" (MOTTA, 2013, p. 120). Dessa maneira, para

analisar a produção do significado, o texto representa o ponto de partida e o elo com a performance dos participantes na produção e interpretação da narrativa.

A análise pragmática da narrativa investiga, então, "como as pessoas compreendem, representam e constituem argumentativamente o mundo através dos atos de fala narrativos intersubjetivos" (MOTTA, 2013, p. 129). Em decorrência disso, a narrativa jornalística também é construída de um ponto de vista determinado, isso significa que, independentemente da pretensão de que a notícia seja isenta e imparcial, ela é fortemente determinada por um fundo ético ou moral. Na percepção de Motta (2007, 2013), a ordem ética e moral – que também pode conter aspectos políticos, ideológicos, psicológicos, religiosos etc. – corresponde ao plano da estrutura da narrativa jornalística, na qual a sequência de notícias sobre um determinado assunto se desenvolve e justifica o relato de um acontecimento como notícia.

Diferentes fatores conferem valores a uma notícia e conformam os critérios de noticiabilidade que contribuem para decidir quais acontecimentos podem se transformar ou não em notícia. Serrano (2003) procurou sistematizar diferentes fatores ou características dos eventos e/ou temas que potencializam narrar um acontecimento como notícia, a saber:

> 1) proximidade temporal, proximidade física, consequência, proeminência, drama, atração, conflito, sexo, emoção e progresso; 2) atualidade, proximidade, destaque, importância, raridade, interesse humano, amor à luta, emoções, desejos de melhoria e entretenimento; 3) atualidade, proximidade e familiaridade, eminência ou celebridade, novidade ou raridade, vida, rivalidade e luta, sentimentos, amor, utilidade, dinheiro ou propriedade, entretenimento e esportes, interesses locais e gerais, interesses domésticos, moralidade, cultura e número e qualidade dos leitores afetados[50] (SERRANO, 2003, p. 161).

Estão presentes nessa lista as ideias de proximidade, relevância, atualidade, facticidade, etc., mas também de sensacionalismo, quando Serrano (2003) se refere ao apelo de emoções e sentimentos humanos como atributos que

[50] No original: "1) proximidad temporal, proximidad física, consecuencia, prominencia, drama, atracción, conflicto, sexo, emoción y progreso; 2) actualidad, proximidad, prominencia, importancia, rareza, interés humano, amor a la lucha, emociones, deseos de superación y entretenimiento; 3) actualidad, proximidad y familiaridad, eminencia o celebridad, novedad o rareza, vida, rivalidad y lucha, sentimientos, amor, utilidad, dinero o propiedad, diversiones y deportes, intereses locales y generales, intereses domésticos, moralidad, cultura y número y calidad de los lectores afectados".

podem agregar valor de notícia aos acontecimentos. Em resumo, essa sistematização corresponde a fatores de interesse público, cujas circunstâncias devem estar sujeitas ao contexto comunicativo (situação de conflito) e à pragmática informativa (OROSA; SANTORUM, 2012).

Como afirmam Orosa e Santorum (2012), apesar de cada situação de conflito apresentar peculiaridades que podem influenciar a construção da realidade pela mídia, é o contexto que vai determinar quais critérios de noticiabilidade serão aplicados a cada evento. Esses fatores me ajudaram a entender por que o ataque ao acampamento de migrantes em 18 de agosto de 2018 se converteu rapidamente em notícia, não apenas pelo trabalho da imprensa convencional, mas também pela cobertura midiática feita pelos próprios manifestantes do conflito.

Nesse caminho, é importante não esquecer o papel ativo da audiência (leitor, telespectador ou ouvinte) na construção do significado dos relatos noticiosos. A narrativa jornalística recebe contornos morais e éticos por meio da interpretação da audiência. Cabe ao movimento interpretativo do destinatário a função de conectar os fragmentados episódios das notícias com as difusas histórias em uma trajetória temporal e preencher as lacunas de significados através de atos criativos de recepção (MOTTA, 2007). É, pois, nessa dinâmica, que podemos reconhecer a relação entre os interlocutores, a narrativa e o contexto. No capítulo de análise de dados, concentro-me na observação do contexto (espaço-temporal, político, cultural etc.) em que ocorreu o evento “Bota Fogo!” para compreender as circunstâncias do ataque dos brasileiros ao acampamento dos venezuelanos.

Como forma de operacionalizar metodologicamente a análise pragmática da narrativa jornalística, recorro a alguns procedimentos descritos por Motta (2013) em três instâncias que se entrecruzam: **1) plano da expressão**[51] (discurso ou linguagem); **2) plano da estória** (enredo ou conteúdo) e; **3) plano da metanarrativa** (tema de fundo).

O primeiro plano refere-se ao uso da linguagem (verbal, visual, sonora, multimodal etc.) em que o enunciado narrativo é construído pelo narrador com o objetivo de relatar determinado acontecimento ao narratário. Conforme descreve o autor, na análise do plano da expressão, é verificado como os recursos de

[51] Para analisar o plano da expressão das narrativas aqui enquadradas, lanço mão do conceito de pistas indexicalizadoras (WORTHAM, 2001; BIZON, 2013), cuja explicação apresento mais adiante neste capítulo teórico.

língua(gem) são usados estrategicamente para produzir efeitos de sentido. No segundo plano, por sua vez, “uma realidade referente é evocada pelo texto narrativo através de sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga (enredo ou trama)” (MOTTA, 2013, p. 136). Nessa análise do plano do conteúdo, é observada a organização do enredo da narrativa jornalística como, por exemplo, as ações isoladas e seus encadeamentos em episódios, a caracterização e os papéis dos participantes (personagens), os conflitos (principais e secundários), entre outros elementos nas linhas da história. E, com relação ao último plano, a metanarrativa evoca temas de fundo ético e moral. Esse plano possibilita revelar a estrutura profunda da narrativa em situações éticas expressas pelo narrador quando aborda temas no campo da cultura, política, ideologia, para citar alguns[52] (MOTTA, 2013, p. 133-138).

Em relação às formas de circulação de conteúdo nas plataformas digitais, vale destacar a importância de dois elementos fundamentais para analisar as narrativas jornalísticas (e não somente) na atualidade: **cultura da convergência** e **narrativa transmídia**. A cultura da convergência e a narrativa transmídia são conceitos cunhados por Jenkins (2009) que ajudam a compreender as transformações contemporâneas no campo da produção e recepção de conteúdos midiáticos. Como explica Jenkins (2009), a cultura da convergência refere-se ao ambiente midiático, caracterizado pela interconexão e interação de diferentes plataformas e tecnologias, promovendo uma convergência de mídias e fluxos de informação. Nesse contexto, a narrativa transmídia emerge como uma abordagem narrativa que se estende além dos limites de um único meio, explorando a possibilidade de contar histórias de maneira fragmentada, mas complementar, por meio de diversos canais e formatos. De acordo com Jenkins (2009), essa forma de narrativa busca envolver e engajar o público de maneira mais profunda, promovendo uma participação ativa dos receptores na construção narrativa. Assim, a cultura da convergência e a narrativa transmídia se entrelaçam, alimentando-se mutuamente e reconfigurando os processos de produção, circulação e consumo de conteúdos midiáticos na sociedade contemporânea (JENKINS, 2009).

[52] No capítulo de análise de dados, com base nos planos descritos por Motta (2013), apresento uma tabela que sistematiza os procedimentos da análise pragmática da narrativa a partir dessas três instâncias.

Nesta pesquisa, esses dois conceitos são importantes para examinar como os portais de notícias (especificamente, G1, *TeleSUR, Globovisión* e *DW Español*) compartilham seus conteúdos em diferentes plataformas digitais, como sites, redes sociais e aplicativos móveis. Essa disseminação multicanal dos conteúdos permite que os usuários acessem as notícias de forma mais ampla e diversificada, adaptando-se às preferências e hábitos individuais. Além disso, os portais de notícias podem utilizar elementos transmídia em suas narrativas, complementando a informação textual com vídeos, imagens interativas e infográficos, por exemplo, proporcionando uma experiência mais participativa e engajadora para o público (JENKINS, 2009). Dessa forma, os portais de notícias exemplificam como a cultura da convergência e a narrativa transmídia estão presentes no cenário midiático contemporâneo, remodelando a produção e circulação de informações.

Em síntese, discorri nesta seção sobre a ideia de que, assim como a narrativa canônica, os relatos jornalísticos, seja em contextos offline ou em plataformas digitais, procuram tornar a experiência humana compreensível. Para tanto, as narrativas jornalísticas empregam estratégias enunciativas e argumentativas, ao passo que, organizam episódios aparentemente dispersos em encadeamentos coerentes, embora não lineares. Por fim, as narrativas jornalísticas ordenam acontecimentos e pessoas para lhes atribuir papéis e sentidos em um contexto específico, por meio de **enquadramentos** e de modelos simbólicos socialmente compartilhados, como mostro a seguir.

2.3.1 Enquadramento de relatos noticiosos (news framing)

Do mesmo modo que a narrativa retrata apenas uma versão da realidade, o relato jornalístico também deve ser entendido como um enquadramento que delimita o acontecimento a que se tem acesso, e cujo significado simbólico é preciso identificar, elucidar e interpretar. Como esclarece Motta (2007, p. 164), “os jornalistas só destacam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgridem algum preceito ético ou moral, alguma lei, algum consenso cultural”. Dessa maneira, alguns aspectos da realidade percebida e enquadrada por meio das notícias terão

mais destaque do que outros, então, para compreendê-los, é preciso levar em consideração **tanto o que é enfatizado como o que é omitido na narrativa**. O enquadramento está, portanto, presente no trabalho de quem escreve o relato noticioso e chega até o leitor, que precisa compreender a notícia e a realidade a que ela se refere (ARDÈVOL-ABREU, 2015).

Como esta pesquisa se insere no campo da Linguística Aplicada, assumo uma abordagem in(ter)disciplinar para realizar a análise pragmática da narrativa jornalística a respeito da migração venezuelana no Brasil. Como esse tipo de abordagem se mostrou muito abrangente, para restringir o foco de análise, observei, nesta pesquisa, sobretudo as trajetórias textuais do ataque "Bota Fogo!", ocorrido em Pacaraima/RR, no ano de 2018, para investigar que enquadramentos foram utilizados para elaborar as notícias sobre o evento.

A noção de **enquadre/enquadramento** (*frame/framing*) ou **quadro**[53], em sua origem empregada para compreender a interação humana e o discurso oral, foi desenvolvida por Goffman a partir do empréstimo conceitual de Bateson (GOFFMAN, 2013). Conforme conceitua Erving Goffman, "o enquadre situa a metamensagem contida em todo enunciado, sinalizando o que dizemos ou fazemos, ou como interpretamos o que é dito ou feito" (2013, p. 107).

Goffman ([1974]1986), inspirado em uma perspectiva cinematográfica e dramatúrgica de enquadramento, entende os **enquadres** como **construções da realidade** que se articulam entre si e adquirem sentido ao se relacionarem umas com as outras. Essa visão do autor é oriunda da definição do conceito de **situação.** Nas palavras de Goffman, "as definições de uma situação são construídas de acordo com os princípios de organização que governam os eventos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjetivo neles" e, nesse sentido, *frame* é uma palavra que pode ser usada para se referir "a esses elementos básicos que sou[é] capaz de identificar[54]" (GOFFMAN, [1974]1986, p. 10-11). Em outras palavras, em uma situação de interação os atores sociais não respondem diretamente a fatos objetivos, mas o fazem com base em sua interpretação. Isso quer dizer que a

---

[53] O livro em que Goffman desenvolve a teoria de *frame* foi publicado em 1974 com o título de *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Sua tradução para o português apenas aconteceu em 2012, com o título de "Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise".

[54] No original: "I assume that definitions of a situation are built up in accordance with principles of organization which govern events — at least social ones — and our subjective involvement in them; frame is the word I use to refer to such of these basic elements as I am able to identify".

interpretação (com fundo normativo e social) condiciona a resposta das pessoas envolvidas na interação.

Os estudos de Goffman focalizam principalmente a interação face a face, entretanto, as possibilidades de aplicação da noção de enquadramento não são fixas. Esse conceito tem sido empregado em uma diversidade de contextos, especialmente no campo do jornalismo, e, mais recentemente, na análise da interação em plataformas de mídias sociais. Além disso, os postulados dessa teoria, cada vez mais, têm enfocado o tema da imigração para avaliar os diferentes enquadramentos utilizados pelos jornalistas para elaborar as suas notícias (MUÑIZ, 2007, 2011).

O enquadramento, segundo Goffman (2013), é uma forma de organizar a experiência social e orientar os participantes em uma situação interacional. A preocupação do sociólogo com essa concepção é responder “O que está acontecendo aqui agora?”, ou seja, “onde, quando e como se situa esta interação?” (GOFFMAN, 2013, p. 107). Assim, para que os atores sociais sejam capazes de dar sentido às experiências, eles devem enquadrá-las, ou melhor, recortar a realidade para realizar diferentes ações sociais e interpretá-las. Isso significa que, como seres sociais que somos, nossa idiossincrasia influencia a interpretação do significado situacional. Também o/a jornalista no momento de estruturar uma notícia interpreta a realidade, mas não está isento de se posicionar diante de um acontecimento. E o enquadramento contribui justamente para desvelar o pretendido objetivismo informativo do texto jornalístico.

Dessa forma, o conceito de enquadre/enquadramento pode funcionar como um instrumento para descrever o processo de interpretação e significação particular, como uma metodologia para a análise do discurso jornalístico e “como modelo para explicar tanto a elaboração do processo informativo como o modo em que os meios produzem efeitos sobre sua audiência[55]” (GARRAZA et. al., 2012). Desse modo, em uma narrativa jornalística, o conceito de enquadramento estuda a forma como a mídia estabelece o enfoque das notícias e como os meios de comunicação podem influenciar a percepção que a audiência tem da realidade.

A partir dessa aproximação ao campo midiático e informativo, Robert Entman (1993) descreveu o enquadramento como o ato de “selecionar alguns

[55] No original: “como modelo para explicar tanto la elaboración del proceso informativo como el modo en que los medios producen efectos sobre su audiencia”.

aspectos de uma realidade percebida e torná-la mais saliente em um texto comunicante de forma a promover uma definição de problema particular, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para o item descrito[56]" (1993, p. 52). Essa noção de enquadramento de Entman aponta como função destacar e vincular dados selecionados para contar histórias mais ou menos coerentes.

Os passos sistematizados por Entman (1993, 2001) para identificar o enquadramento de uma notícia passam por determinar qual é o problema destacado; identificar as causas, ou seja, quais forças estão criando o problema; fazer julgamentos morais, o que significa avaliar os agentes causais e seus efeitos; e, por último, sugerir possíveis soluções, justificando os tratamentos que foram dados aos problemas e, se possível, prever seus prováveis efeitos (ENTMAN, 1993; ENTMAN; ROJECKI, 2001). Em uma revisão de sua própria definição de *framing,* com poucas alterações, Entman (2003) passou a defini-lo como o movimento de selecionar e destacar algumas facetas de eventos ou questões e fazer conexões entre elas de modo a promover uma interpretação, avaliação e/ou solução específica (ENTMAN, 2003). Vale destacar que, no enquadramento de uma narrativa jornalística, é importante observar o uso de palavras e imagens altamente salientes em uma cultura, ou seja, a presença de signos perceptíveis, compreensíveis, memoráveis e carregados de emoção.

As pesquisas mais recentes que utilizam os aportes da teoria de enquadre/enquadramento têm se centrado em diferentes aspectos do enquadramento. É possível focalizar, por exemplo, um dos elementos da comunicação como o emissor, o texto narrativo (informativo), a audiência ou a cultura, ou mesmo, as interações em sites de mídias sociais.

Nesta pesquisa, emprego a noção de **enquadre** para observar como as narrativas da mídia (e, por sua vez, do discurso público nas redes sociais) enquadraram o ataque "Bota Fogo!". Do mesmo modo que esse conceito pode mostrar como as narrativas jornalísticas "enquadraram" o conflito na fronteira de Pacaraima como uma história de migração de crise, pode também apontar como foram selecionados certos aspectos do evento que convocaram as reações

[56] No original: "To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation and/or treat recommendation for the item described".

(xenofóbicas e de ódio) compartilhadas pelo público nas mídias digitais sobre os/as migrantes venezuelanos/as. Como sustentado por Entman e Rojecki (2001), ao destacar um certo enquadramento, o relato noticioso pode omitir outras associações possíveis, com conexões menos acessíveis ao público. E, neste sentido, foi necessário me debruçar, inclusive, sobre o significado político e moral implícito nos enquadramentos das narrativas jornalísticas e midiáticas a respeito do evento narrado.

2.3.2 Narrativas online e fake news

No contexto que precedeu o período eleitoral de 2018 no país, o contrato social tácito, que por muito tempo atribuiu à mídia tradicional o papel de co-construção da “verdade dos fatos”, começou a apresentar fraturas. Com o crescimento ascendente de grupos conservadores e de ultradireita no país, a imprensa brasileira, enquanto um meio de comunicação e informação convencional, começou a ser questionada e algumas plataformas de mídias sociais foram usadas como veículos alternativos de disseminação de desinformação.

Conforme o monitoramento da Sala de Democracia Digital das eleições de 2018 (Figura 5), as notícias que tiveram mais engajamento no Facebook e no Twitter (com um total de 393.552 interações), no período de 16 de agosto de 2018 a 21 de agosto de 2018, versaram sobre o conflito em Pacaraima/RR e os últimos acontecimentos na Venezuela.

Figura 5 - Notícias com maior engajamento nas mídias sociais

Publicação	Manchete	Twitter	Facebook	Total
19/08	Roupas de refugiados sendo queimadas mostram ao mundo um Brasil sem governo	1.883	145.936	147.819
18/08	'Prefiro morrer de fome na Venezuela do que agredido aqui', diz imigrante atacado por brasileiros na fronteira em RR	897	105.709	106.606
19/08	Venezuela pede ao Brasil que proteja venezuelanos do ataque de brasileiros	13	29.779	29.792
19/08	Pacaraima tem ruas desertas após confronto entre brasileiros e venezuelanos	66	21.054	21.120
19/07	Eles nos expulsaram como cachorro, diz imigrante venezuelana em Roraima	93	19.295	19.388
18/08	Venezuelanos e brasileiros se confrontam nas ruas de cidade de Roraima	234	15.186	15.420
20/08	Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde	0	15.243	15.243
18/08	Brasileiros queimam acampamentos e agridem venezuelanos em Roraima	79	13.089	13.168
18/08	Terror e destruição: Venezuelanos são alvos de ataques em Pacaraima	0	13.152	13.152
18/08	Venezuelanos atravessam a fronteira após ataques em RR; veja vídeo	200	11.644	11.844

Fonte: Sala de Democracia Digital/FGV, 2018[57].

Como se observa na Figura 5, entre as notícias com maior engajamento, consta a narrativa intitulada “Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde”, que viralizou como notícia em 20 de agosto de 2018. No relato, que faz parte do *corpus* desta pesquisa, a narradora descreve os problemas relacionados com a presença de migrantes venezuelanos na fronteira de Roraima. O conteúdo dessa narrativa foi posteriormente verificado pela Agência

[57] Disponível em: https://observa2018.dapp.fgv.br/posts/conflitos-em-roraima-geram-debate-polarizado-e-acentuam-problemas-da-politica-migratoria/. Acesso em: 08 set. 2019.

Lupa, sendo constatado que o texto incorporava informações falsas e exageradas sobre o contexto migratório.

Com a popularização da internet e com o crescimento das plataformas digitais e das redes sociais online, a produção de fake news aumentou em profusão, instaurando, segundo Santaella (2018), uma lógica inédita que facilita os modos de publicação e o compartilhamento de informações e notícias falsas. A expressão *fake news* e o significado que a conceitua não são novos e tampouco desconhecidos. As notícias falsas, definidas como "boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras" (SANTAELLA, 2018, p. 29) sempre existiram e podem causar problemas graves quando sua falsidade se revela.

Embora não haja novidade no uso, é importante marcar a diferença entre fake news e boatos/rumores. Os boatos e rumores não são enunciações necessariamente falsas. Nas palavras de Piaia (2018, p. 28), podem servir como "uma forma de orientação coletiva e podem ser definidos somente pela falta de verificação e não pela sua veracidade ou não". Os rumores, geralmente, surgem em situações de indefinição ou de crise como, por exemplo, um período de transição política, momentos de violência, desastres ambientais etc., ou seja, são marcados por especulações a partir da falta de informações. As fake news, por outro lado, ademais do caráter de veicular informação falsa, não surgem em um momento de incerteza e visam declaradamente desestabilizar um contexto estável.

O termo que era frequentemente utilizado nos Estados Unidos como elemento de sátira em comentários políticos de programas humorísticos[58], passou, então, a proliferar-se rápida e severamente, ampliando cada vez mais as consequências dessa prática. Em relação ao uso mais contemporâneo, as fake news podem ser totalmente falsas ou conter "elementos deliberadamente enganosos incorporados em seu conteúdo ou contexto"[59] (BAKIR; MCSTAY, 2017, p. 1).

O que chama atenção é que uma das principais características das fake news não é, necessariamente, o conteúdo falso de suas mensagens, mas a valorização do volume de curtidas e compartilhamentos. O impacto advém de sua frequência e proliferação em tempo real. Conforme explica Santaella (2018, p. 32),

[58] Bakir e Mcstay (2017) citam como exemplos desse tipo de programa televisivo *The Daily Show*, de Jon Stewart, e *The Colbert Report*, de Stephen Colbert (ambos agora extintos).

[59] No original: "We define fake news as either wholly false or containing deliberately misleading elements incorporated within its content or context".

“o usuário compartilha sem nem mesmo ler o conteúdo, só passando os olhos na chamada e na imagem, cujo poder de atração as colocam no foco central da atenção”. As *fake news*, quase sempre combinadas com títulos e imagens impactantes, têm como objetivo provocar a reação emocional do receptor, através do apelo ao sensacionalismo. Além disso, buscam “influenciar a visão que as pessoas têm dos fatos, para causar confusão desinteressada ou interessada” (SANTAELLA, 2018, p. 33), ou mesmo promover um programa de campanha política.

Ao lado de acepções como “pós-verdade”, “mídia falsa” e “fatos alternativos”, o termo *fake news* ganhou destaque a partir das eleições de 2016 nos Estados Unidos, com a disseminação de desinformação*,* em grande parte, “pelo então candidato Donald Trump contra seus adversários na mídia para desqualificar as informações que desfavoreciam sua candidatura” (INTERVOZES, 2019, p. 7). Ross e Rivers (2018) destacam o fato de Trump predicar a mídia insistentemente como desonesta e não confiável, apresentando-se, em oposição, como a fonte da “verdade”. As interações de Trump no Twitter atraíram críticas devido à sua postura considerada desonesta pelo jornalismo profissional, pois a retórica do político consistia em fazer acusações e disseminar notícias falsas, ao mesmo tempo em que desviava a atenção para si.

O envolvimento de desinformação na cena política não teve início com a internet, a mídia tradicional também já foi acusada de ocultar fatos para favorecer seus interesses. A inovação que surge com as novas tecnologias pode estar, de acordo com o Intervozes (2019, p. 6), na “escala (a velocidade da propagação quase imediata combinada com alcance global, popularizada como “viralização”) e no direcionamento segmentado das mensagens associado à coleta de dados pessoais dos(as) usuários(as) de Internet”. Somam-se a essa promoção deliberada de desinformação o uso de “bots” e “ciborgues”, ou seja, instrumentos automatizados de distribuição de conteúdo na internet[60]. É ao processo eleitoral de 2018, no Brasil, que se atribui o crescimento na “produção e difusão em escala industrial de conteúdos enganosos criados para incentivar o ódio, o preconceito e a discriminação” (INTERVOZES, 2019, p. 23).

[60] O Instituto Tecnologia e Sociedade (ITS Rio), em pesquisa realizada a partir da análise de grupos de *WhatsApp,* identificou o uso de *bots* na difusão de um grande volume de *fake news* no período eleitoral de 2018 (INTERVOZES, 2019).

Nos dados citados por Cesarino (2018, p. 1), “98,21% dos eleitores de Bolsonaro foram expostos a uma ou mais mensagens com conteúdo falso durante a eleição, e 89,77% acreditaram que eram verdadeiros”. Em sua maioria, na percepção da autora, não se confirmou a falsidade integral do conteúdo, mas sim sua distorção, muitos foram retirados de contexto ou disseminados sem referências confiáveis. O alvo dessas fake news giravam, principalmente, em torno de ataques às mulheres, à comunidade LGBTI, aos negros e aos imigrantes e/ou refugiados (venezuelanos) e também à mídia (Rede Globo, Folha de S. Paulo).

Nessa direção, compreendo por que Wardle e Derakhshan (2017) evitam usar estritamente o termo *fake news*, pois, além de ser inadequado para compreender a complexidade dos fenômenos da desordem de informação, a acepção acabou sendo apropriada por políticos de todo o mundo para descrever organizações de notícias, cuja cobertura eles pensam ser desagradável, tornando-se, assim, um mecanismo utilizado para reprimir e minar a imprensa livre.

Em contraposição, os autores introduzem três conceitos – *misinformation, disinformation* e *mal-information* – para se referir à propagação inadequada de informações. Numa definição dos pesquisadores, *misinformation* (informação incorreta) corresponde ao compartilhamento inadvertido de informações falsas ou imprecisas, mas nenhum dano é causado; *disinformation* (desinformação) refere-se à criação e disseminação intencionalmente maliciosa de informações conhecidas como falsas, no intuito de causar danos; enquanto *mal-information* (informação mal-intencionada) “são quando informações genuínas são compartilhadas para causar danos, geralmente mobilizando informações projetadas para permanecer privadas na esfera pública”[61] (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 5). Entretanto, é preciso advertir que existe a possibilidade de as pessoas compartilharem *fake news*, de forma deliberada, sem saber *a priori* tratar-se de notícias falsas, acreditando, de fato, que as mensagens carregam informações verdadeiras.

Após a propagação de *fake news* nas eleições de 2016 nos EUA, o Facebook se uniu a vários sites de verificação de fatos (*fact-checking*) para sinalizar aos usuários quando os conteúdos postados na plataforma digital pareciam potencialmente falsos ou deliberadamente enganosos. *Fact-checking,* segundo Bakir

[61] No original: “Mis-information is when false information is shared, but no harm is meant; Dis-information is when false information is knowingly shared to cause harm; Mal-information is when genuine information is shared to cause harm, often by moving information designed to stay private into the public sphere”.

e Mcstay (2017), corresponde ao processo de **verificação de fatos**, determinando a melhor fonte para fazê-lo e classificá-los, avaliando se as evidências confirmam ou contradizem as alegações. No Brasil, algumas iniciativas e sites vêm sendo criados no intuito de somar esforços para alertar, verificar e/ou combater a disseminação de *fake news* e desinformação. Santaella (2018) apresenta alguns exemplos: o "Vaza, Falsiane!", projeto do Facebook; o bot "FactMa", com orientação no Messenger sobre como trafegar na internet; as agências de checagem de informações o "Truco", da Agência Pública, o site "Aos Fatos" e a "Agência Lupa", da Revista Piauí etc. Cito ainda as cartilhas informativas do Intervozes (2019), os cursos para professores do "Projeto EducaMídia"[62] e a "Sala de Democracia Digital", uma iniciativa da Fundação Getúlio Vargas para monitorar o debate público e o impacto das práticas de desinformação nas redes sociais, principalmente, durante o período eleitoral de 2018.

2.4 Posicionamento na análise de narrativas online

Ao se estudar os fluxos de mobilidade humana, é importante pensar em como as narrativas são um importante instrumento para analisar a *performance* e o *posicionamento* no processo interacional e na construção identitária dos atores sociais. Como explicitei anteriormente, nesta pesquisa, focalizo trajetórias narrativas de um evento ("Bota Fogo!") em diferentes sites de mídia social. E para isso, julguei importante somar aos construtos teóricos e interdisciplinares da Linguística Aplicada, uma abordagem pragmática para compreender o uso da língua(gem) nessas novas plataformas de interação digital.

Em sua pesquisa, Bizon (2013) argumenta que as narrativas são **atos de fala performativos** que, além de conotar certos tipos de significados, "também performam identidades e ensaiam, encenam e modificam realidades sociais e normas" (BIZON, 2013, p. 97). Essa concepção de linguagem teria surgido da filosofia de Austin ([1962]1990) e influenciado autores como Goffman (2013), Butler (2018, 2021) e muitos outros.

[62] Disponível em: https://educamidia.org.br/. Acesso em: 14 jan. 2020.

A **teoria dos atos da fala,** inicialmente proposta por Austin ([1962]1990), se preocupa precisamente com a natureza da linguagem enquanto uma forma de realizar **ações** sobre o real, isto é, os atos de fala. Em uma rápida explicação, os atos de fala expressam a força de cada enunciado proferido em determinado contexto (AUSTIN, [1962]1990, p. 89). Na tripartição feita por Austin, o ato de fala é composto por três atos realizados ao mesmo tempo no proferimento de qualquer enunciado: **ato locucionário, ato ilocucionário** e **ato perlocucionário**. O ato locucionário corresponde ao proferimento de uma sentença ou uma declaração com sentido e referência. O ato ilocucionário, por sua vez, é a realização de um ato ao dizer algo, ou seja, o ato se realiza quando o locutor faz o proferimento de uma sentença. Esse tipo de ato, central para Austin, possui uma **força ilocucionária** (*performativa*) que representa a significação social efetiva e imediata do que é dito e de como foi dito. E o ato perlocucionário pode ser entendido como o efeito que se pretende produzir intencionalmente sobre os pensamentos ou ações dos interlocutores.

Nas palavras de Bauman e Briggs (2006), a performance abarca mais do que apenas o evento de discurso em si, visto que está associada a "vários eventos de fala que a precedem e sucedem (performances passadas, leituras de textos, negociações, ensaios, fofoca, relatos, críticas, desafios, performances subsequentes, e similares)" (BAUMAN; BRIGGS, 2006, p. 189).

Em linhas gerais, a prática narrativa pode ser entendida como uma performance situada. As narrativas permitem exposições e reconstituições de ações e eventos em diferentes escalas, mas também oferecem uma postura avaliativa sobre esses eventos e uma oportunidade para o narrador e os participantes posicionarem a si mesmos e aos outros na interação. Como explica Bastos (2004), nessa visão performativa da narrativa, o narrador lida com as circunstâncias da situação local e a estrutura social normativa. E, ao construir um mundo, num determinado tempo e lugar, o narrador constitui também suas performances identitárias, "na medida em que nelas são construídos os sentidos que os narradores têm de quem são" (BASTOS, 2004, p. 122).

Polivanov (2014) defende que, na modernidade, os atores sociais constroem (e reelaboram constantemente) suas narrativas de vida de modo autorreflexivo. Desse modo, voltar-se à análise das narrativas e da *performance*

de/sobre migrantes de crise em sites de redes sociais implica pensar também no papel da audiência nesse processo. No sentido de que, em relação aos usuários das redes, “suas atividades e ações individuais no Facebook são feitas (virtualmente) face a um grupo determinado de observadores, ou audiência, e que, assim, eles vão optar por mostrar certas facetas suas” (POLIVANOV, 2014, p. 19). Dessa forma, podemos pensar em construções do “eu” mais flexíveis e distantes das amarras tradicionais, o que não apaga os conflitos imbricados nesse processo de se narrar.

Assim, acredito ser essencial compreender as narrativas e a auto-apresentação dos atores sociais nas mídias digitais a partir da perspectiva da *performance.* Entre outros motivos, entendo que a narrativa como prática performativa trouxe e apresenta diferentes contribuições para o campo da linguagem, seja em relação a uma maior compreensão dos usos da linguagem, sobre como ela pode ser estruturada ou quais papéis ela pode exercer na vida social.

Por tratar-se de um termo amplo, o **posicionamento** inclui “estratégias e mecanismos pelos quais os indivíduos e grupos constroem e transmitem as maneiras pelas quais eles consideram e se relacionam com **eventos, discursos e pessoas** com as quais estão interagindo direta ou indiretamente[63]” (DE FINA, 2020, p. 1844). Ressalto, no entanto, que existem diferentes abordagens analíticas que partem do conceito de posicionamento para abordar a relação entre identidades e narrativas. Um aspecto fundamental, principalmente em relação à abordagem interacional, tem sido o reconhecimento de relações múltiplas entre o eu que narra (*the telling self*) e o eu narrado (*the told self*) (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2015). A abordagem interacional, diferentemente das abordagens mais estruturalistas, ressalta que é na interação com outras pessoas que os participantes co-constroem posições por meio de suas ações. Nesta seção, discorro sobre as elaborações de posicionamento que envolvem, especificamente, a abordagem interacional na análise da narrativa (DAVIES; HARRÉ, 1990; BAMBERG, 1997; LANGENHOVE; HARRÉ, 1999; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; WORTHAM, 2001; DEPPERMANN, 2015; DE FINA, 2013, 2015, 2020).

[63] No original: “the strategies and mechanisms through which individuals and groups construct and convey the ways in which they regard and relate to events, discourses and people they are interacting with directly or indirectly”.

Acrescento as interpretações analíticas desses/as autores/as ao quadro teórico desta tese para estudar os posicionamentos dos/sobre migrantes de crise, especialmente em contextos digitais, porque suas investigações oferecem especial atenção aos fenômenos interacionais e aos entendimentos locais dos atores sociais, com foco etnográfico, bem como aos discursos que operam além desses contextos. E, nessa direção, as abordagens interacionais mais recentes do posicionamento têm sido utilizadas para enriquecer as análises de eventos narrativos únicos e de trajetórias de histórias através do espaço e do tempo.

Embora a noção de posicionamento não tenha sido desenvolvida exclusivamente para analisar a narrativa como uma atividade interativa, ela passou a ser utilizada nesse campo de forma estratégica para elucidar como as pessoas projetam e negociam posições de sujeitos em suas práticas conversacionais cotidianas. Para Davies e Harré (1990, p. 62), uma posição de sujeito se manifesta *na* fala e *por meio* da fala, à medida que os falantes e ouvintes se apresentam como pessoas. Essa visão nos leva a entender que, quando olhamos para a produção do eu (*self*) em conversas, as práticas discursivas se mostram múltiplas, descontínuas e contraditórias, assim como as interpretações dessas práticas que podem ser trazidas à existência por falantes e ouvintes ao se envolverem na interação.

Assim, Davies e Harré (1990) definiram o termo *posicionamento* como uma **prática discursiva** para designar o processo pelo qual “os eus (*selves*) são localizados em conversas como participantes observável e subjetivamente coerentes em linhas de história produzidas em conjunto”[64] (DAVIES; HARRÉ, 1990, p. 48). Esse conceito de posicionamento foi inicialmente utilizado pelos autores na análise de narrativas e de conversas interacionais como uma alternativa dinâmica à noção mais estática, formal e ritualística de “papel” (DAVIES; HARRÉ,1990; LANGENHOVE; HARRÉ, 1999). Na visão desses autores, a teoria dos papéis implica um certo determinismo para analisar a construção identitária e a ação individual.

> Na teoria dos papéis, a pessoa é sempre separável dos vários papéis que desempenha; qualquer conversa em particular é entendida em termos de alguém assumindo um determinado papel. As palavras faladas são, até

[64] No original: “Positioning, as we will use it is the discursive process whereby selves are located in conversations as observably and subjectively coherent participants in jointly produced story lines”.

> certo ponto, ditadas pela função e devem ser interpretadas nesses termos (DAVIES; HARRÉ, 1990, p. 62).

Nesse aspecto, para Davies e Harré (1990) e Langenhove e Harré (1999), o conceito de papel[65] não captura as múltiplas facetas da identidade em relação às suas características biográficas, psicológicas e morais, e tampouco reflete o caráter flexível da ação individual em uma interação. Em substituição, o conceito de posicionamento busca explicar "como as práticas discursivas constituem os falantes e ouvintes de determinadas maneiras e, ao mesmo tempo, é um recurso por meio do qual falantes e ouvintes podem negociar novas posições" (DAVIES; HARRÉ, 1990, p. 62). Dessa maneira, para explicar o posicionamento como um mecanismo básico pelo qual o *self* (eu) e, por consequência, as identidades são adquiridas na interação social, esses pesquisadores preferem falar de posições em vez de papéis.

Em um desdobramento do conceito, Davies e Harré (1990) caracterizam o posicionamento como reflexivo e interativo. Em um posicionamento reflexivo a pessoa se posiciona, ou seja, reflete como os narradores se situam. Enquanto, em um posicionamento interativo, o que uma pessoa diz posiciona outra, isto é, corresponde ao modo como os narradores descrevem os outros na interação.

Os autores explicam que o falante/narrador atribui posições e personagens nas narrativas, tanto para si mesmo quanto para outras pessoas. Essas posições podem ser identificadas por meio da extração dos aspectos autobiográficos da discussão de um tópico (como em uma conversa) ou de uma narração (explícita ou implícita) de uma ou mais histórias. Assim, de acordo com Davies e Harré (1990), é preciso olhar para as narrativas e tentar apontar, por meio de diferentes escolhas lexicais, incluindo imagens e metáforas, como cada narrador concebe a si mesmo e aos outros participantes nos episódios descritos e observar que posição eles assumem e em que história.

É importante ressaltar que, para Davies e Harré (1990), as posições que o narrador cria para si e para o outro não são parte de uma autobiografia linear, como

---

[65] Apesar de concordar com Davies e Harré (1990) sobre esse ponto, nesta pesquisa, utilizo o conceito de papel de Goffman (2013), de forma a complementar o de posicionamento. Justamente por perceber que o contexto digital em que esta pesquisa se desenvolve produz um alto nível de interatividade. E, nesse sentido, o conceito de papel possibilita observar as maneiras pelas quais o posicionamento acontece na interação e ajuda a organizar a estrutura de participação nas plataformas de mídias sociais. Na próxima seção, amplio esse entendimento.

geralmente são nas narrativas canônicas. Ao contrário, as posições são fragmentos cumulativos de uma autobiografia vivida. Desse modo, as posições podem ser vistas de diferentes maneiras segundo os autores: “em termos de “papéis” conhecidos (reais ou metafóricos), ou em termos de personagens conhecidos em linhas de história compartilhadas, ou podem (...) envolver mudanças de poder, acesso ou bloqueio a certos recursos de identidade reivindicada ou desejada[66]” (DAVIES; HARRÉ, 1990, p. 49).

Em uma revisão epistemológica das principais entidades sociais (pessoas, instituições e sociedades) relevantes para compreender os fenômenos sociais, Langenhove e Harré (1999) propõem como alternativa à ontologia padrão[67] uma nova grade referencial para explicá-los. Como substituição, os autores sugerem que a grade escalar de tempo/espaço, construída como independente, dê lugar a uma grade referencial de pessoas/conversas. Nessa versão, as escalas tempo/espaço se alteram para localizar e entender a identidade e os fenômenos sociais no mundo social. Por um lado, as próprias pessoas são vistas como um “espaço” para os atos sociais. Em suas palavras, “se os atos sociais, incluindo os atos de fala, são tomados como a ‘questão’ da realidade social, uma nova grade pode ser construída na qual as pessoas são vistas como local para os atos sociais[68]” (LANGENHOVE; HARRÉ,1999, p. 15). E, por outro lado, a escala temporal, ou seja, os momentos do tempo social, passa a ser representada pelas ocorrências de atos da vida humana[69].

---

[66] No original: “The positions may be seen by one or other of the participants in terms of known “roles” (actual or metaphorical), or in terms of known characters in shared story lines, or they may be much more ephemeral and involve shifts in power, access, or blocking of access, to certain features of claimed or desired identity, and so on”.

[67] A ontologia padrão das Ciências Sociais retrata os fenômenos sociais, basicamente, a partir da classificação das entidades sociais em “pessoas” (como complexas e que interagem causalmente), “instituições” (referem-se a agrupamentos de pessoas) e “sociedades” (como uma ordem superior que agrega pessoas em grupos). O problema levantado por Langenhove e Harré (1999) é que essas entidades sociais são localizadas na mesma grade de espaço/tempo dos fenômenos naturais. Isso significa que os fenômenos e entidades sociais são, muitas vezes, compreendidos como se suas causas também fossem determinísticas e como se o espaço e o tempo não fossem dependentes no domínio social.

[68] No original: “If social acts, including speech-acts, are taken as the ‘matter’ of social reality, a new grid can be constructed in which people are seen as locations for social acts”.

[69] Conforme Langenhove e Harré (1999, p. 15), a mudança no aspecto temporal também envolve a transposição entre o tempo psicológico e o passado, presente e futuro. Segundo os autores, isso muda porque o passado social e o psicológico não são fixos, e porque o futuro social pode influenciar o passado social.

E qual é a relação dessa explicação com o conceito de posicionamento? Partindo dessa nova grade referencial de pessoas/atos, Langenhove e Harré (1999) explicam que a realidade social pode ser compreendida por três formas básicas de prática discursiva: as trocas simbólicas, a exemplo das conversas, as práticas institucionais e os usos da retórica social. De acordo com Langenhove e Harré (1999), o mundo social é criado nas trocas simbólicas, portanto, é nas conversas que os atos sociais e ícones da sociedade são gerados e reproduzidos. E o posicionamento é um dos processos discursivos importantes que nos possibilita acessar os atos sociais e compreender os elementos da ontologia padrão – pessoas, instituições e sociedades – a partir dessa nova ótica de espaço/tempo[70].

Desse modo, o posicionamento é entendido por Langenhove e Harré, dentro da grade de pessoas/conversas, como "a construção discursiva de histórias pessoais que tornam as ações de uma pessoa inteligíveis e relativamente determinadas como atos sociais e dentro dos quais os membros da conversa têm localizações específicas[71]" (1999, p. 16). Assim, sabendo que o posicionamento é uma prática discursiva, neste trabalho, esse construto teórico e analítico é utilizado como um procedimento para identificar como o "eu" e as identidades se manifestam e são localizadas nas trocas interativas e nas narrativas.

As narrativas têm enredos, afirmam Langenhove e Harré (1999), e as **posições** que as pessoas assumem em uma interação são vinculadas a esses enredos. Considerando essa afirmação e a explanação anterior, é possível entender essa concepção a partir do desenvolvimento de uma "tríade do posicionamento" que envolve: **enredos, posições** e **atos/ações sociais**. Por meio dessa tríade, Langenhove e Harré (1999) emprestam a esta pesquisa um recurso essencial para analisar as estruturas episódicas das narrativas.

No contexto narrativo, o enredo corresponde ao encadeamento dos fatos narrados em um texto. Nos dados que compõem as trajetórias textuais desta pesquisa, observo como os enredos, enquanto estrutura organizacional dos discursos, também são usados pelas pessoas para dar sentido à sua experiência no

---

[70] Outro processo discursivo, citado pelos pesquisadores, é a "redescrição retórica", definida como "a construção discursiva de histórias sobre instituições e eventos macrossociais que os tornam inteligíveis como ícones da sociedade" (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999, p. 16).

[71] No original: "Within the persons/conversations grid, positioning can be understood as the discursive construction of personal stories that make a person's actions intelligible and relatively determinate as social acts and within which the members of the conversation have specific locations".

momento de se narrar e narrar os demais participantes da interação. Isso é perceptível, porque, conforme Deppermann (2015, p. 372), “os enredos de experiências passadas são fragmentos autobiográficos usados para interpretar episódios interacionais”. Destarte, entendo que, por meio de uma sequência de atos e eventos, os enredos de uma conversa ou narrativa podem evidenciar tanto as situações vividas pelos atores sociais quanto às posições assumidas por eles em relação uns aos outros.

A noção de **posição,** constitutiva dos enredos, pode ser entendida como um conceito metafórico na visão de Langenhove e Harré, pois é usada para fazer referência aos atributos morais e pessoais de uma pessoa (como o falante) dentro da conversa. Em geral, as posições podem ser organizadas em termos de polaridades ou relações categóricas (pares/trios complementares ou papéis), isto é, alguém pode se posicionar ou ser posicionado em uma interação como, por exemplo, poderoso/impotente, definitivo/provisório, autorizado/não autorizado médico/enfermeiro/paciente, líder/discípulos, ou, como tem evidenciado as narrativas desta tese, brasileiro/a(roraimense)/venezuelano/a, nacionais/migrantes de crise/refugiados etc. Em resumo, “a posição pode ser especificada por referência a como as contribuições de um falante são aceitáveis com respeito a essas e outras polaridades de caráter, e às vezes até mesmo de papel” (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999, p. 17).

As posições estão relacionadas aos **atos sociais**, considerando que as pessoas são posicionadas por eles. Nas narrativas ou em uma conversa, uma pessoa pode agir assumindo determinado papel ou posição ao utilizar uma forma familiar de falar, ou seja, um enredo específico. Dessa maneira, adotar uma certa posição torna as palavras e ações de alguém relativamente determinadas como atos sociais. Citando as palavras de Langenhove e Harré (1999, p. 17), em relação às posições, os atos de posicionamento referem-se “à atribuição de ‘partes’ ou ‘papéis’ fluidos aos falantes na construção discursiva de histórias pessoais que tornam as ações de uma pessoa inteligíveis e relativamente determinadas como atos sociais”.

Como as pessoas são posicionadas por atos sociais, essa fluidez de papéis/posições pode produzir significados diferentes para a própria ação social (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999). Com base no que é apresentado pelos autores, nesta pesquisa, observo, por exemplo, como, em uma narrativa midiática, os direitos

de fazer certos tipos de comentários são distribuídos de forma diferente entre um/a jornalista brasileiro/a (posição 1) e um/a entrevistado/a venezuelano/a (posição 2). Isso significa que o mesmo enunciado pode ter um significado social distinto quando proferido pela pessoa na posição 1 ou pela pessoa na posição 2. A construção do significado, desse modo, pode depender de como seu produtor é posicionado socialmente e quais direitos e deveres ele possui na ação social.

Os **atos sociais** são definidos por Langenhove e Harré segundo sua **força ilocucionária**, no sentido que é proposto pela pragmática de Austin [1962]1990. Contudo, é preciso fazer uma ressalva quanto às ações sociais isoladas, que operam no nível de **enunciados individuais**, pois, conforme destaca Deppermann (2015), elas não possuem a mesma força social. Para o autor, grande parte da força ilocucionária reside nos posicionamentos realizados pela ação linguística. Isso quer dizer que a produção do significado não depende unicamente da **intenção** do falante e da **ação linguística**, mas, apenas quando são incorporados em **enredos** produzidos em conjunto, é que as ações de fala se tornam atos de fala socialmente determinados.

Como relatei acima, a tríade do posicionamento é composta por posições, atos sociais (forças sociais) e enredo (linhas da história). Tomados em conjunto, esses elementos oferecem a esta pesquisa ferramentas teóricas essenciais para analisar o significado da ação social. Pontuei também, pautada na teoria do posicionamento, que ato discursivo implica que os atores sociais podem posicionar a si mesmos (**autoposicionamento**) ao mesmo tempo em que posicionam os demais participantes em uma narrativa (**posicionamento do outro**) (LANGENHOVE; HARRÉ,1999).

A seguir, introduzo algumas categorias analíticas relevantes para identificar diferentes modos de posicionamento que podem emergir em uma prática discursiva e que contribuem para examinar as narrativas aqui enquadradas.

A primeira distinção categórica é a de **posicionamento de primeira** e de **segunda ordem**. Para Langenhove e Harré (1999), o posicionamento de primeira ordem refere-se à maneira como as pessoas se localizam e localizam os outros dentro de um espaço essencialmente moral usando várias categorias e enredos. Entretanto, os participantes da interação podem aceitar ou rejeitar o posicionamento de primeira ordem. Quando o posicionamento inicial é questionado, emerge um

posicionamento de segunda ordem, em que o original precisa ser negociado. Isso significa que “o posicionamento de segunda ordem ocorre quando o posicionamento de primeira ordem não é considerado garantido por uma das pessoas envolvidas na discussão[72]” (LANGENHOVE; HARRÉ,1999, p. 20).

As posições iniciais podem ser contestadas e, portanto, os interlocutores podem se reposicionar nas narrativas de forma interacional. Assim, quando alguém se posiciona e posiciona os demais dentro de uma história no posicionamento de primeira ordem, os atos das pessoas emergem e têm efeito perlocucionário imediato. Esse movimento também pode ser chamado de **posicionamento performativo.** Esse tipo de posicionamento ocorre quando uma pessoa fala ou age de uma maneira consistente com seu papel na interação. O posicionamento performativo aparece, por exemplo, quando os atos dos usuários das plataformas digitais se alinham com as funções que eles normalmente devem realizar nos sites de redes sociais. Por outro lado, Langenhove e Harré (1999) explicam que o **posicionamento responsivo** envolve uma resposta ao posicionamento de primeira ordem, podendo ser questionado dentro da própria conversa ou dentro de uma conversa subsequente sobre a primeira. Caso esse tipo de posicionamento responsivo ocorra fora da interação original, possivelmente envolvendo outros agentes além da primeira discussão, então o posicionamento pode ser caracterizado como de terceira ordem. No contexto em que ocorre o **posicionamento de terceira ordem**, ao contar a história original e respondê-la, tanto os participantes da discussão inicial quanto os novos interlocutores estarão novamente envolvidos no posicionamento de primeira ordem de si mesmos e nova conversa será vista como uma “redescrição retórica do evento” (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999, p. 21). Em suma, o posicionamento responsivo advém do momento em que um ator social rejeita ou contesta uma posição que se baseia em normas dentro de um determinado contexto (conversa, interação, narrativa).

Em termos de modos de posicionamento, os participantes performatizam as ações sociais e podem ser posicionados também em relação às **ordens morais** relativas aos direitos e obrigações dentro do contexto da prática discursiva. Nessa direção, quando as posições se referem “aos papéis que as pessoas ocupam dentro de uma determinada ordem moral ou a certos aspectos institucionais da vida social

[72] No original: “second order positioning occurs when the first order positioning is not taken for granted by one of the persons involved in the discussion”.

para tornar as ações inteligíveis e compreender as posições que as pessoas assumem" (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999, p. 21), então, o posicionamento pode ser chamado de **posicionamento moral**. E, por sua vez, quando as pessoas são posicionadas em termos de seus atributos e particularidades individuais, ocorre o **posicionamento pessoal**.

Considerando que os posicionamentos de primeira ordem podem ocorrer de forma tácita, ou seja, quando as pessoas envolvidas na conversa não se posicionam, ou de maneira intencional, quando elas se posicionam, respectivamente, podemos identificar nas narrativas as categorias de **posicionamento tácito** e de **posicionamento intencional**. De acordo com a afirmação dos teóricos citados, "o posicionamento sempre ocorre dentro do contexto de uma ordem moral específica (...)" (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999, p. 23). Isso significa que o **posicionamento tácito** se relaciona com as ordens morais de maneira mais sutil, e com mais expressividade em relação ao posicionamento intencional. Por isso, os autores propõem quatro situações distintas em que o posicionamento intencional pode ser identificado quando o **contexto é de ordem moral:** "(i) situações de autoposicionamento deliberado; (ii) situações de autoposicionamento forçado; (iii) situações de posicionamento deliberado de outros; e (iv) situações de posicionamento forçado de outros" (Idem, 1999, p. 24).

Os quatro tipos de posicionamento citados podem ser entendidos como desdobramentos do autoposicionamento, do posicionamento do outro, do posicionamento performativo e do posicionamento responsivo. Na primeira situação, o **autoposicionamento deliberado** é expresso por meio de marcações da identidade individual, seja enfatizando a agência de alguém, referindo-se a eventos em sua biografia ou fazendo alusão a um ponto de vista único, ou melhor, a partir de exibições de agência, autoconsciência e autobiografia. No que diz respeito ao **autoposicionamento forçado**, sua diferença em relação ao autoposicionamento deliberado dá-se no sentido de que a iniciativa do posicionamento não parte da pessoa envolvida, mas de terceiros. A demanda por esse tipo de autoposicionamento forçado pode vir de uma pessoa ou de instituições interessadas em posicionar as pessoas em dois casos: "quando a instituição tem o poder 'oficial' de fazer julgamentos morais sobre pessoas externas à instituição e quando decisões

sobre pessoas dentro da instituição devem ser tomadas[73]" (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999, p. 26). O **posicionamento deliberado do outro**, por sua vez, aparece em situações nas quais alguém posiciona outra pessoa, seja na ausência ou mesmo na presença de quem está sendo posicionado. E, no que concerne ao **posicionamento forçado do outro**, também pode acontecer quando quem é posicionado está presente ou ausente na situação; a diferença é que esse tipo forçoso de posicionamento acontece intencionalmente. Todavia, em situações em que ocorre o posicionamento forçado do outro, o enredo pode facilmente mudar de uma história para outra a depender do posicionado estar ausente ou presente na narrativa.

Ressalto que, nesta pesquisa, estou interessada no uso da linguagem realizado pelos próprios atores sociais e na produção do significado de suas ações no contexto de seu uso. Sendo assim, **preocupo-me especialmente com o posicionamento de primeira e segunda ordem dos migrantes de crise**, ou seja, com o posicionamento que esses atores sociais têm de si mesmos nas narrativas midiáticas, como responsáveis pela ação, mas também como são posicionados por outras pessoas (participantes brasileiros, por exemplo). A minha atenção recai significativamente sobre a disposição dos usuários das mídias sociais de se posicionarem em uma narrativa como responsáveis pela ação, isto é, com agência.

Com base nessa exposição de diferentes categorias, reconheço a dinamicidade do conceito de posicionamento. Nessa linha, o trabalho de Bamberg (1997) e Bamberg e Georgakopoulou (2008) também apresenta recursos analíticos importantes para examinar o posicionamento interacional. Bamberg (1997) buscou aplicar a noção de posicionamento, articulando a análise pragmática da narrativa com a análise linguística (estrutural) da abordagem tradicional de Labov, isto é, ordenada sequencialmente por eventos (passados) e suas avaliações. Nessa abordagem ampliada de Bamberg (1997, p. 341), "a situação discursiva e o propósito discursivo são tão centrais quanto a organização semântica (temporal) da narrativa[74]".

A dimensão performativa sublinhada por Bamberg (1997) identifica três níveis distintos de posicionamento na prática narrativa: i) aquele que aponta para dentro do mundo da história de uma narrativa (nível 1); ii) para o interior do contexto

[73] No original: "when the institution has the 'official' power to make moral judgements about people external to the institution, and when decisions about people inside the institution have to be made".
[74] No original: "The discursive situation and the discursive purpose are as central as the semantic (temporal) organization of the narrative".

interacional da narrativa contada (nível 2) e; iii) que diz respeito a discursos mais amplos que se estendem além do contexto interacional e dos eventos narrados (nível 3).

Com fins analíticos, Bamberg (1997) e Bamberg e Georgakopoulou (2008) organizam esses três níveis em cinco etapas para acessar o posicionamento nas narrativas. Na primeira, referente ao nível 1 do posicionamento, pode-se observar como os personagens são posicionados na história. Como o nível 2 do posicionamento é subdividido em três etapas, primeiro, pode-se analisar a realização interacional do ato de narrar como uma atividade em construção, depois, como os participantes estão posicionados dentro do fluxo interativo e, na terceira etapa deste nível, como é administrado o envolvimento interacional conjunto entre os participantes. Na quinta e última etapa, que remete ao posicionamento de nível 3, é possível observar "como os participantes se constroem uns aos outros e a si próprios em termos de papéis de narradores e, ao fazê-lo, estabelecem um senso de *self*/identidade" (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 383).

Uma vez que o conceito de posicionamento pode ser especificamente aplicado à análise narrativa, com base na proposta dos autores, examino como os migrantes venezuelanos são posicionados nas histórias noticiadas e como se posicionam em relação uns aos outros no espaço e no tempo (nível 1 do posicionamento). Ademais, focalizo como esses atores sociais se posicionam e são posicionados dentro da situação interativa que envolve o evento "Bota Fogo!" (nível 2 do posicionamento). E, ao que se refere ao nível 3 do posicionamento, busco interpretar se os migrantes venezuelanos posicionam uma visão de si (um senso de self/identidade) em relação aos discursos ou narrativas dominantes sobre a migração no Brasil.

Como fica claro, o conceito de posicionamento pode ser um importante recurso para acessar as performances identitárias dos interlocutores nas narrativas. Ressalto, porém, que os posicionamentos não são estáveis ou pré-fixados, mas assumidos e construídos discursivamente pelos interlocutores em uma relação dialógica com o Outro na interação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2006). Nesse sentido, de acordo com Bizon (2013), a constituição do significado do posicionamento é um processo de natureza fluida que depende do diálogo estabelecido entre as práticas discursivas em que os atores sociais participam e os

marcadores sociais que atravessam esses interlocutores como, por exemplo, as categorias de gênero, sexualidade, raça, classe social, faixa etária, religião (BIZON, 2013).

Na mesma direção, as narrativas são também desenvolvidas de forma colaborativa com outras pessoas, e incidem, portanto, no “conhecimento das estruturas sociais e dos papéis que são reconhecidamente atribuídos às pessoas dentro dessas estruturas” (DAVIES; HARRÉ, 1990, p. 52). Apesar de as estruturas sociais serem consideradas forças coercitivas, na medida em que, para ocupar um papel reconhecível e aceitável, uma pessoa precisa operar dentro de seus termos – como se verifica no discurso narrativo de alguns migrantes quando chegam a um país estrangeiro – , concordo com Bizon ser possível que os posicionamentos também subvertam a performance esperada/naturalizada e se constituam “em atos de resistência e desejos de outros projetos de (re)territorialização” (BIZON, 2013, p. 87).

Reiterando a natureza performativa da Linguagem (AUSTIN, [1962]1990; BUTLER, 2021), Bizon (2013) lembra que os atos de resistência acontecem porque os atores sociais agem iterativamente no interior das práticas discursivas, colocando-se sempre em fricção entre os processos sociais localizados em nível macro e aqueles situados em nível micro. Por concordar com a pesquisadora, considero o conceito de posicionamento fundamental para analisar como os migrantes de crise venezuelanos são narrados e posicionados em discursos institucionais, a exemplo das narrativas midiáticas dos portais de notícias compartilhadas no Facebook/Youtube – nível macrossocial, mas também como esses atores sociais reagem às relações de poder em nível micro, se posicionando e negociando novas posições nessas narrativas e/ou nas interações virtuais, ou seja, nos comentários das notícias enquadradas nessas plataformas de mídias sociais.

Como foi observado, essas teorizações sobre posicionamento marcam uma mudança de orientação nos estudos que envolvem a narrativa, antes focada no papel central do narrador como o ponto de origem para a constituição referencial do *eu* e da identidade, em direção a modelos menos fixos de construção identitária (DE FINA, 2013). Nos modelos mais dinâmicos, a performance identitária acontece em diferentes níveis e em negociação com outros participantes. Em decorrência disso,

afirma De Fina (2013), a atenção recai tanto sobre o posicionamento como sobre o ato de ser posicionado.

Nesta seção, mostrei como a teoria do posicionamento possui diferentes construtos analíticos que nos permitem apreender como as pessoas estão localizadas nas interações como participantes em enredos/linhas de história produzidos em conjunto e que, por isso, acredito que tenha potencial para analisar narrativas e performances identitárias em contextos de interação digital. Explicitei que o processo de posicionamento também pode ocorrer em três níveis diferentes: o nível 1 observa como os personagens estão posicionados em relação uns aos outros dentro dos eventos narrados; no nível 2, o narrador ou orador se posiciona em relação ao público e; em um terceiro nível, avalia-se como os narradores se posicionam em relação a si mesmos e em relação às narrativas e aos discursos dominantes (BAMBERG, 1997; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008). Particularmente, nesta pesquisa envolvendo narrativas em contextos *online*, a análise de posicionamento é mobilizada para examinar as maneiras pelas quais os narradores e/ou atores sociais se relacionam com os participantes dentro das narrativas midiáticas (relacionadas com o evento “Bota Fogo!”), com outros participantes do contexto interacional (por meio de postagens, comentários e compartilhamentos em mídias sociais, por exemplo) e com os discursos mais amplos sobre a migração de crise.

2.4.1 Alinhamento (footing) e estruturas de participação

Como explicitado, o ato de se posicionar tem relação com a atribuição de papéis aos participantes na construção discursiva de suas histórias. Essa função contribui para dar sentido e inteligibilidade às ações dos atores sociais, ou seja, aos atos sociais. Nesta subseção, observo como o posicionamento costuma ser exibido por meio da noção de **estrutura de participação** de Goffman (2013), que diz respeito aos diferentes **papéis** e **alinhamentos (*footing*)** assumidos pelos atores sociais em eventos comunicativos, no intuito de observar as maneiras pelas quais a interação é organizada especificamente em contextos digitais.

Como mencionado acima, Goffman ([1974]1986) emprega a noção de **enquadre** (*frame*) para explicar como a experiência social se organiza. Como um

desdobramento desse conceito, a partir de uma perspectiva discursiva, Goffman apresenta a noção de *footing* (alinhamento) para representar “a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação como o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (GOFFMAN, 2013, p. 107).

Como a postura ou tomada de posição é construída de forma interativa, acaba envolvendo não apenas o posicionamento do narrador em relação a algum texto, discurso ou evento, mas também implica no alinhamento (*footing*) ou desalinhamento de uma audiência. Isso também se aplica à análise do posicionamento em contextos online. Assim como acontece em uma interação face a face, os contadores moldam suas histórias em vista de seus possíveis interlocutores e o público interage com essas narrativas (nos comentários das mídias sociais, por meio de curtidas, emojis, compartilhamentos, etc).

Como ilustra De Fina (2020), à medida que assumem posições na interação, geralmente os enunciadores posicionam os outros de maneiras específicas e, do mesmo modo, os interlocutores podem reagir a esses posicionamentos por meio da produção de suas próprias posições, seja se alinhando ou se desalinhando a outras pessoas, textos, discursos e eventos. Desse modo, o *footing* é um importante recurso para observar as maneiras pelas quais a participação do narrador e da audiência é organizada. Tal organização pode ser percebida através da noção de estruturas de participação. A partir da perspectiva da Sociolinguística Interacional, a noção de estrutura de participação corresponde à agenda clássica da análise da conversa e diz respeito “às configurações da ação conjunta dos participantes de uma interação que englobam maneiras de falar, de ouvir, de obter o turno, mantê-lo e conduzi-lo” (BIAR, 2015, p. 139).

A concepção de **estrutura de participação** foi proposta por Goffman ([1981]2013) para analisar os diferentes papéis e alinhamentos que os participantes podem assumir em relação uns aos outros nos eventos sociais. Consoante a Goffman (2013), no curso da interação face a face, a relação entre **falante** e **ouvinte** implica mais que atentar-se para a produção sonora entre as partes:

> No gerenciamento da tomada de turno, na avaliação da recepção através das pistas visuais dadas pelo ouvinte, na função paralinguística da gesticulação, na sincronia da mudança de olhar, na mostra das evidências de atenção (como na espiada à meia distância), na avaliação do alheamento mediante evidências de envolvimentos colaterais e expressões

> faciais – em todas essas instâncias, é evidente que a visão é fundamental, tanto para o falante como para o ouvinte. Para uma condução eficaz da fala, é melhor que o falante e ouvinte estejam em posição tal que possam se fitar mutuamente" (GOFFMAN, 2013, p. 115-116).

Esse argumento evidencia que, para Goffman (2013), as relações discursivas entre ouvintes e falantes não são tão simples e precisam ser melhor exploradas. Para tanto, o antropólogo faz uma decomposição dos termos **ouvinte** (estrutura de participação) e **falante** (estrutura de produção) em outras categorias distintivas. Dessa maneira, para compreender a **estrutura de participação**, Goffman (2013) categorizou os papéis de **ouvintes** em participantes **ratificados** e **não-ratificados**. Em um encontro social, o ouvinte "ratificado" constitui o participante "endereçado", isto é, "aquele a quem o falante remete a sua atenção visual e para quem espera eventualmente passar o papel de falante" (GOFFMAN, 2013, p. 119). Por sua vez, o ouvinte "não-ratificado" constitui o participante não-endereçado, ou seja, é quem está presente na conversa, mas o falante não se dirige a ele diretamente. Ao que se refere à **estrutura de produção**, Goffman (2013) categoriza o papel de **falante** em três tipos: **animador**, **autor** e **responsável** (diretor ou principal). Nas palavras do autor, o falante "animador" corresponde a "um corpo envolvido numa atividade acústica, ou, (...) um indivíduo engajado no papel de produzir elocuções" (GOFFMAN, 2013, p. 133). O falante "autor" refere-se ao agente que de fato é o responsável pelo enunciado. Em outras palavras, é a pessoa que "selecionou os sentimentos que estão sendo expressos e as palavras nas quais eles estão codificados" (Ibid, p. 134). Por sua vez, o falante "responsável" (ou principal) diz respeito à pessoa "cuja posição é estabelecida pelas palavras faladas, alguém cujas crenças são verbalizadas, (...) que está comprometido com o que as palavras expressam" (Idem, 2013, p. 134) – trata-se, portanto, do falante que é responsabilizado pelo que é dito ou a quem as palavras são atribuídas.

Ressalto que essas categorias podem se sobrepor na elocução, visto que o agente pode assumir ao mesmo tempo os papéis de animador, autor e/ou responsável em uma interação.Sendo assim, uso o conceito de estrutura de participação proposta por Goffman (2013) para observar como se organiza a construção interativa de/sobre migrantes venezuelanos(as) nos ambientes de interação digital, principalmente na análise dos comentários dos participantes.

2.4.2 Pistas indexicalizadoras

Como já mencionado, parto de uma perspectiva da etnografia digital para compreender como as *performances* linguístico-identitárias e os posicionamentos interacionais são co-construídos em narrativas de/sobre migrantes de crise em ambientes online. Nessa direção, o uso das pistas indexicalizadoras como construto analítico tem desempenhado um papel importante em diferentes pesquisas em relação à sinalização do posicionamento interacional nas narrativas (WORTHAM, 2001; BIZON, 2013; GUIMARÃES, 2014; MELO; MOITA LOPES, 2015).

Tentei elucidar acima como os trabalhos de Bamberg (1997) e de Bamberg e Georgakopoulou (2008) apresentaram uma base importante para compreender como o narrador pode se posicionar em três níveis da interação, incluindo a forma como ele se projeta para além do nível micro do contexto narrativo. Fundamentado no modelo de Bamberg, Wortham (2001) introduziu algumas ferramentas conceituais e metodológicas, como as chamadas "pistas de indexicalidade", que podem ser usadas para capturar "como a linguagem posiciona os falantes interativamente e como esse posicionamento interacional se relaciona com o conteúdo representado no discurso narrativo[75]" (WORTHAM, 2001, p. 16).

O significado de uma expressão ou de uma narrativa pode ser inferido por meio da identificação de um padrão de pistas de indexicalidade. Wortham (2001) mostra como esse conjunto de pistas linguísticas e não linguísticas que compõem a narrativa podem ser usadas para destacar certos aspectos do contexto e sinalizar o tipo de posicionamento indexado no contexto interacional. Nesta pesquisa, além de mobilizar as pistas indexicalizadoras para identificar os posicionamentos interacionais nas trajetórias textuais, utilizo-as para desvelar os discursos presentes nas narrativas no sentido de compreender a hierarquia das ordens indexicais (MELO; MOITA LOPES, 2015).

Reafirmando o pressuposto de que as pistas de indexicalidade desempenham um papel crucial na linguagem, fornecendo recursos linguísticos e

[75] No original: "(...) one needs conceptual and methodological tools that can capture how language positions speakers interactionally and how this interactional positioning interrelates with the content represented in narrative discourse".

discursivos que auxiliam na interpretação e compreensão dos enunciados em uma narrativa, Wortham (2001) propõe as seguintes pistas indexicalizadoras:

QUADRO 1 - PISTAS ANALÍTICAS DE INDEXICALIDADE - WORTHAM (2001)	
Nome	**Definição**
Referência	A referência representa os elementos/personagens aos quais o narrador se refere, identificando-os socialmente em grupos reconhecíveis. Essa pista indexical é fundamental para identificar e direcionar a atenção para entidades específicas mencionadas na narrativa. Ela pode ser identificada por meio de pronomes, expressões referenciais, nomes próprios, títulos, termos de parentesco ou outros dispositivos linguísticos que permitam apontar algo ou alguém no contexto, estabelecendo a referência necessária para a compreensão da narrativa.
Predicação	No que se refere à predicação, trata-se uma pista que corresponde à avaliação e à caracterização de elementos mencionados pelo narrador. Junto com a referência, a predicação desempenha um papel central na atribuição de propriedades, ações ou estados das entidades referenciadas pelo narrador. Assim, emprega-se a predicação por meio de verbos, substantivos, adjetivos, advérbios e outras construções linguísticas que tenham como função descrever as características ou ações do referente. E, como destaca Wortham (2001), os narradores também podem usar a referência e a predicação para se posicionar em relação a outros personagens na história.
Descritores metapragmáticos	Constituem pistas indexicais que fornecem informações sobre como o discurso está sendo produzido ou interpretado. Os descritores metapragmáticos incluem em especial os verbos *dicendi*, ou verbos de dizer, que descrevem instâncias de uso da linguagem. Também pode ser observado por meio de entonação, pausas, expressões e outros recursos pragmáticos utilizados para transmitir atitudes, intenções ou emoções relacionadas à fala, enriquecendo o significado do discurso. Segundo, Wortham (2001), os descritores metapragmáticos remetem a tipos específicos de fala e, ao avaliar o estilo ou o conteúdo do que foi dito, podem indexar vozes dos narradores e dos personagens na narrativa.
Citação	No âmbito da citação, essa pista linguística tem o papel de sinalizar a inclusão de palavras ou trechos de fala de outra pessoa na narrativa. Pode ser reconhecida por meio do uso de aspas, mudanças de estilo, verbos introdutores de discurso direto ou indireto e outros recursos linguísticos que mostram a incorporação de instâncias que contextualizam a fala do referente citado no discurso e na narrativa.

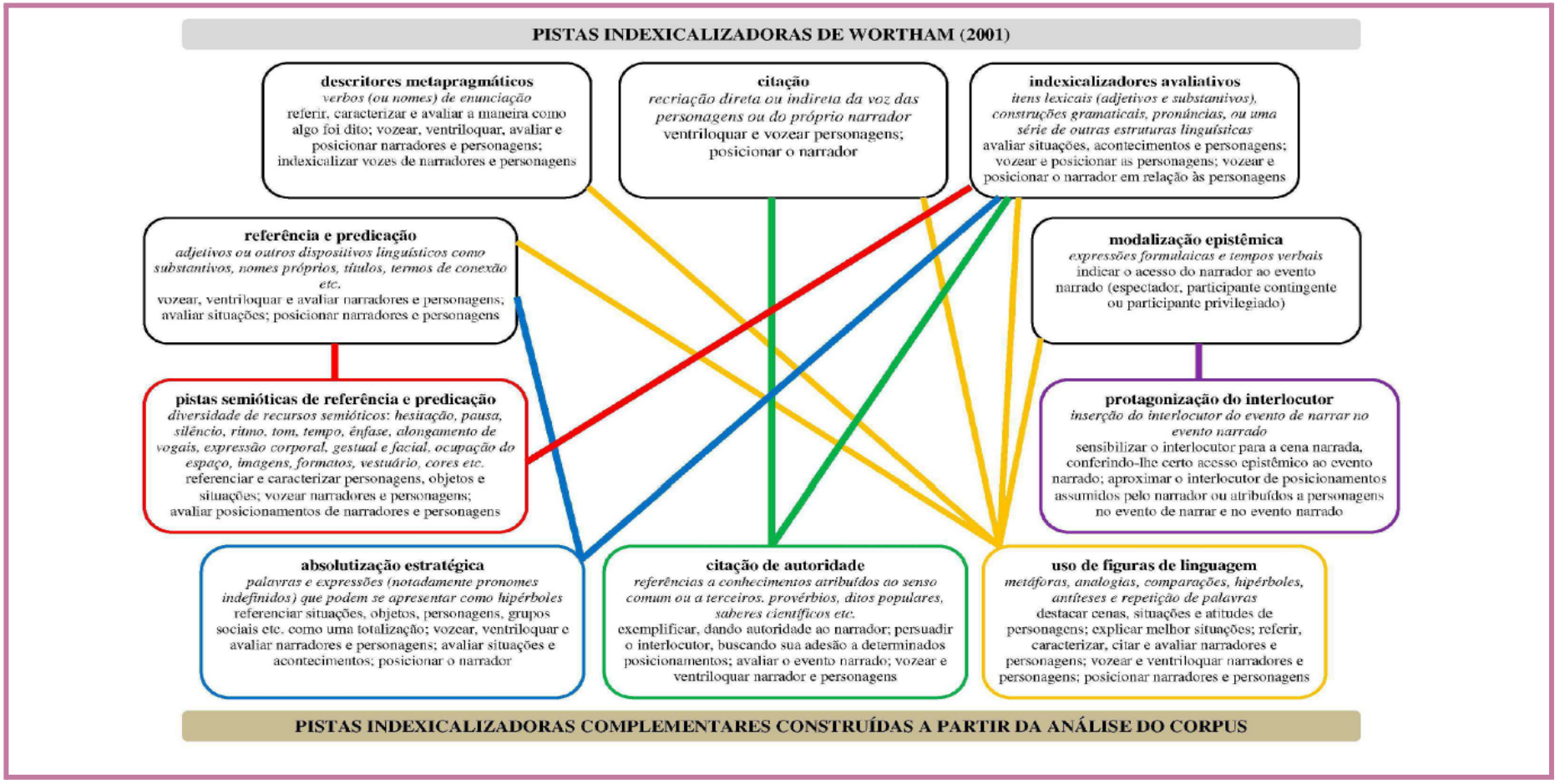
Índices avaliativos	Os índices avaliativos são padrões linguísticos que caracterizam e avaliam socialmente sujeitos ou grupos. Por meio de adjetivos, advérbios, itens lexicais, construções gramaticais, construções discursivas específicas, sotaques e outros recursos linguísticos, as pistas indexicais de índices avaliativos permitem expressar a atitude avaliativa do narrador em relação a algo ou alguém, podendo indexar sua origem geográfica, gênero, ocupação, por exemplo.
Modalização epistêmica	A modalização epistêmica, por sua vez, é expressa por meio de pistas de indexicalidade que indicam o grau de certeza, conhecimento ou crença do falante em relação a uma afirmação. O uso de expressões modais, como “talvez”, “provavelmente” e “certamente”, por exemplo, permite sinalizar uma atitude epistêmica envolvida na narrativa. Dessa maneira, a pista de modalização epistêmica pode ser empregada para comparar o *status* epistemológico da narrativa e dos eventos narrados, posicionando o narrador em relação ao que está sendo dito.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Wortham (2001).

Nesta tese, utilizo todas essas pistas indexicais de Wortham (2001) como categorias analíticas para interpretar os posicionamentos interacionais e as narrativas online sobre o ataque “Bota Fogo!”.

Na sequência, apresento o **Quadro 2** elaborado por Bizon (2013), que complementa esse quadro do autor com a inclusão das pistas indexicalizadoras elencadas a seguir: *citação de autoridade; pistas semióticas de referência e predicação; absolutização estratégica; protagonização do interlocutor; uso de figuras de linguagem.*

QUADRO 2 - SÍNTESE DAS PISTAS INDEXICALIZADORAS DE WORTHAM (2001) E BIZON (2013)



Fonte: Bizon, 2013, p. 171.

Com base nesse quadro proposto por Bizon (2013), mobilizo a pista de **citação de autoridade** para referenciar um conhecimento atribuído a terceiros, conferindo autoridade ao narrador e/ou ao participante referenciado. Além disso, lanço mão das **pistas semióticas de referência e predicação** para destacar os elementos multissemióticos derivados de índices não-verbais e paralinguísticos, responsáveis por referenciar e caracterizar os usuários, objetos e eventos nas plataformas de mídias sociais. Outra categoria emergente nos dados é a **absolutização estratégica** (como expressões que apresentam hipérboles), a qual indicia referências e avaliações por parte do narrador em forma de totalização. Em relação à **protagonização do interlocutor**, observo quando um interlocutor privilegiado é incluído no evento narrado ou na estrutura de participação das narrativas online, sendo atribuído a ele um papel de personagem. Por fim, observo como algumas **figuras de linguagem**, como metáforas, repetições, comparações e antíteses, são empregadas pelos narradores a fim de chamar a atenção para determinadas cenas das trajetórias textuais.

Com base nos posicionamentos analisados nas narrativas do evento, surgiu a necessidade de acrescentar ao quadro dos autores outra pista indexicalizadora: a **modalização deôntica**. De acordo com Bronckart (2007), a modalização deôntica refere-se à expressão de modalidade relacionada à ação, dever, permissão e proibição. Como explica o autor, essa pista envolve o uso de verbos modais, advérbios e expressões que indicam obrigações, possibilidades, necessidades, vontades, entre outros.

Nas narrativas em foco neste trabalho, a pista de modalização deôntica indicia o que é considerado obrigatório, permitido ou desejável em determinadas situações. Sendo assim, essa pista linguística pode ser expressa por meio do emprego de verbos modais, como “dever”, “poder”, “precisar”, “ter que” e “ser permitido”, entre outros. Esses verbos modais contribuem para modificar o significado do verbo principal em um enunciado, fornecendo informações sobre as atitudes do narrador em relação às ações relacionadas a noções de permissão, obrigação, proibição, conselho, desejo e outras formas de expressar o valor normativo de uma ação. Em suma, a pista de **modalização deôntica** é empregada nesta pesquisa a partir da necessidade de analisar os enunciados que **invocam um sistema legal e moral por meio de julgamentos de obrigação, proibição,**

permissão, expectativas e desejos (BRONCKART, 2007). Por meio dessa pista indexicalizadora, é possível discutir como os narradores indexam vozes e se posicionam em relação a essas vozes no evento de narrar ou no evento narrado, complementando o quadro de ferramentas importantes para a interpretação dos dados que analiso no quarto capítulo.

A essas pistas, adiciono ainda uma última, criada por mim a partir da observação da recorrência de certos posicionamentos nas narrativas online do ataque “Bota Fogo!”, a saber, **pista indexical de paralelismo enfático**. Cunho essa pista indexical para analisar os enunciados que apontam para pessoas, ações ou situações específicas em um determinado contexto, utilizando padrões linguísticos repetitivos ou estruturas semelhantes como um recurso para criar ênfase, equilíbrio, ritmo ou estilo na linguagem.

O paralelismo enfático pode ocorrer em diferentes níveis da linguagem, como no nível lexical (repetição de palavras ou grupos de palavras), no nível sintático (repetição de estruturas gramaticais) e no nível semântico (repetição de ideias ou conceitos). Além disso, pode ser usado em diferentes formas, como paralelismo gramatical, paralelismo sonoro, dentre outros. Dito isso, uma pista indexical de paralelismo enfático combina “elementos indexicais”, como pronomes ou advérbios, com “paralelismo de uma estrutura linguística”, como a repetição de verbos, adjetivos ou outros índices linguísticos, para enfatizar uma ideia ou conceito.

Em resumo, emprego a **pista indexical de paralelismo enfático** para me referir à utilização de elementos indexicais e paralelismo linguístico em conjunto, com foco na repetição de estruturas linguísticas, onde os elementos indexicais são usados para referenciar enfaticamente pessoas, ações ou situações específicas dentro das narrativas. Assim, essa pista indexical pode ser usada pelos narradores para indexar vozes, ações e situações e se posicionar em relação a elas no evento narrativo ou no evento narrado e, portanto, é um recurso importante para a interpretação dos dados desta tese.

Neste capítulo teórico, discorri e revisei alguns construtos teóricos que fundamentam esta tese. Com base nas concepções e abordagens apresentadas, no capítulo 4 de análise de dados, apresento as narrativas identificadas nas trajetórias textuais do evento “Bota Fogo!” nas mídias sociais e os enquadramentos que os narradores e comentadores tornaram relevantes em posicionamentos sobre os

migrantes de crise e as ações narradas. No capítulo 3 que segue, dedico-me a explicar o percurso metodológico envolvendo o contexto de pesquisa, os graus de participação, a geração de registro e as implicações éticas desta pesquisa.

CAPÍTULO 3 - MIRADAS EPISTEMOLÓGICAS E O PERCURSO METODOLÓGICO

Na primeira seção deste capítulo, delineio os alinhamentos epistemológicos que conduziram a natureza da pesquisa. Exponho, na sequência, alguns princípios da pesquisa qualitativa/interpretativa e o tipo de abordagem etnográfica adaptada às características deste trabalho. Na seção seguinte, apresento os procedimentos metodológicos, os graus de participação da pesquisadora, e as considerações éticas que envolveram o processo de investigação. As trajetórias textuais e as entextualizações do evento registradas em diferentes plataformas digitais (como as publicações, compartilhamentos, reações multissemióticas e comentários em sites de redes sociais e portais de notícias), ou seja, as narrativas digitais que configuram o objeto e constituem o *corpus* desta pesquisa, são detalhados na última seção deste capítulo, juntamente com os procedimentos de geração de registros.

3.1 A natureza da pesquisa: um olhar in(ter)disciplinar

No capítulo de Introdução desta tese, contextualizei como o ataque nominado “Bota Fogo!” foi articulado e organizado com o auxílio de redes sociais e dispositivos móveis, percorrendo múltiplos itinerários, perpassando ambientes online e offline. Essa mobilidade demandou uma perspectiva crítica da linguagem que me ajudasse a repensar a noção de **contexto**, indo além do evento como ato isolado, em direção a projeções semiótico-textuais em contextos digitais e translocais (BLOMMAERT, 2010; FABRÍCIO, 2013). A partir dessa compreensão, nesta seção, destaco os construtos epistemológicos que influenciaram minhas escolhas metodológicas e analíticas ao investigar o evento “Bota Fogo!” e suas trajetórias narrativas, cujo objetivo teve como foco compreender que práticas discursivas de/sobre migrantes venezuelanos/as foram construídas performativamente por meio da língua(gem) em diferentes plataformas digitais.

Considerando a importância de uma análise narrativa para um entendimento mais profundo da linguagem, mobilidade e migração em espaços digitais (DE FINA; TSENG, 2017; FABRÍCIO, 2013), assumi, nesta tese, um compromisso ético e responsivo durante a trajetória da pesquisa (BAKHTIN, [1920-1924]2017; FABRÍCIO, 2006), e um direcionamento teórico-metodológico alinhado à perspectiva Inter/Indisciplinar, Transgressiva e Poscolonial da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006; CAVALCANTI, 2006, 2013), estabelecendo um diálogo com as Epistemologias do Sul (SOUSA SANTOS, 2010; 2018) e com as discussões críticas do pensamento decolonial (WALSH, 2007; QUIJANO, 2007; MIGNOLO, 2007; GROSFOGUEL, 2007; TOLOSA, 2018). O alinhamento que faço com essas perspectivas reside nas distintas possibilidades que elas oferecem para compreender a linguagem como prática social contextualmente situada. Ressalto, ainda, como mencionado por Bizon (2013), que "nenhuma escolha feita pelo pesquisador é neutra e, ao revelar sua maneira particular de recortar o mundo, revela também seus posicionamentos teórico-epistemológicos e políticos" (2013, p. 136). Igualmente concordo com a afirmação de Moita Lopes de que "politizar o ato de pesquisar e pensar alternativas para a vida social são parte intrínseca dos novos modos de teorizar e fazer LA" (2006, p. 22).

O caráter político, ideológico e ético da LA está vinculado a esta pesquisa desde a escolha do objeto de pesquisa, quando decidi abordar um dos problemas característicos do Sul Global, como a migração de crise. E se materializa como uma alternativa para compreender outras sociabilidades e outras narrativas, "que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, nacionalidade (...)" (MOITA LOPES, 2006, p. 27).

Além de se inserir no campo de uma LA transgressiva e ideológica, esta pesquisa também partiu de uma perspectiva indisciplinar. Como Celani (1998) já alertava, precisamos buscar explicações para os fenômenos que investigamos em outros domínios do saber que não apenas os da linguagem *stricto sensu*. Nas últimas décadas, as pesquisas na área da LA, de forte tradição anglo-saxônica, têm se envolvido com diferentes áreas e formas de produção de conhecimento e se reinventado com relação a regimes de "não verdade", ou seja, "uma forma de vida

que, em lugar de investir na delimitação de um perfil disciplinar claramente contornado, passa a apostar no diálogo transfronteiras" (FABRÍCIO, 2006, p. 52). Esta pesquisa, portanto, procura estabelecer diálogo com teorias e metodologias que atravessam o campo das ciências sociais e das humanidades, a fim de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central (MOITA LOPES, 2006).

Em um movimento que visou enquadrar o evento "Bota Fogo!" como reflexo de um dos problemas que caracterizam as migrações Sul-Sul, busquei apoio também nos estudos congregados nas Epistemologias do Sul. Em parte porque os impactos dessas crises migratórias exigem uma reflexão sobre as lutas culturais e epistemológicas e os saberes emergentes que lhe estão associados (SOUSA SANTOS, 2018). As Epistemologias do Sul desafiam, assim, a centralidade da racionalidade científica moderna, posição assumida por séculos pelo Norte Global, e reivindicam a proposição de novos paradigmas éticos, teóricos e políticos para a transformação social, construídos **com o Sul** e a **partir do Sul Global** (SOUSA SANTOS, 2018). Além de propor desmarginalizar o Sul Global frente à exclusividade do conhecimento eurocêntrico, é central para as Epistemologias do Sul uma abordagem mais inclusiva, que reconheça as múltiplas subjetividades, agências e práticas sociais.

Em conformidade com as Epistemologias do Sul, o pensamento decolonial é uma resposta ao colonialismo epistêmico e cultural do Norte Global que, por muito tempo, hierarquizou a produção de conhecimento ocidental e impediu o Sul Global de representar o mundo como seu (WALSH, 2007; QUIJANO, 2007; MIGNOLO, 2007; GROSFOGUEL, 2007; TOLOSA, 2018). Isso significa que o pensamento decolonial visa combater os monólogos homogeneizantes, duais e universais fundados a partir de linhas abissais pelo pensamento colonial, eurocêntrico e hegemônico, por meio do "diálogo, diversidade, pluriversalidade e conhecimento rizomático, circular ou em espiral[76]" (TOLOSA, 2018, p. 283). Em poucas palavras, *decolonizar* significa ouvir profundamente, conhecer e praticar o Sul a partir de diversas perspectivas e experiências.

[76] No original: "el dialogo, la diversidad, la pluriversalidad y los conocimientos rizomáticos, circulares o en espiral frente al totem, homogeneizador, universal, dual y basado en lineas abisales del pensamiento hegemonico eurocentrado".

Acredito que **sulear** a pesquisa a partir dessas concepções de língua(gem), perspectivas teóricas e posicionamentos epistemológicos pode contribuir para a (des)construção da realidade social, ou mesmo, nas palavras de Fabrício, “indicar outros caminhos a percorrer, conhecimentos embrionários e rotas alternativas, afastadas de reducionismos e dualismos” (2013, p. 157).

3.2 Intersecções entre a pesquisa off-line e a etnografia digital

Com a emergência da internet, houve um crescimento em relação ao uso de diferentes mídias sociais, ampliando as interações sociais nesses espaços digitais. Isso tem mobilizado cada vez mais os pesquisadores a participarem do debate sobre como aplicar os princípios da pesquisa qualitativa/interpretativa a pesquisas etnograficamente orientadas sobre comunicação e culturas digitais.

A posição epistemológica e as perspectivas teóricas às quais me alinho influenciaram também minhas escolhas metodológicas. A perspectiva qualitativa foi escolhida devido ao conjunto de práticas materiais e interpretativas que nos ajudam a dar visibilidade ao mundo e às ações sociais. Além disso, trata-se de uma atividade situada que busca interpretar os significados que as pessoas conferem aos fenômenos em seus cenários interacionais, sociais e culturais (ERICKSON, 1989; DENZIN; LINCOLN, 2006).

Cabe ressaltar que ao tentar reconstruir o significado dessas práticas sociais no aqui e agora, o faço por meio de uma interpretação possível e limitada, porque é atravessada por minhas ideologias e visões de mundo. Como explica Geertz (2008), para entender o que é a interpretação, é necessário compreender como as formulações dos sistemas simbólicos de outros grupos sociais devem ser orientadas por seus atos. Desse modo, a interpretação de uma cultura é sempre parcial porque nos leva a ver as coisas do ponto de vista de observador, mas é também claramente um ato de imaginação, ou seja, “as forças culturais podem ser tratadas como textos, como obras imaginativas construídas a partir de materiais sociais (...) que o [pesquisador] tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem eles pertencem” (GEERTZ, 2008, p. 210-212). Sendo assim, reconheço que minha subjetividade enquanto pesquisadora é uma parte explícita da produção de

conhecimento e acabará perpassando a interpretação dos dados. Essa reflexividade é importante e também pode representar um dado para a pesquisa qualitativa e interpretativa (ERICKSON, 1989; FLICK, 2009).

Na pesquisa qualitativa também é determinante selecionar métodos variados que sejam adequados ao objeto de pesquisa (FLICK, 2009) e diferentes conceitos teórico-metodológicos que permitam analisar os posicionamentos, valores e modos de ver culturalmente aprendidos (ERICKSON, 1989). Para conduzir a metodologia desta tese, a variedade de abordagens e de métodos foi considerada a partir de uma abordagem da etnografia digital, incluindo os conceitos de **evento de mídia**, de **narrativa online** e de **observação não participante.**

Em síntese, os princípios e características da pesquisa qualitativa e interpretativa centram-se na produção do significado e na ação da vida social que se desenvolve em cenas concretas de interação. No caso desta pesquisa, tais aspectos amparam a observação do evento focalizado e de suas trajetórias textuais, seguida de uma reflexão deliberada sobre o que se observou e sobre o meu próprio ponto de vista interpretativo. Essa perspectiva está presente também na geração de registros/dados, a partir da adequação de abordagens e métodos etnográficos para ambientes digitais. Discorro sobre essas escolhas na próxima seção.

3.2.1 Situando a abordagem da etnografia digital

Nesta seção, em consonância aos princípios da pesquisa qualitativa e interpretativa, explicito os preceitos que me levaram a optar por uma **abordagem etnográfica digital** como metodologia.

Embora a etnografia seja uma metodologia essencial para representar a realidade e para formarmos imagens uns dos outros, assim como das relações de poder que nos conectam, Clifford (2002, p. 19) alerta que “nenhum método científico soberano ou instância ética pode garantir a verdade de tais imagens”. Considerando que “a escrita etnográfica não pode escapar inteiramente do uso reducionista de dicotomias e essências” (2002, p. 19), sigo a sugestão de Clifford, de que a etnografia possa, ao menos, lutar conscientemente para evitar representar “outros” de forma a-histórica, como fazem os modos de representação colonial. Pois,

conforme o autor, as imagens/representações são construções elaboradas a partir de relações históricas específicas de dominação e diálogo.

Como explica Geertz (2008), o trabalho do etnógrafo, do ponto de vista antropológico, consiste, em grande parte, em gerar dados por meio de entrevistas, observar rituais, deduzir os termos de parentesco de uma dada cultura, escrever um diário de campo etc. Nesse processo, o etnógrafo se depara com uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas que, primeiro, precisa apreender e depois apresentar. Na compreensão do antropólogo, realizar uma etnografia é como tentar ler "um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado" (GEERTZ, 2008, p. 7).

A etnografia tradicional, como descrita por Geertz, apesar de ter surgido no campo da Antropologia, acabou sendo apropriada por outras áreas do conhecimento (inclusive a Linguística Aplicada) e, portanto, tem sido utilizada como abordagem e método flexíveis de pesquisa. E, à medida que o digital foi se desenvolvendo como parte do mundo que coabitamos, fez-se necessário pensar em abordagens etnográficas que teorizassem o mundo digital de novas maneiras, repensando como entendemos as práticas, mídias e ambientes pré-digitais (PINK et. al., 2016). A abordagem da etnografia digital é própria para o tipo de contexto desta pesquisa, e, por isso, foi escolhida para direcionar os pressupostos metodológicos.

Discuti, no capítulo 2, que a separação entre os espaços online e offline está sendo cada vez mais desconstruída. Como já se discute, "o mundo online não é menos real do que o mundo offline[77]" (LEWIS, 2016, p. 105) e, nesse sentido, apenas o termo "etnografia" já daria conta de explicar as pesquisas virtuais. Embora concorde com essa noção de imbricação entre os mundos offline/online, alguns motivos me fizeram caracterizar esta pesquisa com base em uma abordagem específica da etnografia digital. Primeiro, porque esta pesquisa é de **cunho etnográfico**, e, por isso, não reflete o trabalho denso de uma etnografia clássica composta por um conjunto de elementos antropológicos. Depois, por considerar que

[77] Ressalto que não entendo "virtual" a partir do significado de "irreal", mas no sentido de "online" ou "digital".

o trabalho com dados online apresenta particularidades e características éticas e metodológicas que demandam uma abordagem específica. Além disso, uma combinação de etnografia offline e digital não apenas oferece variedade maior de métodos para **narrar eventos sociais**, como também permite que eles desmarginalizem a voz dos participantes nessas narrativas (MURTHY, 2008).

Ressalto que fazer etnografia diz respeito a contar histórias sociais e, à medida que a etnografia se torna digital, sua característica epistemológica deve continuar a mesma, o que muda são as maneiras de narrar online (MURTHY, 2008). Como assinala Murthy (2008), a etnografia digital possibilitou a realização de pesquisas **com, através** e **em** ambientes online, e nesse movimento tem nos desafiado a repensar as categorias conceituais e analíticas existentes no campo da pesquisa social e cultural. Desse modo, é importante considerar que os espaços digitais têm características e linguagens próprias. Como bem ressalta Polivanov (2013), há diferença entre realizar etnografia em contextos presenciais e observar uma comunidade virtual em um site de rede social, onde a coleta e/ou geração de registros originará dados materialmente distintos (como, por exemplo, emoticons, emojis, imagens, memes, textos escritos e links publicados pelos usuários). Essa diferença pode justificar o emprego de novas acepções como a “etnografia digital”, marcando uma diferença em relação à etnografia clássica.

A título de conhecimento, ademais de etnografia digital, Fragoso, Recuero e Amaral (2011), Varis (2014) e Dawson (2020) listam vários desses novos termos introduzidos e utilizados nos últimos anos por estudiosos de diferentes áreas, para citar alguns: netnografia, webnografia, ciberantropologia, etnografia virtual, ciberetnografia, etnografia online, etnografia da/na internet, pesquisa etnográfica na internet, etnografia de rede, entre outros[78].

Para além dessa variedade terminológica pensada para sustentar uma adaptação metodológica da etnografia em ambientes digitais, concordo com os autores que devemos considerar as distinções entre os planos online e offline. E, por isso, tais diferenças em termos de observação, de geração de dados e de implicações éticas são descritas e problematizadas ao longo das diferentes seções deste capítulo.

[78]Além dessas terminologias associadas à etnografia em contextos online, existem muitas outras que ainda devem ser conhecidas e estudadas. Porém, apenas discorro com mais detalhes sobre a etnografia digital por ter relação direta, teórica e metodologicamente, com o objeto desta investigação.

Compreendo que o surgimento de novos termos deve-se às particularidades dos objetos de pesquisa e dos contextos em que se aplicam. Como já argumentei anteriormente, optei por caracterizar a metodologia desta pesquisa a partir do enfoque da etnografia digital por entender ser esta uma perspectiva mais abrangente. Conforme Dawson (2020), ela abrange todas as formas de etnografia baseada em tecnologia digital, incluindo etnografia online, virtual, móvel, de rede e offline envolvendo digitalização. É importante advertir "que esses termos são discricionários, flexíveis e fluidos[79]: eles não têm uma tipologia definida e clara e podem, às vezes, ser usados indistintamente"[80] (DAWSON, 2020, p. 249). Ressalto, portanto, que os termos "etnografia digital" e "etnografia virtual", apesar de algumas diferenças, são comumente abordados como sinônimos.

Na década de 1990, diferentes estudos de cunho etnográfico se voltaram a pesquisar os ambientes virtuais. Todavia, é a partir de 2000, com a publicação do livro *Virtual Ethnography,* que Christine Hine passa a ser considerada uma das pioneiras em analisar as interações sociais em comunidades virtuais e a problematizar a utilização da etnografia como metodologia de pesquisa para a internet. Como um dos primeiros termos cunhados para estudar as dinâmicas sociais em espaços online, a "etnografia virtual" buscava olhar em detalhes para as maneiras pelas quais a tecnologia era experienciada na prática. Na sua forma básica, a etnografia virtual, no entendimento de Hine ([2000]2004), consiste em um pesquisador imerso em um 'campo de ação', usando tecnologias digitais por um período de tempo estendido, percebendo as relações, atividades e compreensões daqueles que estão nesse ambiente e participam do processo.

Para a adaptação do conceito de etnografia para contextos virtuais, Hine explica ser importante compreender a internet como uma manifestação da cultura e como um artefato cultural que é moldado pelo entendimento e pelas expectativas das pessoas. Na primeira perspectiva ela é vista como um lugar distinto do offline, o ciberespaço, onde a cultura é constituída e reconstituída. Já na segunda, a internet representa um produto da cultura, ou seja, uma tecnologia que foi produzida por pessoas particulares com objetivos e prioridades situadas em um contexto e, por isso, há integração entre as esferas online e offline (HINE, [2000]2004).

---

[79] Fragoso, Recuero e Amaral (2011) argumentam que mesmo as pesquisas offline com abordagens etnográficas são flexíveis em sua metodologia.

[80] No original: "(...) that these terms are discretionary, flexible and fluid: they have no settled and clear typology and can, on occasions, be used interchangeably".

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) destacam uma terceira abordagem relacionada à noção de internet como artefato cultural de Hine: a internet como tecnologia midiática. Nessa proposta, tem destaque a convergência de mídias e a construção dos objetos, em que seria possível acompanhar as práticas e os atores sociais em suas performances. Para efeitos desta pesquisa, a articulação das três perspectivas é aplicada à metodologia, pois considera tanto a dimensão material, quanto a dimensão simbólica, que pode envolver a construção identitária dos migrantes de crise narrados no espaço virtual.

As primeiras pesquisas sobre comunicação mediada tecnologicamente priorizavam os efeitos das tecnologias de comunicação na linguagem e desconsideravam outros fatores contextuais. Nessa perspectiva inicial, como assinala Varis (2014), os dados eram frequentemente coletados e separados aleatoriamente de seus contextos discursivos e sociais. Diferente das abordagens contemporâneas que envolvem a produção e aceitação do discurso como atividade socialmente significativa e situada contextualmente. Em termos gerais, o que difere a pesquisa anterior da atual “é a diferença entre o estudo de 'coisas' e o estudo de 'ações' contextualizadas – ou o estudo de textos e práticas culturais”[81] (VARIS, 2014, p. 3).

A abordagem da etnografia digital representada por Pink et. al. (2016) toma como ponto de partida a ideia de que a mídia e as tecnologias digitais fazem parte do mundo cotidiano. De acordo com os pesquisadores, essa abordagem explora os ambientes de material digital em que habitamos e como a atividade humana e os ambientes em que ela ocorre são construídos conjuntamente. Dessa forma, o papel do etnógrafo digital consiste em “observa[r] pessoas, coisas e processos enquanto eles se envolvem em atividades que atravessam o online/offline” (PINK et. al., 2016, p. 184).

Pink et al. (2016) também argumentam que para definir a prática da etnografia digital, é preciso uma teoria do digital. Para tanto, para conceituar o processo etnográfico, os autores lançam mão de categorias, já estudadas nas ciências sociais e humanas, como os construtos de experiência, prática, coisas, relacionamentos, mundos sociais, localidades e eventos. Alguns desses, mas

[81] No original: “(...) is a difference between the study of ‘things’ and the study of contextualized ‘actions’ – or the study of texts, and cultural practices”.

principalmente o conceito de evento é utilizado como unidade e categorias de análise nesta pesquisa.

Em discussões mais recentes envolvendo os estudos da internet, a etnografia digital, segundo Varis (2014), tem se destacado como uma abordagem metodológica, sobretudo, com relação ao uso de métodos de *big data*, em que os dados online podem ser facilmente rastreados e coletados em grandes quantidades. Em quantidades menores, o termo etnografia digital também é aplicado para descrever o uso de métodos, técnicas, ferramentas e percepções etnográficas para coletar e analisar dados de fontes online, explica Dawson (2020). Existe hoje uma gama de possibilidades para registrar os dados online, que pode incluir, por exemplo, software de captura de tela, software de análise de dados, ferramentas de arquivamento de site, ferramentas de visualização de dados, sistemas de gerenciamento de conteúdo, blogs pessoais, vlogs, fóruns, sites de mídia social, áudio e gravações de vídeo e muitos outros (VARIS, 2014; DAWSON, 2020).

Na etnografia digital, geralmente estamos em contato mediado tecnologicamente com os participantes, e não na presença direta. Isso permite ao etnógrafo digital investigar o comportamento e a atividade online dos atores sociais, incluindo, por exemplo, os vários aspectos citados por Dawson:

> interação entre usuários online; o conteúdo produzido por usuários online; significados políticos, sociais, culturais e históricos que os usuários online atribuem às suas ações e interação; a apresentação de si mesmo e a criação e apresentação de identidades online (incluindo identidades falsas ou enganosas); participação na formação, interação e cessação de fóruns, redes e grupos online[82] (DAWSON, 2020, p. 248-249).

Concordo com a autora que esses aspectos precisam ser observados, registrados e analisados de forma situada, considerando as atividades online e o comportamento dentro do grupo, com distinção cuidadosa feita entre as percepções científicas da realidade e as percepções da comunidade online que está sendo investigada.

---

[82] No original: “interaction among online users; the content produced by online users; political, social, cultural and historical meanings that online users ascribe to their actions and interaction; the presentation of self and creation and presentation of online identities (including false or misleading identities); participation in the formation, interaction and cessation of online forums, networks and groups”.

Como vimos, a etnografia digital pode ser praticada e definida de diferentes maneiras, mas mantém relação próxima com as definições existentes. Tendo explicado as especificidades da etnografia digital, acredito ser importante recuperar a etimologia da palavra para ampliar os sentidos em que essa abordagem está sendo usada na metodologia desta pesquisa.

Erickson (1984) explica que "etnografia" significa literalmente escrever sobre o "ethnos", substantivo grego, geralmente traduzido como "nação", "tribo" ou "povo". No entanto, o pesquisador ressalta que a unidade de análise do etnógrafo, não precisa necessariamente corresponder a uma nação, vila, região ou grupo linguístico, "mas [a] **qualquer rede social** que forme uma entidade corporativa na qual as **relações sociais** sejam reguladas pelo costume[83]" (ERICKSON, 1984, p. 52, grifos meus).

Assim, o objeto da etnografia, como examina Mattos (2011), corresponde a um **conjunto de significantes** em termos dos quais os **eventos**, fatos, ações e contextos são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categoria cultural" (Idem, p. 54). Isso significa que um estudo etnográfico não se restringe a abranger como um todo um grupo social de qualquer tamanho, mas ao fato de "retratar **eventos**, pelo menos em parte, **do ponto de vista dos atores envolvidos nos eventos"**[84] (ERICKSON, 1984, p. 52, grifos meus). Considero esse enfoque especialmente importante, tendo em vista que busquei compreender o ataque "Bota Fogo!" como um evento a partir das narrativas (midiáticas e digitais) na perspectiva de brasileiros e venezuelanos que, de alguma forma, se envolveram em posicionamentos interacionais com relação ao conflito ocorrido em Pacaraima/RR.

Contudo, diferentemente do que sugere Flick (2009), não foi possível, nesta pesquisa, acompanhar os processos sociais de produção do evento a partir de uma perspectiva interna ao processo, por tratar-se de uma investigação realizada após o desenvolvimento do episódio de 18 de agosto de 2018. Por outro lado, partindo de um ponto de vista externo, procurei acessar e interpretar as múltiplas perspectivas do evento e dos significados sociais como representativos de comunidades modernas complexas (GREENBANK, 2019, p. 38).

---

[83] No original: "(...) but any social network forming a corporate entity in which social relations are regulated by custom".

[84] No original: "What makes a study ethnographic is that it not only treats a social unit of any size as a whole but that the ethnography portrays events, at least in part, from the points of view of the actors involved in the events".

Nos estudos da linguagem, e como vejo esta metodologia, a análise etnográfica é frequentemente utilizada no **nível micro** para estudar um evento em particular ou parte dele, ao mesmo tempo em que se enfatiza o estudo das relações sociais em um grupo como um todo (MATTOS, 2011). Na microanálise de um evento etnográfico, existe uma preocupação com o significado das ações dos atores sociais. Como observa Mattos, o significado da interação é enfatizado como um todo, desde a relação entre "a cena imediata da interação social de um grupo e o significado do fato social ocorrido em grandes contextos culturais" (MATTOS, 2011, p. 56). Embora seja o nível micro que muitas vezes é foco de atenção de pesquisas na área da linguagem, concordo com Varis (2014) que na etnografia digital, assim como na tradicional, o nível micro só faz sentido quando visto dentro do nível macro, tendo em vista a maneira como online e offline são, em muitos casos, inseparáveis.

Nessa visão etnográfica da linguagem, em que acrescento a abordagem digital, a mobilidade é algo intrínseco à linguagem. Essa afirmação carrega uma crítica de Blommaert à sincronia saussuriana atrelada a uma visão da realidade sociolinguística em que "a linguagem é despida, por assim dizer, (...) das características espaciais e temporais que definem sua ocorrência, significado e função na vida social real" (BLOMMAERT, 2010, p. 6). A sincronia estrita é impossível quando se estuda a língua(gem) enquanto ações realizadas por pessoas em um ambiente social (neste caso, também digital), é preciso considerar a **situacionalidade** das trajetórias textuais, mas também a **mobilidade** dos recursos linguísticos.

Nesse sentido, alguns estudiosos da língua(gem) têm se preocupado também com o comportamento comunicativo não verbal, especialmente, quando se trata de pesquisas em contextos móveis de globalização. Para adquirir esse entendimento em uma abordagem etnográfica, Blommaert e Dong (2010) reiteram que "tanta atenção precisa ser dada ao que é visto a partir da perspectiva estatizada e reificada mencionada como questões 'não linguísticas' quanto deve ser dada a questões estritamente 'linguísticas'" (2010, p. 10).

De fato, a partir dessa perspectiva etnográfica da linguagem, a distinção entre linguístico e não linguístico se torna artificial (BLOMMAERT; DONG, 2010). Como discutido no início deste capítulo, todo ato de linguagem precisa ser situado em padrões mais amplos de comportamento social humano. Isso significa que todos

os tipos de significados, performatividades, efeitos de sentido e funções da linguagem são considerados na abordagem etnográfica assumida nesta pesquisa.

Nas palavras de Mattos (2011, p. 54), “etnografia é a escrita do visível”. Nesse sentido, o conceito de **evento de mídia** revela-se uma possibilidade etnográfica interessante para pensar a situacionalidade da linguagem. Pois, de acordo com Pink et al., 2016, seguir o percurso de um evento de mídia permite aos pesquisadores entender acontecimentos identificáveis – previamente planejados ou não –, explicando como eles são vividos e lembrados e como tais eventos podem ser usados para sugerir possíveis transformações futuras (PINK et al., 2016). Neste caso, considerando que as trajetórias textuais do evento narrado foram **publicamente** registradas e difundidas nas plataformas de mídias sociais*,* caracterizei o ataque “Bota Fogo!” como um **evento de mídia***,* considerando seu caráter empiricamente visível e identificável.

Nas últimas décadas, algumas pesquisas etnográficas têm focalizado a relação entre o evento público, a mídia e os contextos de consumo e disseminação de informações (PINK et al., 2016). A noção de evento de mídia (ou midiático), consoante a Pink et al. (2016), foi apropriado da concepção antropológica de **evento ritual**. O conceito contemporâneo ocorre na relação entre a materialidade online/offline e o material digital e, na maioria das vezes, implica algo que acontece em um contexto público e tem sua projeção a diferentes audiências.

Por um lado, parte do meu interesse em caracterizar o ataque “Bota Fogo!” como um evento de mídia deve-se à difusão pública do conflito empreendida pelos próprios participantes nas mídias sociais, e por outro, porque se constitui como uma unidade de análise popular para enquadrar como a mídia e as atividades ao seu redor se encaixam em contextos nacionais e transnacionais (PINK et al., 2016). Tal abordagem é adequada neste caso, considerando que o evento “Bota Fogo!” apresenta indícios de ter sido enquadrado de diferentes maneiras a depender da plataforma e/ou portal de notícias (G1, *TeleSur* etc., mídias brasileiras e venezuelanas) onde circulou.

Em resumo, a etnografia digital é compreendida como uma abordagem que pode auxiliar na captura da forma e da natureza das práticas comunicativas e interacionais e performances em ambientes virtuais. E, assim como a etnografia offline, esse tipo de abordagem busca assumir a tarefa de compreender os

significados, as normas e padrões de um modo de vida e de realidades localmente situadas, com a oportunidade de usar a língua(gem) e outras semiotizações na internet.

É por todas essas razões apresentadas que preferi utilizar o termo **etnografia digital** e não puramente etnografia para descrever a abordagem metodológica desta pesquisa.

Para melhor exemplificar os procedimentos que envolveram o trabalho etnográfico a partir dessa abordagem digital, apresento, na próxima seção, os graus de participação que possibilitaram minha imersão na investigação, as considerações éticas demandadas pela adoção deste tipo de enfoque digital e, ao final deste capítulo, informo como o *corpus* foi constituído a partir da geração de registros.

3.2.2 Procedimentos metodológicos e graus de participação

Com o surgimento de diferentes sites de mídias sociais e os novos tipos de ambientes comunicativos, surgiram debates sobre que abordagens metodológicas da etnografia digital poderiam ser aplicadas para investigar essas novas formas de interação virtual (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011; VARIS, 2014; PINK et. al., 2016; DAWSON, 2020). Para tanto, é crucial pensar em questões caras, inclusive, à etnografia offline (ERICKSON, 1984; FLICK, 2009; MATTOS, 2011), como a escolha de métodos e ferramentas de geração de dados, o papel do pesquisador e seus graus de engajamento e interação **nos** e **com** os grupos sociais, e as considerações éticas implicadas nesse processo. É disso que trata esta e a próxima seção do capítulo metodológico.

A etnografia offline, como esclarece Flick (2009), abrange uma variedade de instrumentos e técnicas de pesquisa. Dentre eles, a observação participante e as entrevistas não dirigidas combinadas à análise de documentos e à presença do etnógrafo no campo. De igual forma, na etnografia digital, pode-se adotar uma multiplicidade de métodos e ferramentas para realizar pesquisa em/sobre mundos virtuais, incluindo entrevistas online, observações online, grupos focais online, pesquisa de objetos digitais, pesquisa de narrativas digitais, por exemplo (DAWSON, 2020).

Nesse tipo de pesquisa qualitativa, é importante que o pesquisador faça uma descrição das **regularidades** do comportamento social em uma **situação social** considerada como um todo, mas que também relate suas **experiências** com essas regularidades estando presente na situação social (ERICKSON, 1984). Contudo, esclarece Erickson, a etnografia não deve ser vista apenas como um relato conduzido por uma técnica ou conjunto de técnicas padrão. Ao contrário, deve ser considerada como um processo de investigação guiado por um ponto de vista que envolva a **reflexão**. Desse modo, a etnografia pode ser entendida ao mesmo tempo como um **processo ou método de pesquisa** quanto como o **resultado** desse processo, desde que a ênfase seja no significado local (ERICKSON, 1984).

Considerando que a etnografia, regulada pela reflexividade, consiste em um processo deliberado, mas também intuitivo, a escolha das técnicas e instrumentos utilizados na pesquisa deve ser determinada pelo processo de questionamento explícito e implícito do etnógrafo, conforme informado pela experiência na situação de campo e pelo conhecimento teórico de pesquisas anteriores (ERICKSON, 1984, p. 51). Esse processo baseado no contexto é altamente indutivo, apesar de não haver induções puras, afirma Erickson. Além disso, conforme o autor, o enquadramento das perguntas de pesquisa é sempre influenciado pelo conhecimento do/da pesquisador/a. Isso significa que o etnógrafo leva para o campo um ponto de vista teórico e um conjunto de questões, explícitas ou implícitas, mas, estando envolvido/a no cenário de pesquisa, sua perspectiva teórica e questões pesquisáveis podem mudar, “de maneira que o cenário, por suas respostas, ensine as próximas perguntas situacionais apropriadas a serem feitas” (ERICKSON, 1984, p. 52).

Nesse sentido, esta pesquisa passou por uma trajetória que, a princípio, foi deliberada por meio de perguntas e métodos sistematizados, mas que, conforme minha imersão no cenário de pesquisa e meu contato com novos conhecimentos teóricos, foi se desenhando de forma mais intuitiva e depois indutiva. Portanto, tanto as escolhas teóricas quanto as metodológicas foram determinadas por um movimento reflexivo influenciado pela seleção dos dados online para compor o objeto de pesquisa, e por minhas inquietações sociopolíticas e experiências epistemológicas sobre o tema abordado.

De forma concreta, a pesquisa indutiva foi conduzida partindo de evidências empíricas em direção à teoria, ou, nas palavras de Blommaert e Dong (2010, p. 14), “você segue os dados, e os dados sugerem questões teóricas particulares”[85] . Nessa direção, Grillo (2019) também recomenda uma abordagem etnográfica multissituada para “seguir diversas pessoas, conexões e associações em diferentes espaços”[86] (GRILLO, 2019, p. 75). Assim, nesta estrutura metodológica, as perguntas de pesquisa me guiaram a adotar métodos mistos próprios da abordagem etnográfica digital para a geração de registros e coleta de dados, combinando o método de **observação online** e a pesquisa de **narrativas digitais** para **seguir** as trajetórias textuais e entextualizações do evento “Bota Fogo!” (publicações, *posts,* comentários, o curso das reações e interações dos sujeitos etc.) em cenários digitais multissituados como o Facebook, Youtube, Twitter e sites de agências de notícias.

Na perspectiva de uma pesquisa qualitativa/interpretativa, “a descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo” (MATTOS, 2011, p. 54). Nas palavras de Mattos, o estudo da etnografia offline é compreendido pela observação direta das formas costumeiras de viver de “um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos” (MATTOS, 2011, p. 51). Na etnografia digital, por sua vez, a observação online é usada para visualizar como a atividade humana e os ambientes digitais em que ela ocorre são co-constitutivos, facilitando, na visão de Pink et al. (2016), um melhor entendimento das relações digitais, afetivas e sociais dos eventos. Na definição de Dawson (2020), a observação online:

> é um método de pesquisa que envolve a visualização, monitoramento, aquisição e registro seletivo e detalhado de fenômenos online. Isso pode incluir perceber fatos, fazer medições e registrar julgamentos e inferências. Envolve o acesso aos fenômenos online que estão sendo pesquisados: encontros e trocas textuais em redes sociais, grupos de discussão, fóruns e sites de microblogging; atividades visuais e comportamento em mundos virtuais, vídeos ou jogos online; e observações de experimentos controlados

[85] No original: “(...) you follow the data, and the data suggest particular theoretical issues”.
[86] No original: “(...) seguir personas, conexiones y asociaciones diversas a través de distintos espacios”.

> que usam questionários, imagens visuais, sites e aplicativos, por exemplo[87] (DAWSON, 2020, p. 274).

Embora essa seja uma definição genérica do processo que envolve a observação online, Dawson (2020) esclarece que a maneira como esse método é usado na pesquisa depende da perspectiva teórica e metodológica do pesquisador. Distintamente das pesquisas quantitativas em que a observação online é estruturada, formal e segue um procedimento definido, na pesquisa qualitativa, a observação online não segue um procedimento pré-definido e pode, em vez disso, ser aberta, flexível e não estruturada (DAWSON, 2020). Como esta pesquisa é de base qualitativa/interpretativa e de cunho etnográfico, utilizei as observações online para descrever, interpretar e registrar as performances e interações online de/sobre migrantes de crise a respeito do evento de mídia “Bota Fogo!”. As observações online não foram previamente definidas, mas após a seleção, fiz um registro cuidadoso e sistemático dos dados em capturas de tela e depois as arquivei em diferentes dispositivos online e offline[88].

A observação online é um método frequentemente usado em etnografias digitais para investigar as práticas online e a produção de significado. A observação pode ser realizada abertamente (direta ou reativa) ou de forma silenciosa e encoberta (não obstrutiva ou não reativa). De acordo com Dawson (2020), no primeiro tipo de observação, o pesquisador declara abertamente sua presença e propósito de pesquisa dentro da comunidade online ou mundo virtual que investiga, dessa maneira, os participantes sabem que fazem parte de uma pesquisa online e por isso consentem ser observados nesses espaços virtuais ou durante a realização de grupos focais. Por sua vez, na observação silenciosa, “as pessoas não sabem que fazem parte de um projeto de pesquisa e que seu comportamento online, interação, palavras e/ou imagens estão sendo observados” (DAWSON, 2020, p. 275).

---

[87] No original: “Online observation is a research method that involves selective and detailed viewing, monitoring, acquisition and recording of online phenomena. This can include noticing facts, taking measurements and recording judgements and inferences. It involves access to the online phenomena that is being researched: textual encounters and exchanges in social networks, discussion groups, forums and micro-blogging sites; visual activities and behavior in virtual worlds, videos or online games; and observations from controlled experiments that use questionnaires, visual images, websites and apps, for example”.

[88] Apresento os detalhes da observação online na seção da geração de registros e constituição do *corpus* da pesquisa.

Isso implica basicamente dois tipos principais (mas não únicos) de pesquisador em termos de seu grau de inserção no cenário de pesquisa online: o **observador participante** *(insider)* e o **observador silencioso** *(lurker)* ou não participante (FRAGOSO, RECUERO; AMARAL, 2011). Como propõem Fragoso, Recuero e Amaral (2011), a escolha do grau de inserção do pesquisador amplia as opções da pesquisa, implicando consequências éticas e podendo, inclusive, influenciar a análise dos resultados da pesquisa – deste modo, é uma questão que precisa ser problematizada. Segundo as pesquisadoras, existem, por exemplo, aspectos positivos e negativos em se tratando de observador participante ou não participante. Em ambos os papéis, com a inserção do pesquisador, pode-se perder ou ganhar em proximidade, em tempo, no andamento do projeto – assim como "o que se ganha em não participação pode-se perder em termos de uma visão mais holística" (Idem, 2011, p. 194).

Como alertam Fragoso, Recuero e Amaral (2011), Varis (2014) atenta para o fato de que, entre vantagens e desvantagens, a pesquisa sobre comunicações digitais sempre envolve a **tela**. Os pesquisadores agora podem participar de forma visível/invisível e com/sem o conhecimento das pessoas cujas atividades estão sendo observadas. Apesar de levantar reflexões éticas[89], Varis (2014) considera que a invisibilidade garantida pela tela representa uma oportunidade para coletar dados "naturais", já que os usuários não modificam seu comportamento por não saberem de seu *status* de pesquisado.

Dentro desse enquadre explicativo, julguei mais adequado caracterizar meu papel na pesquisa como observadora não participante, principalmente porque **minha inserção** no cenário de pesquisa se deu em um tempo **após** o ataque ocorrido em Pacaraima, impossibilitando-me de seguir o evento no momento em que ele acontecia, e ele tampouco permaneceu em uma única comunidade virtual que demandasse o consentimento de participação.

Como apontado acima, os aspectos usados para **descrever a etnografia digital são flexíveis.** Dependendo do propósito e foco da pesquisa e perspectiva teórica do pesquisador, há diferentes maneiras de conduzir uma pesquisa a partir da abordagem etnográfica digital. Existem estudos etnográficos, por exemplo, que incorporam à metodologia práticas de narrativa como histórias de vida, biografias ou

[89] Na próxima seção, reflito sobre as implicações éticas subjacentes a esta pesquisa.

documentos na composição da análise dos dados (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Tomando esse argumento como fundamento, além da observação não participante, também utilizei a **narrativa** como parte dos procedimentos metodológicos nesta pesquisa.

Conforme Dawson (2020), a internet e as tecnologias móveis ampliaram o número de pessoas compartilhando e compilando suas histórias de vida e narrativas pessoais de diversos modos, seja por meio de *posts* em plataformas de mídia social, *podcasts*, vídeos do YouTube, ou mesmo, utilizando um amplo número de recursos como fotografia, memes, efeitos sonoros, músicas, textos, telas de título de jogos, infográficos etc. (DAWSON, 2020, p. 100). Portanto, no contexto recente tecnologicamente mediado, existem diferentes formas de narrar, interagir e registrar as informações online.

Como argumentei no capítulo 1, adoto a abordagem da narrativa como prática teórica e analítica e como método de geração de registros online. No caso desta tese, utilizo a narrativa como metodologia a fim examinar as performances identitárias e os repertórios linguístico-discursivos de/sobre migrantes de crise venezuelanos(as) contextualmente situados em trajetórias textuais do evento “Bota Fogo!” disponíveis em comunidades, grupos e/ou páginas virtuais. Por isso, por meio de uma abordagem etnográfica digital, **segui** as trajetórias textuais do ataque em diferentes portais midiáticos e plataformas de interação digital, centrando-me em realizar uma **observação não participante** e o registro das **narrativas online** envolvendo as performance*s* e posicionamentos dos atores sociais, com interesse especial nas relações entre as práticas sociais (o que as pessoas fazem); as experiências (o que as pessoas sentem); os relacionamentos (os ambientes sociais); as localidades (os contextos fisicamente compartilhados reais em que habitamos); os mundos sociais (os grupos e configurações sociais mais amplas através das quais as pessoas se relacionam) (ERICKSON, 1984, 1989; FLICK, 2009; MATTOS, 2011; PINK et al., 2016).

Segundo Mattos (2011), adotar uma metodologia etnográfica requer do pesquisador assumir uma **teoria crítica de análise** que procure “identificar o significado nas relações sociais de classe, etnia, linguagem, gênero, e a cena imediata onde estas relações se manifestam” (MATTOS, 2011, p. 56). Para dar conta desse feito, acredito que a teoria narrativa desempenha um papel importante em

termos de análise e interpretação do evento de mídia aqui enquadrado. Essas escolhas também justificam meu alinhamento político e ideológico ao assumir nesta pesquisa uma concepção performativa e dialógica de linguagem que, entre outras razões, aponta para “a enunciação como sendo de natureza constitutivamente social, histórica e que, por isso, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos” (BRAIT; MELO, 2013, p. 68).

A meu ver, recorrer a essa concepção de linguagem e a uma teoria narrativa crítica implica uma reflexão ética que precisa ser abordada em uma pesquisa digital etnograficamente informada, como passo a discutir na seção seguinte.

3.2.3 Considerações éticas na etnografia digital

Os princípios éticos na pesquisa online devem ser considerados e aplicados da mesma forma que em pesquisas qualitativas presenciais. Esta investigação teve como ponto de partida quatro princípios éticos citados por Flick (2013):

> - Não prejuízo: os pesquisadores devem evitar causar danos aos participantes.
> - Beneficência: a pesquisa sobre os seres humanos deve produzir alguns benefícios positivos e identificáveis, em vez de ser simplesmente realizada em benefício próprio.
> - Autonomia ou autodeterminação: os valores e decisões dos participantes devem ser respeitados.
> - Justiça: todas as pessoas devem ser tratadas igualmente (FLICK, 2013, p. 208-209).

O objetivo desses princípios é garantir a transparência dos procedimentos de pesquisa no que diz respeito a evitar ou diminuir danos aos participantes, tomando o devido cuidado com a confidencialidade, o anonimato e a proteção dos dados. Apesar de esta pesquisa ser caracterizada como uma etnografia digital apoiada no método observacional não participante e, portanto, sem o envolvimento direto de/com seres humanos, submeti o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética (CEP), e procurei atender às orientações do Programa e da Política de Ética da

Universidade. O projeto foi aprovado pelo CEP em 04 de setembro de 2018 com o número do Parecer Consubstanciado **2.873.203**.

Depois de garantir que esta pesquisa estava em conformidade com as diretrizes do Comitê de Ética e da Universidade, outra preocupação foi refletir sobre o entendimento do que é considerado "público" e do que é "privado" em uma etnografia digital. **Se as interações em sites de redes sociais estão disponíveis, significa necessariamente que podem ser usadas para fins de pesquisa?**

Embora não exista consenso sobre considerações éticas ou diretrizes estritas para os etnógrafos a esse respeito, Varis (2014) pontua que devemos analisar caso a caso, dependendo, por exemplo, da sensibilidade do problema investigado e dos possíveis danos causados àqueles cujas interações estão sendo pesquisadas. Em uma direção parecida, Townsend e Wallace (2016) assinalam, no *Social Media Research: A Guide to Ethics*, ser preciso compreender cada contexto de pesquisa em plataformas de mídia social como único e com um conjunto único de características e desafios éticos (TOWNSEND; WALLACE, 2016). Para dar conta dessa afirmação, as autoras afirmam a necessidade de reconhecer que as diretrizes precisam permanecer flexíveis para responder aos contextos variados nos quais os dados online são encontrados. Há de se considerar, por exemplo, o público-alvo, o tópico em foco, a metodologia empregada, as características de cada plataforma e o tipo de dados coletados (se são textos, imagens, vídeos etc.).

Antes de considerar outros aspectos éticos, Townsend e Wallace (2016) alertam sobre a importância de consultar os termos, condições e diretrizes relevantes de cada plataforma de mídia social utilizada para obter os dados. Sendo assim, procurei identificar, nas normas do Facebook, Youtube e Twitter, as informações específicas voltadas à política de privacidade dos usuários e às possíveis restrições de acesso e coleta de dados em cada plataforma.

Com relação às informações descritas na **política de dados** do Facebook[90], o conteúdo publicado em uma Página é considerado **público** e pode ser visto por qualquer pessoa apta a acessá-la. No entanto, se uma **Página, Grupo** ou **Evento** for coletar conteúdo e informações diretamente dos usuários, deve deixar claro que quem está coletando esses dados não é o Facebook. Ademais, a Página,

[90] As informações referentes à **Política de Dados, Padrões de Comunidade** e **Termos de Serviço** do *Facebook* estão disponíveis para todo usuário da plataforma. Disponível em: https://www.facebook.com/policies/pages_groups_events/. Acesso em: 04 ago. 2020.

Grupo ou Evento deve obter o consentimento do usuário e todas as permissões necessárias para reutilizar suas informações e seu conteúdo. Apesar de não proibir a coleta de dados na plataforma, os termos e condições do Facebook esclarecem que nenhuma Página, Grupo ou Evento poderá acessar o site de rede social, tampouco coletar conteúdo ou informações de usuários, usando meios automatizados (como *bots* de coleta) sem a permissão por escrito do Facebook.

No que se refere ao compartilhamento de informações, o Youtube[91] apresenta uma **política de privacidade** mais flexível, deixando ao usuário a decisão de compartilhar vídeos publicamente ou optar por manter seus vídeos privados ao fazer login na plataforma. O site ressalta que quando o usuário compartilha informações publicamente, seu conteúdo pode se tornar acessível por mecanismos de pesquisa (inclusive por buscas realizadas no Google). Mesmo que o usuário faça o login, as informações que o identificam (como nome e foto) aparecem relacionadas às suas atividades, como, por exemplo, ao interagir nos comentários de um vídeo. A política de privacidade do Youtube registra o compromisso de não compartilhar qualquer **informação pessoal sensível**[92] do usuário com entidades fora do domínio do Google, salvo quando obtenha seu consentimento explícito. Contudo, a plataforma compartilha publicamente **informações de identificação não pessoal**[93] com as empresas parceiras (editores, anunciantes, desenvolvedores etc.), permitindo que as informações sejam usadas para mostrar tendências a respeito dos serviços do Youtube ou que sejam coletadas para fins de recomendações compartilhadas de publicidade.

Ainda que o uso de dados do Twitter[94] tenha sido quase inexistente, consultei de igual forma a política de privacidade desse site de mídia social. O Twitter é caracterizado como uma plataforma aberta porque a maioria de suas atividades é **pública**, inclusive as informações de perfil, o idioma ou o fuso-horário

---

[91] Essas informações constam das Diretrizes, Regras e Política de Privacidade do *Youtube*. Disponível em: https://www.youtube.com/howyoutubeworks/our-commitments/protecting-user-data/. Acesso em: 05 ago. 2020.

[92] Segundo *Youtube*, *informação pessoal sensível* é uma categoria específica de informações pessoais relacionadas a tópicos como fatos médicos confidenciais, origens raciais ou étnicas, crenças políticas ou religiosas ou sexualidade. Disponível em: https://policies.google.com/privacy?hl=en-US#footnote-sensitive-info. Acesso em: 05 ago. 2020.

[93] As *i*nformações não pessoalmente identificáveis são aquelas registradas sobre os usuários, para que não reflitam ou façam referência a um usuário identificável individualmente. Disponível em: https://policies.google.com/privacy?hl=en-US#footnote-info. Acesso em: 05 ago. 2020.

[94] Os Termos de Serviço e a Política de Privacidade do *Twitter* estão disponíveis em: https://twitter.com/pt/tos. Último acesso em: 06 ago. 2020.

do usuário. Também são públicos os **Tuítes**[95] dos usuários e determinadas informações sobre suas postagens, como a data, o horário, a localização de onde o tuíte foi feito, as listas criadas, os seguidores, as curtidas, os retuítes[96], os compartilhamentos, os comentários, as transmissões ao vivo (assistidas e transmitidas), as menções em um tuíte, e as marcações em uma foto (neste caso, se as configurações do usuário permitirem). Além disso, a política do Twitter, da mesma forma que a do Facebook e do Youtube, diz utilizar os dados gerados a partir do envolvimento do usuário na plataforma para fins publicitários.

Dessa forma, depois de verificar os termos e condições das plataformas de mídia social (Facebook, Youtube e Twitter) e determinar quando possuíam uma política de livre acesso de dados, estabeleci alguns critérios metodológicos que me permitiram assumir uma abordagem ética na geração de registros e na análise dos dados coletados desses sites de mídias sociais. Antes de realizar a coleta dos textos, configurei meu perfil de usuária com a identificação de doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Entrei em contato com os administradores de alguns grupos fechados voltados aos migrantes venezuelanos no Brasil, solicitando a autorização para participar daqueles espaços virtuais. Nos grupos em que obtive anuência, tomei o cuidado de ser apenas uma observadora não participante. Em contrapartida, acabei não utilizando os dados de grupos fechados, cujo acesso estava limitado por senha (por exemplo, no Facebook), por compreender que o usuário pode não esperar ser observado por pesquisadores nesse contexto.

Os **dados** que acessei foram gerados de **plataformas digitais abertas e públicas**, como postagens e comentários realizados no Youtube e no Twitter, e de publicações feitas por **Páginas** e **Perfis públicos** de organizações e figuras públicas (como agências de notícias) no Facebook. Essas informações são menos propensas a serem problemáticas, porque esses dados visam atingir um maior engajamento na

---

[95] Um tuíte é uma mensagem curta e pública postada na plataforma de mídia social *Twitter.* É uma forma de comunicação instantânea, onde os usuários podem compartilhar informações, opiniões, notícias e outros conteúdos em até 280 caracteres. Um tuíte geralmente é uma publicação em texto, mas também pode incluir imagens, vídeos, links e hashtags. Disponível em: https://help.twitter.com/. Acesso em: 06 ago. 2020..

[96] O retuíte corresponde a uma função do Twitter que permite aos usuários compartilhar um tuíte de outra pessoa com seus próprios seguidores. Ao retuitar, o usuário está basicamente reenviando o conteúdo original para sua própria lista de seguidores, dando crédito ao autor original. É uma maneira de espalhar rapidamente informações para uma audiência mais ampla. Quando um tuíte é retuitado, ele aparece no feed de notícias dos seguidores do usuário que fez o retuíte aumentando assim sua visibilidade e alcance. Disponível em: https://help.twitter.com/. Acesso em: 06 ago. 2020.

rede e alcançar o maior número possível de pessoas (TOWNSEND; WALLACE, 2016).

Considerando a política de livre acesso e a inviabilidade de realizar uma postagem nesses espaços para solicitar o consentimento informado dos participantes, e como não interagi com nenhum usuário (não era o objetivo da pesquisa), acabei optando por não aplicar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e cuidar para que as informações pessoais dos membros da comunidade fossem totalmente anonimizados.

Dada a especificidade desta pesquisa, com base em Flick (2013), achei necessário também refletir sobre as seguintes considerações éticas: **Pode alguém realmente estar anônimo online? Como posso garantir a segurança e o anonimato dos participantes?**

Na tentativa de respondê-las, parti do princípio de que a privacidade é um direito do participante (mesmo indiretamente) da pesquisa para manter o controle sobre seus dados pessoais e resguardar sua imagem, com a garantia de que suas escolhas não sejam invadidas indevidamente por quaisquer instituições ou resultados de pesquisa (BRASIL, Resolução n.º 510, 2016[97]). Da mesma forma, em uma pesquisa etnográfica digital, a proteção da privacidade dos nomes de usuário e/ou de seu **avatar**[98] deve ser respeitada. Embora muitos internautas não utilizem seus nomes verdadeiros em sites de mídias sociais, “esses meios online de autorrepresentação devem ser vistos como muito reais”[99] (VARIS, 2014, p. 7). Como explica Varis (2014), os **nomes de usuários** e **avatares** são bem reais para as pessoas que os usam para se apresentar, pois, geralmente, estão relacionados a uma construção identitária bem estabelecida, podendo ser reconhecidos se usarem os mesmos identificadores para si mesmos em diferentes plataformas digitais. E, por isso, esses nomes “não reais” também devem ser protegidos.

Os dados online são facilmente rastreados na internet e podem gerar problemas para a pesquisa. Para garantir a integridade e o anonimato dos

---

[97] Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvem a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis.

[98] O termo “avatar”, na explicação de Guimarães Jr. (2004), é empregado para designar representações visuais (bi ou tridimensionais) e descrições textuais de corpos e pessoas na medida em que permitem uma presença corporificada em ambientes de sociabilidade *on-line.*

[99] No original: “(...) such online means of self-representation should rather be seen as very real”.

participantes observados, utilizei pseudônimos para substituir os nomes dos usuários. As informações de acesso e de domínio público foram mantidas conforme a divulgação midiática original (como assegura a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016). As fotos dos perfis e dos avatares, bem como quaisquer descrições que pudessem identificar os internautas na rede foram borradas ou apagadas usando um programa de edição de imagens. Além disso, utilizei a ferramenta de **captura de tela** (*print screen)* para diminuir a rastreabilidade dos textos online.

Embora eu tenha tomado os cuidados necessários para preservar a privacidade e manter o anonimato dos perfis de usuários, “o discurso ainda é pesquisável” (VARIS, 2014, p. 8). Isso aumenta a responsabilidade em verificar se a pesquisa não compromete as identidades online ou coloca em risco grupos socialmente vulneráveis. Por isso, tomei todas as precauções possíveis para descartar o uso de postagens e/ou comentários de menores de idade ou de vulneráveis (exceto as referências publicamente narradas e compartilhadas pelas agências de notícias em suas matérias).

Avalio que tais considerações éticas, do mesmo modo que os referenciais metodológicos anteriormente apresentados, conformam uma observação mais efetiva dos discursos e performances linguístico-identitárias encenadas nas trajetórias textuais do evento “Bota Fogo!” em diferentes plataformas digitais. Em seguida, na última seção deste capítulo, passo a detalhar os aspectos contextuais subjacentes à constituição do *corpus* da pesquisa.

3.3 Geração de registros e constituição do corpus

Como explicitei, a digitalização oferece aos pesquisadores a oportunidade de rastrear, coletar, armazenar e classificar facilmente registros de práticas comunicativas e de interação em ambientes online. Para constituir o *corpus* desta pesquisa, antes de chegar à seleção dos dados que melhor dessem conta de responder às perguntas de pesquisa, trilhei várias rotas, tentando mapear e investigar a trajetória textual de narrativas sobre/de migrantes haitianos, sírios e venezuelanos em diferentes sites de redes sociais, mídias e plataformas digitais. Em um primeiro momento da pesquisa, criei uma coleção de armazenamento em meu

perfil de usuária no Facebook (também em drive na plataforma Google), em que gerei registros de publicações a respeito da migração de crise durante o período de outubro de 2017 a dezembro de 2018. Os dados também foram copiados por meio de um software de Captura de tela, pois, devido à natureza da comunicação online, comentários e postagens podem ser excluídos ou editados.

Como o enorme volume de dados online[100] acaba dificultando o trabalho analítico, após orientações, a decisão foi pelo recorte do objeto de pesquisa. O recorte selecionado para constituir os dados primários do *corpus* abrangeu o período de **18/08/2018** a **18/09/2018**, pois foi o momento em que identifiquei o maior número de publicações sobre o evento narrado nas plataformas digitais. Entretanto, também selecionei algumas narrativas digitais fora desse período de publicação, dada a sua relevância para ajudar a compreender os discursos sobre a migração venezuelana. Para melhor organização das narrativas de/sobre os migrantes venezuelanos, sistematizei os dados registrados em três quadros sinópticos:

(i) Registros da página do G1 no Facebook e do site de notícias do G1;
(ii) Registros dos sites de notícias, das páginas no Facebook, canais no Youtube e algumas publicações no Twitter das redes televisivas estrangeiras *TeleSur, Globovisión* e *DW Español;*
(iii) Entextualizações digitais do evento em postagens e comentários em diferentes plataformas digitais (no Facebook, no site do Jornal da Cidade Online e no portal da Agência Lupa).

3.3.1 Primeiro enquadramento: registros do ataque no Portal G1

Para esse primeiro quadro de registros, realizei ampla pesquisa sobre o evento “Bota Fogo!” em Páginas e Grupos abertos brasileiros no Facebook. A partir

[100] A decisão de recortar/diminuir o objeto de pesquisa, passando a enquadrar apenas um evento dos três grupos propostos inicialmente, é resultado de um processo reflexivo entre pesquisadora e orientadora, inclusive destacado pela banca de qualificação do Projeto de Tese. Escolhi realizar a etnografia digital com o grupo de migrantes venezuelanos, tendo em vista a dificuldade que seria envolver/abranger os três grupos de migrantes de crise. Além disso, como a entrada de migrantes haitianos e sírios no país é anterior a dos venezuelanos, também é maior a produção bibliográfica/acadêmica sobre a migração desses dois grupos.

de uma busca com diferentes palavras chaves (“Pacaraima”, “Roraima”, “migração”, “Venezuela”, “fogo”, “xenofobia”, entre outras), percebi que a Página do **G1 - O Portal de Notícias da Globo**[101] tinha mais postagens sobre o evento e com alto índice de engajamento dos usuários (inúmeros compartilhamentos, reações e comentários). Cada postagem sobre o evento na página do Facebook tinha um link incorporado que remetia à homepage, página principal do G1. É nessa plataforma digital que o G1 disponibiliza o conteúdo jornalístico de suas edições do telejornalismo, reproduzido pelas empresas da Rede Globo de Televisão. Além disso, o Portal do G1 também veicula suas próprias notícias e reportagens em formato de texto, vídeo, áudio e fotos, possibilitando a leitura completa do que foi publicado no Facebook.

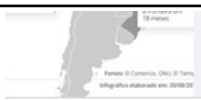
Como a página do Facebook só disponibilizava a data de postagem de seus conteúdos, achei necessário fazer um cadastro no site do G1 para filtrar as notícias do evento por período personalizado. Assim, organizei em um arquivo o conteúdo de acordo com a hora da publicação no portal, para descobrir qual era a sequência das postagens no Facebook.

O Quadro 3 reúne o mapeamento dos registros de postagens e links das notícias, vídeos e interações dos usuários (comentários, compartilhamentos e reações multissemióticas) referente às narrativas online sobre o ataque “Bota Fogo!” e a situação migratória venezuelana em Roraima publicadas nas plataformas do G1 (site e Facebook) no período recortado.

	QUADRO 3 - GERAÇÃO DE REGISTROS EM CAPTURAS DE TELA - PORTAL G1	
	PERÍODO: 18/08/2018 a 18/09/2018	
	Data, Título e Reações das Publicações (Postagem/Notícia)	
	Plataforma digital	
	G1 - O Portal de Notícias da Globo Página do G1 – Facebook https://www.facebook.com/g1/	G1 RORAIMA Site do G1 https://g1.globo.com/

[101] O Portal de notícias G1, criado em 2006, é mantido pela empresa de mídia do Grupo Globo, sob a orientação da Central Globo de Jornalismo. A partir de 2010, o portal iniciou a integração de redes afiliadas por estados. Mais recentemente, o G1 passou a divulgar as notícias da Rede Amazônica (Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia e Roraima), rede de televisão da região Norte afiliada à Rede Globo. Disponível em: https://g1.globo.com/ e http://grupoglobo.globo.com/. Acesso em: 18 jun. 2020.

	18 DE AGOSTO DE 2018		HORA
1	Venezuelanos são alvo de ataques em Roraima após assalto a comerciante 3,9 mil 996 comentários 453 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2334262076625864	Cidade de RR na fronteira com a Venezuela tem tumulto após assalto a comerciante **416** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2OI1ug7	**14h15**
2	'Prefiro morrer de fome na Venezuela do que agredido aqui', diz imigrante atacado por brasileiros 20 mil 4,2 mil comentários 5 mil compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2334675116584560	'Prefiro morrer de fome na Venezuela do que agredido aqui', diz imigrante atacado por brasileiros na fronteira em RR **744** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2MY9k4Q	**19h13**
3	Venezuelanos atravessam a fronteira após ataques em Roraima; veja vídeo 4,4 mil 1 mil comentários 371 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2334668686585203	Venezuelanos atravessam a fronteira após ataques em RR; veja vídeo **1332** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2Bwr2v8	**20h05**
	19 DE AGOSTO DE 2018		HORA
1	Após ataques de brasileiros, 1,2 mil venezuelanos deixaram o Brasil, diz Exército 9,9 mil 1,9 mil comentários 1,1 mil compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2336147539770651	Após ataques de brasileiros, 1,2 mil venezuelanos deixaram o país, diz Exército **653** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2PnqLxq	**11h02**
2	Após conflito, governo diz que reforçará segurança e enviará voluntários na área de Saúde para Roraima 408 203 comentários 38 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2336583693060369	Após conflito, governo diz que reforçará segurança e que enviará voluntários na área de Saúde para Roraima **143** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2OIHf1G	**16h27**
3	Comerciante brasileiro ferido em assalto tem alta médica e deixa hospital de RR 668 150 comentários 47 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2337004136351658	Comerciante brasileiro ferido em assalto tem alta médica e deixa hospital de RR **4** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2BIIRwJ	**21h39**
	20 DE AGOSTO DE 2018		HORA

1	Força Nacional reforça segurança em Roraima Bom dia! Aqui estão os principais assuntos para você começar o di... 354 218 comentários 25 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2337847479600657	20 de agosto, segunda-feira: Bom dia! Aqui estão os principais assuntos para você começar o dia bem-informado. SEJA O PRIMEIRO A COMENTAR https://glo.bo/2L7mcnz	**01h23**
2	Roraima pede ao STF suspensão da imigração na fronteira com a Venezuela 850 281 comentários 75 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2338602346191837	Roraima pede ao STF que suspenda imigração na fronteira e que venezuelanos sejam enviados a outros estados **441** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2MmYol0	**12h27**
3	 Como os países vizinhos têm reagido à chegada de milhares de imigrantes da... 985 363 comentários 215 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2339217752796963	Como os países vizinhos têm reagido à chegada de milhares de imigrantes da Venezuela **252** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2PqpQfx	**18h32**
	21 DE AGOSTO DE 2018		**HORA**
1	'Não esperava essa repercussão toda', diz comerciante de RR agredido em assalto na fronteira com a Venezuela 2,8 mil 675 comentários 317 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2339381416113930	'Não esperava essa repercussão toda', diz comerciante de RR agredido em assalto na fronteira com a Venezuela **150** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2MsKopI	**20/08/18 20h31**
	22 DE AGOSTO DE 2018		**HORA**
1	Brasileiros 'adotam' venezuelanos doando passagem, comida, emprego e até aluguel 9,9 mil 2 mil comentários 1,2 mil compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2342632565788815	Os brasileiros que 'adotaram' venezuelanos doando passagem, comida, emprego e até aluguel **118** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2MuCXyw	**09h52**
2	Crianças venezuelanas buscam comida no lixo na fronteira do Brasil em meio à tensão após ataques 24 mil 1,7 mil comentários 5,7 mil compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2343511209034284	Crianças venezuelanas buscam comida no lixo na fronteira do Brasil em meio à tensão após ataques **126** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2OUgZ4C	**17h18**
	23 DE AGOSTO DE 2018		**HORA**

1	A ponte que simboliza o êxodo venezuelano 2,3 mil 575 comentários 847 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2344800755571996	A ponte que simboliza o desespero do êxodo venezuelano **10** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2wjNdP1	**09h22**
2	ONU critica restrições de acolhida de venezuelanos em países latino-americanos 704 411 comentários 129 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2344991402219598	ONU critica restrições de acolhida de venezuelanos em países latino-americanos **362** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2w9b4lf	**09h47**
3	Os venezuelanos que perderam até foto dos filhos nos conflitos em Pacaraima 1,1 mil 617 comentários 37 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2345633332155405	Os venezuelanos que perderam até foto dos filhos nos conflitos em Pacaraima **1** COMENTÁRIO https://glo.bo/2OYpoEc	**16h19**
4	Êxodo de venezuelanos já é maior que número de refugiados que tentam chegar à Europa 1,4 mil 299 comentários 707 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2345665812152157	Êxodo de venezuelanos já é maior que número de refugiados que tentam chegar à Europa **6** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2P2eEoy	**17h00**
	24 DE AGOSTO DE 2018		**HORA**
1	Equador abre corredor humanitário para venezuelanos que imigram para o Peru 561 162 comentários 41 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2347757841942954	Equador abre corredor humanitário para venezuelanos que imigram para o Peru **3** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2BM5n20	**15h46**
	25 DE AGOSTO DE 2018		**HORA**
1	Venezuelanos na PB pedem que brasileiros abram corações 5,4 mil 1 mil comentários 363 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2349273561791382	Refugiados venezuelanos na PB pedem que brasileiros abram os corações: 'Viemos para trabalhar' **42** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2oaTPf6	**08h01**
	26 DE AGOSTO DE 2018		**HORA**
1	Após ataques, casal resgata e acolhe 67 venezuelanos em RR 5,4 mil 557 comentários 493 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2351026311616107	Os brasileiros que se arriscaram para resgatar e proteger refugiados durante ataques em Pacaraima **304** COMENTÁRIOS https://glo.bo/2odtmh2	**06h00**

2	'Viemos para trabalhar, manter a família e viver dignamente' 3,7 mil 1,4 mil comentários 278 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2349264848458920	Venezuelanos refugiados no Grande Recife lamentam falta de trabalho e violência na fronteira brasileira 27 COMENTÁRIOS https://glo.bo/2NfVfje	**25/08/2018 08h00**
3	Profissionais da saúde deixam Brasília para atender venezuelanos em Roraima 7,2 mil 1,7 mil comentários 1 mil compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2351454538239951	Profissionais da saúde deixam Brasília para atender venezuelanos em Roraima 170 COMENTÁRIOS encurtador.com.br/lrLUX	**14h47**
	29 DE AGOSTO DE 2018		**HORA**
1	Após fugir da Venezuela, transexuais tentam recomeçar vida no Rio e relatam preconceito e agressões 4 mil 1,6 mil comentários 329 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2355130551205683	Após fugir da Venezuela, transexuais tentam recomeçar vida no Rio e relatam preconceito e agressões Não abriu para Comentários https://glo.bo/2MXE09I	**05h00**
	30 DE AGOSTO DE 2018		**HORA**
1	Longas caminhadas, fome, separação e atrasos: os desafios de uma família da Venezuela para chegar ao Peru 536 120 comentários 45 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2356876614364410	Longas caminhadas, fome, separação e atrasos: os desafios de uma família da Venezuela para chegar ao Peru 168 COMENTÁRIOS https://glo.bo/2wta9ML	**05h05**
2	Venezuelano perde 30 kg com falta de comida em seu país, mora na rua em Roraima e tenta nova vida em SP 5,3 mil 614 comentários 542 compartilhamentos https://www.facebook.com/g1/posts/2357535314298540	Venezuelano perde 30 kg com falta de comida em seu país, mora na rua em Roraima e tenta nova vida em SP 196 COMENTÁRIOS https://glo.bo/2wxekpT	**15h02**

A partir desse mapeamento, foi possível ter uma visão ampliada do contexto de circulação do ataque “Bota Fogo!” nas plataformas do G1. No entanto, considerando que o grande volume de dados online gerados em cada postagem aumenta a dificuldade de fazer uma análise qualitativa, selecionei desse corpus três trajetórias textuais (descritas no capítulo 4). O critério para a seleção foi justamente por se tratarem de narrativas que permitiam uma compreensão geral do evento.

3.3.2 Segundo enquadramento: narrativas sobre o evento em plataformas digitais estrangeiras

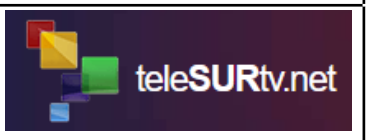
Nas pesquisas realizadas em páginas e grupos abertos do Facebook, notei haver pouca ou praticamente nenhuma interação de venezuelanos narrando o ataque. O silêncio nesses sites de redes sociais (comunicado/mediado/semiotizado em língua portuguesa) chamou minha atenção. Assim, tentando compreender os motivos que justificariam essa ausência de narrativas sobre o ataque na perspectiva dos próprios migrantes, para averiguar, solicitei permissão para participar de alguns grupos fechados no Facebook, voltados especificamente à audiência dos venezuelanos no Brasil. Após responder a um questionário e ser aceita em um dos grupos, percebi que naquele espaço havia, sim, interação de migrantes e refugiados venezuelanos sobre o ataque. No entanto, por questões éticas já explicitadas anteriormente, optei por não utilizar a geração de registros em grupos fechados. Certamente, entendo a importância de minha observação não participante no grupo, com vistas a melhor compreender os significados das narrativas em outras páginas com acesso público nas plataformas digitais.

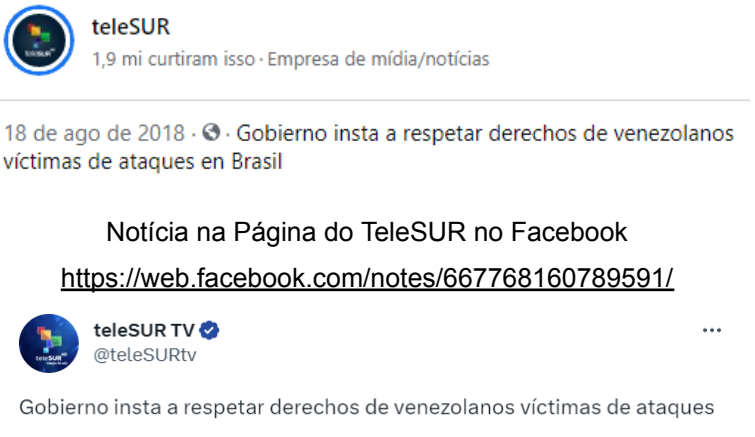
Conforme pontua Pavlenko (2007), o posicionamento dos autores sociais e o enquadramento dos eventos podem mudar com a mudança do público. Assim, segundo a autora, sempre que possível, é preferível analisar não apenas narrativas em um idioma específico, mas também sua versão para outra língua, neste caso, na língua dos migrantes e refugiados venezuelanos. Dessa forma, além de buscar por palavras-chave na página do G1, pesquisei em quais agências de notícias venezuelanas o evento teria sido mais noticiado. Para minha surpresa, ao contrário do que constatei em plataformas de mídias brasileiras, o ataque aos venezuelanos não teve o mesmo engajamento nos sites de redes sociais, nem no que diz respeito à quantidade de postagens e interações, tampouco em relação ao tipo de enquadramento.

Desse modo, escolhi gerar os registros a partir dos portais de notícias dos canais ***Globovisión, DW Español*** e ***TeleSur***. Apesar de o último ser uma agência estatal e apenas haver tangenciado as notícias do ataque, tem sido o veículo hispano-americano que mais noticia a migração venezuelana em redes online de acesso público (não pagas). Por isso, nesse recorte, foi necessário combinar

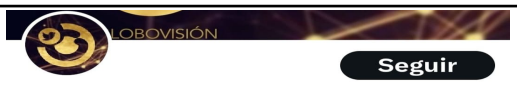
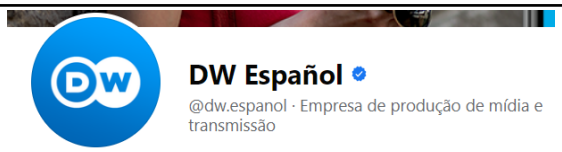
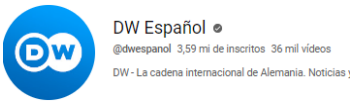
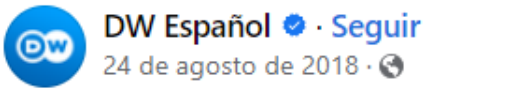
registros de capturas de tela das postagens com transcrições de áudio dos vídeos publicados em diferentes plataformas de interação digital (Facebook, Youtube, Twitter e sites de notícias). Com isso, foi possível acessar as narrativas que possibilitassem obter a perspectiva e os posicionamentos dos próprios migrantes venezuelanos sobre os desdobramentos do ataque em Pacaraima.

<table>
<tr><th colspan="3">QUADRO 4 - GERAÇÃO DE REGISTROS EM CAPTURAS DE TELA - PLATAFORMAS ESTRANGEIRAS</th></tr>
<tr><th colspan="3">PERÍODO: 18/08/2018 a 18/09/2018</th></tr>
<tr><th colspan="3">Data, Título e Reações das Publicações (Postagem/Notícia)</th></tr>
<tr><th colspan="3">Plataforma digital</th></tr>
<tr><td> 

Página do TeleSUR no Facebook
https://web.facebook.com/teleSUR?_rdc=1&_rdr</td><td> 

Site do TeleSUR
https://www.telesurtv.net/index.html</td><td></td></tr>
<tr><th colspan="2">18 e 19 DE AGOSTO DE 2018</th><th>HORA</th></tr>
<tr><td> 

Notícia na Página do TeleSUR no Facebook
https://web.facebook.com/notes/667768160789591/
Notícia no Perfil do Twitter
https://twitter.com/teleSURtv/status/1031170165830873088</td><td>Notícia publicada no site do TeleSUR com o título: “Gobierno insta a respetar derechos de venezolanos víctimas de ataques en Brasil”
https://www.telesurtv.net/news/venezuela-derechos-humanos-ataques-desalojos-pacaraima-20180818-0028.html?fbclid=IwAR0zPDJ3_3oet2Rn21DJPYb7Nit8131m-fo_fiKCyzOY4XbR1KkBsNl6V_Y</td><td></td></tr>
</table>

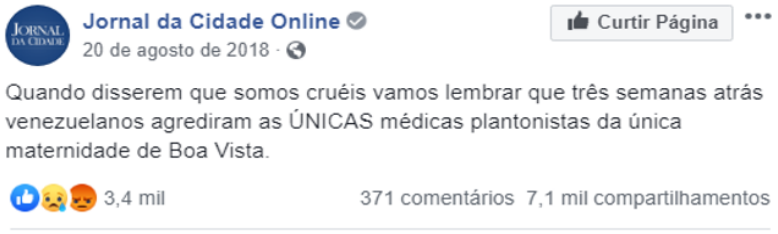
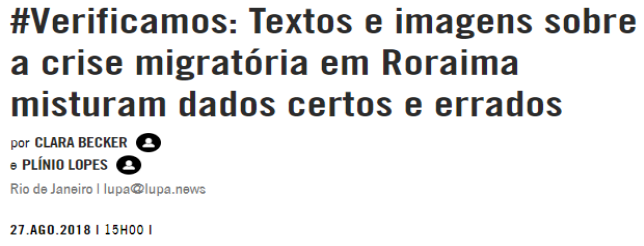
 Página da *Globovisión* no *Twitter* https://twitter.com/globovision?t=vRtKHY0uQTBmHfeGzQDC1A&s=08	 Site da *Globovisión* http://globovision.com/	
19 DE AGOSTO DE 2018		**HORA**
 #Internacionales | Cerca de 1.200 venezolanos abandonan Brasil tras incidentes en la frontera. https://twitter.com/globovision/status/1031254478576672770 A Página da Globovisión não disponibiliza mais a notícia no Facebook.	Notícia publicada no site da Globovisión com o títtulo *"Cerca de 1.200 venezolanos abandonan Brasil tras incidentes en la frontera"*. https://globovision.com/article/cerca-de-1-200-venezolanos-abandonan-brasil-tras-incidentes-en-la-frontera O link anterior não está mais disponível, mas a matéria pode ser lida neste link alternativo: https://eltubazodigital.com/internacionales/cerca-de-1-200-venezolanos-abandonan-brasil-tras-incidentes-en-la-frontera/2018/08/20/	**13h43**
 Página da DW Español no Facebook https://web.facebook.com/dw.espanol	 Canal da DW Español no Youtube https://www.youtube.com/@dwespanol/about	
24 DE AGOSTO DE 2018		**HORA**
 Notícia na Página do Facebook https://web.facebook.com/page/131314590235972/search/?q=Pacaraima	Vídeo da reportagem intitulada *"Pacaraima: la ciudad xenófoba"*, publicado no Canal DW Español no *Youtube*. https://www.youtube.com/watch?v=nglgleVmRMk	

 Notícia com vídeo no Perfil do Twitter https://twitter.com/dw_espanol/status/1033091321731457024		

3.3.3 Terceiro enquadramento: entextualizações do conflito

As narrativas jornalísticas a respeito do evento “Bota Fogo!” destacaram o fato de o ataque aos venezuelanos ter surgido a partir da disseminação de uma *fake news* sobre a morte do comerciante assaltado. Isso me levou a registrar e a selecionar também algumas entextualizações do episódio, compartilhadas no Facebook, que tiveram sua trajetória textual projetada e entextualizada em outras plataformas digitais, como apresento no Quadro 5. O critério de escolha para selecionar os dados desta trajetória textual deve-se à rápida viralização destas narrativas online e, consequentemente, das *fake news* sobre o evento narrado.

	QUADRO 5 - GERAÇÃO DE REGISTROS EM CAPTURAS DE TELA - ENTEXTUALIZAÇÕES DO ATAQUE	
	PERÍODO: 18/08/2018 a 18/09/2018	
	Data, Título e Reações das Publicações (Postagem)	
	Postagens e Entextualizações	Descrição e Plataforma digital
	19 DE AGOSTO DE 2018	
1	 https://www.facebook.com/miladycustodius	Narrativa escrita por uma roraimense e postada (publicamente) em seu Perfil no *Facebook* em 19 de agosto de 2018.

	20 DE AGOSTO DE 2018	
1	 https://www.facebook.com/jornaldacidadeonline/posts/1987982184565806	Narrativa da moradora de Roraima compartilhada na *Página* do Jornal da Cidade Online no *Facebook* em 20 de agosto de 2018.
2	 https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/11101/uma-brasileira-de-roraima-diz-a-verdade-que-a-imprensa-aetica-e-sem-nocao-esconde?fbclid=IwAR3msbI1cLYh4eaXoRZjVXWZ1_8Mp-fqS2ZWXuAEkMrAfAwtDHnu8PYIQBY	Narrativa da moradora de Roraima publicada e assinada por ela no *site* do Jornal da Cidade Online em 20 de agosto de 2018 às 19:09.
	27 DE AGOSTO DE 2018	
	 https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/08/27/verificamos-roraima/	*Fact-checking* da narrativa da moradora de Roraima publicado no *site* da Agência Lupa em 27 de agosto de 2018.

Como caracterizado acima, esta pesquisa se alinha à perspectiva qualitativa/interpretativa e à abordagem da etnografia digital e, por isso, procurou apresentar uma geração de registros que permitisse acompanhar a trajetória do evento (“Bota Fogo!”) enquadrado a partir de diferentes plataformas digitais, no sentido de olhar para os significados e ideologias que foram construídos com base em diferentes narrativas (sobre/de venezuelanos).

Apesar de existir diferentes maneiras pelas quais a etnografia digital pode ser praticada e definida, a abordagem aqui assumida pretendeu construir um

capítulo metodológico engajado a uma concepção de língua(gem) e perspectiva teórica crítica. No próximo capítulo, examino o conteúdo dos discursos online e os posicionamentos de/sobre migrantes de crise venezuelanos, os efeitos dos atos discursivos diretos (xenofobia, violência) e indiretos (silenciamentos, divergências, tensões), bem como sua relação com elementos da infraestrutura das plataformas digitais em que as trajetórias narrativas foram registradas e entextualizadas.

CAPÍTULO 4 - “BOTA FOGO NESSES VAGABUNDOS!”: NARRANDO O ATAQUE XENOFÓBICO

Compreender o significado de um evento social envolve um movimento retrospectivo de *mirada hacia atrás* a partir do momento presente e encontrar os nexos dos episódios que ajudaram a construir uma tessitura narrativa maior. E, nesse sentido, a dinâmica de costurar as cenas episódicas é parte integrante da narrativa. Por isso, nesta pesquisa com/sobre narrativas em contextos online, a seleção dos dados foi tecida com um olhar etnográfico desatando os nós e costurando as trajetórias textuais com o contexto social, cultural e político mais amplo.

A análise dos dados está dividida em três partes com base na organização dos registros dos Quadros 3, 4 e 5, apresentados no capítulo anterior. Na primeira parte, analiso três trajetórias textuais com narrativas de/sobre os migrantes venezuelanos/as a partir de postagens, notícias e comentários sobre o ataque “Bota Fogo!” nas plataformas do G1 - O Portal de Notícias da Globo (Facebook e site). Nessa primeira parte, organizo os **episódios noticiados** em **narrativas** através de **enquadramentos temáticos**.

Na segunda parte da análise, focalizo um recorte de narrativas de/sobre migrantes venezuelanos/as em **língua espanhola**, acompanhando o percurso textual do evento de mídia em publicações (notícias e comentários) que circularam em diferentes **plataformas digitais estrangeiras** (especificamente nas plataformas *Globovisión, DW Español* e *TeleSur*).

Na terceira e última parte, a análise recobre algumas **entextualizações** do evento narrado e sua relação com a disseminação de fake news no Facebook, no site do Jornal da Cidade Online e na plataforma de *fact-checking* da Agência Lupa).

4.1 Síntese das categorias analíticas

Para a organização, seleção e análise das narrativas, apoio-me em conceitos e categorias analíticas de diferentes autoras e autores que se debruçam a investigar e interpretar as narrativas (jornalísticas e online) (BIZON, 2013; CAVALCANTI, 2019; DE FINA, 2016, 2020; MOTTA, 2007, 2013; PAGE, 2012, 2015, entre outros/as), em intersecção com os posicionamentos interacionais (DAVIES; HARRÉ, 1990; LANGENHOVE; HARRÉ, 1999; MELO; MOITA LOPES, 2013, 2015; WORTHAM, 2001) e o processo de entextualizações (BAUMAN; BRIGGS, 2006). Esses constructos teóricos já foram anteriormente discutidos, no entanto, no intuito de facilitar a leitura, apresento uma síntese das principais categorias que serão utilizadas na interpretação dos dados.

Neste capítulo, discuto como as narrativas sobre a migração venezuelana, cujo recorte parte de um acontecimento específico, desencadeiam uma sequência de sucessivos novos eventos narrativos e entextualizações. Ressalto que as narrativas referentes à migração venezuelana já circulavam nas mídias convencionais e digitais com bastante profusão desde 2015 com o aumento do fluxo desses migrantes e refugiados no país, e que continuaram a ser noticiadas/comentadas/narradas após o período que compreende o recorte desta pesquisa. Entretanto, escolhi retratar como episódio inicial o ataque “Bota Fogo!”, veiculado em 18 de agosto de 2018, considerando a importância e alcance do acontecimento (inclusive em relação ao engajamento obtido nas redes sociais online) em se tratando de um contexto político que compreendia o período eleitoral de 2018.

Desse modo, na primeira fase desta pesquisa, após realizar uma pesquisa exploratória sobre o ataque “Bota Fogo!” na Página do G1 no Facebook, procedi à conferência das notícias publicadas no site do portal de notícias. No site do G1, antes de selecionar as narrativas jornalísticas, acompanhei de 17 de agosto de 2018 a 31 de dezembro de 2018 as publicações sobre o evento de mídia enquadrado e/ou matérias que tangenciavam a temática da migração venezuelana, e que foram exibidas em diferentes edições e jornais conveniados ao Portal do G1.

Depois de realizar uma análise panorâmica dessas matérias e compreender o desenvolvimento do acontecimento principal (a cobertura do ataque

“Bota Fogo!”) e dos episódios secundários, precisei definir, com base nos apontamentos de Bastos e Biar (2015), se um determinado trecho (postagens, notícias, vídeos e/ou comentários) correspondia ou não a uma narrativa (não apenas no sentido canônico, como expliquei no capítulo 2). Passei, então, a analisar como as narrativas online se organizavam entre si e quais narrativas mais amplas abarcavam as menores em sua constituição. Assim, debrucei-me a “observar, decompor e recompor a sintaxe narrativa” (MOTTA, 2013), buscando identificar as relações lógicas, cronológicas, os encadeamentos temáticos e as características e papéis dos personagens da narrativa que contribuíssem para conectar os micro-eventos ao enredo de uma narrativa midiática sobre a migração venezuelana a partir do ataque xenofóbico de 18 de agosto de 2018. Assim, examino os dados do evento tanto em relação às características formais da narrativa canônica (Quadro 6) quanto às dimensões das narrativas em mídias sociais (Quadro 7).

QUADRO 6 - ESTRUTURA DA NARRATIVA CANÔNICA DE LABOV	
Parte	**Significado**
Resumo	Introduz o assunto geral e o motivo da narrativa.
Orientação	Informa sobre os aspectos contextuais da narrativa.
Complicação	Refere-se à sequência temporal dos enunciados, ordenados com base na cronologia dos eventos vividos.
Resolução	Apresenta o desfecho das ações complicadoras.
Avaliação	Representa o momento em que o narrador apresenta sua perspectiva sobre o acontecimento.
Coda	Corresponde à parte da narrativa que marca a transposição do tempo da história para o tempo presente da interlocução.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Bastos e Biar (2015).

QUADRO 7 - DIMENSÕES DA NARRATIVA EM MÍDIAS SOCIAIS	
Dimensão	**Possibilidades de análise**
Narradores (*tellership*)	Observa se a narrativa é contada por um ou mais narradores.
Narrabilidade (*tellability*)	Examina a reportabilidade da narrativa.

Incorporação (*embeddedness*)	Analisa a incorporação dos elementos contextuais na narrativa.
Linearidade (*linearity*)	Identifica as qualidades estruturais de uma narrativa como a sequência temporal, multilinear, fechada ou aberta.
Postura moral (*moral stance*)	Interpreta a atitude do(s) narrador(es) em relação aos eventos narrados.

Fonte: Adaptado de Ochs e Capps (2001) e Page (2012, 2015).

Ademais desses aspectos e categorias, para a análise das interações online e dos comentários das postagens, apoio-me nos três aspectos da estrutura de participação da audiência (DE FINA; 2016; GOFFMAN, 2013), a saber: os enquadramentos em que os comentários se concentram, o tipo de interação que os comentadores estabelecem entre si e os recursos que usam para transmitir seus pontos e posições.

Concentro-me também em um referencial analítico que envolve os três níveis do posicionamento na prática narrativa (BAMBERG, 1997; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008); nos tipos de posicionamento interacional que podem ser evidenciados na análise das narrativas (DAVIES; HARRÉ, 1990; LANGENHOVE; HARRÉ, 1999) e, em especial, em um conjunto de pistas indexicais elaborado por Wortham (2001), Bizon (2013) e Bronckart (2007), conforme explicado no Capítulo 2.

Para examinar as narrativas jornalísticas, baseio-me na proposta de análise pragmática de Motta (2007, 2013) a partir dos procedimentos que o autor estabelece para os três planos da narrativa, conforme apresentado no capítulo 2: **1) plano da expressão** (linguagem); **plano da estória** (conteúdo) e; **plano da metanarrativa** (fundo ético e moral). Sistematizei tais procedimentos no Quadro 8 que segue:

QUADRO 8 - ANÁLISE PRAGMÁTICA DA NARRATIVA JORNALÍSTICA				
Plano da expressão (linguagem/discurso)		**Plano da estória (conteúdo/enredo)**		**Plano da metanarrativa (fundo ético e moral)**
Analiso os elementos linguísticos, descrição de recursos textuais, imagéticos e multissemióticos utilizados para dar efeitos de sentido (expressões adverbiais de tempo e lugar, figuras de linguagem, tonalidade da voz, geografia, autoridades legítimas para falar, citações diretas, mapas, gráficos, números, datas, horários, imagens com apelo sentimental etc.).	Com o exame de pistas indexicais e multissemióticas, procuro identificar o propósito da estratégia argumentativa (para quais significados a narrativa quer conduzir a interpretação da audiência).	Mapeio a trajetória textual do conflito (principal e secundários), disponho o encadeamento dos episódios e o papel de cada um deles no percurso do evento (com o auxílio de recursos referenciais, dêiticos e *flashbacks* que os conectam).	Para evidenciar os posicionamentos interacionais na trajetória do ataque, identifico e descrevo as características e os papéis dos atores sociais da narrativa (nacionalidade, descrição, ações, falas, papel na narrativa e episódios em que aparecem).	Observo os valores culturais, políticos e/ou ideológicos que estão por trás dos episódios narrados e que foram importantes para transformar o ataque "Bota Fogo!" em notícia.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em MOTTA (2007, 2013).

4.2 "Bora filmar! É Seu Raimundo, é?": dos boatos e fake news sobre o assalto ao ataque xenofóbico

Em tempos de intensos fluxos migratórios e mobilidade humana, os textos carregam/transportam os discursos presentes nas práticas dos sujeitos sociais. Como já mencionei no capítulo introdutório, no dia 17 de agosto de 2018, circulou em diferentes plataformas digitais a notícia de que um comerciante de Pacaraima estaria em coma, devido a um assalto em que haveria sido esfaqueado e espancado

por migrantes venezuelanos. O assalto de fato aconteceu, mas o comerciante não foi esfaqueado e não ficou em coma. No entanto, a história se espalhou rapidamente pelo Facebook e Whatsapp, e logo (no dia seguinte, em 18 de agosto de 2018) os moradores de Pacaraima/RR, revoltados com a situação, se organizaram também por meio de sites de redes sociais para expulsar os cerca de 1,2 mil migrantes venezuelanos acampados na fronteira.

Como noticiado massivamente, a situação dos/as migrantes venezuelanos/as em Roraima já era de instabilidade e vinha sendo narrada como um problema para o estado desde 2015. Com destaque para as tentativas indeferidas da governadora à época, Suely Campos (PP), em fechar temporariamente a fronteira, suspender a imigração Brasil-Venezuela e restringir serviços públicos aos(às) venezuelanos(as)[102].

Figura 6 – Notícia de Alessandra Monnerat e Caio Sartori de 03 de agosto de 2018


ESTADÃO

Notícia falsa gera ameaças contra organização jesuíta que atende refugiados venezuelanos

Vídeo viral afirma que atendimento jurídico era 'lição' sobre como 'invadir a casa dos brasileiros'

Alessandra Monnerat e Caio Sartori
03 de agosto de 2018 | 13h45

Fonte: O Estado de S. Paulo, 2018[103].

No período que antecedeu o ataque “Bota Fogo!”, algumas notícias já alertavam sobre a disseminação deliberada de boatos e *fake news*

[102] Refiro-me à Ação Civil Originária de 13 de abril de 2018. Pedido de Tutela Provisória. ACO 3121. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://portal.stf.jus.br/processos/downloadPeca.asp?id=315110327&ext=.pdf. Acesso em: 27 jan. 2020.

[103] Disponível em: https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/noticia-falsa-gera-ameacas-contra-organizacao-jesuita-que-atende-refugiados-venezuelanos/. Acesso em: 12 out. 2019.

anti-venezuelanos com intenções eleitoreiras. Conforme a reportagem do Estadão de 03 de agosto de 2018, circulou uma notícia falsa em que afirmava que uma ONG estava orientando os migrantes venezuelanos a invadir a casa dos brasileiros em Roraima. Essa captura de tela (Figura 6) refere-se à fake news que gerou ameaças de morte e linchamento virtual contra um integrante da ONG. Uma das ofensas foi desferida pelo candidato a deputado estadual pelo Partido Patriota[104], Ezequiel Calegari, que publicou em sua Página do Facebook "Roraima sem Censura"[105], um vídeo em que ele entra na sede da ONG e ofende os funcionários do local.

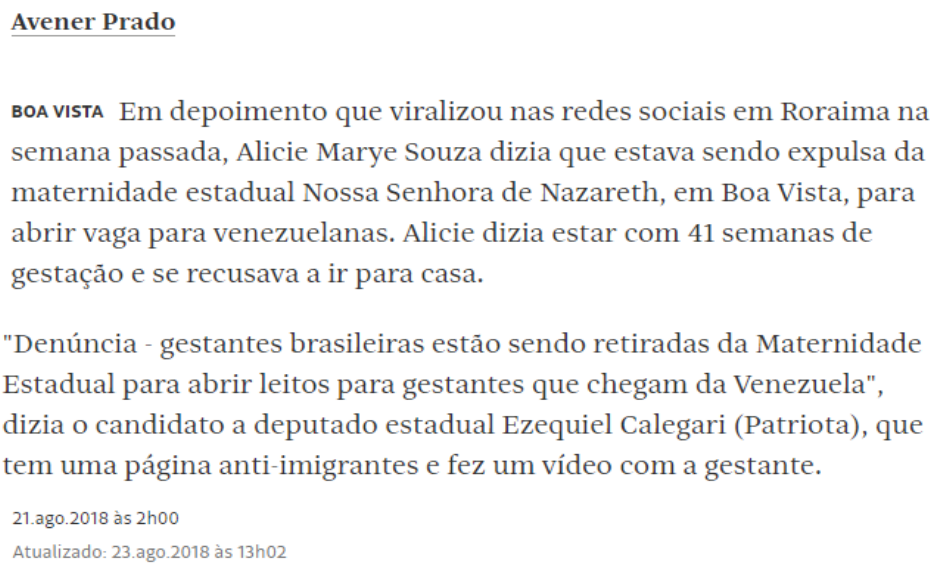
Em outra notícia, de 21 de agosto de 2018 (conforme Figura 7 abaixo), a Folha de S. Paulo também cita o envolvimento do candidato em mais uma fake news. A reportagem relata que Calegari compartilhou em sua Página anti-imigrantes a desinformação de que gestantes brasileiras estavam sendo retiradas da Maternidade Estadual de Roraima para ceder leitos para gestantes venezuelanas. Como reporta a notícia, a maternidade informou que Alicie não foi expulsa para dar lugar a uma gestante venezuelana. Na verdade, a gestante brasileira estava com 38 semanas e, por isso, o hospital solicitou que aguardasse o tempo certo para o parto em casa. Embora a fake news não tenha se confirmado, a governadora Suely Campos repercutiu o boato em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo, dizendo: "Estou atendendo **venezuelanos** e **nossos brasileiros** estão ficando para trás, estou ocupando a vaga deles" (PRADO, 2018, *s/p.,* grifos meus).

---

[104] No portal online do Patriota, o partido é descrito como "moralmente conservador, economicamente defensor do livre-mercado e confessionalmente cristão". Para o Partido Patriota, é essencial que as Forças Armadas do Brasil estejam bem aparelhadas para garantir a soberania nacional. Conforme o partido, "imigrantes devem ter seu histórico pesquisado anteriormente à concessão de asilo ou cidadania". O Patriota também rejeita a ideia de igualdade material, base do credo socialista, "que destrói a individualidade do ser humano, justifica moralmente o roubo coletivo e traz redução da produtividade". Disponível em: https://patriota51.org.br/proposta-patriota/. Acesso em: 08 set. 2020.

[105] O nome de urna do candidato foi inclusive composto com o nome da página - **Ezequiel Roraima sem Censura** (nº. 51000). Disponível em: https://eleicoes.poder360.com.br/candidato/447078#2018. Acesso em: 08 set. 2020.

Figura 7 – Captura de tela da notícia de Avener Prado de 21 de agosto de 2018



Avener Prado

BOA VISTA Em depoimento que viralizou nas redes sociais em Roraima na semana passada, Alicie Marye Souza dizia que estava sendo expulsa da maternidade estadual Nossa Senhora de Nazareth, em Boa Vista, para abrir vaga para venezuelanas. Alicie dizia estar com 41 semanas de gestação e se recusava a ir para casa.

"Denúncia - gestantes brasileiras estão sendo retiradas da Maternidade Estadual para abrir leitos para gestantes que chegam da Venezuela", dizia o candidato a deputado estadual Ezequiel Calegari (Patriota), que tem uma página anti-imigrantes e fez um vídeo com a gestante.

21.ago.2018 às 2h00

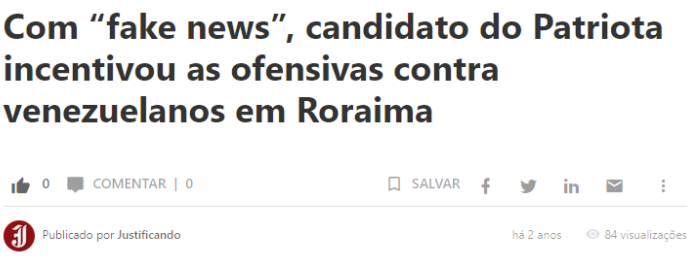
Atualizado: 23.ago.2018 às 13h02

Fonte: Folha de S. Paulo, 2018[106].

Mas qual teria sido o estopim para motivar o ataque dos brasileiros e a destruição do alojamento dos migrantes venezuelanos em Pacaraima? No dia anterior ao conflito, em 17 de agosto de 2018, boatos sobre um assalto e assassinato de um comerciante de Pacaraima cometido por migrantes venezuelanos teriam sido postadas na página “Roraima sem Censura”, administrada pelo então candidato Ezequiel Calegari. Essa informação foi reportada por Mauro Donato em uma notícia de 20 de agosto de 2018, representada na Figura 8:

[106] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/boatos-alimentam-conflito-com-venezuelanos-em-regiao-de-fronteira.shtml. Acesso em: 27 out. 2019.

Figura 8 - Notícia de Mauro Donato de 20 de agosto de 2018



Fonte: Portal Justificando, 2018[107].

Como também se observa nas Figuras 9 e 10, outras notícias mencionaram em seus títulos e/ou manchetes que o ataque aos venezuelanos teria sido estimulado por notícias falsas e boatos. Essas e outras notícias se referem, principalmente, à *fake news* que circulou com o título: “Crime covarde na noite desta sexta-feira, dia 17, em que um comerciante de Pacaraima (Roraima) foi assaltado, espancado e esfaqueado por 4 “refugiados” venezuelanos, que queriam dinheiro”. A princípio, o conteúdo dessa narrativa não provoca desconfiança, pois, geralmente, as *fake news* são apresentadas por meio de enunciados que “simulam uma linguagem jornalística, às vezes adotam o jargão e os cacoetes de uma reportagem profissional em vídeo, áudio ou texto” (BUCCI, 2019, p. 38).

Figura 9 - Notícia de Alcides Moreno de 20 de agosto de 2018



Fonte: Rede Brasil Atual, 2018[108].

---

[107] Disponível em: https://portal-justificando.jusbrasil.com.br/noticias/615544613/com-fake-news-candidato-do-patriota-incentivou-as-ofensivas-contra-venezuelanos-em-roraima. Acesso em: 15 out. 2019.

[108] Disponível em: https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/08/cultura-do-odio-e-fake-news-levaram-a-ataques-de-brasileiros-a-venezuelanos/. Acesso em: 15 out. 2019.

Figura 10 - Notícia de Patrícia C. Mello e Avener Prado de 21 de agosto de 2018



Boatos alimentam conflito com venezuelanos em região de fronteira

Campanhas contra imigrantes em Roraima ganham força com posts e vídeos em redes sociais

Patrícia Campos Mello
Avener Prado

21.ago.2018 às 2h00
Atualizado: 23.ago.2018 às 13h02

Fonte: Folha de S. Paulo, 2018[109].

A reportagem de Mauro Donato (publicada em 20/08/2018) confirma que o ataque aos refugiados foi insuflado devido à difusão de informações falsas e exageradas postadas em uma página anti-imigrantes no período que antecede às eleições de 2018.

Figura 11 – Vídeo do comerciante Raimundo Nonato na ambulância

[109] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/boatos-alimentam-conflito-com-venezuelanos-em-regiao-de-fronteira.shtml. Acesso em: 27 out. 2019.



Fonte: Captura de tela da Página Roraima sem Censura, Facebook, 2018[110].

“Bora filmar! É Seu Raimundo, é?”

1. [00:00:03] (Inaudível)
2. [00:00:06] **Voz feminina:** Bora filmar. É Seu Raimundo, é?
3. [00:00:07] **Voz masculina:** É ele.
4. [00:00:10] **Voz feminina:** Esse aqui é nosso amigo de Pacaraima, comerciante, minha gente, que foi esfaqueado e atacado por quatro venezuelanos. Nós estamos sofrendo situações críticas em Pacaraima. Esse aqui é o nosso amigo!

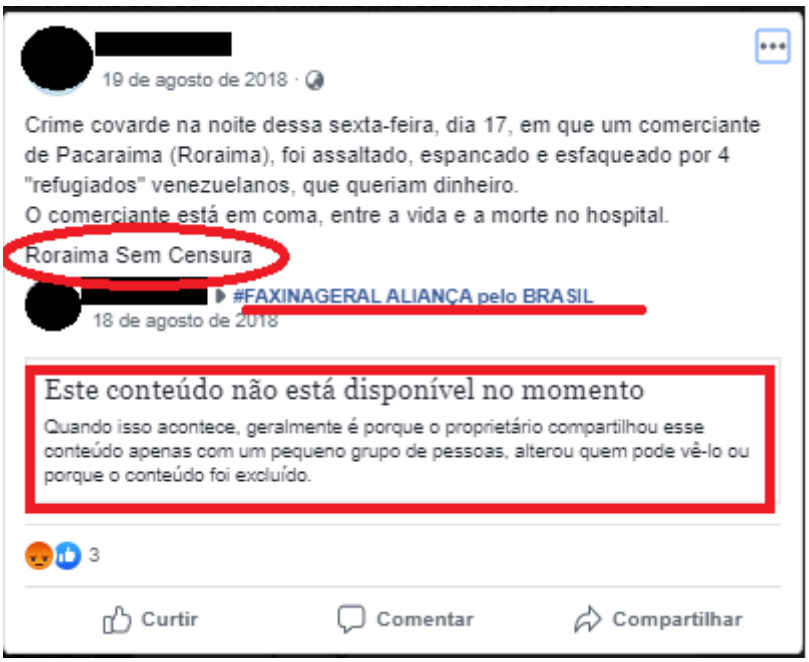
Fonte: Transcrição do vídeo compartilhado na Página Roraima sem Censura, Facebook, 2018[111].

Como se observa na Figura 11 (com a transcrição das falas do vídeo) e na Figura 12, mesmo tendo sido apagada na época (indicativo de uma postagem

[110] Disponível em: https://www.facebook.com/fagner.andrade.9638/videos/2153066398290457. Acesso em: 01 mar. 2023.
[111] Disponível em: https://www.facebook.com/fagner.andrade.9638/videos/2153066398290457. Acesso em: 01 mar. 2023.

mal-intencionada), os compartilhamentos carregam rastros da página do Facebook **(Roraima sem Censura)**, na qual o político originalmente teria publicado os dois boatos envolvendo os migrantes venezuelanos.

Figura 12 - Captura de tela do vídeo do comerciante apagado



Fonte: Página #FaxinaGeral Aliança pelo Brasil, Facebook, 2018.

Na Figura 11 e 12, a notícia falsa foi compartilhada com o mesmo enunciado da página “Roraima sem Censura” no Facebook. Na transcrição das falas do vídeo, o atendimento ao comerciante dentro da ambulância é registrado e narrado por uma moradora anônima que diz: “Esse aqui é **nosso amigo de Pacaraima**, comerciante, minha gente, que foi esfaqueado e atacado por **quatro venezuelanos**”. Analisando as pistas indexicais e paralinguísticas, representadas pelos diferentes elementos multissemióticos (como as reações expressas por curtidas e *emojis*[112], bem como o número de 52 compartilhamentos, já é possível

[112] Emojis são pictogramas ilustrados com pequenas figuras, criados entre 1998 e 1999 pelo japonês Shigetaka Kurita como parte de um sistema para internet móvel no Japão. A palavra *emoji* é o resultado da união dos vocábulos “imagem” e “letra” em japonês. Disponível em: https://www.diferenca.com/emoticons-e-emoji/. Acesso em: 08 jan. 2020.

perceber como essas características, próprias da arquitetura da plataforma digital, ajudam a posicionar o público de maneira interativa com relação ao conteúdo do evento narrado (WORTHAM, 2001; BIZON, 2013).

O compartilhamento desse vídeo provavelmente provocou na população local emoções fortes como medo, asco ou raiva, que segundo Bruno e Roque (2019), podem levar uma pessoa a repassar imediatamente uma mensagem, sem considerar a veracidade de seu conteúdo. Isso é possível porque, conforme explica Santaella (2018, p. 36), “as pessoas tendem irrefreavelmente a se recolher dentro das bolhas de seus preconceitos”. As bolhas não são as causadoras diretas das fake news, mas são responsáveis por encapsular as crenças fixas das pessoas e por potencializar o processo de propagação de desinformação nas redes.

Esse boato se espalhou rapidamente em outros grupos do Facebook, e logo os moradores de Pacaraima, revoltados com a situação, se organizaram (também por meio de sites de redes sociais e aplicativos móveis) para concretizar o ataque de 18 de agosto de 2018. Depois do episódio, descobriu-se que o assalto de fato aconteceu, mas o comerciante brasileiro não foi esfaqueado e nem assassinado, e a participação dos migrantes venezuelanos no assalto não foi confirmada, mas continuou sob investigação.

A viralização da fake news só foi possível dado o engajamento dos moradores e/ou usuários no repasse das mensagens através do Facebook e do WhatsApp para que elas chegassem a outras pessoas ou grupos de confiança. Essa estratégia é chamada por Bruno e Roque (2019) de segmentação de propaganda. Conforme as autoras, “a propagação de uma mensagem é mais efetiva quando feita por pessoas com as quais as outras se identificam, e não por agentes facilmente reconhecíveis como propagadores interessados” (p. 14). A confiabilidade das informações está relacionada às conexões entre os participantes envolvidos, os quais provavelmente conheciam o comerciante assaltado, identificado como Raimundo Nonato no vídeo da Figura 11. Além disso, a postagem foi feita por Ezequiel Calegari, um candidato local, na página do Facebook intitulada “Roraima sem Censura”, que se compromete a divulgar a verdade sobre os acontecimentos naquela região. Esses elementos contribuem para a credibilidade dos relatos apresentados.

4.3 Primeiro enquadramento: a trajetória textual do ataque xenofóbico nas plataformas digitais do Portal G1

Como introduzido no Capítulo 3, o Portal G1 se destaca por ser uma plataforma digital de referência quando se trata de jornalismo digital no Brasil. O G1 produz e compartilha conteúdos noticiosos (e não somente) em diferentes formatos, incorporando elementos transmídia em suas narrativas jornalísticas, que são complementadas com textos, imagens, vídeos e infográficos interativos. Além disso, o portal G1 é uma plataforma de convergência multimidiática que também oferece recursos como transmissões ao vivo, blogs, colunas especializadas e interação com os usuários por meio de comentários em diferentes mídias sociais (como por exemplo, Facebook, Twitter, Linkedin, Whatsapp e Telegram[113]).

Sendo assim, o objetivo desta seção de análise é entender como o G1 - O Portal de Notícias da Globo narra o ataque “Bota Fogo!” e os migrantes venezuelanos/as e como esses se narram nessas narrativas do evento. Por isso, focalizo aqui a cobertura midiática do conflito nas plataformas digitais do G1 por meio das postagens no *feed* da Página do jornal no Facebook (https://web.facebook.com/g1), incluindo as reações multissemióticas e os comentários dos usuários, juntamente com as narrativas jornalísticas incorporadas aos *posts* através de links que levam ao site do G1 (https://g1.globo.com/?utm_source=barraGCOM).

Cabe reiterar que, para estruturar a análise, fundamentada nos pressupostos teórico-analíticos já discorridos anteriormente, organizei as trajetórias dos textos (*posts,* reações, comentários, vídeos, notícias, imagens) dos **episódios noticiados** sobre o ataque “Bota Fogo!” em grupos de narrativas através dos seguintes **enquadramentos temáticos**:

- **Trajetória textual 1:** corresponde às narrativas da cobertura inicial do ataque no momento em que o conflito ainda estava acontecendo na fronteira.
- **Trajetória textual 2:** mostra as tentativas de controle do conflito pelas Forças Armadas.

[113] Essas informações podem ser acessadas no site do G1. Disponível em: https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml . Acesso em: 04 jun. 2023.

- **Trajetória textual 3:** aborda a precariedade da situação migratória venezuelana.

Isso significa que nem todas as trajetórias textuais são analisadas na mesma sequência em que os eventos episódicos ocorreram. Além disso, vale explicitar que parto de uma lista de enquadramentos genéricos apresentada por Muñiz (2007, 2011) para examinar qual tipo de enquadramento noticioso (*news frame*) sobre migração está presente em cada uma das narrativas analisadas, a saber:

1) Entrada irregular de imigrantes pela fronteira de Pacaraima/RR;
2) Ações sobre imigrantes menores de idade;
3) Contribuição econômica dos imigrantes definidos como trabalhadores;
4) Processo de documentação e regularização de imigrantes;
5) Migrantes como criminosos e ligados a organizações criminosas;
6) Migrantes como vítimas de agressão, maus-tratos ou atos xenófobos;
7) Medidas de política de gestão da fronteira;
8) Expulsão e retorno de imigrantes a seu país de origem;
9) Debate político em torno da migração venezuelana;
10) Descrição da experiência migratória.

Focalizo os enquadramentos das narrativas em uma análise simultânea à dos plano da expressão (ou linguagem), plano da estória (ou conteúdo) e plano da metanarrativa (ou tema de fundo) (MOTTA, 2013).

4.3.1 Trajetória textual 1 - A circulação do ataque: “Expulsamos todos os venezuelanos e vamos manter a entrada da cidade fechada”

A migração venezuelana já vinha sendo pautada pela mídia brasileira no período que antecedeu as eleições de 2018, o que indica um agendamento da temática, mas sua cobertura midiática acabou se tornando mais saliente após o ataque xenofóbico, ocorrido na fronteira de Pacaraima. Os primeiros vídeos do

conflito, transmitido e compartilhado pelos próprios moradores em plataformas de mídias sociais, mostram que ele teve início perto das 07h00 da manhã do dia 18 de agosto de 2018. Nesta seção, busco entender como foi a cobertura inicial do G1 - Portal de Notícias da Globo sobre o ataque “Bota fogo!” no momento em que o evento ainda acontecia em Pacaraima a partir de três narrativas online que integram a **Trajetória textual 1**, a saber:

- **Narrativa 1 -** “Venezuelanos são alvos de ataques em Roraima após assalto a comerciante” (primeiro *post* sobre o ataque no Facebook);
- **Narrativa 2** - “Cidade de RR na fronteira com a Venezuela tem tumulto após assalto a comerciante (reportagem no site do G1);
- **Narrativa 3 -** “Roupas e pertences de venezuelanos são incendiados em Roraima” (transcrição do vídeo que introduz essa matéria).
- **Comentários da Narrativa 1** - como os usuários da Página do G1 se posicionam em relação ao ataque no Facebook.

O ponto de partida da **trajetória textual 1**, apresentada a seguir com o título “Venezuelanos são alvos de ataques em Roraima após assalto a comerciante”, corresponde à primeira postagem sobre o conflito na Página do G1 no Facebook às 14h15. Com o foco no **plano da expressão (ou linguagem)** da narrativa, a seguir, observo como os recursos textuais, linguísticos e semióticos colaboram para descrever as três narrativas online e conferir efeitos de sentido real ao ataque “Bota Fogo!”.

Como é possível visualizar na captura de tela do *post* abaixo, os recursos expressivos empregados foram uma foto ilustrativa do ataque com os pertences dos migrantes já destruídos, um link de redirecionamento para ler a notícia na íntegra (https://glo.bo/2OI1ug7) com a #G1, e o seguinte enunciado: “Segundo assessoria do Exército, moradores de Pacaraima praticaram atos de destruição em acampamentos. Comerciante ficou ferido”.

NARRATIVA 1

Figura 13

“Venezuelanos são alvos de ataques em Roraima após assalto a comerciante”



Fonte: Página do G1 no Facebook, 2018.

A postagem recebeu 3,9 mil reações dos usuários entre curtidas e emojis expressando tristeza e riso, teve ainda 996 comentários e 453 compartilhamentos. Essas **pistas semióticas**, características específicas das **narrativas online**, ajudam a narrar e avaliar o evento por meio da participação do público. A quantidade de interações dessa postagem funciona como **índices avaliativos** e sugere um engajamento social bastante expressivo considerando que o conflito ainda estava acontecendo na fronteira.

Ao clicar nesse *post* (narrativa 1), abre uma nova aba que projeta a leitura para a reportagem no site do Portal de Notícias do G1 (narrativa 2)[114]. No site, outros

[114] Isso acontece com todas as postagens feitas na página do G1 no Facebook, ou seja, não é possível ler e/ou assistir as reportagens diretamente na rede social, pois todas tem um link incorporado que direciona o usuário ao site do jornal.

elementos linguísticos e multissemióticos podem ser observados na composição do **plano da expressão.** Há uma mudança do título e subtítulo do *post* para “Cidade de RR na fronteira com a Venezuela tem tumulto após assalto a comerciante: Assessoria do Exército informou que moradores praticaram atos de violência e destruição em acampamento de venezuelanos”.

NARRATIVA 2

“Cidade de RR na fronteira com a Venezuela tem tumulto após assalto a comerciante”

A Assessoria do Exército informou que moradores praticaram atos de violência e destruição em acampamento de venezuelanos.

Por Inaê Brandão e Valéria Oliveira, G1 RR
18/08/2018 14h15 Atualizado há 4 anos



Roupas e pertences de venezuelanos são incendiados em Roraima

A cidade de Pacaraima, na fronteira de Roraima com a Venezuela, registra um tumulto neste sábado (18) com atos de violência e destruição em acampamentos de imigrantes venezuelanos, informou o Exército por meio da Força-tarefa Logística Humanitária. A rodovia BR-174, na entrada da cidade, chegou a ficar bloqueada pelos moradores por cerca de 5 horas.
A situação, segundo a Polícia Militar, ocorre em razão do assalto a um comerciante na noite dessa sexta-feira (17). A suspeita é que o crime tenha sido praticado por venezuelanos, conforme a PM. Ainda não há informações sobre pessoas feridas ou detidas.
O tumulto começou por volta das 7h (hora local) deste sábado. O vigilante Wandenberg Ribeiro Costa, um dos organizadores do ato, disse que cerca de mil moradores de Pacaraima participaram do protesto e que todos os venezuelanos que viviam pelas ruas da cidade foram expulsos de onde estavam. No entanto, ainda não há informações oficiais de quantos venezuelanos de fato atravessaram a fronteira de volta ao país neste sábado.



Imigrantes venezuelanos se abrigam em unidade da Sefaz após terem sido expulsos das ruas de Pacaraima, Norte de Roraima — Foto: Inaê Brandão/G1 RR

De acordo com Costa, o ato dos moradores foi motivado pela insegurança causada pela imigração na fronteira. O assalto ao comerciante, segundo os manifestantes, foi o estopim para a revolta da população contra os venezuelanos.
Pacaraima é a porta de entrada para venezuelanos que fogem da crise política, econômica e social no país de origem e entram no Brasil. A estimativa é que entrem 500 venezuelanos por dia pela fronteira do estado.
Os moradores também fizeram uma barricada de pneus com fogo na BR-174, rodovia na entrada da cidade, e o acesso ficou bloqueado nos dois sentidos da pista das 10h às 15h, no horário local. O tráfego foi liberado após negociação com a Polícia Rodoviária Federal (PRF). O grupo se reuniria com o comando da PM de Pacaraima e com o Exército.
"Expulsamos todos os venezuelanos e vamos manter a entrada da cidade fechada até que tenhamos uma solução para o problema. Queremos que se tenha um controle rígido de entrada na fronteira e que seja estipulado um horário para circulação de pessoas que fazem compras em Pacaraima", disse Costa mais cedo, acrescentando que todo o ato foi organizado pelas redes sociais logo após o assalto ao comerciante.



Moradores de Pacaraima, Norte de Roraima, fizeram barricada e bloquearam a entrada e saída de veículos na cidade — Foto: Inaê Brandão/G1 RR

O ato contra os venezuelanos ocorreu, principalmente, em três pontos da cidade onde viviam os imigrantes: na rodoviária da cidade, no centro e no palco do Micaraima, que é um espaço onde os estrangeiros viviam na cidade. A estrutura usada como acampamento improvisado foi derrubada por um trator.

O comandante Policiamento do Interior (CPI), coronel Matos, disse que todo o efetivo da PM de Pacaraima foi mandado para as ruas para acompanhar o protesto e o governo do estado informou em nota que reforçou o policiamento na cidade.
Conforme a Força-Tarefa Logística Humanitária, órgãos de Segurança Pública buscam conter as manifestações de violência. Uma equipe médica também foi deslocada para o hospital da cidade para apoiar eventuais casos em consequência da manifestação. *(Veja nota sobre o caso abaixo)*
O vigilante Wendel Pereira do Vale, morador da cidade, disse que desde cedo o clima é tenso nas ruas. Segundo ele, venezuelanos que viviam em acampamentos improvisados foram expulsos de onde estavam e tiveram seus pertences queimados pela população.
"A população de Pacaraima está revoltada. Nenhum comércio abriu hoje, os moradores foram para as ruas e expulsaram todos os venezuelanos. Houve muito corre corre", disse.
Ele disse que ainda que grande parte dos imigrantes expulsos das ruas da cidade atravessaram a fronteira para o lado venezuelano. "Soubemos que muitos deles estavam indo a pé para Santa Elena [primeira cidade da Venezuela depois da fronteira]", relatou.
Há relatos, ainda, de que venezuelanos que aguardavam para serem atendidos no posto de triagem na fronteira também foram expulsos. O Exército ainda não confirmou a informação, mas disse que "por medida de segurança os atendimentos no posto de identificação e triagem foram suspensos".
Em entrevista à Reuters, a delegada Geral da Polícia Civil de Roraima, Giuliana Castro, disse que um grupo de 30 brasileiros que fazia compras na fronteira foi atacado por venezuelanos e precisou ser levado para um abrigo.



Bloqueio da BR-174 por manifestantes causa longo congestionamento ao Norte de Roraima — Foto: Inaê Brandão/G1 RR

Venezuelanos expulsos

Parte dos venezuelanos expulsos das ruas e de acampamentos em Pacaraima pelos se abrigou em uma área externa do posto de fiscalização da Secretaria Estadual da Fazenda de Roraima (Sefaz). O lugar fica um pouco antes da entrada da cidade, onde foi montada a barricada na rodovia.



Moradores de Pacaraima expulsam venezuelanos de cidade na fronteira — Foto: Wendel Pereira do Vale/Arquivo pessoal

Assalto a comerciante

O comerciante Raimundo Nonato de Oliveira, de 55 anos, sofreu um assalto quando chegava em casa com uma familiar na noite dessa sexta-feira (17), informou a Polícia Militar.

De acordo com a PM, ele sofreu uma lesão na cabeça possivelmente causada por uma paulada. Familiares relataram à polícia que os suspeitos eram venezuelanos. O comerciante foi removido a Boa Vista em razão da gravidade do ferimento.



Moradores de Pacaraima queimam pertences de venezuelanos em cidade na fronteira — Foto: Wendel Pereira do Vale/Arquivo pessoal

Nota da Força-Tarefa Humanitária

Sobre o fato ocorrido na noite de sexta-feira, dia 17 de agosto, em que o senhor Raimundo Nonato de Oliveira, morador da cidade de Pacaraima, foi assaltado supostamente por imigrantes que estavam na cidade, a Força-Tarefa Logística Humanitária esclarece que o agredido, após ser socorrido pela equipe médica de plantão do Hospital Délio de Oliveira Tupinambá, foi evacuado para Boa Vista, chegando em uma ambulância no Hospital Geral de Roraima. Atualmente, o senhor Raimundo encontra-se em situação estável. O fato gerou um descontentamento de alguns moradores de Pacaraima e, na manhã deste sábado, 18 de agosto, ocorreu uma manifestação com atos de violência e destruição de acampamentos de imigrantes situados em alguns locais públicos. Órgãos de Segurança Pública buscaram conter as manifestações de violência.

79. *A Força-Tarefa deslocou parte de sua equipe médica para o Hospital Délio de Oliveira*
80. *Tupinambá para apoiar eventuais casos, em consequência da manifestação.*
81. *A Força-Tarefa Logística Humanitária, composta pelas Forças Armadas e integrada por*
82. *Organismos Internacionais, Organizações Não Governamentais e entidades civis, repudia*
83. *atos de vandalismo e violência contra qualquer cidadão, independentemente de sua*
84. *nacionalidade.*
85. *As Forças Armadas atuam em prol da sociedade brasileira, sempre disponíveis a ajudar à*
86. *população em todo o território nacional.*

Fonte: G1 - O Portal de Notícias da Globo, 2018[115].

No *post* do Facebook não há a marcação de uma autoria, ou seja, o narrador é o próprio G1, mas no site a matéria é assinada por Inaê Brandão e Valéria Oliveira do G1 Roraima (18/08/2018, às 14h15). A Narrativa 2 ainda incorpora à reportagem cinco fotos de diferentes momentos do conflito de Inaê Brandão e Wendel Pereira do Vale com suas respectivas legendas; dois intertítulos: “Venezuelanos expulsos” e “Assalto a comerciante” (em negrito) e uma “Nota da Força-Tarefa Humanitária” (texto com letra inclinada). Além disso, a narrativa 2 é introduzida por um vídeo (narrativa 3) de 2 minutos e 19 segundos recortado do Jornal GloboNews (18/08/2018, às 14h01) e apresentado por Marcelo Cosme. Na sequência, apresento a transcrição desse vídeo que introduz a Narrativa 2 no site do G1:

NARRATIVA 3

“Roupas e pertences de venezuelanos são incendiados em Roraima”

---

[115] Disponível em: https://glo.bo/2OI1ug7. Acesso em: 01 mar. 2023.



Roupas e pertences de venezuelanos são incendiados em Roraima

Marcelo Cosme (apresentador): Moradores da cidade de Pacaraima e em Roraima, que liga a fronteira do Brasil com a Venezuela, incendiaram roupas e pertences de venezuelanos que se encontram nas ruas da cidade. O motivo, segundo a Assessoria de Comunicação de Pacaraima, veio após um comerciante com sua família serem assaltados na noite de ontem por 3 a 4 venezuelanos dentro da sua casa e foi bastante agredido e depois fugiram do local. Como o hospital de Pacaraima está com ambulância quebrada, foi pedido o apoio da ambulância do Exército Brasileiro para ele ser encaminhado para o Hospital Geral de Roraima, isso em Boa Vista, porém, foi informado que o veículo só era para atender os venezuelanos. E a partir daí começou a mobilização dos moradores de Pacaraima, que começaram a atear fogo na manhã deste sábado no palco principal da cidade onde estava servindo, que estava servindo de abrigo para os imigrantes. Além de barracos espalhados nas ruas, os moradores gritavam em massa mandando os venezuelanos saírem do Brasil. O comerciante foi removido de Pacaraima ainda na noite de ontem em um carro particular para Boa Vista e no meio do caminho é que encontraram uma ambulância do Corpo de Bombeiros onde o removeram para o veículo e o levaram para o Hospital Geral, segundo a Assessoria de Comunicação de Pacaraima. O comerciante passa bem e deve receber alta hoje à tarde. A mobilização em Pacaraima continua na manhã deste sábado. As autoridades até o momento ainda não se manifestaram. São imagens que a gente recebeu há pouco. Olha só a situação lá no Norte do país com essa questão de entrada dos venezuelanos e a população da cidade aí protestando. A gente sabe que esse é um problema que se arrasta há meses. O Governo do Estado diz que não tem como atender essas pessoas, pede 200 milhões ao Governo Federal. O Governo Federal diz que está ajudando e essa discussão inclusive chegou ao Supremo Tribunal Federal até por causa do fechamento da fronteira. Vamos ouvir um um pouco da confusão aí nesta manhã:

Voz masculina anônima: “Fechamento da BR aqui em Pacaraima. Seu Raimundo é uma pessoa tão boa. [inaudível] O pau tá comendo, menino, tamo expulsando os venezuelanos! É desse jeito agora. Se não tem governante, se não tem autoridade por nós, nós vamos fazer a nossa autoridade. Fora venezuelanos de dentro de Pacaraima! É assim que funciona a partir de agora!”

Voz feminina anônima: “A população veio até a parte de Imigração aqui na fronteira e o Exército está segurando até que os venezuelanos saiam todos da Imigração. Todos indo pra seu país. Todos sendo expulsos. Cara, muito triste isso, mas o Brasil tem que reagir. A população de Pacaraima está fazendo uma coisa boa, fazendo a coisa certa. (...) Mas vamo lá, Brasil! Esse aqui é o Brasil que nós queremos! Tirem todos!”

Fonte: Transcrição do vídeo **-** G1 - O Portal de Notícias da Globo, 2018.

O que já se observa a partir do plano da expressão na trajetória textual 1 – seja no título do *post* no Facebook, no vídeo, nas imagens e nas legendas incorporados à reportagem no site do G1 – é uma cena bastante explícita de um ato xenofóbico contra os migrantes venezuelanos que foram expulsos do país e tiveram suas "roupas e pertences (…) incendiados em Roraima". Com a descrição desses elementos textuais, linguísticos e semióticos **(plano da expressão)**, já é possível ter uma visão panorâmica sobre o **conflito principal** das três narrativas *online*, ou seja, o **ataque "Bota Fogo!**". Mas para ampliar a interpretação do evento narrativo, debruço-me mais a fundo sobre os **planos da estória** (conteúdo/enredo) e da **metanarrativa** (fundo ético e moral). Para isso, mobilizo também algumas **pistas indexicais** na tentativa de "identificar as vozes em jogo e interpretar o **posicionamento interacional** que está sendo feito através das narrativas" (WORTHAM, 2001, p. 74, grifo meu).

Sendo assim, destaco a forma como o ataque é narrado pelo G1, observando as escolhas lexicais selecionadas pelos narradores (jornalistas) para **referenciar e predicar** o evento. Na captura de tela do ***post* do Facebook (narrativa 1)**, o evento é referenciado e predicado como "atos de destruição em acampamentos" e "ataques em Roraima". No **vídeo (narrativa 3)** que introduz a matéria, a fala do apresentador Marcelo Cosme traz as expressões "mobilização dos moradores" (linha 9), "mobilização em Pacaraima" (linha 16), "a situação lá no Norte do país" (linha 18), "a população da cidade aí protestando" (linha 19), aparecendo também o termo "protesto", e a palavra "confusão" (linha 23). Já na **reportagem (narrativa 2)** no site do G1, as falas das narradoras Inaê Brandão e Valéria Oliveira mobiizam as seguintes referências e predicações para narrar o ataque "Bota Fogo!": "tumulto" (no título), "atos de violência e destruição em acampamento de venezuelanos" (subtítulo), "ato dos moradores" (linha 14), "todo o ato foi organizado pelas redes sociais" (linhas 27 e 28), "O ato contra os venezuelanos" (linha 29), "o protesto" (linha 34), "as manifestações de violência" (linha 37), "da manifestação" (linha 38), "uma manifestação com atos de violência e destruição de acampamentos de imigrantes situados em alguns locais públicos" (linhas 75 e 76 da Nota da

Força-Tarefa Humanitária), “as manifestações de violência” (linha 77), “em consequência da manifestação” (linha 79) e “atos de vandalismo e violência” (linha 82).

A partir dessas escolhas lexicais, note-se que os narradores lançam mão do recurso de **repetição de palavras** (a exemplo das palavras “atos” e “mobilização”) para fazer **referência** ao ataque e **reforçar** um sentido particular de que se tratava de uma ação coletiva em que os moradores roraimenses se reuniram publicamente para protestar e expressar sua indignação contra os migrantes venezuelanos. As narradoras Inaê Brandão e Valéria Oliveira chegaram a usar algumas **predicações** combinadas às referências – atos de violência e destruição, atos de vandalismo –, combinadas às imagens dos moradores ateando fogo e de barricada com queima de pneus para caracterizar e **avaliar** o evento como violento. Entretanto, a maioria das referências acionadas nas falas dos narradores apresentam um tom mais brando, que acabam por amenizar a gravidade do ataque xenofóbico. Talvez a escolha por expressões mais amenas tenha se dado pelo fato de esta ter sido a primeira publicação do G1 narrando o conflito que ainda estava em andamento no Norte do país, como ilustram os seguintes trechos da narrativa no site do G1: “Ainda não há informações sobre pessoas feridas ou detidas” (linha 8); “Uma equipe médica também foi deslocada para o hospital da cidade para apoiar eventuais casos em consequência da manifestação” (linhas 37 e 38).

Em contrapartida, as referências e predicações que remetem a um sentido mais impactante (“Venezuelanos são alvos de **ataques**”, “**tumulto**”, “atos **de violência e destruição**”) foram utilizadas na postagem do *Facebook* e nos títulos e subtítulos da narrativa 2, o que, a meu ver, coloca essas expressões em evidência e sugere uma tentativa deliberada de obter mais engajamento nas plataformas do Portal G1, pois, sendo palavras mais apelativas, podem motivar os usuários da rede a clicarem no link e/ou a reagirem à postagem por meio de emojis, comentários e compartilhamentos.

A partir dessa interpretação de como o ataque “Bota Fogo!” foi narrado pelo G1, entendo que o **enquadramento noticioso**[116] que pode ser atribuído à trajetória textual 1 se encaixa na categoria: “Migrantes como vítimas de agressão,

[116] Vale lembrar que, para identificar o enquadramento das narrativas jornalísticas (*news framing*), parto de alguns passos pontuados por Entman (1993, 2001), Muñiz (2007, 2011) e Goffman (2013), que em síntese consistem em: definir o problema; interpretar suas causas; explicitar a avaliação moral e; observar a recomendação ou pauta de ação.

maus-tratos ou atos xenófobos" (MUÑIZ, 2011). Esse enquadramento genérico pode ser explicado examinando as partes que o compõem, como **problema, causas, avaliação moral e recomendações ou pautas de ação** (ENTMAN, 1993, 2001). Dessa forma, com base nas informações das três narrativas dessa trajetória, o **problema** do enquadramento pode ser descrito como: "Moradores de Pacaraima/RR cometem atos de violência e destruição em acampamentos de imigrantes venezuelanos".

No que se refere às possíveis **recomendações** ou **pautas de ação** sugeridas e a quem é creditado o poder de resolução do problema, no enquadramento da narrativa 2, a solução de expulsar "todos os venezuelanos que viviam pelas ruas da cidade" (linhas 11 e 12) coube aos "cerca de mil moradores de Pacaraima [que] participaram do protesto" (linhas 10 e 11). Para isso, além de atear fogo nos pertences dos refugiados, outra pauta de ação foi bloquear a "rodovia BR-174, na entrada da cidade, (...) por cerca de 5 horas" (linhas 4 e 5). As recomendações feitas pelos moradores consistiam em: "manter a entrada da cidade fechada até que se tenha[mos] uma solução para o problema" (linha linhas 24 e 25); praticar um "controle rígido de entrada na fronteira" (linha 25); e estabelecer "um horário para circulação de pessoas que fazem compras em Pacaraima" (linhas 26 e 27).

No **plano da estória (conteúdo)** da narrativa 1, é possível evidenciar as **causas** que motivaram o enquadramento desse problema. No título do *post* do *Facebook*, a motivação para os ataques em Roraima teria sido um "assalto ao comerciante" que ficou ferido. Nas linhas 3 a 5 da transcrição do vídeo da reportagem, vê-se que o jornalista Marcelo Cosme, por meio de uma **citação de autoridade**, ajuda a vozear a **Assessoria de Comunicação de Pacaraima**, que confirma o assalto e a agressão como motivações para o ataque. A mobilização dessa voz, por se tratar de uma figura institucional, confere à causa do problema um teor de verdade. Além de indicar o motivo do assalto (linhas de 6 a 11), o apresentador complementa: "Como o hospital de Pacaraima está com ambulância quebrada, foi pedido o apoio da ambulância do Exército Brasileiro (...), porém, foi informado que o veículo **só** era para atender os venezuelanos" (linhas 6-9), grifos meus). A utilização do advérbio "só" nesse trecho ajuda a enfatizar negativamente a atitude do **Exército Brasileiro**, que, propositalmente, nega o atendimento ao

comerciante brasileiro com a justificativa de que a ambulância somente estava à disposição dos refugiados. Essa ação do Exército Brasileiro, conforme o narrador, teria sido o segundo motivo a ter incentivado a "mobilização dos moradores de Pacaraima" para "atear fogo na manhã de sábado no palco principal da cidade onde estava servindo (...) de abrigo para os imigrantes" (linhas 9 a 11).

No enquadramento da reportagem publicada no site, as narradoras Inaê Brandão e Valéria Oliveira, do G1 RR, por meio do vozeamento dos manifestantes, afirmam que o assalto teria sido o estopim para o ataque (linhas 15 e 16). Como destaco na sequência, as falas das narradoras lançam mão de **pistas de citação de autoridade** da **Polícia Militar** e da **Força-Tarefa Humanitária** (composta pelas Forças Armadas e integrada por Organismos Internacionais, Organizações Não Governamentais e entidades civis) para descrever o **motivo do ataque**, mas acabam colocando em suspeição a participação dos venezuelanos no assalto. Os índices linguísticos em destaque corroboram para esse entendimento: "A **suspeita** é que o crime tenha sido praticado por venezuelanos, conforme a PM" (linhas 6 a 8); "De acordo com a PM, ele sofreu uma lesão na cabeça possivelmente causada por uma paulada. Familiares relataram à polícia que **os suspeitos** eram venezuelanos" (linhas 64 e 65); "Sobre o fato ocorrido na noite de sexta-feira, dia 17 de agosto, em que o senhor Raimundo Nonato de Oliveira, morador da cidade de Pacaraima, foi assaltado **supostamente** por imigrantes que estavam na cidade" (linhas 68 a 70). Em síntese, entendo que o episódio do "assalto" em toda a trajetória textual pode ser interpretado como um **conflito secundário**, mesmo que retrospectivo, o qual motivou diretamente o **conflito primário**, ou seja, o ataque "Bota fogo!".

Desse modo, no que diz respeito ao **plano da metanarrativa (fundo ético)** e à **avaliação moral** do **enquadramento** do G1, é importante observar quem são as pessoas citadas e como elas estão posicionadas na história narrada. Com base em Bamberg (1997), Bamberg e Georgakopoulou (2008) e De Fina (2013), o **posicionamento de nível 1** fica evidente a partir dos índices destacados nas citações da Polícia Militar e da Força-Tarefa Humanitária que os venezuelanos foram enquadrados como "suspeitos do assalto" ao comerciante. Em contrapartida, a citação indireta da Assessoria de Comunicação de Pacaraima – "veio após um comerciante com sua família serem assaltados na noite de ontem por 3 a 4 venezuelanos dentro da sua casa e foi bastante agredido e depois fugiram do local"

(linhas 3 a 5 da narrativa 3) – afirma que “3 a 4 venezuelanos” foram, de fato, os agentes causais do assalto. Em termos de instanciação de **papéis sociais**, a Assessoria enquadra o “comerciante e a família” (sujeitos gramaticais que sofrem a ação da expressão verbal na voz passiva: “serem assaltados”) como “vítimas do assalto” e, por sua vez, os “venezuelanos” como “assaltantes” (agentes da voz passiva do verbo “assaltar”), “agressores” (agentes da voz passiva do verbo “agredir”, intensificado pelo advérbio “bastante”) e “fugitivos” (sujeitos do verbo “fugir” no pretérito perfeito na voz ativa).

As outras vozes citadas na trajetória textual 1 também avaliam e **posicionam** os participantes em relação ao assalto (conflito secundário) e ao ataque “Bota Fogo!” (conflito primário). No *post* do Facebook, a utilização do substantivo “comerciante”, combinada ao uso da voz ativa com o verbo no pretérito (“Comerciante ficou ferido”), e à marcação temporal (“após assalto a comerciante”), evidencia que, na postagem, ele também é enquadrado como “vítima do assalto”. No *post*, a “assessoria do Exército” é citada como figura de autoridade para informar que os “agentes causais do ataque” são os “moradores de Pacaraima” que “praticaram atos de destruição em acampamentos”, e o uso da voz passiva (“são alvo”) contribui para posicionar os “venezuelanos” como “vítimas dos ataques em Roraima”.

Na narrativa 2, além das figuras de autoridade citadas, as narradoras também entrevistaram moradores brasileiros que participaram do ataque, mas nenhum migrante venezuelano foi ouvido na reportagem. O vigilante Wandenberg Ribeiro Costa confirma que o ataque foi rapidamente organizado pelas redes sociais logo após o assalto (linha 28). De acordo com Costa, que é um dos organizadores do evento (como narra as jornalistas), “o ato dos moradores foi motivado pela **insegurança** causada pela imigração na fronteira” (linhas 14 e 15). O morador acrescenta: “**Expulsamos** todos os venezuelanos e **vamos manter** a entrada da cidade fechada até que tenhamos uma solução para o **problema**” (linhas 24 e 25). Os itens lexicais e o uso dos verbos na primeira pessoa do plural em destaque mostram que Costa narra sua participação no ataque a partir de uma perspectiva privilegiada de morador insatisfeito com o “problema da imigração na fronteira” e, por isso, é interpelado a se posicionar como responsável por resolver essa “ameaça à

segurança nacional", assumindo para si um papel agentivo ao participar da organização do ato para expulsar os venezuelanos da cidade.

Na linha 17 da transcrição do vídeo, o narrador Marcelo Cosme parece endereçar sua fala às autoridades, que, até aquele momento, ainda não haviam se manifestado sobre o ataque. No trecho "**A gente** sabe que esse é um problema que se arrasta **há meses**", através do uso do pronome "a gente", o narrador flutua de seu papel de jornalista e passa a se posicionar como cidadão ao incluir-se na cobrança por uma resolução do "problema". Quando o narrador usa a expressão temporal "há meses", acaba incorporando, no evento narrado, sinais que apontam para notícias retrospectivas sobre as tentativas de fechamento da fronteira de Pacaraima, evidenciando um **posicionamento de nível 2**. Com essa sinalização, o narrador assume um posicionamento questionador sobre de quem seria a responsabilidade da gestão do fluxo migratório na fronteira, pois a governadora de Roraima na época (Suely Campos) cobrava o fechamento da fronteira ao Governo Federal (do ex-presidente Temer). Nessa disputa política, em 13 de abril de 2018, a governadora entrou com a Ação Cível Originária n.º 3.121[117], solicitando ao Supremo Tribunal Federal, a suspensão temporária da imigração na fronteira Brasil-Venezuela, determinando que a União distribuísse os imigrantes para os outros Estados.

No final do vídeo, o narrador-apresentador da narrativa 3 faz o seguinte convite: "Vamos ouvir um pouco da confusão aí nesta manhã" (linha 22 e 23). Nesse momento, entram em cena dois co-narradores anônimos, mas que, pelas falas, parecem ser moradores de Pacaraima filmando e narrando a destruição do acampamento. As vozes que foram incorporadas no vídeo do Jornal GloboNews já haviam circulado de forma autônoma nas mídias sociais. Vê-se que, na linha 24, o co-narrador anônimo assume o controle da narrativa e passa a contá-la a partir de uma perspectiva de dentro, **referenciando e predicando** positivamente o comerciante assaltado: "Seu Raimundo **é** uma pessoa tão boa". Por um lado, sua fala sinaliza uma relação de proximidade ou de amizade com a vítima, o que sugere sua motivação para participar do ataque ao acampamento dos venezuelanos. Por outro lado, ao se valer de uma **modalização epistêmica** (por meio do verbo "ser" no

[117] Conforme relatório do processo Tutela Provisória Incidental na Ação Cível Originária n.º 3.121 de Roraima. Disponível em: http://portal.stf.jus.br/processos/downloadPeca.asp?id=315110327&ext=.pdf. Acesso em: 27 jan. 2020.

presente do indicativo) para se referir ao comerciante, o co-narrador demonstra ter acesso ao estado de saúde dele – sendo, portanto, digno de credibilidade –, contrariando a fake news que dizia que ele estava "entre a vida e a morte no hospital".

Os dois co-narradores anônimos mostram que os moradores estão envolvidos na performance no momento de narrar e na experiência de relatar a história. Ao incorporarem em seus relatos o uso de **pistas contextuais e de referência em terceira pessoa** – "Fechamento da BR aqui em Pacaraima" (linha 24); "A população veio até a parte de Imigração aqui na fronteira e o Exército está segurando até que os venezuelanos saiam todos da Imigração" (linhas 28 e 29) –, que são elementos característicos do discurso narrativo e jornalístico, os dois participantes da cena parecem indexar um tipo social específico, assumindo para si os papéis de narradores e repórteres na cobertura do evento (WORTHAM, 2001).

O conteúdo da citação "Esse aqui é o Brasil que nós queremos!" (linha 38), empreendida pela co-narradora na narrativa 3, indexa aspectos relevantes do contexto social e político e serve como pista para compreender seu posicionamento em relação à presença dos migrantes de crise no país. Por meio dessa **citação**, a narradora acaba vozeando um discurso bastante repetido antes, durante e após as eleições de 2018[118] pelo candidato a presidente na época, Jair Messias Bolsonaro. A partir dessa citação, fica claro que ela tem familiaridade com os bordões de sua campanha e acaba assumindo um *footing* de patriota (GOFFMAN, 2013) ao demonstrar alinhamento com o discurso político e com o modelo de país proposto pelo candidato, qual seja, um país sem os marginais que comporiam a "escória do mundo[119]", ou seja, sem os indesejados refugiados. Tal posicionamento leva a narradora a justificar sua participação no ataque xenofóbico como a "coisa certa" a se fazer em prol de seu país.

---

[118] Antes de ser entextualizada nos discursos de Bolsonaro, a expressão "*O Brasil que eu quero*" foi apropriada de uma campanha realizada pela Rede Globo, que convidava os telespectadores a gravarem um vídeo com seus desejos sobre o futuro do país. As mensagens eram exibidas nos telejornais da emissora e ganhou uma aba no site do G1. Disponível em: http://g1.globo.com/o-brasil-que-eu-quero/. Acesso em: 28 out. 2019.

[119] "Não sei qual é a adesão dos comandantes, mas, caso venham reduzir o efetivo [das Forças Armadas], é menos gente nas ruas para fazer frente aos marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo que, agora, está chegando os sírios também. A **escória do mundo** está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problemas demais para resolver". Essa declaração foi dada por Bolsonaro em entrevista ao Jornal Opção, de Goiás. Disponível em: https://exame.abril.com.br/?s=esc%C3%B3ria+do+mundo. Acesso em: 14 nov. 2019.

As formas linguísticas mobilizadas pelos dois co-narradores do evento referenciam **duas escalas** (BLOMMAERT, 2010): uma que projeta uma **marcação temporal** (“É desse jeito **agora**. (...). É assim que funciona **a partir de agora**!”, linha 28), e outra que se configura como uma idealização espacial (“**Esse aqui** é o **Brasil** que nós queremos!”, linha 35), indicando que a expulsão dos migrantes venezuelanos trará dias melhores e um país diferente para os moradores de Roraima. Nessa nova trajetória temporal e espacial, as expressões de ordem (“**Fora** venezuelanos de dentro de Pacaraima!”, linha 29, e “**Tirem** todos!”, linha 35) marcam o posicionamento xenofóbico desses moradores e sinalizam que o poder de decidir quem entra e quem deve ser expulso do país. Isto é, o controle da fronteira de Pacaraima cabe a eles como, assumidamente, os representantes da população.

Ambos participantes do ataque também assumem o papel de representantes dos moradores da cidade ou dos brasileiros de um modo geral: “Se não tem governante, se não tem autoridade **por nós**, **nós vamos** fazer a **nossa** autoridade” (linha 28-29); “A **população de Pacaraima** está fazendo uma coisa boa, fazendo a coisa certa. (...) Mas vamo lá, **Brasil**!” (linha 34-35). A ênfase no pronome pessoal em primeira pessoa do plural (nós), bem como no pronome possessivo “nossa” para referenciar “autoridade”, compõe o argumento de que, ao expulsarem os venezuelanos do país, estariam fazendo o que é correto para a população, trazendo para si o papel de resolver o problema da situação migratória na região, já que os “governantes” e as “autoridades” do Estado não estariam cumprindo com sua responsabilidade.

Dada a forma como os jornalistas selecionam, destacam e ressaltam determinados atributos e aspectos em cada narrativa jornalística, podem acabar influenciando a maneira como a audiência reage a esses textos em contextos online. Além disso, uma narrativa emergente contada em uma plataforma de mídia social pode incluir os esforços colaborativos de uma narração co-construída por mais de um narrador (PAGE, 2015). Nessa direção, observo, a seguir, como está estruturada a participação da audiência e como os usuários enquadram e se posicionam em relação ao ataque “Bota Fogo!” nos comentários da postagem que inicia a trajetória textual 1.

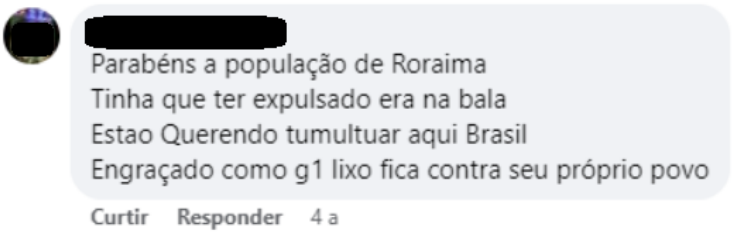
Como discorri no capítulo teórico, Bamberg e Georgakopoulou (2008) também partem do conceito de **posicionamento interacional** para analisar como as

pessoas se posicionam em relação a si mesmas, aos outros e aos eventos sociais na construção de narrativas. Por isso, sigo a abordagem desses autores nas trajetórias textuais por entender que os **comentários** das plataformas de mídias sociais também produzem **narrativas pequenas** (*small stories*), em que é possível examinar como os participantes expressam seu posicionamento interacional ao se apresentarem, se alinharem ou se distanciarem de diferentes posições sociais nessas narrativas.

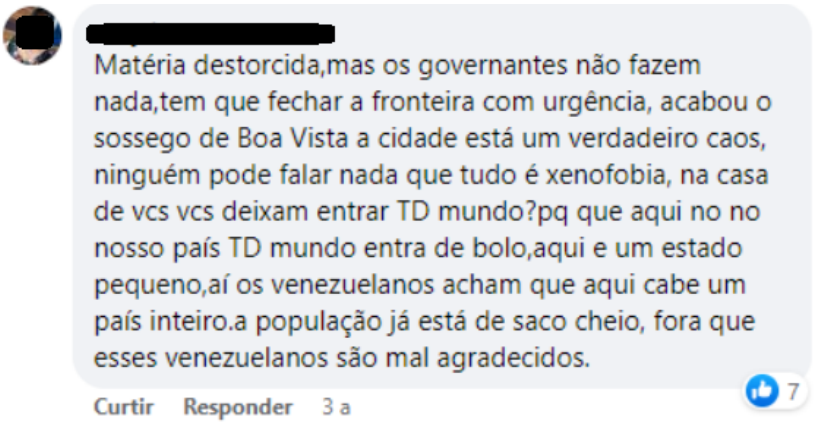
O primeiro *post* do G1 (narrativa 1) sobre o ataque “Bota Fogo!”, de 18 de agosto de 2018, recebeu **996 comentários**. Selecionei alguns comentários de forma aleatória, visto que seria inviável analisar todos nesta seção. Ainda assim, fiz mais de uma leitura cuidadosa, identificando diferentes focos temáticos no enquadramento dos comentadores, o tipo de interação que estabelecem entre si, e os recursos que usam para construir seus posicionamentos.

Mesmo que o G1 seja uma página de acesso público no Facebook, lembro, mais uma vez, que tomei o cuidado de recortar os comentários e apresentá-los fora da ordem em que aparecem no *post,* e mudei os dados pessoais que pudessem identificar os comentadores diminuindo assim a rastreabilidade desses textos. Dessa maneira, inicio trazendo 3 comentários:

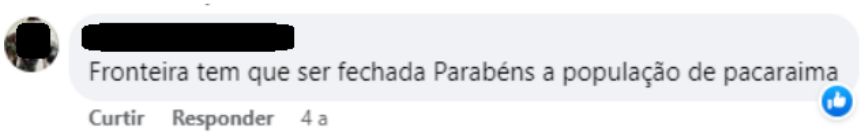
COMENTÁRIO 1



COMENTÁRIO 2



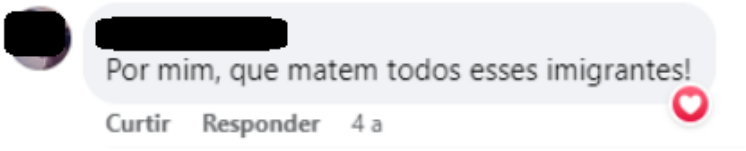
COMENTÁRIO 3



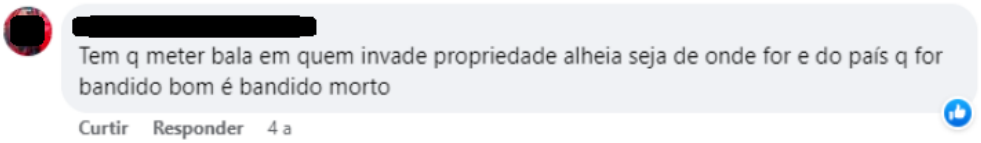
Os narradores dos **comentários 1 e 3** parabenizam a “população” de Pacaraima pelo ato. Nos três comentários, há um alinhamento positivo dos comentaristas com os moradores ao apoiarem a expulsão (à bala) dos migrantes e o fechamento da fronteira. As expressões linguísticas destacadas nos trechos “estão querendo **tumultuar** aqui **Brasil**” (comentário 1) e “acabou o **sossego** de **Boa Vista** a cidade está um verdadeiro **caos”** (comentário 2), combinadas à **absolutização estratégica** construída pelo uso dos pronomes indefinidos “ninguém” e “nada” na afirmação “**ninguém** pode falar **nada** que tudo é xenofobia” (comentário 2), indiciam elementos do discurso xenofóbico que marcam a diferença entre “Nós” e “Eles”. Dessa forma, os usuários utilizam o critério da nacionalidade e da cultura para posicionar os migrantes venezuelanos como agentes do caos no país, referenciando-os, predicando-os e avaliando-os como **mal agradecidos** (comentário 2), enquanto os moradores brasileiros, por associação, poderiam ser enquadrados como pessoas tranquilas e receptivas.

Vejamos, a seguir, mais dois comentários:

COMENTÁRIO 4



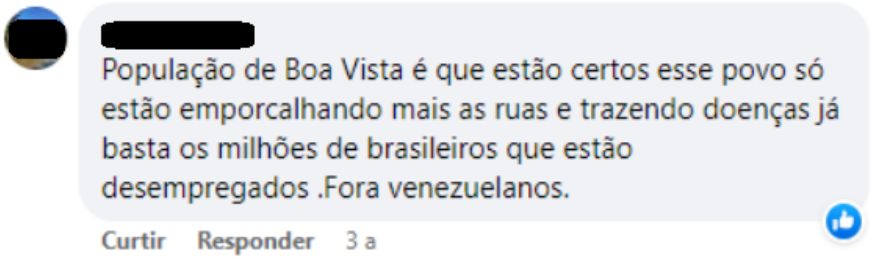
COMENTÁRIO 5



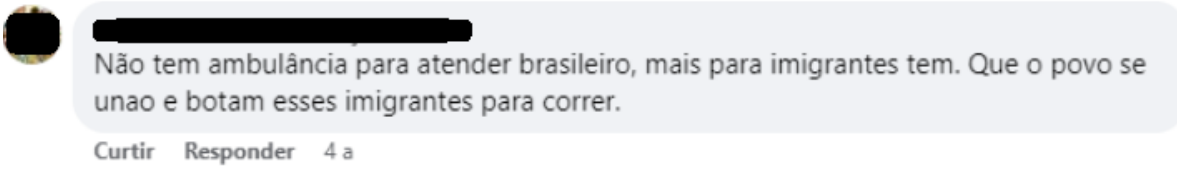
O uso da metáfora “bala” no comentário 1 anteriormente mostrado (“Tinha que ter expulsado era na **bala**”), bem como no comentário 5 (“Tem q **meter bala** em quem invade propriedade alheia”), além do uso do verbo no imperativo no comentário 4 (“Por mim, **que matem** todos esses imigrantes) escancaram o teor violento do posicionamento desses usuários para defender o território e a propriedade privada, fazendo referência ao assalto. A expressão “bandido bom é bandido morto” (comentário 5), ao mesmo tempo que **referencia e predica** os venezuelanos como “bandidos”, também reforça o alinhamento do narrador a um discurso xenofóbico de linchamento e morte como solução para conter o fluxo migratório. Vale ressaltar que esses e os demais comentários também receberam curtidas e reações com emoji de “coração”, demonstrando um alinhamento positivo de outros participantes da interação sobre o conteúdo que está sendo narrado.

Coloco em tela, agora, os comentários 6, 7, 8 e 9:

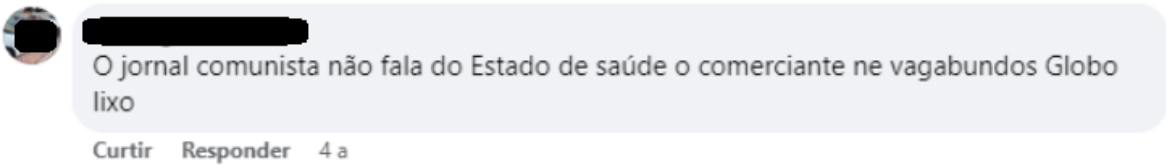
COMENTÁRIO 6



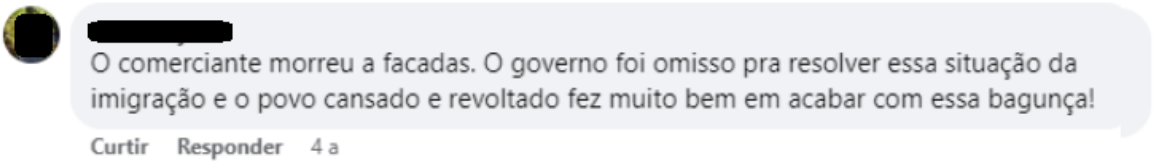
COMENTÁRIO 7



COMENTÁRIO 8



COMENTÁRIO 9



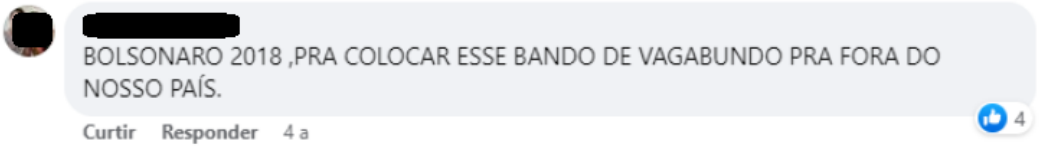
Nesses comentários, ao se posicionarem, os participantes da interação apresentam outra faceta do discurso xenofóbico: enquadrar os migrantes venezuelanos como uma ameaça à economia nacional e à saúde pública. No comentário 6, essa percepção é marcada por uma **comparação** com a situação econômica dos brasileiros: "já basta os milhões de brasileiros que estão **desempregados**". O narrador do comentário 6 associa os refugiados às ações de "emporcalhar" e de "trazer doenças" ("esse povo só estão **emporcalhando** mais as ruas e **trazendo doenças**"), posicionando-os como pessoas sujas e infecciosas. Também os narradores dos comentários 7, 8 e 9 atribuem aos venezuelanos os

problemas de saúde pública na fronteira ao fazerem referência ao estado de saúde do comerciante Raimundo Nonato.

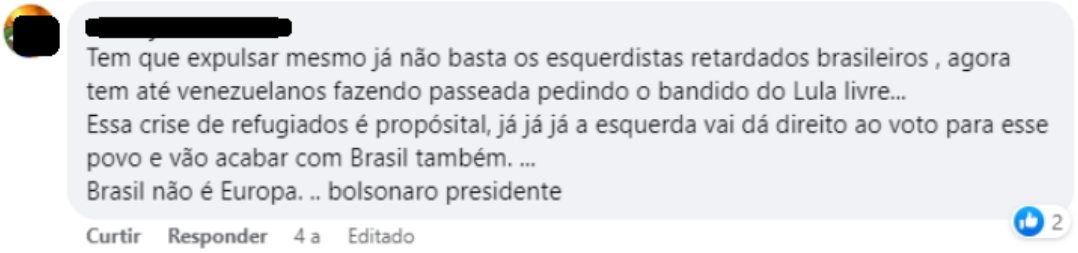
No trecho “Não tem **ambulância** para atender **brasileiro**, mais para **imigrantes** tem” (comentário 7), o narrador **entextualiza** a fala do Exército Brasileiro (descrita na narrativa 3), demonstrando ter assistido ao vídeo incorporado à reportagem do *post*, e sugerindo estar em desacordo com o oferecimento dos serviços sanitários aos venezuelanos e não ao brasileiros. Por outro lado, os narradores dos comentários 8 e 9 parecem não ter conhecimento sobre o conteúdo das narrativas. Ao criticar a postagem por não falar do estado de saúde do comerciante, o comentarista 8 também **predica** o jornal de “comunista”, os jornalistas de “vagabundos” e a empresa Globo de “lixo”. No comentário 9, por meio de uma informação falsa (“O comerciante **morreu** a facadas”), o narrador justifica seu alinhamento com os agentes do ataque (“fez muito bem em acabar com essa bagunça!”), **predicando** e **avaliando** o povo como “cansado” e “revoltado” e o governo como “omisso” “pra resolver essa situação da imigração”.

Na sequência, apresento mais um conjunto de comentários:

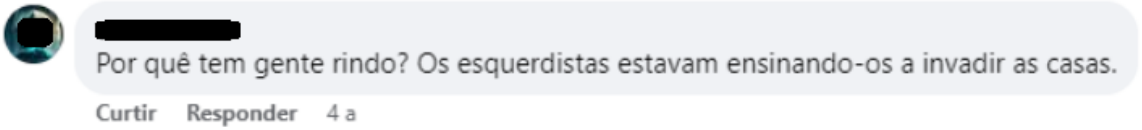
COMENTÁRIO 10



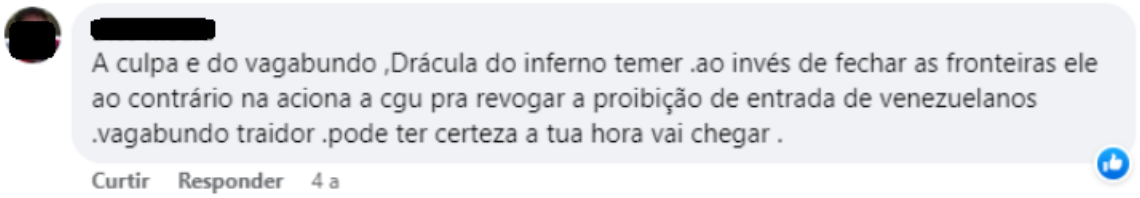
COMENTÁRIO 11



COMENTÁRIO 12



COMENTÁRIO 13



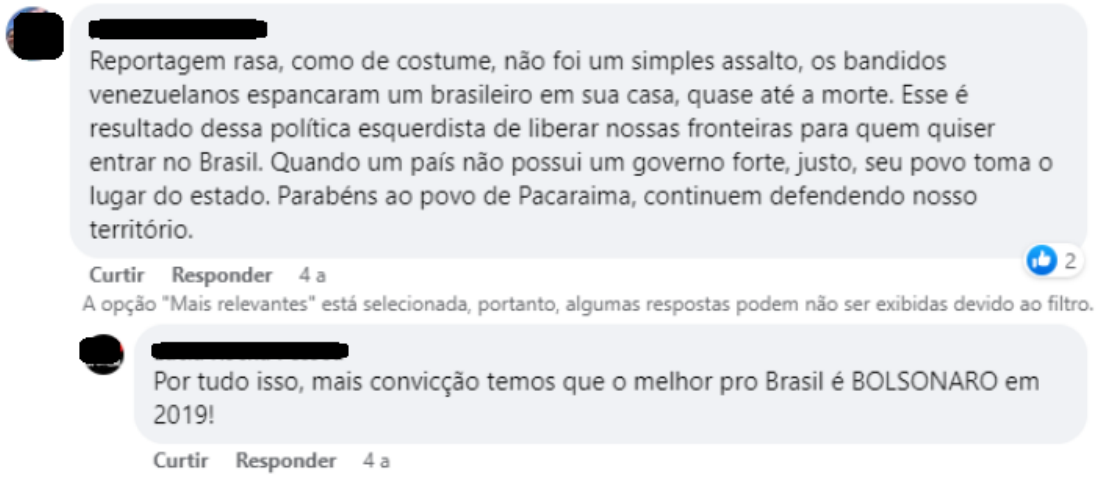
Nos comentários 10 a 13, os enquadramentos dos narradores centram-se na relação do fenômeno da migração com a **política**, delineando um **posicionamento de nível 3**. Iniciando pelo comentário 10, vemos, na fala do narrador, os venezuelanos sendo **referidos** e **predicados** como um "bando de vagabundo". Pode-se dizer que o termo "bando", nessa referenciação, ganha efeitos de uma **absolutização estratégica**, que enquadra "todos os venezuelanos" como vagabundos, o que é próprio de discursos de preconceito. Vê-se também que, ao usar o pronome possessivo "nosso", o narrador sinaliza identificar-se como patriota que apoia "Bolsonaro 2018", candidato à presidência nas eleições de 2018, atribuindo-lhe a responsabilidade de colocar os migrantes "pra fora do **nosso** país". Como o que é "nosso" não é "deles", o posicionamento que emerge no comentário reafirma um nacionalismo extremista característico de práticas xenofóbicas e de desrespeito aos Direitos Humanos.

O narrador do comentário 11 também se posiciona a favor da expulsão dos migrantes, o que pode ser especialmente constatado pelo acionamento de uma **modalização deôntica** ("Tem que expulsar mesmo"), marcada pelo uso da expressão "tem que", que exprime obrigação. É significativo destacar também que o narrador enquadra politicamente os migrantes como sendo de esquerda, ao **compará-los** de forma pejorativa com os "esquerdistas retardados brasileiros" e ao **referenciá-los** e nomeá-los de "bandidos" por apoiar o Lula. Assim, por oposição, o narrador sugere alinhar-se aos discursos da direita, como evidencia a entextualização do jargão "Bolsonaro presidente", no final do comentário. Segundo o

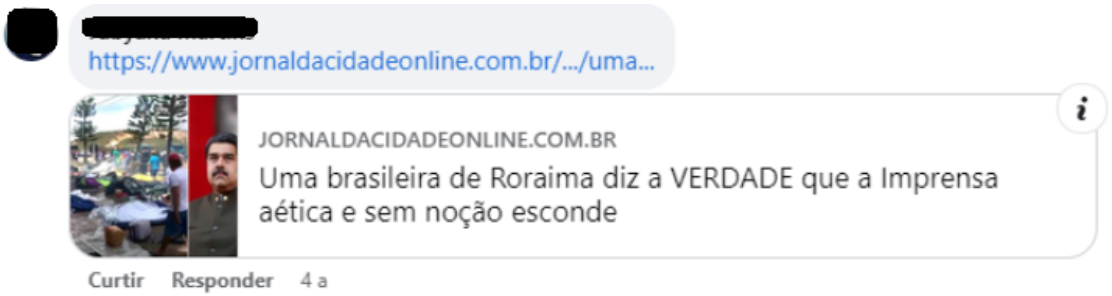
narrador, “essa crise de refugiado é proposital”, indiciando uma conspiração de que ela teria sido criada pela “esquerda” com o objetivo de ampliar o número de eleitores, dando “direito ao voto para esse povo”.

Seguindo para o comentário 12 (“Por quê tem gente rindo? Os esquerdistas estavam ensinando-os a invadir as casas”), note-se que o narrador **entextualiza** a fake news sobre a ONG jesuíta (citada no início do capítulo de análise) e, ao questionar a *performance* dos usuários que reagiram ao *post* (narrativa 1) com um emoji de risada - pista paralinguística -, demonstra seriamente acreditar que se trata de uma informação verdadeira.

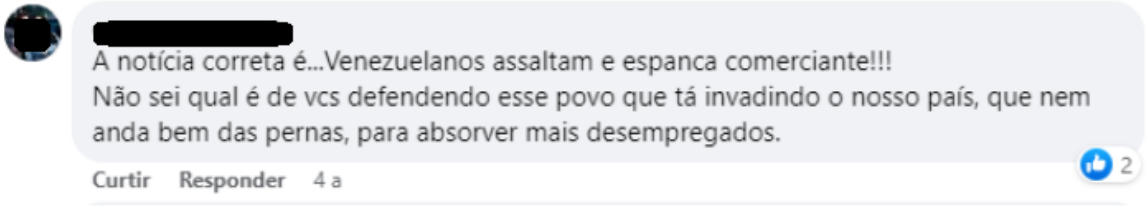
COMENTÁRIO 14



COMENTÁRIO 15



COMENTÁRIO 16



O narrador do comentário 14 faz **referência** à narrativa original, **avaliando-a** como uma "reportagem rasa", e, utilizando a expressão gramatical "como de costume", indica que suas críticas ao G1 são recorrentes. Ao **entextualizar** a informação de que "não foi um simples assalto", o narrador oferece sua versão do ocorrido: "os bandidos venezuelanos espancaram um brasileiro em sua casa, quase até a morte". Nessa recontextualização, o "brasileiro" é posicionado como "vítima" e os "venezuelanos" são posicionados como "bandidos". Observo que, numa relação anafórica, por meio do uso dos pronomes demostrativos "esse" e "dessa", o comentarista 14 culpabiliza a "política esquerdista" pela situação e por "liberar **nossas** fronteiras para quem quiser", e parabeniza o "povo de Pacaraima", pedindo que os moradores "continuem defendendo o **nosso** território". A meu ver, a presença desses **pronomes possessivos** ajuda a projetar um *footing* de "patriota" para o narrador, enquadrando os venezuelanos como uma ameaça à segurança nacional.

Mostrando desalinhamento à história original, o comentarista 15 incorpora um *hiperlink* com o título de outra narrativa em seu comentário: "Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde". O texto compartilhado pelo narrador é uma *fake news* que relata o posicionamento de uma roraimense sobre o ataque, tendo sido publicado no site do Jornal da Cidade *Online* como uma notícia (dedico-me à análise desse texto na última seção deste capítulo).

Por sua vez, o narrador do comentário 16 faz uma correção no título da narrativa do *post* do G1 (escrito em voz passiva) para "Venezuelanos **assaltam** e **espanca** comerciante!!!". Nessa correção, os verbos aparecem em **voz ativa**, o que posiciona os migrantes como os **agentes causais** do assalto e não como vítimas do ataque. Além disso, fica nítido, na fala do narrador, o posicionamento dos migrantes como invasores ("esse povo que tá **invadindo** o nosso país, que nem anda bem

das pernas, para absorver mais **desempregados**") que podem desestabilizar ainda mais a economia do país.

Nos comentários 14 a 16, nota-se que os narradores lançaram mão do processo da **entextualização** para **avaliar** a forma como a narrativa do Portal G1 foi escrita e compartilhada. Esse processo envolveu também a descontextualização, ao retirarem elementos discursivos de seu contexto original, e de a recontextualização, ao modificarem aspectos da narrativa 1 e 2 para se adequar ao novo contexto dos comentários (BAUMAN; BRIGGS, 2006; DE FINA; GORE, 2017). A partir do enquadramento desses comentários, é possível perceber que, além de posicionarem os participantes da história e se posicionarem em relação ao assalto (conflito secundário) e ao ataque (conflito primário), os narradores também **avaliam** a forma como a narrativa foi escrita. Na próxima seção, focalizo as narrativas sobre os eventos que ocorreram após o ataque "Bota Fogo!", abordando especialmente as ações e medidas políticas adotadas pelo Governo Federal como resposta a esse conflito.

4.3.2 Trajetória textual 2 - O controle do conflito: "A solução é mandar a Força Nacional para proteger delinquentes Venezuelanos, isso é só aqui no Brasil mesmo"

A **Trajetória textual 2** acompanha os desdobramentos e ações políticas que foram tomadas pelo Governo Federal após a conclusão do ataque "Bota Fogo!" em Pacaraima/RR. A exemplo da análise da trajetória 1, nesta subseção, o ponto de partida é (i) a publicação de um *post* (narrativa 1) na página do G1 no Facebook; (ii) o link incorporado à postagem que projeta para a leitura da reportagem (narrativa 2) no site do G1 – O Portal de Notícia da Globo; (iii) a transcrição do vídeo (narrativa 3) que introduz a matéria e (iv) os comentários feitos pela audiência no *feed* da plataforma de mídia social, a saber:

- **Narrativa 1 -** "Após conflito, governo diz que reforçará segurança e enviará voluntários na área de Saúde para Roraima" (*post* sobre o controle do ataque no *Facebook*)*;*

- **Narrativa 2 -** “Após conflito, governo diz que reforçará segurança e que enviará voluntários na área de Saúde para Roraima” (reportagem no site do G1);
- **Narrativa 3 -** “Brasileiros entram em confronto com venezuelanos em Roraima” (transcrição do vídeo que introduz a reportagem);
- **Comentários da Narrativa 1** - como os usuários da Página do G1 no Facebook se posicionam em relação às narrativas.

A Narrativa 1 (*post*) da Trajetória textual 2 foi compartilhada na página do G1 no *Facebook* com o título “Após conflito, **governo** diz que **reforçará segurança** e enviará voluntários na área de **Saúde** para Roraima”. O *post* apresenta uma fotografia do presidente à época, Michel Temer, enquadrado ao centro de uma mesa e reunido com mais oito ministros. O seguinte enunciado antecede a foto: “**Executivo** divulgou em nota **reforço de 120 homens da Força Nacional** no estado. Venezuelanos foram atacados após assalto em cidade de fronteira”. Observando as **pistas semióticas** no **plano da expressão da narrativa**, é possível visualizar, na captura de tela abaixo, que o *post* teve 408 reações entre curtidas e emojis de raiva e riso, 203 comentários e 38 compartilhamentos.

NARRATIVA 1

Figura 14

“Após conflito, governo diz que reforçará segurança e enviará voluntários na área de Saúde para Roraima”



Fonte: Página do G1 no *Facebook,* 2018.

No texto, o emprego das expressões linguísticas destacadas atribuídas aos referentes “governo” e “Executivo” (“reforçará segurança” e “reforço de 120 homens da Força Nacional”), que trazem a repetição “reforçará/reforço”, e a explicitação do número alto de policiais militares na ação, apontam para a necessidade de o Governo Federal dar uma resposta ao problema da segurança e

da saúde, dando continuidade às medidas para o controle do conflito em Pacaraima/RR. Entretanto, a data da postagem (19/08/2018) e o uso do **marcador temporal** (“Após conflito”) são indícios de que tais ações foram tomadas depois de o conflito já ter acabado. Nessa narrativa, o uso da voz passiva (“foram atacados”) permite interpretar que o G1 posiciona “os venezuelanos” como “vítimas do ataque”, pondo em perspectiva o motivo por meio de um **marcador temporal** (“após assalto”), sem, contudo, informar quem são os agentes causais do ataque.

Seguindo com a análise do **plano da expressão (ou linguagem)**, cujo foco é a retórica escrita, visual e/ou sonora da reportagem (narrativa 2), a fotografia do presidente Temer (assinada por fotógrafo oficial da presidência: Alan Santos) e o título da reportagem no site do G1 são repetições dos elementos usados no *post* do Facebook (narrativa 1). Assim como na narrativa 1, a reportagem foi publicada no dia 19 de agosto de 2018 (às 16h27), um dia após o ataque “Bota Fogo!”. Embora sem assinatura de um/a jornalista, sua autoria é atribuída ao próprio portal de notícias com redação na capital do país (“Por G1 - Brasília”).

Na sequência, apresento a Narrativa 2:

NARRATIVA 2

“Após conflito, governo diz que reforçará segurança e que enviará voluntários na área de Saúde para Roraima”

Anúncio foi feito após reunião em Brasília entre o presidente Temer e ministros para avaliar a crise migratória em Roraima. Neste sábado, venezuelanos foram atacados na cidade de Pacaraima (RR).

Por G1 — Brasília
19/08/2018 16h27 Atualizado há 4 anos



Brasileiros entram em confronto com venezuelanos em Roraima

1. Após reunião entre o presidente Michel Temer e ministros neste domingo (19) em Brasília,
2. o governo federal divulgou uma nota em que anuncia reforço da Força Nacional em
3. Roraima com mais 120 homens.
4. De acordo com o Ministério de Segurança Pública, 60 homens embarcam para o estado
5. nesta segunda-feira (20), conforme anunciado neste sábado (18). Outros 60 militares vão
6. viajar para o estado depois, mas ainda não há uma data definida.
7. Além disso, o Planalto informou que serão enviados, no próximo domingo (26), 36
8. voluntários da área da saúde para atendimento aos migrantes, em parceria com hospitais
9. universitários.
10. "O Governo Federal continua em condições de empregar as Forças Armadas para a
11. Garantia da Lei e da Ordem em Roraima. Por força de Lei, tal iniciativa depende da
12. solicitação expressa da Senhora Governadora do Estado", informou o Palácio do Planalto.



O presidente Michel Temer e ministros em reunião no Palácio da Alvorada neste domingo (19) sobre confronto de brasileiros e venezuelanos em Roraima — Foto: Alan Santos/Presidência da República

13. Neste sábado (18), a cidade de Pacaraima (RR), na fronteira do Brasil com a Venezuela,
14. registrou tumulto com atos de violência e destruição em acampamentos de imigrantes
15. venezuelanos, informou o Exército por meio da Força-tarefa Logística Humanitária.
16. A rodovia BR-174, na entrada da cidade, chegou a ficar bloqueada pelos moradores por
17. cerca de 5 horas. A situação, segundo a PM, ocorreu em razão do assalto a um
18. comerciante.

Outras medidas

O governo também anunciou, na nota divulgada neste domingo, que vai intensificar os "esforços de interiorização dos venezuelanos para outros estados", além de estabelecer um abrigo de transição em Roraima, entre Boa Vista e Pacaraima, para atendimento humanitário dos migrantes que aguardam o processo de interiorização. O objetivo é reduzir o número de pessoas nas ruas.



Barracos de venezuelanos que moravam às margens da BR-174, em Roraima, foram destruídos por manifestantes — Foto: Inaê Brandão/G1 RR

O Planalto informou ainda que será realizada nesta segunda-feira (20) uma reunião a fim de concluir as negociações para o início das obras do “linhão” que permitirá a integração do Estado de Roraima ao sistema elétrico nacional. Outra medida anunciada é o deslocamento de uma comissão interministerial para "avaliar medidas complementares" para a crise migratória.

No documento, o Palácio do Planalto também informou que o Itamaraty está em contato com as autoridades venezuelanas.

"No dia de ontem, esse diálogo serviu, também, para que cerca de trinta brasileiros, que se encontravam em território venezuelano, pudessem retornar em segurança ao Brasil", acrescenta a nota.



Moradores de Pacaraima, Norte de Roraima, fizeram barricada e bloquearam a entrada e

saída de veículos na cidade — Foto: Inaê Brandão/G1 RR

Forças Armadas

Após a reunião com Temer, o ministro da Segurança Pública, Raul Jungmann, reiterou à TV Globo que o governo federal coloca as Forças Armadas à disposição da governadora de Roraima, Suely Campos (PP), caso seja necessário.
"O presidente coloca à disposição da governadora, se necessário, o emprego das Forças Armadas através de uma operação de Garantia da Lei e da Ordem de forma a manter a tranquilidade, a segurança de todos os roraimenses e também dos migrantes venezuelanos que nos procuram", disse Jungmann.

'Responsabilidade'

O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Claudio Lamachia, cobrou, em vídeo divulgado à imprensa, que as autoridades públicas tenham uma "visão direcionada" à questão dos imigrantes venezuelanos em Roraima, especialmente, em relação à segurança pública e à saúde das pessoas.
Ele classificou a situação como uma "crise humanitária". "Temos que ter a responsabilidade de não vermos esta situação do estado de Roraima agravada, inclusive com conflito social entre brasileiros e venezuelanos", declarou Lamachia.

Fonte: Site do G1 - O Portal de Notícias da Globo, 2018.[120]

É possível notar que a narrativa 2 também é introduzida por outra reportagem em vídeo (transcrita abaixo), que se estrutura por meio de três intertítulos – “Outras medidas”, “Forças Armadas” e “Responsabilidade” – e de mais duas fotos de Inaê Brandão, que mostram as cinzas resultantes dos pneus e dos barracos dos venezuelanos queimados no dia anterior.

As fotos e o uso de verbos e locuções verbais no tempo **pretérito** nas legendas (“Barracos de venezuelanos que **moravam** às margens da BR-174, em Roraima, **foram destruídos** por manifestantes”; “Moradores de Pacaraima, Norte de Roraima, **fizeram** barricada e **bloquearam** a entrada e saída de veículos na cidade”), descrevendo o conteúdo das imagens (apesar de o vídeo introduzir a matéria com uma legenda com verbo no **presente**: “**entram”**), são indícios de que a “barricada” de pneus que bloqueava a BR-174 havia sido desfeita e o conflito havia cessado.

Em relação à análise do **plano da estória (ou conteúdo)**, destaco que a reportagem foi publicada na aba/coluna de “Política”, no site do G1. Essa informação, juntamente com a assinatura da reportagem e o marcador espaço-temporal em destaque no subtítulo (“Anúncio foi feito **após reunião em**

[120] Disponível em: https://glo.bo/2OlHf1G. Acesso em: 05 maio de 2023.

Brasília"), sinalizam que o jornal enquadrou "a crise migratória em Roraima" como um problema político. Dessa forma, a repetição e o uso desses recursos linguísticos, textuais e imagéticos produzem um efeito de realidade que reforça o tom de oficialidade alinhado às medidas adotadas pelo Governo Federal para colaborar com o fim do conflito em Pacaraima/RR.

Seguindo com a análise do **plano da estória (ou conteúdo)**, focalizo os personagens e seus papéis no encadeamento das ações para desvelar seus posicionamentos na narrativa 2. Chamo a atenção inicialmente para o acionamento da voz do presidente Temer e de seus ministros por meio de uma Nota do Governo Federal para informar sobre o **reforço** da "Força Nacional em Roraima com mais **120 homens**" (linha 2 e 3). Ou seja, por meio do emprego de "**militares**" (linha 5) das "Forças Armadas para a Garantia da Lei e da Ordem em Roraima" (linha 9) e do envio de "**36 voluntários da área da saúde** para atendimento aos migrantes, em parceria com hospitais universitários" (linhas 7 e 8). A menção à quantidade e ao tipo de ocupação dessas pessoas (120 militares e 36 voluntários da saúde) ajuda a entender que, hierarquicamente, a preocupação do Governo Federal era mais com a problemática da segurança na fronteira do que com a saúde no "atendimento aos migrantes".

Tal atendimento é reiterado na **citação direta** da fala de Raul Jungmann, ministro da Segurança Pública à época: "O presidente coloca à disposição da governadora, se necessário, o emprego das Forças Armadas através de uma operação de Garantia da Lei e da Ordem de forma a manter a tranquilidade, a segurança de **todos** os roraimenses e também dos migrantes venezuelanos que nos procuram" (linhas 34 a 37). Nesse ponto, é relevante registrar que, ao utilizar o condicional "se necessário" para vozear a prontidão do presidente em dispor o serviço das Forças Armadas à governadora, o ministro Jungmann **entextualiza** a disputa política travada entre a Governadora de Roraima, Suely Campos, e o Governo Federal pelo fechamento da fronteira de Pacaraima. Vale ainda notar que o uso do pronome indefinido "todos", no contexto, funciona como uma pista de **absolutização estratégica**, contribuindo para o autoposicionamento do ministro como uma figura política ao se responsabilizar pela manutenção da segurança tanto dos moradores brasileiros quanto dos migrantes venezuelanos.

Outra observação relevante diz respeito à opção do jornalista , ao citar a fala do Ministro, por apresentar as predicações da palavra “operação” com iniciais em letras maiúsculas:“através de uma **operação** de **Garantia da Lei e da Ordem**”. A meu ver, tal atitude sugere tratar-se de uma ação governamental oficial, mas também indica que o Governo Federal tem contribuído com a gestão do fluxo migratório em Roraima antes mesmo do ataque “Bota Fogo!”, em 18 de agosto de 2018. Isso porque essas escolhas linguísticas indexicalizam a **Operação Acolhida**, implementada em abril de 2018, como uma “Estratégia de Interiorização” de migrantes e refugiados venezuelanos por meio de uma “força-tarefa humanitária executada e coordenada pelo Governo Federal com o apoio do ACNUR, de outras agências da ONU e de mais de 100 entidades da sociedade civil organizada” (ACNUR, 2023, s/p).

Nas linhas 38 a 44, vemos que o narrador mobiliza mais uma **citação de autoridade**, dessa vez a voz do presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Claudio Lamachia. O presidente da OAB classificou a situação migratória na fronteira como uma “crise humanitária” e cobrou das autoridades públicas uma atenção especificamente em relação à segurança pública e à saúde dos “imigrantes venezuelanos em Roraima” (“Claudio Lamachia, cobrou, em (...) que as autoridades públicas tenham uma ‘visão direcionada’ à questão dos imigrantes venezuelanos em Roraima, especialmente, em relação à segurança pública e à saúde das pessoas”, linhas 41-44). O uso do verbo “cobrou” atribuído a Claudio Lamachia é indício de que o narrador o posiciona como um agente fiscalizador das ações governamentais sobre situação migratória no Estado.

De acordo com Motta (2013), em uma análise pragmática da narrativa, é importante observar como o emprego de *flashback* pode ser usado para expressar a ação de rememorar algo do passado através de recursos textuais e imagéticos. Com as duas fotografias dos pertences dos venezuelanos queimados - pista semiótica de referência - e o trecho narrado nas linhas 12 a 16, o leitor da narrativa 2 é estimulado a relembrar os aspectos contextuais do ataque. Nesse movimento retrospectivo, o narrador do G1, por meio de uma **citação indireta** da Força-tarefa Logística Humanitária, **referencia** e **predica** o ataque (conflito primário) como um “tumulto com atos de violência e destruição em acampamentos de imigrantes venezuelano” (linha 13). Nesse *flashback,* a voz da Polícia Militar é mobilizada para

reiterar o motivo do ataque, ou seja, o assalto: “A situação, segundo a PM, ocorreu em razão do assalto a um comerciante” (linha 16).

Após a interpretação da estrutura da narrativa 2, o **enquadramento noticioso**, que pode ser identificado também como **problema,** está resumido no próprio **título** da reportagem: “Após conflito, **governo** diz que **reforçará** segurança e que **enviará** voluntários na área de Saúde para Roraima”. As ações futuras atribuídas ao “governo”, expressas, no título, por meio dos verbos no tempo futuro do presente “reforçará” e “enviará”, sinalizam que, na lista de enquadramentos genéricos apresentada por Muñiz (2007, 2011), o tipo de enquadramento noticioso presente na narrativa 2 corresponde a “Medidas de política de gestão da fronteira”. Esse enquadramento genérico fica mais evidente com a apresentação das **soluções** que foram dadas para a **resolução do problema**.

Assim, entre as medidas citadas na narrativa 2 pelo governo, destaco: a interiorização dos venezuelanos para outros estados (linha 18); a criação de um abrigo de para atender os migrantes que aguardam o processo de interiorização (linhas 18 e 20); o início das obras do “linhão[121]” que permitirá a integração do Estado de Roraima ao sistema elétrico nacional; o deslocamento de uma comissão interministerial para “avaliar medidas complementares” para a crise migratória (linhas 24 e 25); e a negociação entre o Itamaraty e as autoridades venezuelanas na condução do retorno de cerca de trinta brasileiros, que se encontravam em território venezuelano para o Brasil (linhas 28 e 30).

Como apresento a seguir, a **narrativa 3** corresponde à transcrição do vídeo que introduz a reportagem (narrativa 2) no site do G1. Aqui, a incorporação do vídeo à matéria corresponde à **terceira dimensão** (*embeddedness*) das narrativas *online* (OCHS; CAPPS, 2001; PAGE, 2012), possibilitando que novos elementos contextuais sejam acrescentados à narrativa 1 (*post*) e 2 (reportagem), e contribuindo para ampliar a trajetória textual do evento narrativo. O vídeo tem 1 minuto e 26 segundos de duração, foi recortado do telejornal “Hora 1”, transmitido às

[121] Segundo matéria do G1 RR, publicada em 04 de maio de 2022, o Linhão de Tucuruí é uma obra que só teve início em 2019, depois de um impasse de 11 anos com a reserva Waimiri Atroari, e visava incluir Roraima no Sistema Nacional de Energia (SNE). O estado dependia da energia gerada por seis termelétricas, inclusive da Venezuela, por meio do Linhão de Guri. Com uma série de apagões no governo de Nicolás Maduro, em março de 2019, a Venezuela cortou o fornecimento de energia para Roraima. Disponível em: https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2022/05/04/linhao-de-tucurui-entenda-o-que-e-a-obra-que-vai-ligar-roraima-ao-sistema-nacional-de-energia.ghtml . Acesso em: 02 maio de 2023.

05h16 de 19 de agosto de 2018 pela Rede Globo de Televisão, e depois incorporado à matéria com o título “Brasileiros **entram em confronto** com venezuelanos em Roraima”.

NARRATIVA 3

“Brasileiros entram em confronto com venezuelanos em Roraima”



1. **[05:15] Monalisa Perrone:** O final de semana inteiro foi de tensão lá em Pacaraima. 60
2. militares da Força Nacional chegam hoje então a Pacaraima em Roraima. A cidade foi
3. palco, né, de cenas de violência no fim de semana envolvendo a população local e
4. imigrantes venezuelanos. A principal missão da tropa é evitar, claro, novos confrontos.
5. **[05:16] Voz do repórter Robson Moreira:** O clima era de tranquilidade em Pacaraima,
6. mas as cinzas nas calçadas lembraram um dia de tensão no último sábado, quando
7. moradores revoltados atearam fogo em roupas e pertences de imigrantes venezuelanos
8. que viviam pelas ruas da cidade. O policiamento foi reforçado. A revolta começou depois
9. que um comerciante brasileiro foi assaltado e agredido na noite de sexta-feira. A suspeita é
10. que 4 venezuelanos tenham cometido o crime.



11. **[05:17] Morador não identificado:** Nós não temos segurança, nós estamos sem

segurança aqui. Todo dia é um monte de casa roubada.
[05:17] Voz do repórter Robson Moreira: Mesmo após o confronto, imigrantes continuam
cruzando a fronteira. Neste domingo, cerca de 30 moradores se reuniram para definirem
outras exigências às autoridades locais em relação à crise migratória.
[05:17] Morador não identificado: Principalmente a nossa segurança, o que prevalece é
a nossa segurança.
[05:17] Voz do repórter Robson Moreira: A Defensoria Pública Geral de Roraima
também esteve acompanhando um dia após o conflito visitando os setores públicos.
[05:17] Terezinha Muniz (Defensora Pública/RR): É, do que nós conversamos com as
autoridades várias diligências foram anotadas e realmente hoje a situação já está mais
tranquila.

Fonte: Transcrição do vídeo - G1 - O Portal de Notícias da Globo, 2018.

Na construção da narrativa 3, também é possível observar a **primeira dimensão** (*tellership*) das narrativas *online,* referente ao número de narradores ativos no relato (OCHS; CAPPS, 2001; PAGE, 2012). Assim, à apresentadora Monalisa Perrone cabe o papel de narradora principal e ao repórter Robson Moreira é atribuída a função de narrador secundário. Além disso, as vozes de dois moradores não identificados e da Defensora Pública de Roraima, Terezinha Muniz, somam-se à co-construção do relato noticioso.

A narrativa 3 repercute o conflito que aconteceu no dia anterior, no entanto, em seu título, o verbo “entrar” foi empregado no tempo presente (“**entram** em confronto”), sugerindo um **efeito de sentido de atualidade** para a trajetória textual do ataque. No enunciado, a posição do sujeito anteposto ao verbo aponta para uma ação dos “brasileiros” contra os “venezuelanos”, posicionando os moradores como “agentes do confronto” e os migrantes como “vítimas”. Apesar de o tempo verbal no título dar a entender que o assunto da reportagem será o de um “confronto” ainda em andamento em “Roraima”, no **sumário** da narrativa, a narradora enfatiza que “O final de semana inteiro **foi** de tensão lá em Pacaraima”, e antecipa, por meio do verbo “chegar” no tempo presente e do marcador temporal “hoje”, as próximas medidas do Governo Federal para resolver o conflito: “60 militares da Força Nacional **chegam hoje** então a Pacaraima em Roraima” (linhas tal).

Após a introdução da jornalista, o vídeo mostra **cenas recentes dos destroços** dos acampamentos em meio a ***flashbacks*** com imagens do conflito principal (o ataque “Bota Fogo!”, ocorrido no dia 18 de agosto de 2018), e do conflito

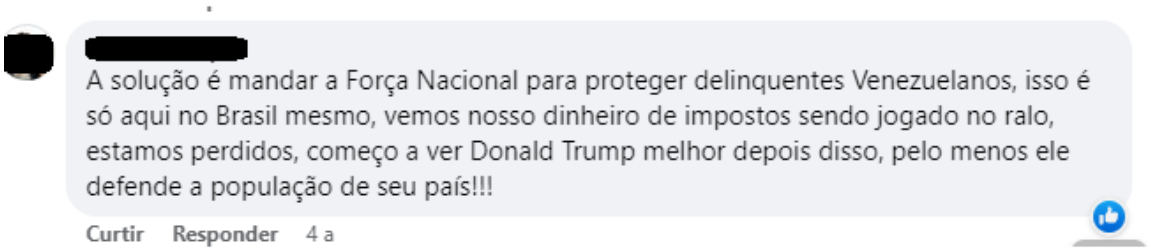
secundário (o vídeo do comerciante assaltado sendo atendido dentro da ambulância, que circulou em 17 de agosto de 2018). Olhando para o **plano da expressão da narrativa,** a disposição de tais pistas semióticas de referência, intercalando cenas atuais e retrospectivas sobre o evento narrado, combinadas à repetição de algumas escolhas lexicais, acabam colocando em perspectiva diferentes escalas espaço-temporais na narrativa 3 (FABRÍCIO, 2017).

A narrativa invoca **duas escalas espaço-temporais:** (i) uma que aponta retrospectivamente a tensão que envolveu o ataque no final de semana; e (ii) a segunda que reporta o clima de tranquilidade após o conflito em Pacaraima. Assim, a **primeira escala espaço-temporal** recontextualiza o **aspecto tenso do conflito** em Pacaraima. Na fala da narradora-jornalista Monalisa Perrone, o sentido violento é indiciado pelo uso da palavra "tensão" ("O final de semana inteiro foi de tensão lá em Pacaraima", linha 1) para caracterizar o final de semana após o ataque, e pela afirmação de que a "cidade foi palco de **cenas de violência**" (linhas 2 e 3). Esse sentido também está presente na fala do narrador Robson ao comparar "as cinzas nas calçadas" com a lembrança recente de "um dia de **tensão** no último sábado". Nessa escala retrospectiva, o clima tenso do final de semana também se materializa no relato dos dois moradores entrevistados ao repetirem a palavra "segurança" acompanhada expressões de negação ("não" e "sem") para expressar seu temor diante do ocorrido: "Nós **não temos segurança**, nós estamos **sem segurança aqui**", linha 11; "Principalmente a nossa **segurança**, o que prevalece é a nossa **segurança**" (linha 16-17).

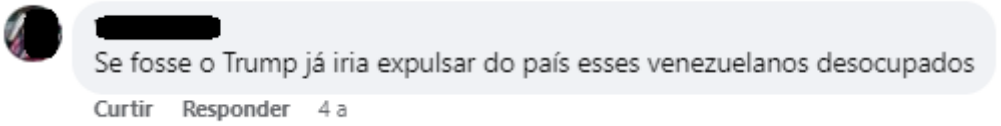
Na **segunda escala espaço-temporal,** que localiza o momento após o conflito, ou seja, o tempo presente em Pacaraima, emerge uma narrativa apontando para o sentido de **controle do conflito**. Esse aspecto pode ser observado no trecho que a narradora principal informa que "a principal missão da tropa é **evitar**, claro, **novos confrontos**" (linha 4). Em trecho, após descrever que o "clima era de **tranquilidade** em Pacaraima" (linha 5), Robson narra na sequência que "O policiamento foi reforçado" (linha 8). E, por conseguinte, a fala da Defensora Pública de Roraima, Terezinha Muniz, em "realmente hoje a **situação** já está **mais tranquila**" (linha 21), como uma representante oficial, são elementos que remetem à ideia de que **o conflito na fronteira já estava sob controle**.

Como descrito no início dessa trajetória textual 2, o *post* de 19 de agosto de 2018 (narrativa 1) recebeu 203 comentários na Página do G1 no Facebook. Na sequência, selecionei alguns desses comentários para analisar os enquadramentos e os posicionamentos predominantes no discurso da audiência sobre as narrativas do ataque.

COMENTÁRIO 1



COMENTÁRIO 2

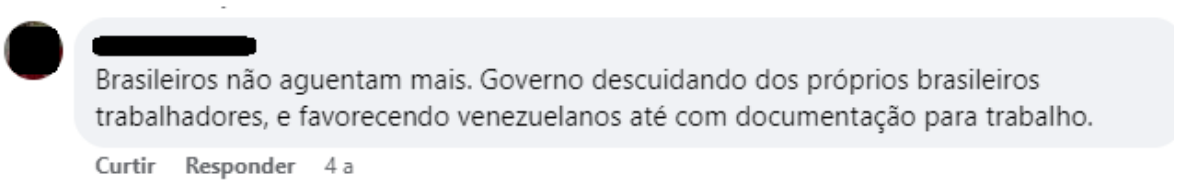


No **comentário 1**, usando como recurso linguístico a **ironia,** o narrador demonstra um **desalinhamento** à solução apresentada pelo Governo Federal de "mandar a Força Nacional" para controlar o conflito em Pacaraima. Ao utilizar o pronome possessivo "nosso" acompanhado das expressões "dinheiro de impostos" e "jogado no ralo", o narrador sinaliza um *footing* de "contribuinte" que avalia a medida adotada como um desperdício de recursos públicos para atender os migrantes.

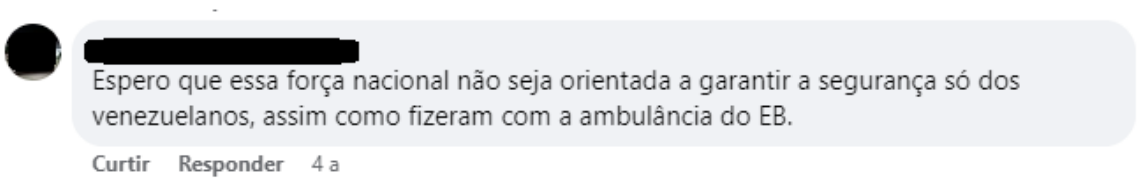
Nos **comentários 1 e 2**, os narradores predicam negativamente os venezuelanos como "delinquentes" e "desocupados". A escolha por esses **índices avaliativos** específicos para caracterizar socialmente os migrantes localiza os narradores em uma **escala afetiva** e deixa transparecer o **posicionamento moral** de reprovação dos venezuelanos. O **desalinhamento** dos narradores em relação às decisões governamentais pode ser percebido também no trecho em que fazem **referência** a Donald Trump ("começo a ver **Donald Trump** melhor depois disso" e "se fosse o **Trump** já iria expulsar do país"). Por meio da **entextualização** dos

discursos de Trump, os narradores expressam **alinhamento** à ação do ex-presidente dos EUA de construir um muro na fronteira com o México para impedir a entrada de imigrantes no país e que, portanto, o mesmo deveria ser feito na fronteira com a Venezuela.

COMENTÁRIO 3



COMENTÁRIO 4

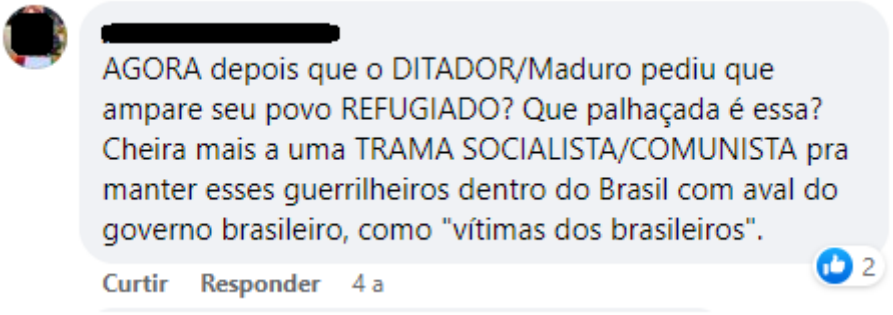


Com relação aos **comentários 3 e 4**, sobressai no **enquadramento** dos narradores, o discurso de **favorecimento dos migrantes venezuelanos** em detrimento dos moradores roraimenses por parte do governo brasileiro. O narrador 3 emprega os verbos “descuidar” (“Governo **descuidando** dos próprios brasileiros trabalhadores”) e “favorecer” (“e **favorecendo** venezuelanos até com documentação para trabalho”) no gerúndio para descrever como o Governo age em relação aos dois grupos. Tais escolhas verbais, acompanhadas por predicações que categorizam, de um lado, os “brasileiros” como “trabalhadores” e, de outro lado, os “venezuelanos” como “pessoas sem documentação para trabalho”, sinalizam por parte dos narradores uma **postura moral de indignação** frente a esse possível **favorecimento econômico e laboral** em prol dos migrantes e não dos nacionais.

Esse mesmo posicionamento ganha força na fala do narrador 4 com a mobilização do advérbio de exclusão “só” para enfatizar o desejo do narrador de que a “força nacional não seja orientada a garantir a segurança **só** dos venezuelanos”.

Em uma **escala epistêmica,** no comentário 4 em "**assim como** fizeram com a **ambulância do EB**" (comentário 4), o comentarista demonstra ter conhecimento sobre o contexto local ao comparar ironicamente o envio da Força Nacional com a **entextualização** da fala do Exército Brasileiro. Na narrativa 3 (trajetória 1) acima, o apresentador Marcelo Cosme trouxe para a reportagem a informação de que o atendimento ao comerciante assaltado não foi feito pelo Exército, pois o veículo só poderia ser usado para atender os venezuelanos em Pacaraima. Com essa **comparação**, noto que o que foi dito pelo Exército (sendo um boato ou não) produziu um **efeito perlocucionário** na visão dos narradores, capaz de convencê-los de que existe um favorecimento dos migrantes pelo o poder público em detrimento da população de Pacaraima.

COMENTÁRIO 5



Ao considerar o enquadramento do **comentário 5**, vale notar a presença da ideia de existir um **conluio político** entre os governos brasileiro e venezuelano. Na fala da narradora, esse posicionamento é construído em parte pelo recurso das letras maiúsculas para enfatizar os termos "AGORA", "DITADOR", "REFUGIADO" e "TRAMA SOCIALISTA/COMUNISTA" (linha 3). A ênfase que a narradora dá aos **marcadores temporais** ("agora depois") e, na sequência, às **referências** e **predicações** ("Maduro ditador" e "povo refugiado"), sugere que o ex-presidente Temer só teria agido (ao enviar da Força Nacional para controlar o conflito) **após** a solicitação do governante da Venezuela. Tal posicionamento da narradora é reforçado por meio da palavra "trama" e das predicações "socialista/comunista". O

uso dessas expressões em seu posicionamento é projetado em uma **escala política**, em que se **avalia** negativamente e de forma irônica a **relação política** entre os dois governos, os **refugiados venezuelanos** (como “guerrilheiros”) e o **governo brasileiro** (“vítimas dos brasileiros”). Vê-se que a comentarista 5 se posiciona contra Nicolás Maduro, referindo-se a ele como “ditador”, e contra o ex-presidente Michel Temer, sugerindo que a ajuda humanitária é apenas uma farsa para manter os “guerrilheiros” comunistas no país. Além disso, o termo “guerrilheiro”, frequentemente associado ao significado de “terrorista”, indica que a narradora atribui aos venezuelanos uma imagem violenta e de ameaça iminente, e, como explica Butler (2018), a repetição desse discurso é eficaz para reforçar a necessidade de repressão e controle dos migrantes.

Pode-se dizer, então, que as escolhas linguísticas presentes no comentário indexicalizam os discursos políticos e conspiracionistas de uma possível ameaça comunista (SANQUE, 2020), que voltaram a circular com bastante força nas Eleições de 2018, sendo repetidos incansavelmente por Bolsonaro e seus apoiadores. Nesse sentido, o comentário da narradora parece refletir um posicionamento alinhado a ideologias de direita ou de uma pessoa que é crítica dos governos socialistas e comunistas.

COMENTÁRIO 6

Narrador
Pega um caso isolado,para tratar os outros vezezuelanos como animais,claro q nesse meio tem muitos q são imprestáveis,como tb Brasileiros,gente ruim tem em todo lugar, temos sim nossos problemas internos,mas precisa entender o momento difícil dessas pessoas!

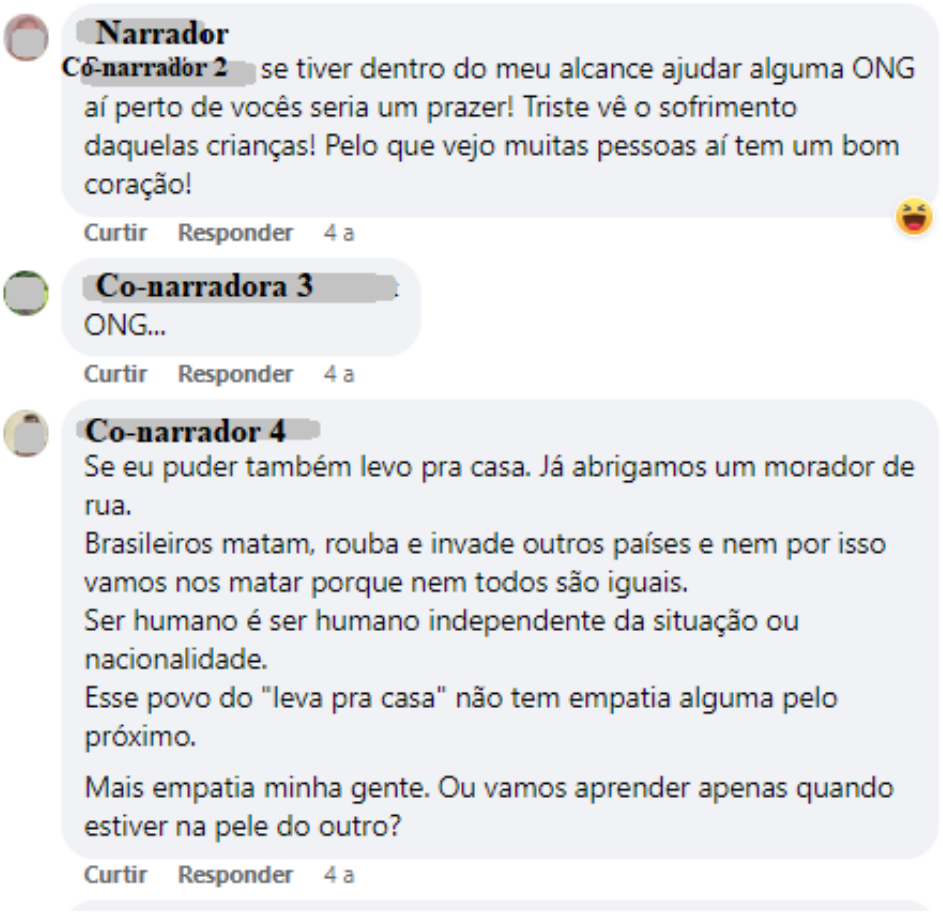
Curtir Responder 4 a 8

Co-narradora 1
A maioria das pessoas aqui não maltrata venezuelanos,se vc pesquisar um pouco verá que eles estão sendo mantidos aqui em sua maioria por doações de Roraimenses. Esse caso não foi um isolado,isso acontece todo dia, assaltos, invasões a residências onde levam até os itens da cesta básica,tudo da geladeira, roupas etc, gente cm fome no desespero faz isso,aqui é um estado pequeno cm 15 cidades a população do estado todo não chega a 500mil habitantes, não há empregos, saúde tá um caos, segurança pública deu pra perceber como está, venezuelanos estavam saqueando no próprio país,acha que estão como aqui?
Quem mora aqui sabe o que tá acontecendo,quem vive nos outros estados ver notícias no JN e G1 e toma as pessoas daqui como selvagens.
Eles não merecem passar por isso e nós aqui também não.

Curtir Responder 4 a 12

Co-narrador 2
Leva ums aí pra sua casa então tá com pena

Curtir Responder 4 a Editado 3



De um total de 203 comentários feitos na postagem que inicia esta trajetória textual 2, o **posicionamento em defesa dos migrantes venezuelanos** expresso pelo narrador no **comentário 6** chama a atenção por fugir de um padrão das demais respostas da audiência e que, em sua maioria, como destaquei nos comentários anteriores, tem se apresentado contrária à migração venezuelana. Sendo assim, o narrador age como um "ouvinte ratificado" dentro da audiência a quem o *post* é endereçado, pois assume para si o papel de participante "animador" e "autor" ao mesmo tempo (GOFFMAN, 2013).

Como mostro a seguir, ao usar o espaço dos comentários de forma agentiva para expressar seu posicionamento em defesa dos migrantes, avalio a postura do narrador como um **ato de resistência**. Na definição de De Fina (2020, p. 1855), o ato de resistência abarca "a oposição a ideias, condições sociais, ações

institucionais e processos que resultam ou podem resultar em discriminação ou estereotipação de migrantes[122]".

Conforme destaca a pesquisadora, os atos de resistência podem se manifestar de forma consciente por meio de postagens, compartilhamentos ou comentários nas mídias, expressando diretamente posicionamentos sobre processos sociais e políticos que afetam os migrantes, ou, indiretamente, por meio das respostas de outros usuários nessas plataformas de interação digital.

Dessa maneira, vê-se, no comentário 6, que o narrador justifica seu **posicionamento de primeira ordem** (LANGENHOVE; HARRÉ,1999), localizando os venezuelanos e os brasileiros dentro de uma mesma **escala moral de exceção**. A ressalva construída pelo narrador pode ser percebida por meio das predicações que ele emprega ("isolado", "imprestáveis" e "gente ruim") para fazer referência aos itens lexicais "caso", "venezuelanos" e "brasileiros". Tal construção dá a entender que o **caso isolado** remete ao **assalto do comerciante**, e que, segundo o narrador, não deveria ser justificativa "para tratar os outros venezuelanos como animais", isto é, para **atear fogo** nos acampamentos dos migrantes de crise como os moradores fizeram em Pacaraima. Assim, embora o narrador reconheça que há pessoas ruins em todos os lugares, inclusive no Brasil, ele assume um papel agentivo de defensor ao refletir sobre a injustiça de tratar todos os venezuelanos como **animais** com base em um caso isolado, e ressalta a importância de compreender a situação difícil que os migrantes e refugiados venezuelanos têm enfrentado. O posicionamento do narrador no comentário 6 se configura, portanto, como um **ato de resistência** em narrativas de mídias sociais (DE FINA, 2020).

No entanto, Langenhove e Harré (1999) nos lembram que o **posicionamento de primeira ordem** pode ser **aceito** ou **rejeitado** pelos participantes da interação. Como se observa na estrutura de participação dos comentários subsequentes, o conteúdo expresso no comentário 6 provocou algumas respostas e reações na audiência, que se manifestou por meio de pistas semióticas e linguísticas para expressar alinhamento e desalinhamento em relação à postura do narrador.

---

[122] No original: "have defined resistance here as encompassing opposition to ideas, social conditions, institutional actions and processes that result or may result in discrimination or stereotyping of migrants".

Na captura de tela, é possível visualizar que o *Facebook,* enquanto uma plataforma de mídia social, disponibiliza diferentes recursos para promover a interação entre os usuários, a exemplo das respostas aos comentários, das curtidas e dos *emojis* de reação. O comentário 6 recebeu seis curtidas, 1 *emoji* de “coração” e apenas 1 de “raiva”. Tais reações multissemióticas, com exceção de uma delas, são indícios de que alguns interlocutores **validam** e **se alinham** ao posicionamento do narrador. Apesar de não ser possível identificar os perfis dos usuários que reagem às postagens, eles apenas estão se posicionando por meio de pista semióticas de referência já disponibilizados pela plataforma do Facebook e, por isso, partindo de uma adaptação da **estrutura de participação** (GOFFMAN, 2013; DE FINA, 2020), entendo que esses usuários especificamente estão desempenhando sua *performance* nas mídias sociais apenas como participantes “animadores”, ou seja, corpos engajados em uma atividade semiótica, mas sem uma autoria direta em relação ao que expressam na narrativa online.

Em contrapartida, esse comentário teve um **efeito perlocucionário imediato**, visto que mobilizou também a reação de vários co-narradores em (des)aprovação ao que foi dito pelo narrador e, como isso, fazendo emergir um **posicionamento de segunda ordem** (LANGENHOVE; HARRÉ,1999. A co-narradora 1, por exemplo, age como uma **interlocutora ratificada** e **endereçada** do comentário 6, pois contesta a fala do narrador dizendo que “a **maioria** das pessoas **aqui** não maltrata venezuelanos, se você **pesquisar** um pouco verá que eles estão sendo mantidos **aqui** em sua **maioria** por doações de roraimenses”. O emprego repetido dos advérbios “a maioria” e “aqui” e o uso do verbo “pesquisar” sinalizam **aspectos contextuais** de sua narrativa: (i) ela se posiciona como uma moradora local e por isso pode afirmar que os roraimenses são pessoas caridosas, pois sustentam grande parte dos venezuelanos através de “doações”; e (ii) posiciona o narrador como sujeito externo à comunidade que só defende os migrantes por falta de informação (“pesquisa”) sobre a realidade de Pacaraima.

A co-narradora 1 também discorda do narrador de que o assalto ao comerciante tenha sido um **caso isolado** (“Esse caso não foi um isolado, isso acontece todo dia”) e responsabiliza os migrantes venezuelanos pela recorrência de seus comportamentos problemáticos como “os assaltos e invasões de residências”. Entretanto, por meio do **pronome demonstrativo anafórico** “isso” (“gente com

fome no **desespero** faz **isso"**), ela reconhece que os refugiados e migrantes venezuelanos agem dessa forma devido às circunstâncias precárias em que vivem na fronteira.

"Quem mora **aqui sabe** o que tá acontecendo, quem **vive nos outros estados** ver **notícias no JN e G1** e toma as pessoas **daqui** como **selvagens**". Nesse trecho da narrativa, são mobilizados **marcadores de lugar** e **índices avaliativos** que contribuem para projetar duas **escalas espaciais e sociais** que categorizam dois grupos de pessoas: (i) moradores de Roraima e (ii) moradores de outros estados. Conforme avalia a co-narradora 1, o primeiro grupo congrega pessoas que têm de fato credibilidade para falar sobre a problemática da situação migratória, por experienciarem de perto o que acontece no contexto local. Já o segundo grupo, que acompanha os conflitos com os migrantes pelos portais de notícias da Rede Globo, carrega uma representação equivocada e preconceituosa dos roraimenses ao retratá-los como "selvagens". Ao citar e criticar o Jornal Nacional e o Portal G1, a fala da co-narradora 1 enuncia uma crítica às informações que circulam pela imprensa tradicional. A narradora encerra seu posicionamento marcando a diferença entre "venezuelanos" e "brasileiros" por meio dos pronomes pessoais "eles" e "nós" ("**Eles** não merecem passar por isso e **nós** aqui também não"), mas expressa sua posição de forma mais solidária enfatizando que ambos os grupos de pessoas não merecem passar por necessidades na fronteira.

Por fim, é importante destacar que o comentário-resposta da co-narradora 1 recebeu mais reações multissemióticas, sendo elas todas positivas, do que o comentário do narrador, sugerindo que a audiência se alinha ao conteúdo narrado pela moradora de Roraima.

Na sequência das interações do comentário 6, é possível observar como as posições podem ser contestadas, fazendo com que os interlocutores se reposicionem nas narrativas de forma interacional. O co-narrador 2, atuando como um participante **ratificado** e **endereçado**, responde ao narrador com a **entextualização de um ditado** bastante conhecido: "Leva uns aí pra sua casa então se tá com pena". Com esse movimento *performativo*, o co-narrador 2, também assumindo para si a qualidade de um participante **animador** e **responsável (principal)**, redireciona o tópico da interação de forma **irônica** sugerindo que o

narrador por simpatizar com os refugiados deveria lidar diretamente com a responsabilidade de ajudá-los.

Vale destacar que o narrador responde diretamente à provocação do co-narrador 2, dirigindo-se a ele por meio de um vocativo[123]: “Co-narrador 2, se tiver dentro do meu alcance **ajudar** alguma **ONG** aí perto de vocês seria um prazer!”, indicando a partir do verbo “ajudar” que ele mantém o seu posicionamento inicial em apoio aos migrantes venezuelanos. Agindo como uma participante **ratificada** e **endereçada**, a co-narradora 4 entra em cena e se **alinha** ao posicionamento do narrador, ao demonstrar empatia pela condição dos venezuelanos (“Se eu puder também levo pra casa”). Em contrapartida, no trecho “Esse povo do “leva pra casa” não tem empatia alguma pelo próximo”, ela se dirige ao co-narrador 2 de forma indireta por meio da **referência** “Esse povo” e **avaliando** sua falta de empatia ao se colocar no lugar do outro para expressar seu **desalinhamento** com o uso do ditado xenofóbico pronunciado pelo autor (“leva pra casa”).

A partir dessa análise, pode-se refletir que a **entextualização** do ditado pelo co-narrador 2 é um problema no sentido de desumanizar os migrantes em situação de refúgio, tratando-os com indesejáveis no país. Além disso, esse posicionamento coloca exclusivamente nas mãos de indivíduos a responsabilidade de resolver as demandas da crise migratória, ao passo que desresponsabiliza os órgãos governamentais desse trabalho.

4.3.3 Trajetória textual 3 - A precariedade da situação migratória: “Nossa mãe não tem trabalho. Ela vendia café na rua, mas perdemos tudo quando queimaram nossas coisas”

Com a Trajetória textual 1, procurei interpretar as causas e o ápice do ataque xenofóbico, ocorrido na fronteira de Pacaraima em 18 de agosto de 2018, por meio da análise de narrativas *online* do Portal G1 sobre a ação dos brasileiros que incendiaram e expulsaram os migrantes e refugiados venezuelanos de seus acampamentos. Na Trajetória textual 2, examinei narrativas sobre as medidas políticas adotadas pelo Governo Federal para tentar controlar o conflito na fronteira com a Venezuela, com o envio das Forças Armadas para fortalecer a ação da

[123] Para evitar rastreabilidade e não identificar o usuário, substituí o vocativo por “Co-narrador 2”.

Operação Acolhida. Após o ataque xenofóbico, o Portal G1, em suas diferentes plataformas digitais, continuou repercutindo o evento e seus desdobramentos a partir de uma sucessão de notícias. A **Trajetória textual 3**, que fecha o enquadramento do G1, aborda o tema mais saliente nas narrativas *online* após o conflito, ou seja, a **precariedade da situação dos migrantes e refugiados venezuelanos** que voltaram a se alojar nas ruas e nos abrigos de Roraima. As seguintes narrativas compõem a análise da Trajetória textual 3:

- **Narrativa 1 -** “Crianças venezuelanas buscam comida no lixo na fronteira do Brasil em meio à tensão após ataques” (*post* na Página do G1 no *Facebook*)
- **Narrativa 2** - “Crianças venezuelanas buscam comida no lixo na fronteira do Brasil em meio à tensão após ataques” (reportagem no site do G1)
- **Comentários da Narrativa 1** (enquadramentos e posicionamentos da audiência do *post*)

NARRATIVA 1

Figura 15

“Crianças venezuelanas buscam comida no lixo na fronteira do Brasil em meio à tensão após ataques”



Fonte: Página do G1 no *Facebook*, 2018[124].

A Figura 15 (narrativa 1) mostra a captura de tela do *post* publicado em 22 de agosto de 2018 na Página do G1. As expressões que destaco no título (“**Crianças venezuelanas** buscam **comida no lixo** na fronteira do Brasil em meio à tensão **após ataques**”) já estabelecem um **enquadramento negativo e**

[124] Disponível em: https://web.facebook.com/page/180562885329138/search?q=Crian%C3%A7as%20venezuelanas%20buscam%20comida%20no%20lixo. Acesso em: 19 jan. 2023.

preocupante da migração, evidenciando o sofrimento e a vulnerabilidade das crianças venezuelanas depois do conflito. Esse enquadramento é reforçado pela Página do G1 por meio de uma **imagem impactante**: a foto das crianças segurando uma caixa de papelão com alimentos encontrados no lixo. A **citação** da fala das crianças venezuelanas que antecede a imagem (“Nossa mãe não tem trabalho. Ela vendia café na rua, mas perdemos tudo quando **queimaram** nossas coisas”) completa o significado do enquadramento da narrativa 1 com o uso de descrições emotivas, e **entextualiza** o ataque “Bota Fogo!” por meio do verbo “queimar”, que remete ao ato dos brasileiros de atear fogo aos pertences dos migrantes de crise.

Com base nas métricas de engajamento, é possível visualizar na Figura 15, que o *post* obteve 23 mil reações, 1,5 mil comentários e 5,4 mil compartilhamentos. Em comparação às demais publicações sobre o ataque “Bota Fogo!”, chama a atenção que esta narrativa online sobre as crianças venezuelanas buscando comida no lixo tenha recebido um dos maiores engajamentos por parte dos usuários na Página do G1 no Facebook.

Em relação ao **plano da expressão**, as 23 mil reações variaram entre 5,5 mil curtidas, 988 emojis de “raiva” e 16 mil de “triste”, indicando que a maioria dos usuários expressaram sentimentos de indignação e tristeza em relação ao conteúdo do *post*. Por sua vez, o número de 1,5 mil comentários sinaliza que houve uma discussão ativa entre os usuários a partir do enquadramento da notícia. Já os 5,4 mil compartilhamentos sugerem que uma quantidade expressiva de pessoas considerou o conteúdo do *post* relevante o suficiente para compartilhá-lo em sua rede de amigos e seguidores. Essas métricas de engajamento sinalizam, portanto, que o *post* gerou um envolvimento significativo por parte dos usuários do Portal G1 no Facebook, colaborando para ampliar o alcance da narrativa 1 sobre a situação precária das crianças venezuelanas na fronteira de Pacaraima.

Ao clicar no *post* (narrativa 1), assim como nas demais narrativas online da Página do G1 no Facebook, é possível acessar a reportagem completa no site do portal de notícias. A Narrativa 2 (reportagem) da Trajetória textual 3 repete o mesmo título do *post*: “Crianças venezuelanas buscam comida no lixo na fronteira do Brasil em meio à tensão após ataques”.

NARRATIVA 2

“Crianças venezuelanas buscam comida no lixo na fronteira do Brasil em meio à tensão após ataques”

Crianças reviram lixo e pedem comida nas ruas de Pacaraima, na fronteira com a Venezuela. No último sábado (18), moradores se revoltaram com assalto e agressão de brasileiro e expulsaram venezuelanos das ruas: ‘temos rotina de insegurança e precisamos de ajuda’, diz prefeito.

Por Emily Costa e Alan Chaves*, G1 RR — Boa Vista
22/08/2018 17h18 Atualizado há 4 anos



Irmãos venezuelanos, de 9 e 11 anos, e amigo, de 12, seguram caixa com alimentos que conseguiram pegar no meio do lixo em Pacaraima, na fronteira com a Venezuela — Foto: Emily Costa/G1 RR

O dia ainda amanhece quando três crianças venezuelanas andam pelas ruas de Pacaraima, na fronteira do Brasil. Não carregam mochilas e nem vestem fardas. Ao invés de irem à escola - que já não frequentam há meses - catam no lixo sobras de comida. “Nossa mãe não tem trabalho. Ela vendia café na rua, mas perdemos tudo quando queimaram nossas coisas”, diz uma menina venezuelana de 11 anos se referindo aos ataques do último sábado (18). “Procuramos comida, latinhas e coisas para vender”. Junto com o irmão de 9 anos, e um amigo de 12, ela revirava lixeiras em busca de comida na manhã desta quarta-feira (21) na Rua Suapi, principal ponto de comércio em Pacaraima. “Também pedimos comida, o que sobra, o que as pessoas não comem aqui e ali”, conta a garota apontando para duas padarias nos arredores. “Alguns têm compaixão e dão de comer às crianças. Há brasileiros de bom coração”, diz a avó dos irmãos que irrompe em lágrimas. “Não temos dinheiro, não temos trabalho”.



Crianças venezuelanas procuram por comida dentro de lixeira na cidade de Pacaraima, a 215 km de Boa Vista, na fronteira com a Venezuela — Foto: Alan Chaves/G1 RR

Ela, os netos e outros venezuelanos não dormem mais nas ruas de Pacaraima há quatro dias. Estão ficando na casa de uma moradora, também venezuelana, e o que as crianças conseguem em meio aos entulhos é dividido entre eles.

"Já vi muitos venezuelanos procurando comida no lixo. As crianças não tem culpa e há pais que colocam os filhos para pedir, para vender porque ambulantes são proibidos de ficar nas ruas. É triste, uma tragédia, mas a população não tem como ajudar", diz Leoneide Do Nascimento, que mora em Pacaraima há 18 anos.

No sábado, o assalto a um comerciante brasileiro supostamente cometido por quatro venezuelanos, e a falta de ambulância para socorrê-lo revoltou moradores.

Nos ataques, alimentos, roupas e outros pertences que estava em acampamentos foram incinerados.

"Não tenho medo de procurar comida no lixo. Já me acostumei", diz o garoto de 9 anos depois de entrar em uma lixeira - e ser ajudado por um venezuelano adulto a sair.

Lá e em outras lixeiras que reviraram acharam cenouras estragadas, batatas-doces, um pimentão murcho, e alguns poucos temperos.

"Depois que encontramos levamos para a nossa mãe e ela cozinha. Às vezes é sopa e dividimos", diz a irmã que chegou a Pacaraima há poucos dias.



Depois que pegam as sobras de alimentos no lixo, crianças levam o que conseguiram para suas famílias que vivem em Pacaraima — Foto: Emily Costa/G1 RR

“O governo federal tem que se empenhar muito mais para garantir a integração local e uma acolhida digna para os refugiados venezuelanos que estão em Roraima e intensificar a interiorização dos que desejam reconstruir a vida em outras cidades brasileiras”, avalia Camila Asano, coordenadora de programas da Conectas Direitos Humanos.

Na cidade não há abrigo infantil, mas o prefeito Juliano Torquato diz que as fiscalizações são constantes tanto na cidade, quanto na fronteira. Em média 180 crianças passam por lá todos os dias, estimou a Polícia Federal em fevereiro.

“O conselho tutelar orienta os pais para que não deixem os filhos na rua, nem permitam que eles peçam esmola ou trabalhem. Estamos sobrecarregados, mas vamos fiscalizar mais”, disse Torquato.

Para ele, os ataques de sábado foram o reflexo do cansaço da população.

“Não concordo com a forma como aconteceram as coisas no sábado, mas a população se revoltou. Aqui temos uma rotina de insegurança. Precisamos de ajuda”.



Rastro de destruição foi deixado pelas ruas de Pacaraima, ao Norte de Roraima, após ataques de brasileiros a venezuelanos que viviam nas ruas da cidade — Foto: Inaê Brandão/G1 RR/Arquivo

***Colaborou Valéria Oliveira, do G1 RR**

Fonte: Site do G1 - O Portal de Notícias da Globo, 2018[125].

Partindo do **modelo laboviano** de análise da **estrutura da narrativa**, o **título** da reportagem no site do G1 já apresenta o **sumário** com o tema da narrativa, que se refere ao ato das crianças venezuelanas buscarem comida no lixo nas ruas de Pacaraima após o ataque “Bota Fogo!”.

A **orientação** – isto é, os aspectos contextuais da narrativa 2 –, pode ser percebida de início no **subtítulo** da reportagem, tendo em vista as **marcações espaciais** e **temporais** que recapitulam o ataque: “nas ruas de Pacaraima, na

[125] Disponível em: https://glo.bo/2OUgZ4C. Acesso em: 19 jan. 2023.

fronteira com a Venezuela" e "No último sábado (18)". Essa parte da estrutura narrativa é complementada por elementos do **evento narrativo** como a data da publicação ("22/08/2018, 17h18, Atualizado há 4 anos"), o nome dos jornalistas do texto e a localidade de onde a narrativa jornalística foi redigida (Emily Costa e Alan Chaves em colaboração com Valéria Oliveira, G1 RR — Boa Vista).

Para ampliar a compreensão do **evento narrado,** é necessário observar também como a orientação foi estabelecida a partir de um quadro de referência identificando os **personagens** que são descritos na narrativa 2, a saber: as crianças venezuelanas; a avó dos dois irmãos venezuelanos; os moradores de Pacaraima, especificamente, Leoneide do Nascimento, Camila Asano (Coordenadora do Conectas Direitos Humanos), e o prefeito de Pacaraima, Juliano Torquato.

De acordo com Bastos e Biar (2015), estudiosas de Labov citadas no capítulo 2, a **ação complicadora** ou **complicação** é o elemento fundamental da narrativa, pois retrata o conflito ou o problema que precisa ser resolvido na história. Sendo assim, a complicação da narrativa 2 pode ser identificada no **momento em que as crianças venezuelanas são narradas revirando lixo e pedindo comida nas ruas de Pacaraima** (linhas 1-3). Essa cena, combinada à seleção de imagens, cria uma complicação na narrativa por evidenciar a vulnerabilidade e a precariedade em que essas crianças vivem, e expõe as dificuldades enfrentadas pelos migrantes de crise venezuelanos na fronteira.

Tendo explicitado a ação complicadora, passo a examinar mais detidamente a **avaliação**, outro elemento da estrutura narrativa laboviana de grande importância, pois ela nos fornece uma interpretação do **evento narrado** a partir do posicionamento e das avaliações do narrador (BASTOS; BIAR, 2015). Nessa parte, mobilizo novamente as **pistas de indexicalidade** e a categoria analítica do ***footing*** para interpretar como os narradores Emily Costa e Alan Chaves, em colaboração com Valéria Oliveira, narram o evento e expressam suas avaliações na reportagem por meio de entrevistas e citações.

Sendo assim, volto ao **título** da narrativa 2, focalizando a expressão "buscam comida no lixo" para indicar a ação das "crianças venezuelanas" na fronteira após o ataque. Essa expressão aponta para uma condição de "extrema pobreza" e projeta uma avaliação negativa de "escassez" envolvendo a situação dos migrantes de crise, sobretudo das crianças na fronteira. Ainda no título, os termos

“ataques” e “tensão” sugerem que o contexto ainda era de “violência” e “instabilidade”.

Nas linhas 1 a 3 da narrativa 2, os redatores da matéria **referenciam** e **predicam** as personagens protagonistas do evento por meio de sua nacionalidade (“três crianças venezuelanas”), comentando e **avaliando** que elas deveriam estar estudando (“Não carregam mochilas” e “Ao invés de irem à escola”) no lugar de estarem “cata[m]ndo no lixo sobras de comida”. Os usos dos verbos “carregar” e “ir” justapostos às palavras “mochilas” e “escola”, bem como da expressão temporal “há meses” (linha 3), reforçam a ausência da escola na vida dessas crianças. A ação de “catar sobras de comida no lixo” indicia a falta de recursos básicos para alimentação e, com isso, expõe, mais uma vez, a precariedade na qual as crianças venezuelanas se encontram na fronteira.

Na sequência, por meio da repetição da mesma **citação direta** (linhas 4-6) que introduz o *post* do *Facebook,* as crianças venezuelanas mencionam que sua família perdeu tudo quando os manifestantes queimaram seus pertences no sábado, sugerindo que elas foram **vítimas** diretas do ataque “Bota Fogo!”. Os narradores também trouxeram outras **citações diretas** em que as próprias crianças migrantes narram as diferentes **estratégias** a que elas recorrem para sobreviver na fronteira. Além de “Procura[mos]r comida, latinhas e coisas para vender” nas ruas (linha 8), as crianças reviram o lixo em busca de comida (linha 7), pedem as sobras para os moradores e solicitam os descartes das padarias próximas (linhas 9-10). Essas ações empreendidas pelas crianças venezuelanas ajudam a inferir que elas estão sendo posicionadas a partir de um *footing* (GOFFMAN, 2013) de migrantes vulneráveis e necessitados. Nessa parte da reportagem, os narradores deixam transparecer o **ponto** da narrativa, isto é, as razões que justificam sua reportabilidade (FABRÍCIO; BASTOS, 2009). É possível que os narradores tenham apresentado essa sucessão de estratégias nas vozes das próprias crianças intencionalmente para despertar a compaixão e sensibilizar o público em relação à situação dos migrantes e refugiados venezuelanos em Pacaraima.

Provavelmente, essa também tenha sido a intenção dos narradores ao vozear a avó das crianças venezuelanas. Em uma citação direta, a avó destaca a falta de trabalho e dinheiro da família e chora ao falar sobre a condição dos netos: “Alguns têm compaixão e dão de comer às crianças. Há brasileiros de bom coração”,

diz a avó dos irmãos que irrompe em lágrimas. “Não temos dinheiro, não temos trabalho” (linhas 11-12). As **referências** (“Alguns” e “brasileiros”) e suas **predicações** (“têm compaixão” e “bom coração”) são **pistas indexicais** que ajudam a transmitir a perspectiva da avó de que existem pessoas, que ela enfatiza que são “brasileiros”, com atitudes positivas e solidárias em relação à situação das crianças. Nesse contexto, os recursos linguísticos mobilizados na fala da avó indexam seu alinhamento a um **discurso de gratidão**. Nesse tipo de discurso, geralmente há uma expectativa de que migrantes e refugiados sejam gratos pela oportunidade e acolhida concedidos pelo país anfitrião (GREENBANK, 2019).

Vale comentar que o uso dos **descritores metapragmáticos** “diz” e “irrompe”, juntamente com a palavra “lágrimas” (Há brasileiros de bom coração”, diz a avó dos irmãos que irrompe em lágrimas”, linhas 12-13), são pistas indexicais que conferem à narrativa um tom bastante emotivo, indicando que a situação é emocionalmente difícil para a avó, as crianças e os demais venezuelanos na cidade. Na última parte da citação, a avó dos irmãos assume o *footing* de uma **figura familiar** preocupada com a falta de recursos financeiros e oportunidades de trabalho, indexando sua posição social e a vulnerabilidade socioeconômica da família, o que acaba contribuindo para justificar os motivos pelos quais as crianças estavam revirando o lixo atrás de comida.

Na sequência, entre as linhas 17 e 20, chamo a atenção para a **citação** da fala de Leoneide do Nascimento. Acionando o verbo “dizer” como **descritor metapragmático**, os narradores Emily Costa e Alan Chaves informam que a entrevistada “mora em Pacaraima há 18 anos” (linha 20), demonstrando que ela é uma moradora local e que por isso sua avaliação da situação migratória é baseada em sua experiência morando na região. O uso do pronome pessoal “eu” em “Já vi muitos venezuelanos procurando comida no lixo” (linha 17) mostra que Leoneide assume um *footing* de **testemunha** dessa situação em diferentes momentos passados. Ela fala como uma autoridade, apresentando suas observações como evidências, e reforçando que a atitude dos venezuelanos de procurar comida no lixo é uma ação recorrente.

Sua perspectiva de moradora local e o emprego da conjunção explicativa “porque” evidenciam o possível motivo das crianças estarem revirando as lixeiras, pois, conforme Leoneide, os “pais colocam os filhos para pedir, (...) porque

ambulantes são proibidos de ficar nas ruas" (linha 18). Por meio das expressões "É triste, uma tragédia" (linha 19), a entrevistada mobiliza uma **escala afetiva** (DE FINA, 2020), demonstrando emoções como tristeza e indignação ao refletir sobre a situação trágica enfrentada pelas crianças e pelas famílias venezuelanas. Nessa escala afetiva, Leoneide reconhece que "As crianças não têm culpa" (linha 17), e projeta-se, por meio de uma **modalização deôntica** em "a população não tem como ajudar" (linha 19), para uma **escala econômica**. O advérbio de negação "não" e os verbos modais "tem como ajudar" expressos nessa modalização deôntica indicam um dever ou uma obrigação moral de ajudar os migrantes venezuelanos, mas sugere que, no contexto específico descrito pela moradora, a população de Pacaraima não possui os recursos econômicos necessários para oferecer auxílio.

Tendo apresentado a avaliação a partir da perspectiva da moradora local, os narradores-jornalistas também incluem na reportagem uma **citação direta** de Camila Asano, Coordenadora de programas da Conectas Direitos Humanos[126]. Como representante de uma uma Organização não Governamental (ONG) que atua no monitoramento de violações de direitos humanos, é possível reconhecer que Camila Asano assume uma **posição de autoridade e conhecimento** sobre a situação dos refugiados venezuelanos, o que lhe confere **credibilidade** para fazer a avaliação a partir de uma perspectiva de "especialista". Além disso, na linha 34, os narradores usam o verbo "avaliar" em "avalia Camila Asano, coordenadora de programas da Conectas Direitos Humanos", que reforça o *footing* da entrevistada. Em sua avaliação, a coordenadora faz **referência** ao "Governo Federal" e "aos refugiados venezuelanos que estão em Roraima". Na linha 31, Camila **avalia** negativamente o desempenho do poder público que, segundo ela, "tem que se **empenhar** muito **mais**" (linha 31). Creio ser possível afirmar que o emprego do verbo "empenhar" e do advérbio "mais" sugerem que a ação governamental para lidar com a questão migratória em Roraima é pouco expressiva. Tendo isso em vista, ela oferece três soluções que o governo precisa adotar para amenizar a situação precária dos migrantes em Pacaraima: integração local, acolhida digna e interiorização desses refugiados para outras cidades do país.

[126] A Conectas Direitos Humanos é uma organização não governamental (ONG) brasileira que atua na defesa e promoção dos direitos humanos. Entre outras funções, a ONG fornece assistência jurídica gratuita aos refugiados venezuelanos, ajudando-os a compreender seus direitos, fornecendo orientação legal e representação em processos de regularização migratória e solicitação de refúgio. Disponível em: https://www.conectas.org/. Acesso em: 20 fev. 2023.

No **subtítulo** da narrativa 2, a **referência** aos “moradores” (“Moradores se revoltaram com assalto e agressão de brasileiro e expulsaram venezuelanos das ruas”) e a **presença dos verbos** “revoltar” e “expulsar” ajuda a descrever suas ações, sugerindo que as reações dos manifestantes brasileiros foram motivadas por um sentimento de indignação e intolerância. Ainda no subtítulo, a **citação direta** da fala do prefeito, que se repete na linha 43, “temos rotina de insegurança”, aponta para a recorrência dos atos violentos. E o trecho “precisamos de ajuda” (subtítulo) sinaliza a falta de recursos da prefeitura para atender às necessidades dos migrantes em Pacaraima. Com esse discurso de que a cidade passa por dificuldades, o prefeito parece justificar a revolta dos moradores e os motivos que os levaram a atacar o acampamento dos migrantes venezuelanos.

Mais adiante, na narrativa 2, os narradores trazem outra citação do prefeito da cidade, ampliando o vozeamento da perspectiva de uma **figura de autoridade** sobre o contexto local. Nessa **escala local**, em um nível micro, as preocupações do prefeito Juliano Torquato se relacionam com a “falta de um abrigo infantil” (linha 35) e com as fiscalizações, sobretudo do trabalho do Conselho Tutelar (linhas 35-39), para que os pais venezuelanos “não deixem os filhos na rua, nem permitam que eles peçam esmola ou trabalhem” (linhas 38-39). O prefeito representa essa **escala local** ao falar sobre as fiscalizações de um órgão municipal e a necessidade de ajuda externa, como mencionado acima. Ao mencionar as fiscalizações do trabalho do Conselho Tutelar, o representante municipal expressa uma postura que visa apresentar uma solução para a situação das crianças venezuelanas pela via da supervisão ou do controle da presença delas nas ruas, mas não indica ações concretas para resolver o problema.

Embora o prefeito tenha dito não concordar “com a forma como aconteceram as coisas no sábado” (linha 42), ele assume um posicionamento divergente ao incluir-se na **referência** em primeira pessoa do plural, “nós”, (“**Estamos** sobrecarregados, mas vamos fiscalizar mais”, linhas 39-40), e nas **predicações** “sobrecarregados” e “cansaço da população” (“Para ele, os ataques de sábado foram o reflexo do cansaço da população”, linha 41). Essas declarações podem ser interpretadas como uma tentativa do prefeito de manter a fachada e o *footing* como gestor político que apoia os cidadãos ao justificar o motivo dos ataques

aos venezuelanos, mas também sugerem seu **alinhamento** às atitudes desses moradores brasileiros.

Os jornalistas encerram a reportagem com essas citações diretas e indiretas do prefeito de Pacaraima. Desse modo, a narrativa não apresenta de forma explícita uma **resolução**, embora, implicitamente, a **citação** da fala da avó das crianças venezuelanas (“Alguns têm compaixão e dão de comer às crianças”, linha 12) sugira uma possível resolução para a ação complicadora. É possível concluir, portanto, que a narrativa 2 segue uma estrutura narrativa completa, apresentando todos os elementos do modelo de Labov, visto que a **coda** é opcional e não há uma transposição do tempo da história para o tempo presente por se tratar de uma narrativa jornalística.

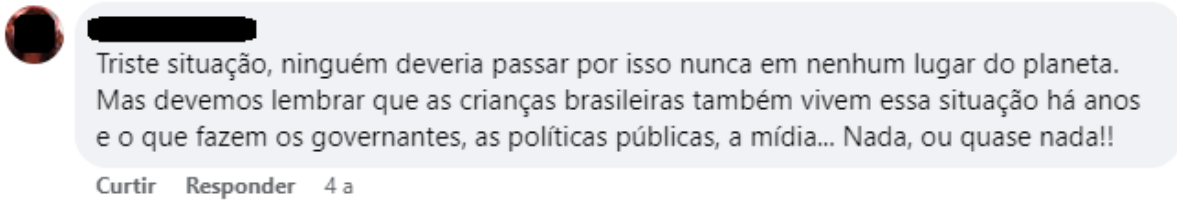
Por fim, considerando o quadro de **enquadramentos genéricos** proposto por Muñiz (2007, 2011) para examinar o tipo de **enquadramento noticioso** (*news frame*) sobre migração, registro que a narrativa 2 se enquadra no tópico 2, pois envolve “Ações sobre imigrantes menores de idade”. Em relação ao **enquadramento** específico do **Portal G1**, a reportagem enfoca a situação das crianças venezuelanas que buscam comida no lixo, destacando a precariedade da migração na fronteira de Pacaraima após o ataque “Bota Fogo!”. A reportagem foi construída a partir de escolhas linguísticas e da incorporação de imagens com efeitos emotivos, produzindo, desse modo, um **enquadramento moral** que ajudou a despertar empatia em relação às crianças e um **enquadramento político** que evidenciou a revolta dos moradores roraimenses e a falta de recursos básicos da Prefeitura de Pacaraima para atender a população migrante. Tudo isso ressaltou a necessidade de maior atuação do Governo Federal em apoio aos refugiados venezuelanos na região.

Na sequência, analiso como a audiência enquadrou o evento narrado por meio de seus posicionamentos e avaliações nos comentários da Narrativa 1 (*post* do *Facebook*). Vale frisar que analisar o enquadramento de **mil e setecentos comentários** de um *post* no Facebook em uma pesquisa qualitativa é uma tarefa desafiadora por diferentes motivos. O principal deles acredito ser a quantidade volumosa de comentários que acaba dificultando uma análise qualitativa sem uma ferramenta apropriada para análise de dados online. Outra razão é a natureza dinâmica das interações nas plataformas de mídias sociais, que dificulta um

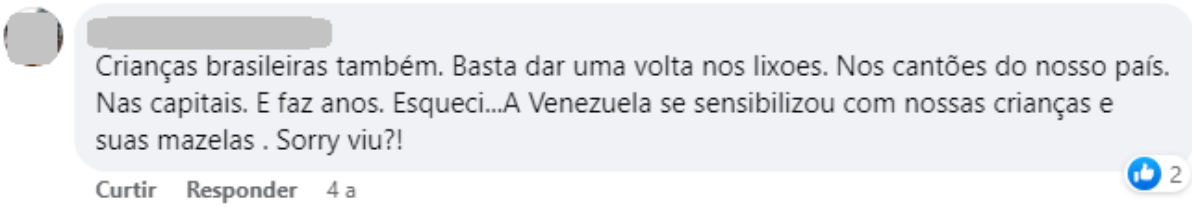
enquadramento consistente dos comentários. Além disso, como o *post* foi feito em um período de campanha eleitoral (22 de agosto de 2018), alguns usuários mal-intencionados aproveitaram para compartilhar links com spam, dificultando ainda mais a triagem dos comentários. Por isso, assim como nas trajetórias 1 e 2, realizei uma seleção manual dos comentários com enquadramentos que julguei importantes para obter maior compreensão do ataque “Bota Fogo!”.

Na análise das narrativas do Portal G1, os índices linguísticos e semióticos em sua maioria foram empregados pelos jornalistas/narradores, de forma a sensibilizar a audiência em relação às condições precárias das crianças venezuelanas revirando o lixo atrás de comida após o ataque xenofóbico na fronteira de Roraima. Entretanto, com base na análise do posicionamento interacional (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008), é possível identificar, nos **Comentários 1, 2** e **3,** a repetição de um mesmo **enquadramento**, ou seja, a **comparação** feita pelos usuários entre a situação das **crianças venezuelanas** e a falta de sensibilização da sociedade para ajudar primeiramente as **crianças brasileiras** que também passam por dificuldades.

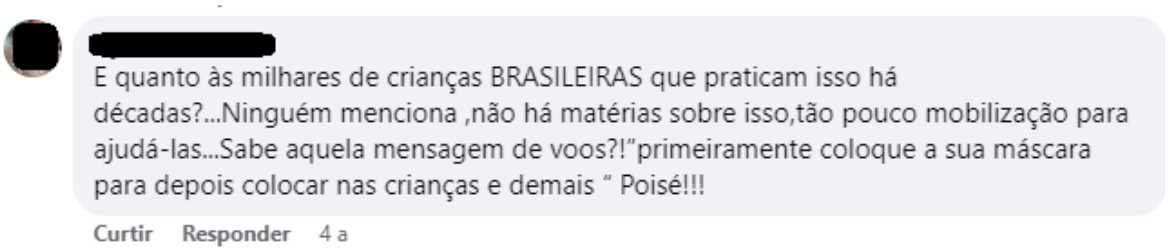
COMENTÁRIO 1



COMENTÁRIO 2



COMENTÁRIO 3



No Comentário 1, por exemplo, a narradora avalia a condição das crianças venezuelanas a partir da **predicação** “triste situação” (linha 1) e de uma **pista de absolutização com hipérbole** destacada em “**ninguém** deveria passar por isso **nunca em nenhum lugar do planeta**” (linha 1 do comentário 1). Tais elementos produzem um efeito de ênfase diante do ocorrido e reforça o posicionamento de indignação e de repúdio da narradora. Em uma **escala moral,** tais expressões sinalizam uma identificação da participante com a situação das crianças migrantes e evidencia um posicionamento de “empatia” e “indignação”. No entanto, no comentário que se segue – “Mas devemos lembrar que as crianças brasileiras também vivem essa situação há anos” –, a **conjunção adversativa** “mas” e a **expressão temporal** “há anos” deslocam a atenção para a situação enfrentada pelas “crianças brasileiras”, enfatizando-se que suas dificuldades sociais e econômicas são anteriores à chegada dos migrantes. Esse movimento demonstra um posicionamento de estabelecimento de **comparação** entre diferentes contextos de vulnerabilidade e injustiça social. Ao trazer à tona essa comparação, a comentarista também expressa um posicionamento de denúncia e protesto manifestado por meio da **absolutização** do pronome indefinido “nada” (“Nada, ou quase nada!!”, linha 3 do comentário 1), denotando uma crítica enfática à ausência de ações de entidades como “os governantes, as políticas públicas, a mídia” para resolver o problema.

No Comentário 2, o narrador performatiza um papel de interlocutor direto da postagem do G1 e responde como se estivesse em um diálogo: “Crianças brasileiras também”. Nessa *performance*, vê-se o emprego do advérbio “também” para indicar que o ato de “catar comida no lixo” não se restringe apenas ao contexto

das crianças venezuelanas. Para isso, é mobilizada uma **escala espaço-temporal** para enumerar os lugares em que as crianças brasileiras podem ser vistas praticando a mesma ação, ou seja, “nos lixões”, “Nos cantões do nosso país” (linha 1 do comentário 2) e “Nas capitais” (linha 2). E, assim como a narradora no Comentário 1, este comentarista enfatiza a recorrência dessa ação no passado através da expressão temporal “E faz anos” (linha 2).

Na sequência, o narrador do Comentário 2 manifesta um **posicionamento de ironia e sarcasmo** através do fragmento “A Venezuela se sensibilizou com nossas crianças e suas mazelas. Sorry viu?!” (linha 3). Esse posicionamento sugere que, se fosse o contrário, a Venezuela não agiria da mesma maneira, isto é, que o país não se importaria com as crianças brasileiras. Considero essa atitude do comentarista como xenófoba por desvalorizar ou menosprezar a preocupação de outro país com as crianças em situação de vulnerabilidade.

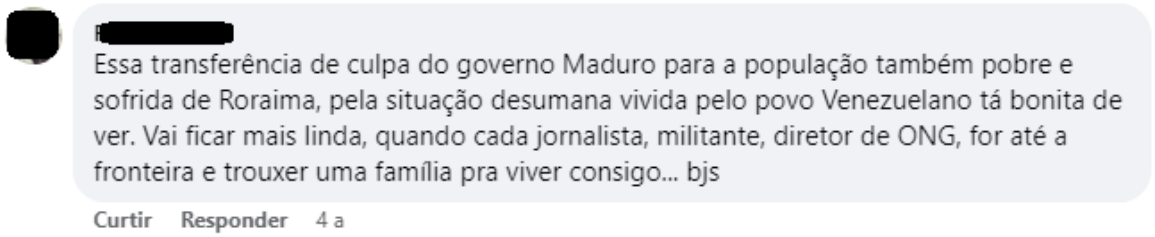
Seguindo a mesma linha, a narradora do Comentário 3 expressa sua indignação por meio de uma interrogação, usando como recursos linguísticos uma **hipérbole** para se referir às “milhares de crianças” que ela **predica enfaticamente** com letras maiúsculas como “BRASILEIRAS”: “E quanto às milhares de crianças BRASILEIRAS que praticam isso há décadas?” (linhas 1-2). Essa indexicalidade estabelece uma categorização que ressalta a nacionalidade das crianças, sinalizando que a narradora **avalia** como prioridade a preocupação com as crianças do próprio país, em detrimento das crianças venezuelanas. Além disso, a **absolutização** “Ninguém” e o **descritor metapragmático** “menciona”, na comparação estabelecida pela narradora para criticar a falta de menções, matérias e mobilização para ajudar as crianças brasileiras – “não há matérias sobre isso” (linha 2) – , evidenciam um posicionamento defensivo e crítico, insinuando que a mídia está mais interessada em cobrir as dificuldades das crianças venezuelanas do que as crianças brasileiras.

A meu ver, é possível que as referências às crianças venezuelanas e brasileiras, nos três comentários, tenham sido feitas no intuito de enfatizar a situação precária vivenciada por ambas. Porém, a maior parte das declarações indexam hierarquizações em relação a uma suposta prioridade, que deveria privilegiar a condição das crianças brasileiras em detrimento das migrantes. Isso deixa

transparecer uma **ordem de indexicalidade** baseada na **nacionalidade** sustentada por meio da **comparação** da **precariedade** e da **injustiça social**.

Na sequência, logo no início do comentário 4, a narradora usa o pronome demonstrativo anafórico “Essa”, que funciona como uma forma de reação ao conteúdo da postagem na Página do G1 no Facebook, sinalizando que ela está assumindo um papel de interlocutora ativa na discussão.

COMENTÁRIO 4



Nesse comentário, há **na referência** ao “governo Maduro”, uma **escala política**, na qual a narradora **avalia negativamente** a ação denominada de “transferência de culpa para a população **também pobre** e **sofrida** de Roraima” (linhas 1-2). Com uso do advérbio “também” nessa citação, a comentarista cria uma comparação implícita entre a população da Venezuela e a população de Roraima. A comparação entre as duas populações ganha destaque com os termos os **“pobre” e “sofrida”,** índices de **referência, predicação** e **avaliação** da população de Roraima, sugerindo que a narradora reconhece a existência de dificuldades e desafios em ambas as regiões. Além disso, ao trazer essa comparação, a comentarista parece se posicionar criticamente em relação à transferência de culpa para a população de Roraima e à “situação **desumana** vivida pelo povo Venezuelano”.

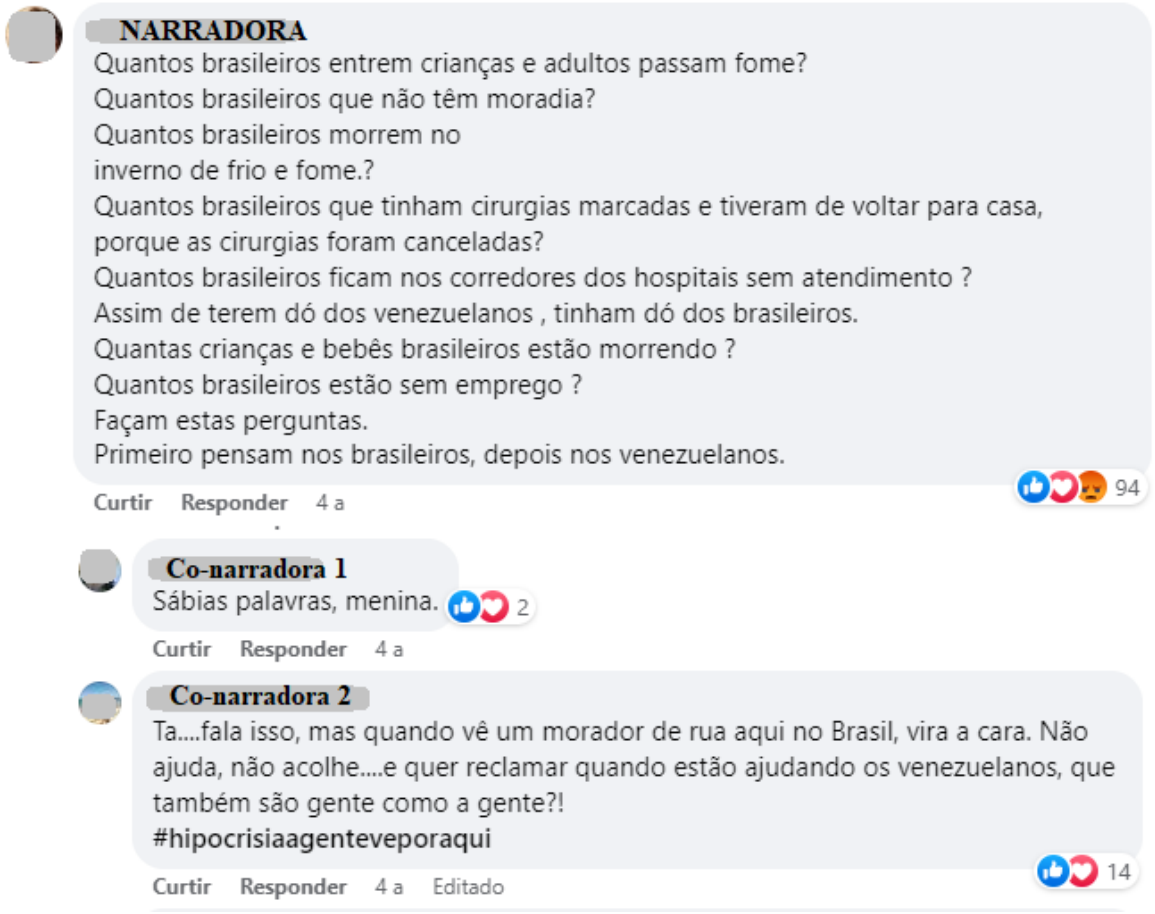
Essa crítica se estende a “cada jornalista, militante, diretor de ONG”, que segundo a narradora, deveriam ir até a fronteira e “trazer uma família pra viver consigo”, indiciando uma **avaliação** de que essas entidades deveriam fazer mais do que apenas observar e reportar os acontecimentos. Nesse posicionamento, ela parece apontar para duas **entextualizações**: a do evento narrado na Narrativa 2,

que cita a representante da ONG Conectas Direitos Humanos; e outra que indexa os boatos que circularam na época sobre o suposto envolvimento de ONGs e de militantes na ajuda de migrantes e refugiados venezuelanos para a invadir moradias vazias em Pacaraima (mencionados anteriormente).

Por último, no fragmento “Vai ficar mais linda, quando cada jornalista, militante, diretor de ONG, for até a fronteira e trouxer uma família pra viver consigo…bjs”, a comentarista **entextualiza** um ditado bastante repetido em discursos xenofóbicos, como se a solução para o fenômeno migratório fosse simplesmente resolvido com a responsabilização individual das pessoas pela acolhida dos migrantes em suas casas, desconsiderando as circunstâncias complexas que envolvem a gestão dos fluxos migratórios.

Como é possível observar na captura de tela, o **Comentário 5** chama a atenção pela quantidade de reações multissemióticas que recebeu: 73 curtidas, mostrando concordância com o conteúdo postado; 13 emojis de “coração”, indicando apreço ao que foi dito no comentário 5; 7 emojis de “raiva”, que comunicam indignação ou desacordo; e 1 emoji representando “surpresa”. Além dessas reações automáticas da audiência, alguns usuários reagiram ao comentário manifestando seus posicionamentos em resposta ao que foi enunciado pela narradora. Para entender melhor a *performance* e os papéis de cada comentarista na narrativa, trago mais uma vez para a análise as categorias de posicionamento, *footing* (alinhamento) e de estrutura de participação.

COMENTÁRIO 5



Na análise dos excertos desta tese, tenho tentado mostrar que os membros da audiência (do público) nas mídias sociais desempenham importante papel na co-construção narrativa por meio de sua compreensão das postagens, "já que eles podem intervir com **diferentes graus de agência** ao assumir posições sobre questões e alinhar-se ou desalinhar-se com os autores das postagens[127]" (DE FINA, 2020, p. 1845, grifo meu).

Isso posto, no Comentário 5, a performance da narradora começa quando ela se reconhece no papel de participante endereçada na audiência da postagem do G1 e reage à matéria expressando seu posicionamento nos comentários. Com esse movimento, ela se desloca da posição de apenas leitora e assume para si outros papéis: (i) de interlocutora "animadora" responsável por iniciar o diálogo; (ii) de

[127] No original: "The role of audience members (...) may intervene with different degrees of agency by taking stances on issues and aligning and misaligning with authors of posts".

“autora”, responsável pela elaboração dos enunciados iniciais da interação; e (iii) de participante “responsável”, por suas declarações, seus posicionamentos e pela direção que a narrativa toma a partir de seu coomentário-resposta ao conteúdo da matéria do G1.

É possível verificar que, no Comentário 5, a narradora principal expressa um **posicionamento de primeira ordem** (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999) em relação à reportagem, o que é feito por meio de uma série de questionamentos. Ao utilizar a estrutura de perguntas retóricas com a **repetição** do pronome interrogativo “quantos” associado à **referência** de nacionalidade “brasileiros”, a narradora tece uma **comparação implícita** entre os problemas enfrentados pelos migrantes venezuelanos e as dificuldades vivenciadas por um grande número de brasileiros em diferentes aspectos sociais como **fome, moradia, saúde** e **emprego**. Com isso, as perguntas da narradora não evidenciam diretamente um discurso xenofóbico, mas ressaltam a importância de priorizar e solucionar os problemas internos dos brasileiros antes de direcionar atenção à resolução das demandas dos migrantes e refugiados venezuelanos em Roraima.

Em resposta ao Comentário 5, a co-narradora 1 se dirige à narradora por meio do vocativo “menina” em “Sábias palavras, menina”, agindo como uma participante endereçada que concorda com os questionamentos levantados por ela. No entanto, diferentemente da participante anterior, dando sequência à interação, a co-narradora 2 manifesta um **posicionamento responsivo** (de segunda ordem) em que se contrapõe às declarações da narradora.

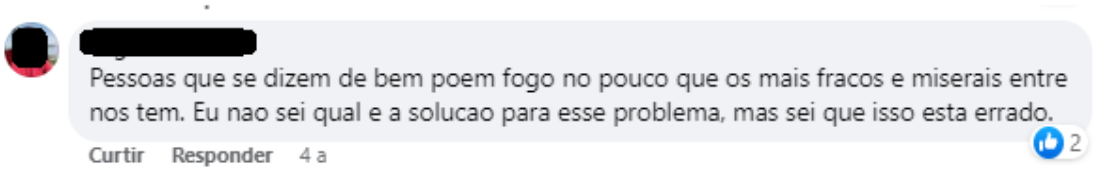
As expressões verbais contidas em “fala isso” (linha 1) e “quer reclamar” (linha 2) são empregadas pela co-narradora 2 para se referir diretamente à narradora, mas também implicam uma **avaliação metapragmática** de seu discurso. Em sua avaliação, a co-narradora 2 projeta uma **escala social** e **espacial** (“quando vê um **morador de rua aqui no Brasil**”) para se referir a um problema social da realidade brasileira. Dessa maneira, a co-narradora 2 assume um *footing* de crítica em relação à postura da narradora, apontando uma suposta incoerência entre suas palavras e suas ações no que se refere aos moradores de rua no Brasil. Essa contradição pode ser percebida por meio das expressões indicando negação em “**Não ajuda**, não acolhe” (linha 2) e da afirmação presente na pergunta retórica “e quer reclamar quando **estão ajudando** os venezuelanos (...)?” (linha 2). Além disso,

a co-narradora 2 complementa sua *performance* utilizando a *hashtag* "#hipocrisiaagenteveporaqui" (linha 4). Assim, ademais de evidenciar sua competência como usuária das mídias sociais, a co-narradora 2 mobiliza o recurso da *hashtag* de forma estratégica com o objetivo de revelar a "hipocrisia" e questionar a "legitimidade" das reclamações da narradora no Comentário 5.

Em última análise, em seu posicionamento, a co-narradora 2 faz **referência** aos venezuelanos, **predicando-os** como "também são **gente como a gente**" (linha 3). Essa predicação indicia um **discurso de desumanização**, pois reforça uma visão que separa categoricamente quem é considerado "gente" (possivelmente, "nós" brasileiros) do "Outro não humano" (venezuelanos), sinalizando que a humanização desses migrantes emerge da **comparação** (expressa pelo advérbio "também"). Portanto, ao contrapor-se aos questionamentos da narradora do comentário 5, e alinhar-se a um discurso que humaniza os migrantes e refugiados venezuelanos, a *performance* da co-narradora 2 indexa metaforicamente um **ato de resistência** nas mídias sociais (MELO, 2019; DE FINA, 2020; CAVALCANTI; BIZON, 2020).

Ressalto, aqui, que os posicionamentos dos narradores nos comentários 6 e 7 também evidenciam **atos de resistência** em relação à situação dos migrantes de crise na fronteira com a Venezuela. No **Comentário 6**, a narradora não responde diretamente ao conteúdo do *post* do Portal G1, mas fica perceptível que está **entextualizando** o ataque "Bota Fogo!" ao criticar a ação de "atear fogo" (expresso em "põem fogo", linha 1) dos moradores de Pacaraima, que ela referencia e **predica** negativamente por meio dos **índices avaliativos** "pessoas que se dizem de bem" (linha 1).

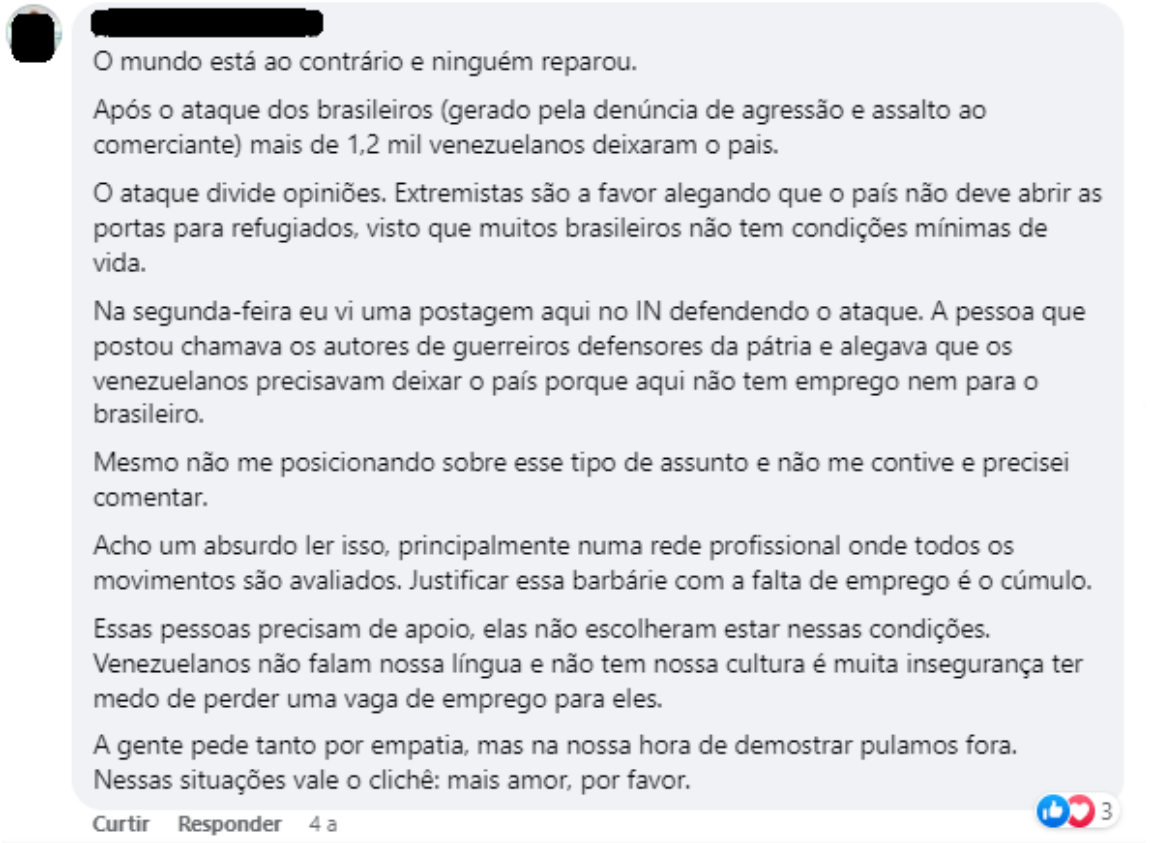
COMENTÁRIO 6



Embora a narradora do Comentário 6 não esteja criticando explicitamente o posicionamento xenofóbico dos manifestantes brasileiros, em sua fala estão presentes construções linguísticas como em “no pouco que os mais **fracos** e **miseráveis** entre nós tem” (linha 1), que, de forma implícita, critica a associação de venezuelanos às características negativas de “vulnerabilidade” e “miséria”, discursos que geralmente localizam os migrantes em um grupo de pessoas inferiores e indesejáveis.

No **Comentário 7**, o último enquadramento desta Trajetória textual 3, é interessante observar a *performance* do narrador ao se posicionar em defesa dos refugiados e migrantes venezuelanos.

COMENTÁRIO 7



Analisando os elementos textuais de seu comentário, o narrador usa esse espaço de interação para **entextualizar** outro gênero textual-discursivo, que se

assemelha a uma **crônica jornalística opinativa**. Embora não configure um texto estritamente jornalístico, o narrador apresenta características desse gênero, como a **introdução narrativa** no início com uma afirmação sobre a situação atual: “O mundo está ao contrário e ninguém reparou”. Na sequência, são apresentados fatos e eventos recentes que circularam em notícias, inclusive na Página do G1 – “Após o ataque dos brasileiros (gerado pela denúncia de agressão e assalto ao comerciante) mais de 1,2 mil venezuelanos deixaram o país” – o que caracteriza uma **narrativa factual**. E, posteriormente, o comentarista expõe sua opinião sobre a situação dos venezuelanos na fronteira e apresenta argumentos contra as pessoas, que ele predica de “extremistas”, favoráveis ao ataque. Portanto, ao entextualizar uma narrativa que se aproxima do gênero da crônica jornalística opinativa nos comentários, o narrador performatiza um papel de **cronista** ao narrar e expressar seus posicionamentos sobre o assunto em questão.

Nessa direção, compreendendo o comentário 7 como uma narrativa da esfera jornalística, noto que o narrador apresenta um **enquadramento noticioso** (*news frame*) (ENTMAN, 1993; ENTMAN; ROJECKI, 2001) que aborda o tema dos refugiados venezuelanos no Brasil, destacando o conflito de opiniões, os problemas sociais e econômicos envolvidos e a necessidade de apoio e empatia por parte da audiência nas mídias sociais.

Em termos de posicionamento, a partir da afirmação “O ataque divide opiniões” (linha 4), o narrador apresenta argumentos de forma bastante elaborada, que fazem emergir, ao mesmo tempo, um **posicionamento do outro** e um **autoposicionamento** (LANGENHOVE; HARRÉ,1999). De um lado, o narrador posiciona as pessoas que são “favoráveis ao ataque” em uma **escala moral**, predicando-as por meio de índices avaliativos como “Extremistas” e “guerreiros defensores da pátria”. Ele denuncia o teor xenofóbico do discurso desses indivíduos, questionando seus argumentos de que “o país não deve abrir as portas para refugiados, visto que muitos brasileiros não têm condições mínimas de vida” (linhas 4-5). Essa posição é reforçada pelo narrador ao mencionar uma postagem defendendo a saída dos venezuelanos com base na **escassez de emprego** (“os venezuelanos precisavam deixar o país porque aqui não tem emprego nem para o brasileiro”, linhas 9-10).

Por outro lado, o autoposicionamento do narrador, diferentemente dos comentários anteriores, evidencia que ele é “contrário ao ataque”. O narrador usa o pronome demonstrativo anafórico “essa” e a palavra “barbárie” (“Justificar **essa barbárie** com a falta de emprego é o cúmulo”) para referenciar e predicar o ataque contra os venezuelanos e expressar seu **desalinhamento** em relação à ação dos moradores e das pessoas favoráveis ao evento. Ao utilizar o termo “barbárie”, que remete a comportamentos cruéis associados a atos de violência, o narrador também mobiliza uma **escala moral**, pois avalia o ato dos moradores como uma atitude desumana e injustificável, para denunciar a xenofobia contra os refugiados e migrantes venezuelanos,

Assim, em última análise, o posicionamento do narrador expresso neste **comentário entextualizado como crônica** configura também um **ato de resistência** contra os discursos xenofóbicos. Afirmando que “essas pessoas precisam de **apoio**, que não escolheram estar **nessas condições**”, o narrador reconhece a **precariedade** da situação dos refugiados venezuelanos, sem, contudo, **desumaniza-los.** Nesse sentido, o narrador confronta a narrativa que os retrata como uma ameaça ou como responsável pelos problemas sociais e econômicos enfrentados no Brasil. Ao fazer isso, o narrador deixa transparecer uma postura de **empatia** e **solidariedade** e se posiciona a partir de um *footing* de defensor dos direitos dos migrantes.

Por fim, encerro esta seção de análise com a citação do próprio narrador do Comentário 7: “A gente pede tanto por empatia, mas na nossa hora de demonstrar pulamos fora. Nessas situações vale o clichê: **mais amor, por favor** (linha 19).

4.4 Segundo enquadramento: narrativas do evento em plataformas multimídias estrangeiras

Na seção anterior, procurei mostrar como as trajetórias textuais sobre o ataque “Bota Fogo!” foram entextualizadas, descontextualizadas e recontextualizadas em diferentes eventos e contextos, mantendo algumas características e reconfigurando outras no caminho para se adequarem às novas situações de interação nas plataformas do G1 – O Portal de Notícias da Globo (BAUMAN; BRIGGS, 2006; SANQUE, 2020). Nesse segundo enquadramento, menos extenso que o anterior, focalizo algumas narrativas online que circularam em plataformas digitais estrangeiras. Como explicitei no Capítulo 3, distintamente do que ocorre no Brasil, os portais de notícias venezuelanos não disponibilizam com facilidade o acesso às notícias de forma online.

Como se sabe, a Venezuela tem passado por uma crise política, econômica e humanitária complexa nos últimos anos. Antes mesmo do falecimento de Hugo Chávez e sua substituição pelo presidente Nicolás Maduro, em 2013, o país tem enfrentado muitas dificuldades em diversos aspectos. Entre eles estão os problemas relacionados à hiperinflação, a escassez de alimentos, de medicamentos, além dos altos índices de criminalidade e uma crise midiática. Essas e outras razões têm sido alguns dos principais motivos para a migração venezuelana em larga escala nos últimos anos (BAENINGER; SILVA, 2018).

Ao que se refere especificamente à crise midiática, a edição atual da *Clasificación Mundial de la Libertad de Prensa* (2023), publicada pelos Repórteres Sem Fronteiras (doravante RSF)[128], informa que Nicolás Maduro tem mantido no país a política da “hegemonia comunicacional”. Tal política resulta em um clima de restrição de informações e vem limitando o exercício do jornalismo independente no país. De acordo com o relatório, essa política consiste em medidas governamentais que têm dificultado a concessão de licenças de rádio e resultado no fechamento de mais de 200 emissoras no país (RSF, 2023). Além disso, o documento destaca que o bloqueio de conteúdos informativos na internet também é uma prática persistente

[128] Repórteres Sem Fronteiras (RSF) é uma organização internacional dedicada à defesa e promoção da liberdade de imprensa e dos direitos dos jornalistas. Disponível em: https://rsf.org/es/pais/venezuela. Acesso em: 12 maio 2023.

por parte do governo de Maduro, prejudicando especialmente os sites de notícias não alinhados ao governo.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o cenário midiático no país é altamente complexo e polarizado e, por isso, o acesso a informações acaba resultando em uma tarefa difícil. Entre as empresas de mídia venezuelanas mais alinhadas ao governo de Maduro estão a rede de televisão estatal VTV (*Venezolana de Televisión*) e a rádio estatal RNV (*Radio Nacional de Venezuela*). Essas emissoras costumam apresentar uma visão favorável do governo de Maduro e promovem sua narrativa oficial. Por outro lado, outras empresas como a emissora de televisão privada *Globovisión*, o jornal *El Nacional* e o portal de notícias *La Patilla* são organizações de mídia conhecidas por sua oposição ao presidente Nicolás Maduro.

De acordo com um estudo realizado pelo Instituto Reuters (2023)[129], na década de 2010, observou-se um surgimento significativo de veículos de mídia digital independentes na Venezuela. Nesse período, como uma alternativa ao jornalismo impresso, foi fundado no país sites de notícias como *El Pitazo, Efecto Cocuyo, Armando.info* e *Runrun*. A partir desse período, vários portais de notícias online e independentes foram criados no país. Entretanto, como relata o Instituto Reuters (2023), citando um relatório recente do *VE Sin Filtro*, uma organização venezuelana que monitora a censura na Internet, pelo menos 59 sites foram identificados como bloqueados por provedores estatais, sendo que 35 deles correspondem a sites de notícias independentes (REUTERS, 2023).

Dada essa realidade, para obter, nesta pesquisa, a perspectiva dos próprios venezuelanos sobre o ataque “Bota Fogo!”, foi necessário diversificar as fontes de informação. Por isso, nesta seção, analiso algumas narrativas online que circularam em língua espanhola a partir de três plataformas midiáticas estrangeiras – *TeleSur, Globovisión* e *DW Español* –, a fim de examinar, mesmo que de forma panorâmica, como os migrantes de crise e refugiados venezuelanos são narrados e se narram nessas mídias sociais em relação ao ataque “Bota Fogo!”.

---

[129] Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/es/news/asi-desafian-la-censura-en-venezuela-los-medios-independientes-en-internet . Acesso em: 17 mar. 2023.

4.4.1 TeleSUR: "*Gobierno insta a respetar derechos de venezolanos víctimas de ataques en Brasil*"

Conforme as informações apresentadas em seu site, o TeleSur pode ser caracterizado como "um meio de comunicação multimídia latino-americano com vocação social voltada para liderar e promover os processos de união dos povos do SUL"[130] (TELESUR, 2023, s/p.). O veículo de comunicação foi fundado em 2005 por iniciativa conjunta de diversos governos da América Latina e do Caribe. Porém, é importante ressaltar que o TeleSUR tem uma relação estreita com a Venezuela e o governo de Nicolás Maduro, pois, desde sua criação, o veículo tem recebido apoio financeiro e político do governo venezuelano. Nesse sentido, as matérias publicadas pelo TeleSUR geralmente seguem uma postura editorial favorável a Maduro e a seu governo.

Mesmo não sendo uma empresa midiática nacional, o TeleSur é o portal de notícias que mais veicula a situação da crise migratória venezuelana. Entretanto, quando pesquisei sobre o ataque "Bota Fogo!" nas multiplataformas do TeleSur, as notícias não enquadravam diretamente o conflito, mas reportavam a perspectiva do governo de Maduro sobre o evento por meio de comunicado oficial.

A seguir, analiso três narrativas online que seguem a trajetória textual dessa comunicação oficial em diferentes plataformas multimídias (Facebook, site e Twitter):

- **Narrativa 1 -** *"Gobierno insta a respetar derechos de venezolanos víctimas de ataques en Brasil"* (primeiro *post* sobre o ataque na Página do TeleSur no Facebook)
- **Narrativa 2 -** *"Gobierno insta a respetar derechos de venezolanos víctimas de ataques en Brasil"* (notícia no site do TeleSur)
- **Narrativa 3 -** *"Comunicado oficial de la @CancilleriaVE"* (publicação do comunicado no perfil do *Ministro del Poder Popular para Relaciones Exteriores de Venezuela* no Twitter)

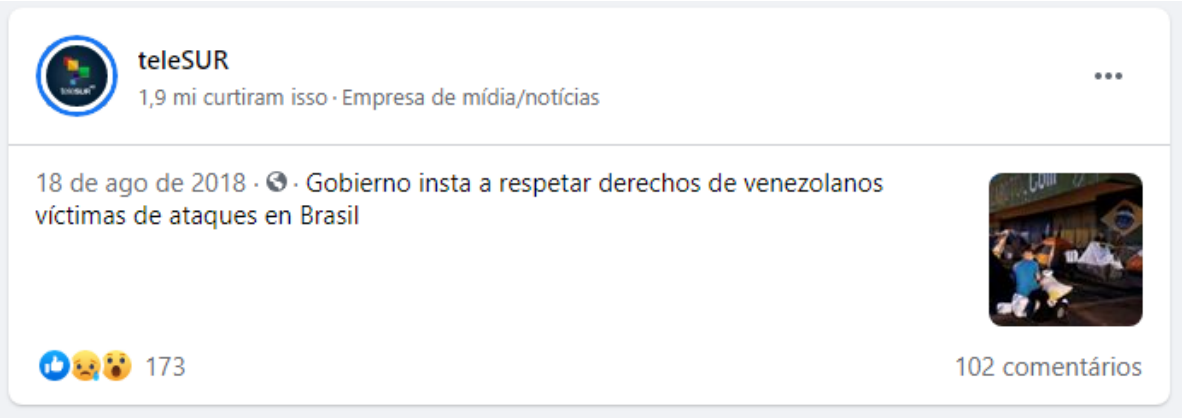
[130] Para o TeleSUR, o termo "SUL" remete a um "conceito geopolítico que promove a luta dos povos pela paz, autodeterminação, respeito pelos Direitos Humanos e Justiça Social" (TELESUR, 2023, s/p.). Disponível em: https://www.telesurtv.net/pages/sobrenosotros.html . Acesso em: 13 jan. 2023.

Como mencionado, o conflito e a expulsão dos 1200 migrantes venezuelanos de Pacaraima aconteceu no dia 18 de agosto de 2018. A Figura 16 apresenta a captura de tela da primeira postagem do TeleSur no Facebook sobre o assunto. A postagem teve 173 reações (sendo a maioria delas de curtidas) e 102 comentários da audiência.

NARRATIVA 1

Figura 16

"Gobierno insta a respetar derechos de venezolanos víctimas de ataques en Brasil"



Fonte: Página da TeleSur no Facebook, 2018[131].

No *post* do TeleSur (Narrativa 1), datado de 18 de agosto de 2018, o conteúdo textual aparente incorpora um título *"Gobierno insta a respetar derechos de venezolanos víctimas de ataques en Brasil*" (em português, "Governo pede respeito aos direitos dos venezuelanos vítimas de ataques no Brasil") e uma imagem com pessoas acampadas em barracas na rua, tendo a bandeira do Brasil como pano de fundo. Em uma versão editada de 13 de março de 2021, a Página do TeleSur no Facebook passou a incluir nesse *post* um recorte de uma notícia do site com seguinte excerto: "*Mediante un comunicado, Venezuela solicitó al Ministerio de*

[131] Disponível em: https://web.facebook.com/notes/667768160789591/. Acesso em: 30 nov. 2019.

Relaciones Exteriores de Brasil que garantice el respeto a los ***derechos humanos*** *de los venezolanos que han sido víctimas de* ***ataques xenofóbicos***" ("Por meio de um comunicado, a Venezuela solicitou ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil que garanta o respeito aos **direitos humanos** dos venezuelanos que têm sido vítimas de **ataques xenofóbicos**", grifos do TeleSur).

No *post* do Facebook, o TeleSur menciona que a Venezuela emitiu um **Comunicado** solicitando ao Brasil proteção aos direitos humanos dos venezuelanos vítimas de ataques xenofóbicos em Pacaraima, porém, não o compartilha junto à postagem. Seguindo o rastros do comunicado, o *post* inclui um link (http://bit.ly/2L5YGXZ) que direciona a leitura da notícia completa para o site do TeleSUR.

No site do TeleSur, seguindo o percurso da trajetória textual, é possível visualizar um *layout* dividido em sete seções principais: *"Notícias", "Videos", "Multimedia", "Opinión", "Blogs", "Programas"* e *"Empleos"*. A seção "Notícias" está organizada por outras cinco subseções temáticas: *"Latinoamérica y El Caribe", "Mundo", "Deportes", "Cultura"* e *"Tecnología"*. A notícia que corresponde à Narrativa 2 faz parte da primeira subseção "*Latinoamérica y El Caribe*". O Portal TeleSur dá um foco especial às notícias relacionadas à América Latina e Caribe, destarte, noto que a disposição da Narrativa 2 nesta subseção específica, é um indicativo do potencial de **narrabilidade** (*tellability*) do evento (PAGE, 2012), sugerindo que o ataque em Pacaraima se destaca como um acontecimento relevante e que, por isso, vale a pena ser noticiado pelo TeleSur.

NARRATIVA 2

"Gobierno insta a respetar derechos de venezolanos víctimas de ataques en Brasil"



Residentes de Pacaraima atacaron un campamento de venezolanos, hecho parecido a uno ocurrido días antes en Roraima. | Foto: Reuters

Publicado 18 agosto 2018

La Cancillería emitió un comunicado ante los ataques xenofóbicos y desalojos masivos que han sufrido los venezolanos en la localidad de Pacaraima.

1. El Gobierno de **Venezuela** instó este sábado a las autoridades de Brasil a respetar los
2. **derechos humanos** a los venezolanos radicados en la localidad de **Pacaraima**, quienes
3. han sido víctimas de ataques y desalojos masivos.
4. Mediante un comunicado, Venezuela solicitó al Ministerio de Relaciones Exteriores de
5. Brasil que garantice el respeto a los **derechos humanos** de los venezolanos que han sido
6. víctimas de **ataques xenofóbicos**.
7. La Cancillería expresó su preocupación por los ataques a **inmigrantes venezolanos**,
8. sumado a los desalojos masivos, "hechos que violentan las normas de derecho
9. internacional además de vulnerar sus derechos humanos".



10.

11. Ante estos hechos, las autoridades venezolanas ordenaron a los miembros del consulado
12. ubicado en la ciudad de Boavista que se traslade a **Pacaraima** para velar por la situación
13. de los ciudadanos.
14. Además, instaron a las autoridades brasileñas a tomar las medidas de resguardo y
15. seguridad a las **familias venezolanas**.
16. Por último, rechazaron la " instrumentalización de una lamentable situación de violencia
17. alimentada por una peligrosa matriz de opinión xenófoba, multiplicada desde gobiernos y
18. medios al servicio de los inconfesables objetivos del imperialismo, a partir del desprestigio
19. de la venezolanidad".

Fonte: Portal de Notícias TeleSur, 2018 (grifos do site)[132].

O **título** e o **subtítulo** juntos formam, nos termos de Labov, o **sumário** da Narrativa 2, que nesse contexto noticia o evento principal – o ataque "Bota Fogo!" – de forma bastante sucinta. A Narrativa 2 não possui autoria e foi publicada no site do TeleSur também em 18 de agosto de 2018 com o mesmo **título** (*"Gobierno insta a respetar derechos de venezolanos víctimas de ataques en Brasil"/* "Governo pede respeito aos direitos dos venezuelanos vítimas de ataques no Brasil") e a **imagem** do *post* do Facebook. À Foto da "Reuters" foi incluída a legenda "*Residentes de Pacaraima atacaron un campamento de venezolanos, hecho parecido a uno ocurrido días antes en Roraima*"/"Moradores de Pacaraima atacaram acampamento venezuelano, semelhante ao ocorrido dias antes em Roraima").

Pode-se dizer que o emprego do verbo "pedir" e do substantivo "direitos" no **título** ("Governo **pede** respeito aos direitos dos venezuelanos") materializa um **pedido** do governo venezuelano às autoridades brasileiras. Essa solicitação evidenciaria uma preocupação do governo venezuelano com os direitos dos venezuelanos, reconhecendo-os como vítimas da xenofobia, e coloca o governo brasileiro em uma posição de responsabilidade para resolver a situação.

A data da publicação, o título e a legenda da foto apresentam elementos contextuais que dão a entender que a narrativa 2 reportará o ataque "Bota Fogo!". Por exemplo, as expressões que **referenciam** ("venezuelanos" e "Moradores") e **predicam** ("vítimas" e "de Pacaraima") os dois grupos indicam que os migrantes venezuelanos foram vítimas de "ataques" dos brasileiros no Brasil. No título, o uso

[132] Disponível em: https://www.telesurtv.net/news/venezuela-derechos-humanos-ataques-desalojos-pacaraima-20180818-0028.html?fbclid=IwAR0zPDJ3_3oet2Rn21DJPYb7Nit8131m-fo_fiKCyzOY4XbR1KkBsNl6V_Y#comsup. Acesso em: 30 nov. 2019.

da palavra “ataques” escrita no plural, e dos marcadores espaço-temporais em “semelhante ao ocorrido **dias antes** em **Roraima**”, sinalizam a **recorrência de atos violentos** contra os venezuelanos no estado brasileiro. No entanto, apesar de a legenda trazer esses aspectos que sugerem a **entextualização** do ataque “Bota Fogo!”, a fotografia não carrega indícios que remetam ao momento do conflito, e sim às condições precárias dos migrantes acampados nas ruas da cidade brasileira anteriores ao evento.

Na sequência, com o subtítulo da notícia “O Ministério das Relações Exteriores emitiu um comunicado em resposta aos ataques xenófobos e despejos em massa sofridos por venezuelanos na cidade de Pacaraima” (“*La Cancillería emitió un comunicado ante los ataques xenofóbicos y desalojos masivos que han sufrido los venezolanos en la localidad de Pacaraima”)*, fica claro que o **enquadramento** do TeleSur não coloca em primeiro plano o ataque xenofóbico que acabara de acontecer na fronteira, e sim o posicionamento do Governo venezuelano a respeito da situação. Tal posicionamento pode ser evidenciado por meio das primeiras frases do subtítulo que introduz a **orientação** da Narrativa 2, onde é mencionado que o governo da Venezuela “**emitiu um comunicado em resposta”** aos atos xenofóbicos. Fica expresso, portanto, que a função desse relato noticioso não é descrever o ocorrido, mas sim vozear o posicionamento do governo venezuelano por meio da **entextualização** de um **comunicado-resposta**.

Sendo assim, chamo a atenção para a forma como o **comunicado oficial** da Venezuela é incorporado à narrativa 2 do TeleSur. Nas linhas 7 a 9 da matéria, o narrador-jornalista vozeia a preocupação do “Ministério das Relações Exteriores” (“*La Cancillería expresó su preocupación”,* linha 7) com o tratamento dado aos venezuelanos, enfatizando, por meio de um índice avaliativo com hipérbole - “*desalojos masivos”* (linha 8) – a **gravidade dos ataques** e a **dimensão dos desalojamentos**. O termo “massivo” pode ter sido usado na notícia para se referir à expulsão, em grande escala, dos cerca de 1200 migrantes e refugiados no dia do ataque “Bota Fogo!”, afetando com isso um grande número famílias venezuelanas que estavam alojadas em Pacaraima/RR.

Observo que o narrador do TeleSur amplia essa crítica governamental por meio da **repetição** da expressão “direitos humanos” (destacada em negrito nas linhas 2 e 5) e da inclusão de uma **citação direta** da “*Cancillería*” (Ministério das

Relações Exteriores da Venezuela, nas linhas 8-9). Na citação, o ministro venezuelano, Jorge Arreaza Montserrat[133], **avalia** as ações dos moradores brasileiros como "atos que violam as normas do direito internacional, além de violar seus direitos humanos" (*hechos que violentan las normas de derecho internacional además de vulnerar sus derechos humanos",* linhas 8-9). Para reprovar os atos xenófobos dos moradores de Pacaraima, o ministro venezuelano menciona que tais ações infringem "normas do direito internacional" (linha 8) e dos "direitos humanos" (linha 9).

É importante ressaltar que o emprego repetido dessas expressões e do verbo "violar" (linha 8) são índices que evidenciam um **discurso de apelo e denúncia** do ministério venezuelano, buscando uma **ação concreta** por parte das autoridades brasileiras. A **repetição** feita pelo narrador do TeleSur aponta para uma estratégia retórica que busca chamar a atenção para a violação dos direitos humanos dos migrantes venezuelanos. Por sua vez, a fala do Ministro das Relações Exteriores da Venezuela, expressa junto ao comunicado da "*Cancillería*", enfatiza o caráter de denúncia e reforça a importância de respeitar as normas do direito internacional e os direitos humanos, destacando que as ações perpetradas pelos agressores configuram uma clara transgressão desses princípios. Nesse sentido, o ministro venezuelano assume um *footing* de uma **autoridade diplomática e política** que busca **representar e proteger** os interesses de seu país e os direitos de seus cidadãos no contexto internacional.

Na linha 10, logo após a **citação direta**, de forma bastante criativa, se comparado à estrutura de uma narrativa laboviana, o TeleSur reproduz na íntegra o Comunicado oficial do Governo venezuelano a partir da **entextualização do tuíte do Ministro (narrativa 3)** no corpo da narrativa 2. Assim, antes mesmo de terminar a leitura da notícia no site do TeleSur, é possível projetar-se por meio de um link incorporado à imagem do tuíte para ler o comunicado em outra plataforma digital da forma como apresento a seguir:

---

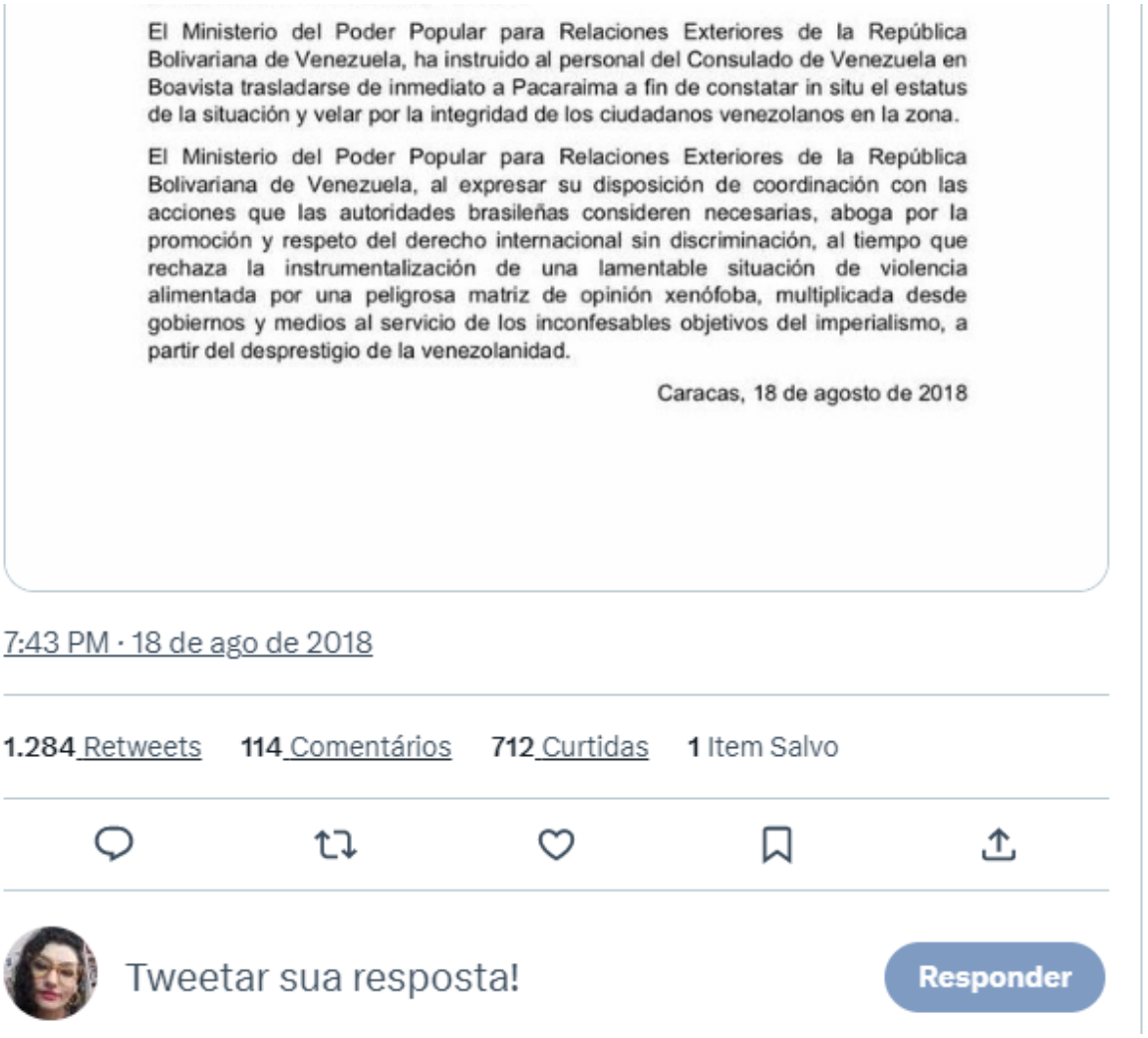
[133] Jorge Arreaza Montserrat é membro do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) e ocupa o cargo de Ministro das Relações Exteriores da Venezuela. Antes de assumir o cargo, o político já foi Vice-Presidente da Área Social, Ministro do Poder Popular e Vice-Presidente Executivo da Venezuela. Antes da data do ataque "Bota Fogo!", ele já era responsável por representar a Venezuela em assuntos internacionais e diplomáticos. Disponível em: https://www.jaarreaza.org.ve/author/jaarreaza/. Acesso em: 07 jan. 2023.

NARRATIVA 3

Figura 17

"Comunicado oficial de la @CancilleriaVE"





Fonte: *Cancillería Venezuela, Ministerio del Poder Popular para Relaciones Exteriores de la República Bolivariana de Venezuela,* Twitter, 2018[134]**.**

Nesse novo percurso da trajetória textual, é possível visualizar como a Figura 17 registra o compartilhamento do Comunicado no perfil oficial do Ministro das Relações Exteriores, Jorge Arreaza (@jaarreaza), no Twitter. A captura de tela mostra que o tuíte, datado de 18 de agosto de 2018 às 19h43, recebeu 1.284 retuítes, 114 comentários e 712 curtidas. A presença desses números de retuítes,

[134] Disponível em: https://twitter.com/jaarreaza/status/1030948444821745666?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1030948444821745666%7Ctwgr%5E7dbf03f84bb60eb6c599023c72a814a376f73000%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.telesurtv.net%2Fnews%2Fvenezuela-derechos-humanos-ataques-desalojos-pacaraima-20180818-0028.html%3Ffbclid%3DIwAR0zPDJ3_3oet2Rn21DJPYb7Nit8131m-fo_fiKCyzOY4XbR1KkBsNl6V_Y . Acesso em: 30 jan. 2023.

comentários e curtidas indicam que o Comunicado teve um alcance considerável e envolvimento dos usuários com a publicação.

Em seu tuíte, o ministro venezuelano marca o perfil oficial da **@CancilleriaVE** (perfil com mais de 522,8 mil seguidores no Twitter) no enunciado. Com essa ação, Jorge Arreaza contribui para aumentar a visibilidade e a disseminação do comunicado, uma vez que os seguidores podem retuitá-lo em suas redes privadas, ampliando assim o seu alcance. Além disso, parece-me que essa marcação do Ministério das Relações Exteriores da Venezuela direciona a atenção para a **fonte do Comunicado**, conferindo-lhe maior **legitimidade** em se tratando de uma plataforma de mídia social, ao passo que cria um vínculo direto entre a instituição responsável pela emissão do Comunicado e os usuários do Twitter.

Em relação ao enunciado do tuíte, o ministro usa o termo "*hechos irregulares*" em "*Comunicado oficial de la @CancilleriaVE ante los hechos irregulares contra ciudadanos venezolanos en Pacaraima, Brasil*" ("Comunicado oficial da @CancilleriaVE diante dos atos irregulares contra cidadãos venezuelanos em Pacaraima, Brasil") para **referenciar** e **predicar** negativamente o ataque dos moradores de Pacaraima como **incidentes fora da lei**. Junto ao enunciado do ministro, a **entextualização do Comunicado** em papel timbrado com o brasão de armas da "República Bolivariana de Venezuela" – símbolo nacional que representa a soberania e a identidade do país – é uma **pista semiótica de referência** que reforça a oficialidade e a autenticidade da Narrativa 3. Além disso, a menção de que o documento foi assinado em **18 de agosto de 2018** na capital, **Caracas**, evidencia uma **escala espaço-temporal** que sugere uma rápida resposta do Governo venezuelano sobre a situação na fronteira brasileira.

Logo no primeiro parágrafo do Comunicado, a declaração governamental faz referência ao "*Ministerio del Poder Popular para Relaciones Exteriores de la República Bolivariana de Venezuela*", mobilizando, assim, uma **citação de autoridade** para indicar que o governo **teve conhecimento da situação irregular** ("*ha tenido conocimiento de una situación irregular"*, linha 2), envolvendo **atos violentos** ("*hechos de violencia*", linha 4) **contra os venezuelanos** em Pacaraima. Destaco que narrativa do Ministério venezuelano emprega os índices avaliativos "*irregular*" e "*de violencia*" para caracterizar a natureza dos acontecimentos relatados e avaliar negativamente as ações de hostilidade dos moradores brasileiros.

Registre-se que, além de expressar sua preocupação com os ataques e o desalojamento dos migrantes venezuelanos (“*así como desalojos masivos de nuestros connacionales”*, linha 8), o Governo venezuelano faz duas exigências no Comunicado para tentar lidar com a situação conflituosa na fronteira: (i) solicita ao **Ministério de Relações Exteriores do Brasil** que garanta a segurança e proteção dos venezuelanos resguardados pelas normas do Direito Internacional e; (ii) instrui o representante do **Consulado da Venezuela** em Boa Vista/RR a ir a Pacaraima para verificar a situação *in situ* e garantir a segurança dos cidadãos venezuelanos na região. Essas duas exigências são expressas por meio dos índices linguísticos “com o objetivo de solicitar” (“*a fin de solicitar*”, linha 12) e “instruiu” (“*ha instruido”*, linha 16) e acabam contribuindo para posicionar o Governo da Venezuela como um agente protetor e defensor dos direitos e da segurança dos seus cidadãos em situação de vulnerabilidade após os ataques em Pacaraima.

Como é possível observar na Narrativa 3, a **citação de autoridade** “Ministério do Poder Popular para Relações Exteriores da República Bolivariana da Venezuela” (“*Ministerio del Poder Popular para Relaciones Exteriores de la República Bolivariana de Venezuela”,* linhas 1, 6, 15 e 19) é repetida no início de quase todos os parágrafos do Comunicado, com exceção apenas do terceiro. A **repetição** desse termo parece ter sido uma estratégia retórica intencional para enfatizar a autoridade e legitimidade do Ministério, de modo a reforçar a identidade nacional e seu papel como porta-voz do governo venezuelano ao que se refere às relações exteriores. Ademais, a repetição dessa **citação de autoridade** tantas vezes também pode ter um **efeito político e ideológico**. Nesse sentido, a ênfase na denominação completa do Ministério, que inclui a **referência** ao “*Poder Popular*” e à “*República Bolivariana de Venezuela*”, sugere um reforço dos princípios e valores do governo venezuelano, alinhados com a **ideologia de esquerda** e o **projeto político** do país conhecido como **Revolução Bolivariana** (LOPES, 2009; MELO, 2012)[135].

No último parágrafo do Comunicado, é possível identificar outras expressões linguísticas que evidenciam o posicionamento político do Governo

[135] De acordo com Lopes (2009), a Revolução Bolivariana foi inspirada em *Simón Bolívar*, buscando a independência e unificação das nações latino-americanas. Assim, pautada nos ideais da Revolução Bolivariana, com a ascensão de Hugo Chávez à presidência em 1999, a Venezuela implementou políticas socialistas e nacionalistas, visando a redistribuição de riquezas, inclusão social e soberania nacional. Explica Melo (2012) que foi através da nacionalização de setores estratégicos, como o petróleo e programas sociais (como a Missão Barrio Adentro), que o governo buscou promover igualdade socioeconômica, reduzir a pobreza e melhorar o acesso a serviços básicos.

venezuelano. Nas linhas 20 e 21, o Ministério emprega a palavra “coordenação” para se colocar à disposição das autoridades brasileiras (*“al expresar su disposición de coordinación con las acciones que las autoridades brasileñas consideren necesarias*”), transmitindo uma imagem de país que reconhece a importância da **cooperação** entre os dois países na busca por soluções para a questão migratória na região.

Por outro lado, a escolha do verbo “rejeita” (“rechaza”, linha 23), em terceira pessoa, evidencia uma crítica ao que o governo venezuelano chama de “instrumentalização da situação de violência” (linha 23). Segundo o Comunicado do Ministério, esse mecanismo é fomentado por “**governos e mídia a serviço do imperialismo**” (linha 25) que disseminam “**opinião xenófoba**” (linha 24). A crítica ao imperialismo, tradicionalmente, tem sido associada a **movimentos de esquerda**, e nesse contexto indexa o posicionamento político do governo venezuelano que explicitamente se declara contrário a exploração econômica e a dominação política das potências globais. Em termos gerais, ao enfatizar que “governos ou mídia” são responsáveis por reproduzir discursos xenófobos, o Ministério sinaliza que essas instituições estão mais alinhadas aos discursos da extrema-direita, que, frequentemente, usam como argumento a defesa dos interesses de uma identidade nacional para justificar o fechamento de fronteiras e a expulsão dos migrantes considerados indesejados no país.

Do *post* do Facebook (narrativa 1) ao site do TeleSur (narrativa 2) e, por último, no Twitter (narrativa 3), as entextualizações do Comunicado oficial do Governo venezuelano em resposta ao ataque “Bota Fogo!” percorreram uma trajetória textual, projetando-se em diferentes plataformas digitais. Nessa viagem textual, o alcance da declaração foi ampliado, fazendo emergir no caminho novas reações e posicionamentos. Nesta seção, destaquei que o Portal TeleSur, em suas várias plataformas digitais, enfatizou a perspectiva do Governo da Venezuela, ao invés de abordar o ataque de maneira direta. Essa postura indicia um alinhamento político e ideológico com as narrativas oficiais de Nicolás Maduro.

Na seção subsequente, examino as narrativas divulgadas tanto no perfil do Twitter quanto no site da *Globovisión,* cujo objetivo é obter sua perspectiva inicial sobre o ataque xenofóbico ocorrido em Pacaraima, buscando compreender o alinhamento dessa rede de mídia em relação ao governo de Nicolás Maduro.

4.4.2 Globovisión: "*Cerca de 1.200 venezolanos abandonan Brasil tras incidentes en la frontera*"

A Globovisión é uma emissora de televisão venezuelana, fundada em 1994, com sede em Caracas. A rede de televisão ficou conhecida por ser um dos principais canais de notícias da Venezuela, com foco na cobertura de eventos e atualidades locais e internacionais (GLOBOVISIÓN, 2022). Além disso, de acordo com a Reuters (2022), a empresa ganhou destaque internacional por sua postura crítica em relação ao governo venezuelano durante o período em que Hugo Chávez esteve no poder. Durante esse tempo, a emissora frequentemente transmitia programas de debate político e fornecia uma plataforma para a oposição ao governo expressar suas opiniões.

Em 2013, a Globovisión passou por uma mudança de propriedade e orientação editorial. O novo proprietário, Juan Domingo Cordero, afirmou que a emissora deixaria de ser uma oposição aberta ao governo e se tornaria mais neutra em sua cobertura (REUTERS, 2022). Essa mudança gerou controvérsias e críticas por parte daqueles que acreditavam que a Globovisión estava perdendo sua independência jornalística. Entretanto, em suas palavras, logo após assumir a emissora, Cordero fez o seguinte anúncio: "Não haverá mudanças 'de qualquer tipo' na emissora e até os funcionários permanecerão os mesmos" (VEJA, 2013)[136]. Diferentemente do Portal G1, que disponibiliza suas publicações passadas em suas plataformas gratuitamente, em relação à Globovisión, essa busca se tornou inviável tanto no site do periódico quanto no Facebook e no Twitter.

Nesta subseção, analiso a Narrativa 1 e 2, publicadas no perfil do Twitter e no site da *Globovisión* com o mesmo título: "*Cerca de 1.200 venezolanos abandonan Brasil tras incidentes en la frontera*" ["Aproximadamente 1.200 venezuelanos **abandonam** o Brasil após incidentes na fronteira"].

A Figura 18 (Narrativa 1) é uma captura de tela do tuíte que foi postada pela conta @globovision, empresa de mídia venezuelana privada, em 19 de agosto

[136] Disponível em: https://veja.abril.com.br/mundo/donos-do-globovision-prometem-manter-espirito-do-canal. Acesso em: 13 jul. 2020.

de 2018. Esse tuíte incorpora como texto a *hashtag #Internacionales*, indicando que o conteúdo se refere a assuntos internacionais. O tuíte *t*ambém inclui um **link encurtado** (http://goo.gl/P3AkX2), que direciona para a notícia (Narrativa 2) relacionada ao tema abordado no enunciado, e uma **imagem** com vários pessoas que parecem ser migrantes venezuelanos caminhando em fila com bagagens nas mãos.

NARRATIVA 1

Figura 18

"Cerca de 1.200 venezolanos abandonan Brasil tras incidentes en la frontera"



Fonte: Globovisión no Twitter, 2018[137].

Em relação às interações da audiência, o tuíte recebeu apenas 4 retuítes e 1 curtida, indicando que poucas pessoas acharam o conteúdo relevante o

[137] Disponível em: https://twitter.com/globovision/status/1031254478576672770. Acesso em: 27 jan. 2019.

suficiente para compartilhá-lo, ou que, simplesmente, não tiveram acesso a essa postagem, considerando os problemas referentes ao uso da Internet na Venezuela. Logo abaixo do tuíte, há uma resposta de um usuário, que deixei anonimizado para diminuir a rastreabilidade. Na resposta, o usuário não faz **nenhum comentário,** apenas inclui uma marcação do perfil da própria @globovision, impossibilitando, dessa maneira, a análise de qualquer posicionamento interacional na plataforma do veículo de comunicação.

As **narrativas breves** (*small stories*) apresentadas em contextos online refletem a capacidade de capturar e compartilhar a experiência da vida cotidiana momento a momento (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; GEORGAKOPOULOU, 2017). Com a análise dos elementos observados no tuíte (Narrativa 1), é possível reconhecer algumas características inerentes às narrativas breves (*small stories*) produzidas em plataformas de interação digital. Nesse caso específico, a informação sobre a "saída" de 1.200 venezuelanos do Brasil, compartilhada apenas um dia após o ataque em Pacaraima (em 19 de agosto de 2018), evidencia a atualidade do evento narrado. Além disso, como pontua Georgakopoulou (2017), as narrativas digitais são caracterizadas por sua transportabilidade e circulabilidade em diferentes plataformas de mídia, o que amplia seu alcance e possibilita a disseminação rápida das informações. No tuíte em questão, além do texto informativo (título da notícia), é possível identificar a presença de recursos multissemióticos, como a imagem, o *link* do portal de notícias e a *hashtag*, que foram incorporados ao conteúdo e ajudam a contar a história narrada no texto. Esses e os demais elementos visuais agregam uma dimensão adicional a essa Narrativa 1, possibilitando maior compreensão e conexão com o público receptor.

NARRATIVA 2

"Cerca de 1.200 venezolanos abandonan Brasil tras incidentes en la frontera"

Globovisión /EFE 19-08-2018 01:43PM



Vía Twitter

1. Caracas - Al menos 1.200 venezolanos han abandonado Brasil en las últimas horas
2. después de los actos violentos registrados este sábado contra campamentos de
3. ciudadanos de ese país en la localidad fronteriza de Pacaraima, confirmaron este domingo
4. fuentes del Ejército.
5. Habitantes de Pacaraima, en el estado brasileño de Roraima (norte), protestaron el pasado
6. sábado contra la presencia de inmigrantes venezolanos en la ciudad, los expulsaron de las
7. tiendas de campaña donde dormían y quemaron sus objetos personales.
8. Pacaraima, con una población de unas 12.000 personas, se ha convertido en el último año
9. y medio en la principal puerta de entrada de los venezolanos que huyen de la situación
10. política, económica y social que atraviesa su país y que deciden rehacer sus vidas en
11. Brasil.

Fonte: Site da Globovisión, 2018[138].

Como se observa nas narrativas 1 e 2, o **título** do tuíte se repete na notícia. Com base em uma análise isolada do título, esse enunciado pode ser descrito como um **ato de fala performativo de constatação**, ou seja,

[138] Disponível em: https://www.globovision.com/article/cerca-de-1-200-venezolanos-abandonan-brasil-tras-incidentes-en-la-frontera. Acesso em: 27 jan. 2019. Depois desse último acesso, tentei acessar a notícia novamente, mas o site da Globovisión não permite mais acesso a notícias passadas, provavelmente por tratar-se de uma plataforma privada. Como havia salvo a notícia em pdf no período de geração de registros, mantive a narrativa no *corpus* de análise. Ainda assim, a notícia pode ser lida online neste link alternativo: https://eltubazodigital.com/internacionales/cerca-de-1-200-venezolanos-abandonan-brasil-tras-incidentes-en-la-frontera/2018/08/20/. Acesso em: 24 fev. 2023.

enquadrando-se na categoria de um **ato ilocucionário** (AUSTIN, [1962]1990). A partir dessas informações, é possível antecipar que as duas narrativas **enquadram** a temática da migração venezuelana no Brasil e, ao mesmo tempo, **entextualizam** o ataque “Bota Fogo!” por meio da palavra “incidentes”.

No enquadramento da *Globovisión*, o que chama a atenção é a mobilização das expressões verbais “abandonam”, no título, e “abandonaram”, na linha 1 (*“Al menos 1.200 venezolanos **han abandonado** Brasil en las últimas horas”*), para narrar a ação dos migrantes. Essa seleção verbal sugere uma **ação voluntária** por parte dos venezuelanos de “deixar o Brasil”, diferentemente da forma como foram narrados em grande parte das narrativas jornalísticas do Portal G1, que mais reforçava o aspecto de uma **ação forçada** pelos moradores ao atearem fogo nos acampamentos dos migrantes em Pacaraima.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o **contexto** e a **intencionalidade** também podem influenciar a classificação de um ato de fala (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999). Por isso, sabendo que a *Globovisión* é uma plataforma midiática que abertamente se posiciona contrariamente ao governo de Maduro, é possível inferir que, em uma **escala política**, a ação de “abandonar o Brasil” (linha 1 e título) indicia uma estratégia narrativa que direciona a atenção para as consequências negativas da crise humanitária na Venezuela, tirando do foco o ataque xenofóbico cometido por brasileiros.

Adentrando mais na análise da Narrativa 2, destaque-se que a escolha de alguns elementos linguísticos amplia essa interpretação. A escolha dos **índices avaliativos** destacados em “atos **violentos**” (“*actos violentos*”, linha 2) e em “**expulsaram-nos** das barracas do acampamento onde dormiam e **queimaram** seus pertences pessoais” (“*los expulsaron de las tiendas de campaña donde dormían y quemaron sus objetos personales*”, na linha 6), indica uma **valoração negativa** do evento ocorrido, compondo uma **crítica às ações dos moradores** de Pacaraima em relação aos migrantes e refugiados venezuelanos. Essa valoração negativa parece contrastar-se em relação ao emprego do verbo “protestar” (“*Habitantes de Pacaraima (...) **protestaron** el pasado sábado contra la presencia de inmigrantes venezolanos en la ciudad”*, linhas 5-6). Isso porque os termos “atos violentos” (linha 2), “expulsar” (linha 6) e “queimar” (linha 7) sinalizam ações agressivas e potencialmente prejudiciais à vida dos migrantes de crise, ao passo que o uso da

expressão “Moradores de Pacaraima protestaram” implica uma manifestação pacífica para expressar insatisfação dos roraimenses. Essa contradição pode levar a uma confusão sobre a natureza do ataque xenofóbico.

Por fim, observo como a **escala geográfica** produz sentidos diferentes em relação à percepção sobre os dois países fronteiriços. Por um lado, nas linhas 8 e 9, Pacaraima é descrita por meio das predicações “principal porta de entrada” (“*Pacaraima, (...) se ha convertido en el último año y medio en la **principal puerta de entrada** de los venezolanos”*), podendo sugerir que a cidade e, por sua vez, o Brasil, é um lugar acolhedor e facilitador para os venezuelanos reconstruírem suas vidas. Por outro lado, o emprego do verbo “fugir” em “os venezuelanos **fogem**” (“*los venezolanos que **huyen** de la situación política, económica y social que atraviesa su país*”, linhas 9-10), que indica a ação dos migrantes de “sair” do país de origem, carrega um significado de “escapar de algo perigoso, ameaçador ou indesejado”, indexando metaforicamente uma ideia de que a Venezuela seria então a “porta dos fundos” de onde os refugiados precisam escapar para “fugir” da crise política, econômica e social que acomete seu país.

4.4.3 DW Español: “*Pacaraima: la ciudad xenófoba*”

A territorialização precária[139] (HAESBAERT, 2004; BIZON, 2013) é um dos temas sobressalentes na trajetória textual do ataque “Bota Fogo!” enquadrada pelo Portal de Notícias DW Español, que focalizo nesta subseção de análise. A DW Español produz conteúdo em espanhol, mas não possui uma sede específica na Venezuela. Essa plataforma de mídia online faz parte da Deutsche Welle (doravante DW) uma emissora internacional de televisão, rádio e mídia digital sediada na Alemanha. Conforme informações do site DW Español (2023)[140], o portal produz

[139] Tomando como base Haesbaert (2004) e Bizon (2013), entendo a territorialização precária como um conceito que descreve a condição de vulnerabilidade e instabilidade enfrentada por grupos sociais na busca por estabelecer territórios. Esses grupos enfrentam exclusão social, falta de recursos e violações de direitos, resultando em ocupação de espaços precários e condições de vida desfavoráveis. A territorialização precária está relacionada a processos de des(re)territorialização, nos quais os sujeitos são expulsos de seus territórios de origem e encontram dificuldades ao se estabelecerem em novos espaços. Essa precariedade envolve incertezas, inseguranças e falta de garantias de permanência, tanto em termos materiais quanto simbólicos.

[140] Disponível em: www.dw.com/espanol. Acesso em: 13 jan. 2023.

conteúdo jornalístico multimídia regionalmente relevante para um público amplo em 32 línguas, cobrindo uma gama de temas que abrangem entre os principais: política, economia, cultura, ciência etc[141]. A DW Español tem feito a cobertura de diferentes fluxos migratórios por meio de uma equipe de jornalistas e correspondentes, incluindo notícias sobre a migração venezuelana, as condições dos migrantes em diferentes países de destino como o Brasil, as políticas de imigração, dentre outras questões sociais e econômicas.

Dada a dificuldade de encontrar informações sobre o ataque "Bota Fogo!" nos portais de notícias propriamente venezuelanos, assim como a opção de trazer o enquadramento do TeleSur, a escolha de trazer a perspectiva da DW Español acabou sendo uma opção viável, pois essa plataforma tem buscado relatar os eventos ocorridos em Pacaraima, fornecendo informações sobre o ataque, suas motivações e consequências. Além disso, a cobertura da DW Español incluiu relatos de testemunhas, declarações das autoridades envolvidas e análises sobre o contexto político e social da região.

Nesta subseção, eu exploro especificamente a **Narrativa 1** (Figura 19), intitulada *"Pacaraima no quiere más venezolanos"*, que corresponde à captura de tela do *post* publicado em 24 de agosto de 2018, na Página da DW Español no Facebook. Na sequência, analiso a **Narrativa 2**, referente à transcrição da vídeo-reportagem "*Pacaraima: la ciudad xenófoba"*, publicada no Canal do Youtube desse portal de notícias online.

Na Narrativa 1, distintamente do que se observa no enquadramento do Portal TeleSur, a Página DW Español descreve como foi o ataque por meio de uma **narrativa breve** (*small stories*) e um **vídeo-reportagem**, informando que os habitantes locais atacaram os migrantes e refugiados venezuelanos com pedras e paus, forçando mais de 1.200 deles a deixar o Brasil.

NARRATIVA 1

Figura 19

[141] No original: "Producimos contenido distintivo, regionalmente relevante y basado en el diálogo en 32 idiomas centrados en seis temas principales: libertad y derechos humanos, democracia y buen gobierno, libre comercio y justicia social, tecnología e innovación, educación para la salud, nutrición y protección ambiental, y alemán. y la cultura europea". Disponível em: https://corporate.dw.com/en/about-dw/s-30688. Acesso em: 13 jan. 2023.

"Pacaraima no quiere más venezolanos"



Fonte: Página da DW Español no Facebook, 2018[142].

Em uma observação dos elementos não linguísticos que compõem a Narrativa 1, observo que o post da DW Español produziu diferentes sentimentos na audiência em relação às ações xenofóbicas enfrentadas pelos migrantes e

[142] Nessa captura de tela, inclui a tradução automática do Facebook. A versão atualizada da plataforma disponibiliza esse recurso de tradução em postagens, comentários, perfis e outras partes do conteúdo em diferentes idiomas. Disponível em: https://web.facebook.com/page/131314590235972/search/?q=Pacaraima. Acesso em: 30 jan. 2023

refugiados venezuelanos em Pacaraima. Saliento que essa postagem gerou grande impacto no Facebook, chegando a aproximadamente mil compartilhamentos, 307 comentários e uma variedade de reações multissemióticas dos usuários. Dentre as reações, destacam-se 470 emojis de “tristeza”, evidenciando a empatia e a preocupação dos usuários com a situação dos migrantes de crise. Além disso, foram registradas 274 curtidas e 20 emojis de “amei”, demonstrando apoio e solidariedade.

Por outro lado, houve 173 emojis de “raiva”, que pode sinalizar a indignação e a revolta diante do ataque xenofóbico. Também foram identificados 97 emojis de “surpresa”, refletindo a incredulidade diante do evento narrado. É importante destacar que apenas 6 usuários reagiram com emojis de “risada”, possivelmente como forma de desacreditar ou minimizar a gravidade do ocorrido. Essas diferentes reações multissemióticas contribuem para ampliar a interpretação da Narrativa 1 sobre ataque “Bota Fogo!”, porque refletem a diversidade de opiniões e sentimentos dos usuários do Facebook em relação à postagem da DW Español. Isso configura a complexidade que cerca a questão migratória, especificamente, envolvendo a situação de rejeição e hostilidade enfrentada pelos venezuelanos em Pacaraima.

Chama a atenção também a forma impactante e assertiva que a DW Español escolheu para apresentar sua perspectiva sobre o ataque. Por meio de uma **modalização deôntica** (“não quer”) e de um **advérbio intensificador** (“mais”), o **título** “Pacaraima **não quer mais** venezuelanos” (“*Pacaraima no quiere más venezolanos”*) – um **ato de fala perlocucionário** – aponta para um sentimento de rejeição e exclusão dos migrantes e refugiados venezuelanos por parte da comunidade de Pacaraima. No contexto do *post*, a expressão “não quer” materializa essa recusa e rejeição dos habitantes de Pacaraima sugerindo que os venezuelanos não são mais bem-vindos na região. Mais que resumir a situação descrita, essa modalização deôntica adiciona um componente **normativo** ao **título**, transmitindo a ideia de que a DW Español, distanciando-se de um jornalismo neutro, assume uma perspectiva contrária a essa **posição xenofóbica** em relação à presença dos venezuelanos na fronteira.

Por sua vez, o efeito de sentido da palavra “mais” no título em questão remete à intensificação desse sentimento de exclusão e recusa, e pode ser interpretada como um indicativo de diferentes **escalas** em mudança (BLOMMAERT,

2010; CAVALCANTI; BIZON, 2020). A inclusão do advérbio “mais” aciona uma **escala espaço-temporal**, sinalizando que, em **algum momento anterior**, havia uma **tolerância** ou **aceitação** dos venezuelanos em Pacaraima, mas que **agora** houve uma projeção nessa escala, com a comunidade expressando por meio de ataques uma **rejeição mais intensa**. Por conseguinte, ao usar o termo “mais”, o narrador-jornalista ressalta esse salto de uma **escala de aceitação** para outra que destaca a **intensificação** de uma **escala de rejeição** em relação aos migrantes de crise. Essa escolha linguística enfatiza uma mudança nas relações sociais e nas dinâmicas de poder no contexto fronteiriço, materializada de forma bastante concreta em relação às atitudes xenofóbicas dos moradores de Pacaraima com os migrantes venezuelanos.

As informações apresentadas são representativas da realidade de uma **territorialização precária** enfrentada pelos migrantes de crise em Pacaraima (HAESBAERT, 2004; BIZON, 2013). O trecho “com paus e pedras, os habitantes atacaram imigrantes agrupados no lado brasileiro” (linhas 1-2), que traz um ato de fala locucionário, fornece alguns indícios para a interpretação dessa **precariedade** vivenciada pelos migrantes de crise. Nessa ação específica, as **predicações** “com paus e pedras” conduzem a um entendimento de que os moradores empregaram a violência como meio de ataque direto aos venezuelanos alojados na fronteira. Essa descrição sugere que a intenção comunicativa subjacente ao ato foi a de causar danos materiais aos migrantes venezuelanos, o que, em minha percepção, pode ser compreendido como uma manifestação do processo de territorialização precária.

Vale ressaltar que essa caracterização, baseada apenas na descrição fornecida pelo enunciado, não explicita uma avaliação ética ou moral em relação à ação descrita. No entanto, nesta análise, considero o contexto amplo da narrativa e das trajetórias textuais do evento para inferir, inclusive, que o ataque “*obligando a marcharse a más de 1.200*” resultou em um **clima de tensão e medo** para os migrantes de crise que continuaram em Pacaraima. Isso porque, como resultado do ataque xenofóbico, de acordo com notícia da DW Español, os refugiados passaram a se esconder durante a noite por medo de represálias (“*Durante las noches, los refugiados se esconden por miedo*”, linhas 2-3). A necessidade de os refugiados se esconderem durante a noite demonstra a insegurança e a falta de proteção que enfrentam, ressaltando ainda mais a **precariedade de sua territorialização**. O

emprego do verbo “obrigar” no gerúndio (linha 2) reforça a ideia de que eles, na condição de migrantes de crise, vivem em um estado constante de vulnerabilidade, sem garantias de segurança ou estabilidade. E, nesse sentido, pautando-me na noção de territorialização precária que, conforme Haesbaert (2004) e Bizon (2013), remete a situações em que determinados grupos ou comunidades vão ter acesso mais limitado ou instável aos recursos territoriais que outros, localizo os migrantes venezuelanos nesse grupo que experiencia uma participação desigual de poder na construção do espaço em que vivem.

No *post*, a DW Español complementa a narrativa noticiosa com a estimativa de que mais de **127.000 venezuelanos ingressaram na cidade desde 2017** (isso até a data da postagem em 24 de agosto de 2018). Esse dado corrobora o discurso de que o aumento da entrada de migrantes pode “potencializar o desconforto social daqueles que vêem a migração como ‘ameaça’ de competição em tempos de alta taxa de desemprego no país” (CAVALCANTI, 2019, p. 12). Ao trazer esse número significativo para a narrativa 1, parece-me que o Portal DW Español, além de evidenciar a **escala do fenômeno migratório** e suas consequências para a dinâmica local, acaba contribuindo também para um aumento da percepção de **precariedade territorial** por parte dos migrantes na fronteira, que precisam enfrentar dificuldades como sua expulsão do território brasileiro devido a pressões econômicas, políticas e sociais.

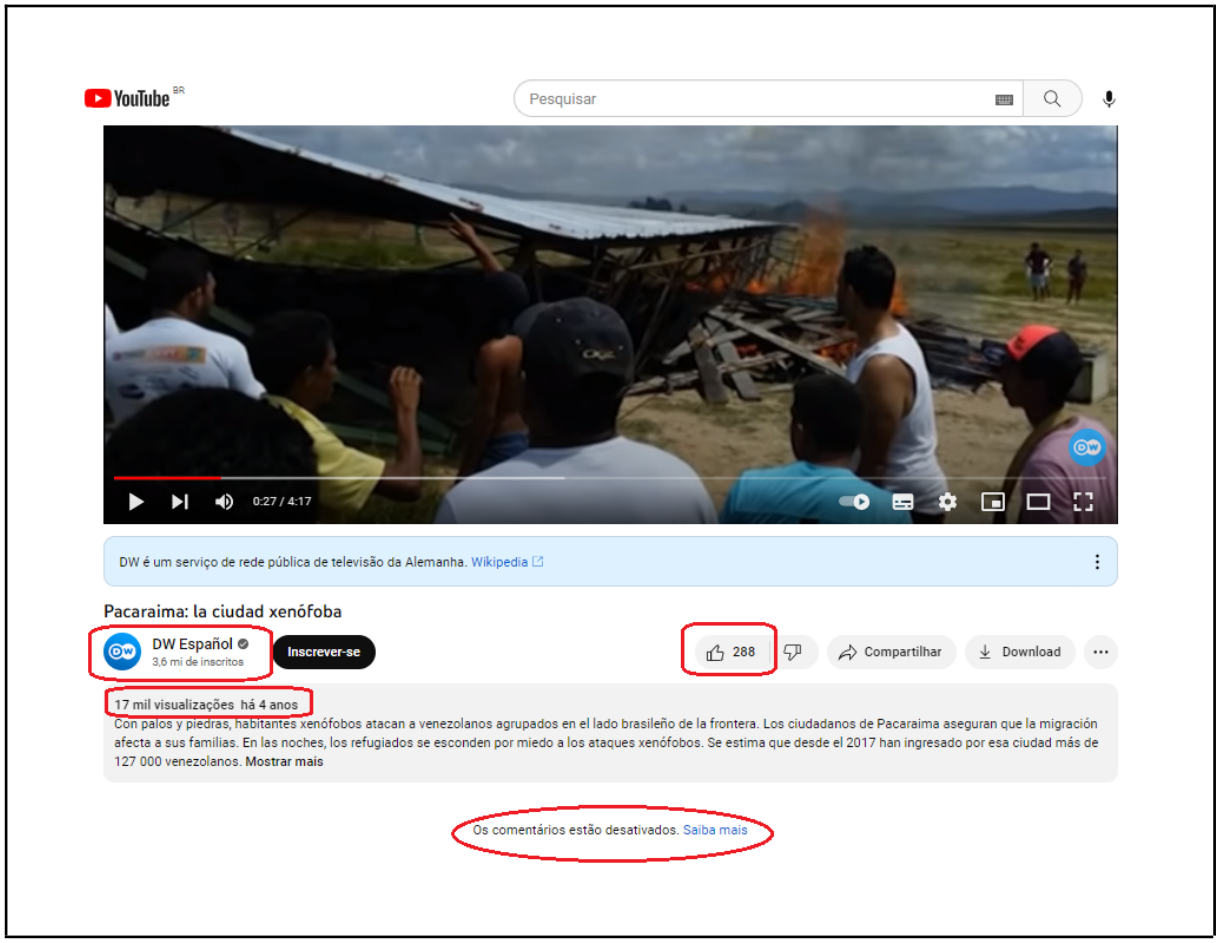
Seguindo a trajetória textual da vídeo-reportagem, faço notar que a DW Español modificou o título para “*Pacaraima: la ciudad xenófoba*” (Narrativa 2) no canal no Youtube. Nesse novo percurso, a narrativa do ataque é projetada para uma audiência de 3,6 milhões de inscritos. O vídeo também foi postado em 24 de agosto de 2018 com uma descrição muito próxima da narrativa 1 no Facebook. Com 17.414 visualizações e 288 curtidas, a Narrativa 2 também destaca a xenofobia e os ataques contra os venezuelanos que se encontravam na região fronteiriça brasileira, incluindo entrevistas dos migrantes venezuelanos e da população local.

Logo abaixo do campo da descrição do vídeo, chama a atenção a mensagem de que “Os comentários estão desativados”. Essa não parece ser uma prática comum do Canal DW Español, pois a maioria das notícias compartilhadas na plataforma tem a participação e a interação do público no espaço dos comentários. Contudo, nos termos de uso do Youtube, há uma explicação de que os

criadores de conteúdo podem optar pelo bloqueio dos comentários por diferentes razões. Uma das principais razões é a moderação do conteúdo e a gestão de comentários inadequados, como, por exemplo, os comportamentos ofensivos, compartilhamento de *spam*, disseminação de discurso de ódio e outras formas de interações negativas. Nesse sentido, tendo em conta o **título da vídeo-reportagem**, a DW Español provavelmente tenha bloqueado os comentários nessa postagem para evitar ataques entre os usuários em temas sensíveis como a **xenofobia**. Nesses casos, conforme o Youtube (2023)[143], os criadores de conteúdo podem preferir restringir a interação direta para evitar conflitos e manter o foco no conteúdo principal do vídeo.

NARRATIVA 2

"Pacaraima: la ciudad xenófoba"



[143] Disponível em: https://support.google.com/youtube/answer/9706180?hl=pt-BR. Acesso em: 10 fev. 2023.

1. **Yan Boechat (Jornalista DW):** Las bocinas, las luces y el ruido de los
2. coches en fila se transformaron en una señal de peligro para los venezolanos
3. que continúan en el lado brasileño de la frontera con Venezuela.
4. **Motorista (brasileiro)**: Exército traidor do Brasil. Fora! Fora! Esses
5. imigrantes ai!
6. **Yan Boechat (Jornalista DW):** Con ese lema comenzó la protesta del
7. sábado pasado de los habitantes de la pequeña ciudad de Pacaraima contra
8. los inmigrantes acampados aquí. Armados con palos y piedras los brasileños
9. expulsaron a cerca de 1200 venezolanos que vivían como indigentes en las
10. calles y plazas a la espera de una oportunidad de seguir hacia las áreas más
11. ricas del país.



12. [00:46] **Jorge Bello (Migrante venezolano):** Mis cuatro *filos* que yo tengo en
13. Venezuela, que yo me presto de mi servicio de Brasil. ¿Cómo yo le mando
14. comida a mi *filo* ahora? ¿Cuántos brasileros no van al pueblo AHH [incompreensível] al
15. país de nosotros, que el combustible es regalado y ellos lo mete *p'cá p'adentro*? Se ve
16. difícil mucho lo de Venezuela. ¡Sabiendo que Venezuela está en una crisis por
17. el suelo! ¡Porque está por el suelo! Entonces va a venir, va a venir el brasilero
18. a maltratar. Entonces si nosotros llegamos y cerramos nuestras fronteras
19. también y no pasa ni un brasilero para allá, ¡entonces nosotros somos mierda!,
20. ¡ahí sí somos *pilantras* y somos lo que somos!
    (...)
21. **Yan Boechat (Jornalista DW):** El ataque a los inmigrantes venezolanos
22. fue el punto culminante de una situación que se extiende desde hace más de
23. un año cuando la crisis de abastecimiento en Venezuela se volvió una tragedia
24. humanitaria. Desde 2017, unos 127 mil venezolanos cruzaron la frontera a
25. través de Pacaraima y aunque la mayoría de los inmigrantes ya se ha ido,
26. muchos optaron por quedarse. La ciudad está abarrotada y recibe escaso
27. apoyo del gobierno federal. El presunto robo a un vecino alimentó la ola de
28. xenofobia que recorre la ciudad y desató la ola de violencia.

Fonte: Canal DW Español no Youtube, 2018.[144]

[144] Registro que, nesta transcrição da vídeo-reportagem, os nomes dos jornalistas, repórteres, entrevistados, ou mesmo, informações técnicas do gênero midiático (como as legendas GC) foram transcritos como no original. A abreviatura GC (Gerador de Caracteres) corresponde à legenda que aparece embaixo da tela da televisão para falar sobre a notícia que está sendo comentada no momento. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nglgleVmRMk. Acesso em: 05 jun. 2020.

Adentrando a análise dessa transcrição da vídeo-reportagem, fica ainda mais evidente a gravidade da situação migratória poucos dias após o ataque “Bota Fogo!”. A inclusão do índice avaliativo “xenófoba” no título “Pacaraima: a cidade xenófoba” expressa uma avaliação negativa da cidade em relação às atitudes de aversão e hostilidade dos moradores locais com os migrantes e refugiados venezuelanos. Com o uso desse termo, o Portal DW Español está explicitamente criticando o preconceito e a discriminação contra os migrantes venezuelanos.

Essa atitude xenofóbica pode ser percebida na cena *performatizada* pelo motorista brasileiro que de dentro de um carro aponta para a câmera e grita para o repórter: *“Exército traidor do Brasil. Fora! Fora! Esses imigrantes aí!*” (linhas 4-5). Nesse enunciado, **um ato de fala ilocucionário**, o motorista expressa sua insatisfação e repúdio em relação ao exército e aos migrantes venezuelanos. Nesse contexto, ao usar a **predicação** “traidor do Brasil” para fazer **referência** ao “exército”, o motorista brasileiro parece estar avaliando negativamente a instituição por meio de uma **indexicalização** do trabalho da “Operação Acolhida”. Desde 2018, o Exército Brasileiro atua em diferentes atividades relacionadas ao acolhimento dos migrantes venezuelanos em Roraima, fornecendo suporte logístico, assistência humanitária e coordenação de outras ações da Operação Acolhida (BAENINGER et al., 2018). Nesse sentido, a atitude do motorista sugere que o trabalho do Exército na Operação Acolhida reflete uma **deslealdade** com os brasileiros, pois em sua percepção os recursos e a atenção estão sendo direcionados aos migrantes em detrimento das necessidades da população local. Além disso, o motorista brasileiro complementa sua *performance* por meio de uma **ordem** – repetindo a expressão “Fora!” duas vezes – para que os imigrantes venezuelanos sejam **expulsos** do país. Ao adotar essa postura agressiva e excludente, o motorista busca construir uma realidade social na qual o exército é rotulado como **traidor** e os migrantes venezuelanos são retratados como **indesejados**. Tais expressões linguísticas e o modo como o motorista brasileiro produz sua *performance* acionam indexicalmente elementos do discurso xenofóbico, ordenando a expulsão dos migrantes de crise com base em sua nacionalidade (ALBUQUERQUE Jr., 2016).

Na sequência narrativa, o narrador-jornalista Yan Boechat, usando o pronome demonstrativo anafórico “esse” no enunciado “Com **esse lema** começou o protesto do sábado passado dos moradores da pequena cidade de Pacaraima

contra os migrantes acampados **aqui**" ("*Con ese lema comenzó la protesta del sábado pasado de los habitantes de la pequeña ciudad de Pacaraima contra los inmigrantes acampados aquí*", linhas 6-8), **faz menção** ao discurso xenofóbico do motorista, e, ao mesmo, **recapitula** o ataque "Bota Fogo!" ocorrido no dia 18 de agosto de 2018, caracterizando-o a partir das atitudes dos manifestantes. Observo que o emprego do **advérbio de lugar** "aqui" e o **sotaque** do jornalista Yan Boechat (com traços que remetem ao acento espanhol) no vídeo são pistas indexicais que apontam para uma **escala espacial** e uma **escala social** (ou geográfica) em que o narrador se insere (BLOMMAERT, 2010). Como argumenta Blommaert (2010), o sotaque é uma marca linguística que revela a posição social e a origem dos falantes em uma determinada comunidade. O sotaque "espanhol" do narrador, nesse sentido, é uma pista indexical que aponta para sua escala social e geográfica. A **escala espacial** – expressa pelo advérbio de lugar "aqui" – posiciona Yan Boechat como uma testemunha dos eventos que acontecem no contexto local. E o seu sotaque o projeta em uma escala discursiva que vai **além do nível local**, indicando que ele fala como um correspondente internacional da DW Español. Essa posição de testemunha local e de correspondente jornalístico ao reportar os eventos, evidencia que Yan Boechat está representando não apenas sua perspectiva individual, mas também a perspectiva da DW Español como um meio de comunicação internacional.

Essas duas escalas corroboram o **posicionamento de denúncia** do narrador-jornalista em relação às atitudes hostis e xenófobas dos moradores locais. Tal posicionamento é evidenciado pelas escolhas lexicais de Yan Boechat ao retratar os **moradores brasileiros** como **pessoas violentas**, que utilizaram "paus e pedras" como armas (linha 8) para expulsar (linha 9) os **migrantes venezuelanos**, retratados como **pessoas marginalizadas**, descritas como "indigentes" (linha 10) vivendo nas ruas da cidade. Dessa forma, o jornalista transmite uma imagem de violência e marginalização enfrentada pelos migrantes venezuelanos nesse contexto.

De acordo com De Fina e Tseng (2017), as narrativas oferecem uma representação direta da experiência da migração e permitem que os migrantes expressem suas perspectivas êmicas, posicionando-se a si e aos outros no evento narrado. Na linha 12, Jorge Bello, identificado como um refugiado venezuelano da Narrativa 2, expressa sua indignação após os ataques dos brasileiros por meio de

duas perguntas retóricas: (i) Como é que eu mando **comida** para os meus filhos agora? (“*¿Cómo yo le mando comida a mi filo ahora?”*, linhas 13-14); (ii) Quantos brasileiros não vão à cidade AHH [incompreensível], ao nosso país, que o **combustível é de graça** e eles o trazem aqui para dentro? (“*¿Cuántos brasileros no van al pueblo AHH al país de nosotros, que el combustible es regalado y ellos lo mete p’cá p’adentro?”*, linhas 14-15).

Com a primeira pergunta, Jorge Bello se apresenta como uma vítima direta do ataque “Bota Fogo!” e reflete o posicionamento de alguém que enfrenta dificuldades para lidar com as consequências da expulsão do território brasileiro e da perda de seus pertences, possivelmente, queimados no sábado. Após perder sua **fonte de sustento** no Brasil, o advérbio “agora” projeta Jorge Bello em uma **escala temporal,** registrando sua **preocupação e indignação** enquanto pai que, neste momento, precisa encontrar uma solução para alimentar seus quatro filhos na Venezuela.

A segunda pergunta de Jorge Bello, por sua vez, fornece indícios a respeito das **dinâmicas transfronteiriças locais** e expressa um **ato de resistência** a partir do posicionamento agentivo do migrante venezuelano. Antes do ataque “Bota Fogo!” em 2018, já era comum o trânsito de pessoas e o entrelaçamento das economias brasileira e venezuelana entre os municípios de Pacaraima/RR e a cidade de Santa Elena de Uairén, localizada no estado de Bolívar, na Venezuela (LOPES, 2018). Conforme pesquisa de Lopes (2018), não existe posto de gasolina em Pacaraima e, por isso, os brasileiros dependem exclusivamente do combustível vendido a preço baixíssimo pelos venezuelanos em Santa Elena de Uairén – assim como os venezuelanos há bastante tempo dependem da compra de alimentos e outros insumos no lado brasileiro da fronteira. Nesse sentido, a segunda pergunta retórica de Jorge Bello mobiliza uma **escala translocal** para se referir a essa prática comercial comum entre os dois países anteriormente à intensificação do fluxo migratório venezuelano na região. Sendo assim, no discurso de Jorge Bello, há uma **comparação** sendo feita entre a situação dos migrantes venezuelanos e a percepção de como os brasileiros se beneficiam da crise na Venezuela.

Ao dizer “se chegarmos e fecharmos nossas fronteiras também e nenhum brasileiro passar por lá” (linhas 18-19), Jorge Bello está apresentando uma condição hipotética e sugerindo uma **inversão de papéis** em que os migrantes venezuelanos

tomam a ação de chegar e fechar as fronteiras, impedindo a entrada de brasileiros na Venezuela. No entanto, tal inversão implicaria, segundo Jorge, em serem avaliados negativamente como “merda” (linha 19) e “pilantras” (linha 20). Essa inversão de papéis sugerida pelo migrante venezuelano produz um **ato de resistência** (CAVALCANTI; BIZON, 2020). Pois, essa inversão destaca a recusa de Jorge em continuar sendo posicionado como um ser abjeto e trapaceiro, distanciando-se de uma posição de vitimização. Nesse contexto, o posicionamento de Jorge Bello é uma forma de reafirmar a agência e o poder de ação dos migrantes venezuelanos, mesmo diante das dificuldades enfrentadas.

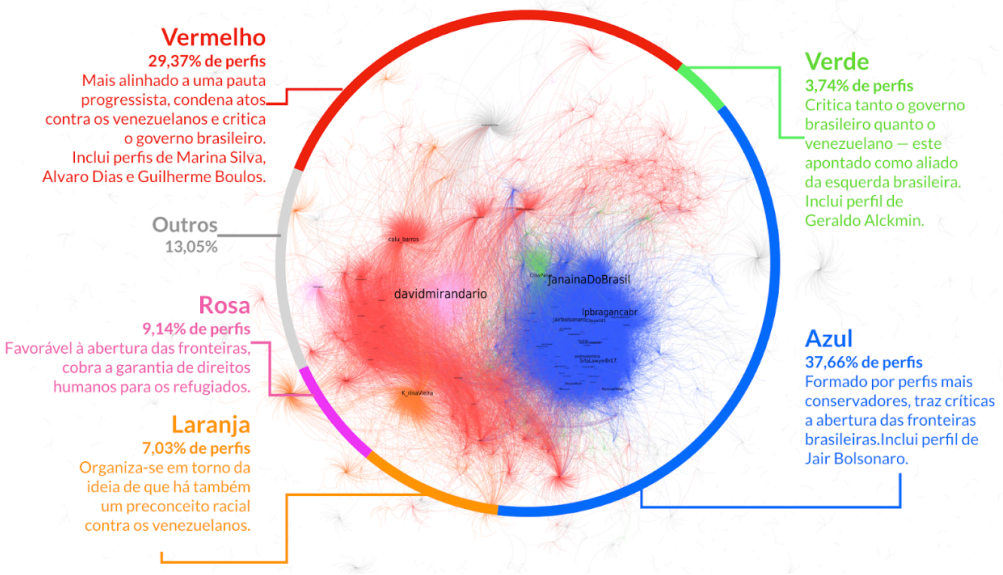
Nesta seção, examinei as trajetórias textuais do ataque “Bota Fogo!” nas plataformas digitais estrangeiras do TeleSur, Globovisión e DW Español. A seguir, focalizo a análise de algumas entextetualizações referente à publicação do relato de uma moradora de Pacaraima sobre o ataque “Bota Fogo!” e a situação migratória em Roraima.

4.5 Terceiro enquadramento: entextualizações do ataque “Bota Fogo!”

O ataque “Bota Fogo!”, na fronteira de Roraima entre brasileiros e venezuelanos, também desencadeou um **debate extremamente polarizado** sobre a **política migratória** no Brasil. Nas plataformas de mídias sociais, especialmente no Facebook e no Twitter, houve intensa discussão entre **apoiadores** e **críticos do acolhimento dos migrantes de crise**. Em meio a um contexto de Eleições presidenciais em 2018, o ataque aos acampamentos dos venezuelanos foi um dos temas mais debatidos no período, resultando em 234,5 mil publicações relacionadas à migração venezuelana em Roraima (FGV, 2018).

De acordo com um estudo realizado pela Sala da Democracia da Fundação Getúlio Vargas - FGV (2018), a análise das interações identificou a existência de diferentes grupos de perfis, sendo os dois principais e mais ativos o **grupo azul** (com perfis politicamente alinhados a partidos de direita) e o **grupo vermelho** (envolvendo perfis mais progressistas), como mostro na Figura 20:

Figura 20 - Mapa de interações sobre imigração venezuelana



Fonte: FGV DAPP, com coleta de amostragem de 50% dos tuítes sobre o assunto, no período de 16/08/2018 a 21/08/2018[145].

[145] Disponível em: https://observa2018.dapp.fgv.br/posts/conflitos-em-roraima-geram-debate-polarizado-e-acentuam-problemas-da-politica-migratoria/. Acesso em: 12 set. 2019.

O mapa revela que o grupo azul, composto predominantemente por 37,6% dos perfis, defende os brasileiros envolvidos no episódio de agressão em Pacaraima e **critica a abertura das fronteiras e a Lei de Migração**, sendo responsável por 58,8% das interações. Por outro lado, o grupo vermelho, formado por 29,3% dos perfis, de tendência progressista, condena a violência contra os imigrantes e enfatiza a **defesa dos direitos humanos**, respondendo por 25,3% das interações. Como aponta a pesquisa da Sala da Democracia (FGV, 2018), os candidatos presidenciais na época, como Jair Bolsonaro, Guilherme Boulos, Marina Silva, Alvaro Dias e Geraldo Alckmin, também tiveram influência nesse debate nas redes sociais. Vale ressaltar que essas informações são baseadas em um período restrito de tempo (de 16 a 21 de agosto de 2018) e que analisou as interações relacionadas ao conflito em Pacaraima apenas na plataforma do Twitter, mas fornece um panorama para entender o crescendo da polarização política e sua relação com a pauta migratória do Sul Global.

Nesse período, como mostrei no capítulo 2 (Figura 5), entre as notícias com maior engajamento nas mídias sociais, incluindo Twitter e Facebook, destaca-se o relato de uma moradora de Roraima intitulado: **“Uma brasileira de Roraima diz a verdade que a imprensa aética e sem noção esconde”**, que, de acordo com a Agência Lupa (2018) recebeu cerca de 89 mil interações no Facebook até o dia 27 de agosto de 2018. Nesta seção, meu foco se volta para as entextualizações do ataque “Bota Fogo!”, acompanhando a trajetória textual desse relato da moradora roraimense a partir de sua publicação no Facebook. Para tanto, mobilizo o conceito de entextualização proposto por Bauman e Briggs (2006) para analisar como o evento foi compartilhado e reinterpretado nas plataformas de mídias sociais, partindo da análise das seguintes narrativas online:

- **Narrativa 1** - *Post* com o relato da moradora de Pacaraima sobre a situação dos venezuelanos na cidade;
- **Narrativa 2 -** Entextualização do relato na Página do Jornal da Cidade Online no Facebook com o título: “Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde”;
- **Narrativa 3 -** Publicação do relato como notícia no site do Jornal da Cidade Online;

- **Narrativa 4 -** Texto com *fact-checking* "#Verificamos: Textos e imagens sobre a crise migratória em Roraima misturam dados certos e errados", publicado no site da da Agência Lupa.

4.5.1 O Relato que viralizou: "Como me enoja ver gente de outros estados cobrando de nós roraimenses a caridade que (...) jorramos em cima dos venezuelanos que fugiram do Socialismo"

A notícia do ataque xenofóbico "Bota Fogo!" circulou rapidamente em diferentes mídias e plataformas digitais, no Brasil e no mundo, percorrendo diferentes trajetórias textuais. Em reação ao evento, um dia depois, em 19 de agosto de 2018, uma usuária[146] do Facebook fez uma publicação compartilhando seu posicionamento sobre a presença dos migrantes venezuelanos em Roraima. No relato, a moradora descreve o suposto favorecimento dos migrantes e os problemas que eles têm causado na região. A narrativa acabou viralizando e sua postagem obteve 28 mil reações de apoio (cerca de 22 mil curtidas, uso de 3,1 mil emojis expressando "tristeza" e 2,9 mil de "amei"), 65 comentários e 29 mil compartilhamentos.

Como a narrativa de Lígia tem muitas linhas e conteúdos variados, não exploro todos os temas expressos pela narradora. Entretanto, focalizo na análise alguns elementos da estrutura narrativa laboviana para observar, especialmente, como Lígia, empregando pistas indexicais e estratégias retóricas, se expressa ao se posicionar e posicionar os moradores brasileiros e os migrantes venezuelanos no momento de narrar sua experiência em relação ao ataque em Pacaraima e à situação migratória em Roraima.

[146] Optei por não divulgar o perfil da autora do relato, apesar de ela ter feito a publicação em seu *feed* no Facebook com o modo de visualização "público" ativado. Seu texto, amplamente divulgado em diferentes mídias sociais, foi compartilhado integralmente na página do Jornal da Cidade Online. Troquei seu nome original por Lígia, e os comentadores de sua rede de contatos também tiveram os nomes alterados.

NARRATIVA 1

“Como me enoja ver gente de outros estados cobrando de nós roraimenses a caridade que por três anos jorramos em cima dos venezuelanos que fugiram do Socialismo”



Como me enoja ver gente de outros estados cobrando de nós roraimenses a caridade que por três anos jorramos em cima dos venezuelanos que fugiram do Socialismo.
Quando alguém de fora de Roraima nos chamar de xenófobos, vamos lembrar que semana passada venezuelanos mataram um homem à pauladas para roubar os tênis dele e também venezuelanos montaram uma emboscada para matar um senhor, roubar seu carro e vender as peças na Guyana.
Quando disserem que somos cruéis vamos lembrar que três semanas atrás venezuelanos agrediram as ÚNICAS médicas plantonistas da única maternidade de Boa Vista, fazendo assim com que elas saíssem assustadas para fazer um B.O e resultando em bebês mortos no ventre de suas mães.
Quando disserem que somos desumanos vamos lembrar das vezes que as marmitas entregues em TODOS os abrigos, muitas vezes, foram parar no lixo porque os venezuelanos diziam que frango e peixe eram comida pra cachorro, eles queriam carne vermelha. Cavalo dado não se olha os dentes? Esse ditado só existe pra gente.
Quando nos chamarem de covardes vamos lembrar que no HGR nós não temos preferência e que se eu estiver grávida e chegar num posto da prefeitura só vou conseguir uma consulta pra dali uns dois meses, ao passo que a venezuelana que atravessou a fronteira com um filho doente em cada braço e mais um na barriga consegue uma consulta pro outro dia. Ainda falando em grávidas venezuelanas, vamos lembrar que 40% dos partos na maternidade são de bebês filhos de imigrantes.
Quando disserem que somos bárbaros vamos nos recordar do casal de idosos que foi morto à pauladas (impressionante como eles adoram matar roraimense à paulada) por um casal de venezuelanos que tinham conseguido emprego de caseiros no sítio do casal, lembremos do senhor de Mucajaí, seu Japão, que numa festa da cidade foi também foi morto à pauladas por um venezuelano, o que foi a gota d'água para os moradores de lá, que fizeram a mesma coisa que os moradores de Pacaraima.
Quando nos chamarem de egoístas vamos lembrar que há duas semanas atrás um moleque venezuelano de 17 anos matriculado em escola estadual, tendo moradia, família e recebendo auxílio do governo, resolveu entrar em uma facção criminosa que atua no país todo e foi morto e decapitado por uma facção rival que também atua no país todo. Vamos lembrar dos venezuelanos que bateram num militar do EB porque este disse que eles não poderiam entrar bêbados no abrigo e o que fizeram? Tiraram o militar de lá, colocaram outro e deixaram os venezuelanos bêbados entrarem.
Quando falarem que somos insensíveis vamos lembrar dos moradores do bairro Caimbé que vendem suas casas à preço de banana, pois o bairro inteiro virou ponto de prostituição das “oitchenta”, venda de drogas e está entregue aos arrombamentos. Meninas de 15/16 anos saem para comprar pão e são assediadas por quem passa por lá e acha que elas são prostitutas ou que entregam drogas. Já pensou você sequer poder pintar seu muro, pois de noite ele já vai tá pichado com o preço dos programas, que aliás, subiu, não é mais 80; é 100.
Quando falarem que somos irracionais vamos lembrar da dona do restaurante da Ataúde

Teive que oferecendo água e comida para dois venezuelanos que apareceram chorando na porta dela quase foi morta à pauladas por eles (adoram bater na gente usando pau, impressionante). Eu mudo de nome se aparecer alguma mulher que já foi assediada por um haitiano ou por um guyanense, e também mudo de nome se não aparecer uma roraimense que já não ouviu “gostôsssa” “delíssia” “chupa mi verga mi amor” de algum venezuelano na rua. Aliás, quem é de fora não tem a pífia noção do respeito que temos pelos haitianos e eles por nós.

Nós nem sabíamos mais o que era sarampo e, nossos muros passaram a ser adesivados com “esta casa está imunizada” para que agentes de endemias que passassem soubessem que todos ali já foram vacinados. Sem mencionar as vezes que os agentes de saúde do bairro pediam 'por favor' para nós vacinarmos. Eu me senti no Antigo Egito com o sangue do cordeiro no batente da minha porta para espantar o Anjo da Morte na hora que vi aquele adesivo no muro da casa da minha mãe. Mas eu não estava no Antigo Egito, estava num estado com 500 mil habitantes que por conta da imigração desenfreada viu em 2018 sua população atingir o número de habitantes esperado para 2040. Eu estava num estado onde vi o número de furtos, roubos, assassinatos e estupros subir de um jeito a ponto de eu deixar de amar um pouco a terra onde nasceram meus ancestrais maternos. Eu tenho medo de morar em Roraima, eu tenho medo de sair de casa depois das 21:00 ainda que seja pra ir a duas esquinas de casa comprar espetinho com farofa.

Não nos importemos com a opinião de quem não sabe nada de nós ou dos males da imigração sem freios, deixem que os grandes jornais com jornalistas safados redigindo matérias mentirosas digam que somos ímpios, enquanto eles não têm coragem de dizer que é o Socialismo de Chavez e Maduro apoiado pelo preso que eles querem como presidente que trouxe isso aos venezuelanos, e agora, os males disso aterrorizam até a nós.

Nós sabemos o que é ter um terreno invadido enquanto um socialista membro de ONG ensina os venezuelanos a dizerem ao dono do terreno que só sairão de lá com mandado.

Nós sabemos o que é passar a noite inteira com dor e não ir ao HGR por medo da meningite bacteriana que isolou áreas inteiras.

Nós conhecemos a impotência em vermos venezuelanos criando associação para lutar pelos seus direitos no Brasil (?) enquanto a nós, aparentemente, nos resta o medo. Nós sabemos que o número de venezuelanos é tão grande, mas tão grande que, se eles pudessem votar e algum candidato fizesse campanha SÓ para eles, ele seria eleito e entre os primeiros.

Roraima foi povoado por gente que viu no nosso pedaço de chão uma esperança para um futuro que não existia mais em sua terra natal. Roraima SEMPRE abrigou quem veio TRABALHAR ainda que não tivesse onde dormir no fim do dia. Nunca iríamos negar aos venezuelanos as oportunidades que demos aos haitianos e os brasileiros de outros estados. Meu pai saiu de São Paulo e em 1981 chegou em Roraima, casou com uma Makuxi e foi pai de duas índias.

Roraima tem mais gente de fora que do próprio estado, com que direito esses apedeutas dizem que somos xenófobos se somos filhos de imigrantes que desbravaram essa terra quando tudo era só mato? Sempre acolhemos todo mundo. E por TRÊS ANOS, TRÊS LONGOS ANOS ajudamos do jeito que podíamos. Há um ditado que diz que toda caridade deve ser anônima, do contrário, é vaidade. E nada do que fizemos por eles foi por vaidade, sempre fomos um povo generoso, sempre acolhemos quem veio sem nada, sozinho, assustado. A nobreza em se pôr no lugar do venezuelano, que tanto nos cobram, nós já tivemos antes mesmo das pessoas que nos xingam conseguirem apontar Roraima no mapa do Brasil.

Não se preocupem em explicar porque não ajudamos, quando nós sabemos que ajudamos até demais, além das nossas forças. Eu lembro de matéria da TV Roraima de

uma senhora no Paraviana que abrigou venezuelanos dentro de casa e o marido a chamou de louca. Também lembro que Pacaraima não tinha um homicídio há três anos e numa tarde teve dois assassinatos em plena luz do dia no meio do comércio. Quem nos julga não sabe que venezuelanos em massa já conhecem audiência de custódia, já falam que somos nós que temos que aprender espanhol e não eles o Português, e não é que estavam certos? Afinal, no edital PCRR estão pedindo espanhol para os candidatos que querem ser policiais.

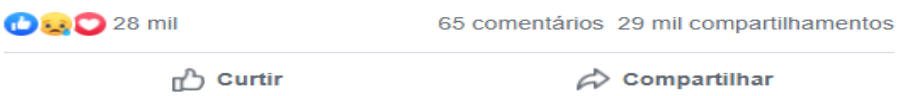
Todo roraimense já sustentou a frase “mas nem todos” e todo roraimense sabe que isso não se aplica mais ao que vivemos. Já se foi o tempo que podíamos separar o ruim, doente e ilegal daqueles poucos que vieram trabalhar. E que diga-se de passagem nem estão mais em Roraima. São Paulo, Mato Grosso e Rio de Janeiro já receberam venezuelanos com nível superior, solteiros, sem filhos, sem passagens pela polícia, com cartão de vacina em dia e passaporte em mãos. O que sobrou para nós? Os doentes, os que furtam, roubam, assediam, entram no crime e, ainda há os que defendem Chavez.

Eu não vi brasileiros xenófobos em Pacaraima, eu vi pessoas cansadas, com medo, abandonadas pelo Governo Federal enquanto assistem a construção de mais um abrigo no estado ao passo que comerciantes de lá tem que dormir nos seus mercados para impedir que estes sejam arrombados.

Não demos explicações a ninguém. Ninguém sabe quantos roraimenses estão neste momento com medo, ou mutilados, ou internados depois de espancamento, ou quantos estão de LUTO por causa da imigração.

Quem é de fora e nós critica não têm envergadura moral para falar nada, nem a mais rasa e respeitosa crítica, pois nenhuma dessas pessoas teve culhão ou grelo duro (como dizem as feministas apoiadores do Lula) para apontar o nome do sistema que levou os venezuelanos à ruína ou se fez de cego e surdo quando começamos a dizer que vivíamos à beira de uma tragédia anunciada.

Nós não devemos explicações a quem fechou os olhos para os nossos males e só os abriu agora que estamos cansados. A essa gente que nos critica, mas não tece(u) nenhum comentário sobre Chavez, Maduro ou o Socialismo covarde que destruiu o país vizinho nos limitemos a dizer “vão à merda”.



Fonte: Perfil da usuária no Facebook, 2018[147].

Narrativas online como a desse relato, publicado no Facebook, são uma maneira “de compartilhar e dar sentido às experiências do passado recente ou remoto, e de contar eventos importantes, emocionais ou traumáticos e as minúcias da vida cotidiana” (DE FINA; TSENG, 2017, p. 381). Por isso mesmo, narrativas constituem-se como práticas essenciais para a compreensão de como identidades

[147] Relato publicado em 19 de agosto de 2018 no perfil da usuária no Facebook. Acesso em: 30 set. 2019.

individuais e coletivas são construídas e acionadas para indexar identificações sociais e modos de ser. É importante acrescentar, como argumenta Wortham (2001), que as narrativas geralmente são coerentes apenas com referência à conversa anterior e à subsequente, isto é, a compreensão de seu significado é maior que a própria narrativa. Por isso, analiso o discurso narrativo desse relato observando especificamente três camadas ou níveis do posicionamento interacional: (1) aquela que se refere e caracteriza objetos narrados; (2) aquela que indexa as vozes de pessoas e grupos que são representados; e (3) aquela que estabelece uma posição social para a própria narradora do relato (BAMBERG, 1997; WORTHAM, 2001; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008).

Na primeira camada da narrativa, é possível perceber que a narradora está indexicalizando o **ataque "Bota Fogo!"** e a **situação migratória venezuelana** quando referencia e localiza as ações dos migrantes em uma **trajetória espaço-temporal** expressa por meio dos marcadores "fora de Roraima" e "semana passada", no trecho "Quando alguém de **fora de Roraima** nos chamar de xenófobos, vamos lembrar que **semana passada** venezuelanos mataram um homem à pauladas para roubar os tênis dele" (linhas 3-4); e "três semanas atrás" e "Boa Vista", no trecho "Quando disserem que somos cruéis vamos lembrar que **três semanas atrás** venezuelanos agrediram as ÚNICAS médicas plantonistas da única maternidade de **Boa Vista**" (linhas 7-8), os quais referenciam e localizam geograficamente o evento narrado nesse interstício de tempo (BLOMMAERT, 2010). Além disso, o Facebook registra sua postagem no dia **19 de agosto de 2018**, um dia após atearem fogo ao alojamento dos venezuelanos em Pacaraima, ou seja, esses marcadores espaço-temporais são indícios de que o relato da narradora é uma resposta direta ao ocorrido.

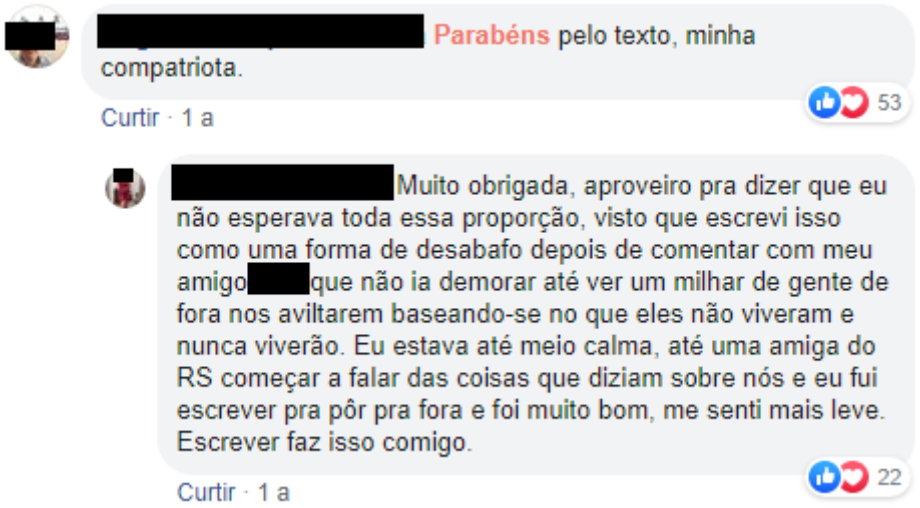
Note-se que a narradora também está **entextualizando** o ataque, porque, em uma segunda camada de análise narrativa, a moradora acionada pistas de **referência** para indexar as vozes das pessoas por ela representadas, a saber: (i) "as pessoas de outros estados" ("Como me enoja ver **gente de outros estados**, linha 1, e "Quando **alguém de fora de Roraima**", linha 3); (ii) "os venezuelanos" ("a caridade que por três anos jorramos em cima **dos venezuelanos**", linha 2; "semana passada **venezuelanos** mataram um homem (...) e também **venezuelanos** montaram uma emboscada", linhas 4-5); "que três semanas atrás **venezuelanos**

agrediram as ÚNICAS médicas plantonistas", linha 8; "Ainda falando em **grávidas venezuelanas**, (...) 40% dos partos na maternidade são de **bebês filhos de imigrantes"** (linhas 19-20); "Quem nos julga não sabe que **venezuelanos** em massa já conhecem audiência de custódia", linha 97); e (iii) "os roraimenses", grupo em que ela se inclui ao utilizar a primeira pessoa do plural ("cobrando de **nós roraimenses** a caridade"; "**nos** chamar de xenófobos", linhas 1-3); "Quando **disserem** que **somos** cruéis vamos lembrar", linha 7); Quando falarem que **somos** insensíveis, linha 34; "**Nós** nem **sabíamos** mais o que era sarampo", linha 49; "Mas **eu não estava** no Antigo Egito, estava num estado com 500 mil habitantes (...). **Eu estava** num estado onde vi o número de furtos (...)", linha 55; "já falam que **somos nós** que **temos** que aprender espanhol e não eles o Português", linha 98); "**Todo roraimense** já sustentou a frase "mas nem todos" e **todo roraimense** sabe que isso não se aplica mais ao que **vivemos**", linha 101).

Em relação à terceira camada, observo os papéis sociais e os posicionamentos que a narradora assume no evento narrado e no evento narrativo. Logo no início da narrativa em "Como me enoja ver gente de outros estados cobrando de nós roraimenses a caridade que por três anos jorramos em cima dos venezuelanos" (linhas 1-2), é possível identificar algumas pistas indexicais que sinalizam seu **autoposicionamento** e o **posicionamento do Outro**.

Vale comentar que, na expressão "Como **me enoja**", o uso do pronome "me" indica que a narradora está expressando uma emoção pessoal, sinalizando seu **posicionamento de desprezo** em relação ao que está sendo dito sobre os roraimenses. No trecho "cobrando de **nós roraimenses** a caridade", o pronome "nós" contribui para indicar que Lígia se posiciona como parte do grupo dos roraimenses, identificando-se com essa coletividade local e, por isso, tem autoridade para criticar a "cobrança" de "gente de outros estados" que está demandando algo dos roraimenses, no caso, a "caridade". Essa construção sugere uma posição de descontentamento ou resistência da narradora em relação à expectativa de ajuda vinda de pessoas que desconhecem o contexto local. Com esse posicionamento, fica evidente que Lígia tem um claro objetivo ao compartilhar seu relato: responder às pessoas de fora de Roraima sobre o modo como os **moradores de Pacaraima** estavam sendo **retratados como xenófobos** nas mídias sociais após o ataque

“Bota Fogo!”. O objetivo da narradora se confirma ao observar sua interação com outros usuários no espaço dos comentários de seu perfil no Facebook:



Nessa *performance,* Lígia se projeta do evento narrado (do relato) para o evento narrativo (interação no espaço dos comentários) fazendo uso de uma **pista indexical de protagonização do interlocutor** (BIZON, 2013). Assim, a narradora inclui em seu relato a participação de um interlocutor privilegiado, atribuindo-lhe um papel de personagem. Nessa cena, o interlocutor parabeniza a narradora pela publicação do relato e refere-se a ela por meio do vocativo **compatriota**, demonstrando alinhamento ao conteúdo narrado por Lígia. Parece razoável afirmar que a narradora emprega a **protagonização do interlocutor** como um recurso para aproximar o interlocutor de seus posicionamentos e dar continuidade à sua narrativa de forma co-construída com sua audiência.

Como se observa na linha 6 do comentário, Lígia explicita sua motivação para escrever o relato após o ataque “Bota Fogo!”, narrando: “Eu estava até meio calma, **até uma amiga do RS** começar a falar das coisas que diziam **sobre nós** (...)”. Assim, é possível constatar que a moradora começa a narrativa em tom de **desabafo,** dirigindo-se a uma audiência específica – **às pessoas de outros estados que cobram empatia pelos venezuelanos** – e, ao projetar-se do evento narrado para o evento narrativo, caracteriza o contexto interacional fora da narrativa,

citando os sucessivos eventos envolvendo a situação da migração em Roraima. Neste prelúdio, Lígia parece *performatizar* dois papéis: **narradora** e **porta-voz de um grupo social** (“os moradores roraimenses”), ao mesmo tempo em que, socialmente, **referencia** e **avalia** seu referente, isto é, migrantes e refugiados venezuelanos.

Diferentes **índices avaliativos** são acionados na fala da narradora para fazer referência aos roraimenses e aos venezuelanos, predicando-os no caminho. Ao longo de seu relato, Lígia mobiliza **pistas indexicais de paralelismo enfático**, combinando de forma intercalada o pronome “quando” com “verbos no futuro do subjuntivo” e “índices de predicação”. Por meio dessa estrutura de paralelismo, as expressões indexicais nos enunciados “Quando alguém de fora de Roraima nos chamar de **xenófobos**” (linha 4); e “Quando disserem que somos **cruéis**” (linha 8); “Quando disserem que somos **desumanos**” (linha 12), são utilizadas **ironicamente** pela narradora para referenciar **situações hipotéticas** em que pessoas desconhecidas fazem afirmações negativas sobre os **moradores roraimenses**, enfatizando, segundo Lígia, estereótipos e preconceitos descabidos. O uso dessa pista indexical indica que a narradora busca construir uma imagem diferente daquela que lhes foi atribuída nas mídias sociais após o ataque, procurando distanciar-se dessas avaliações negativas.

Com esse movimento discursivo, evidencia-se o **ponto** da narrativa de Lígia: isentar os moradores brasileiros da responsabilidade de atear fogo ao acampamento dos venezuelanos. Isso porque, segundo sua perspectiva, os migrantes venezuelanos teriam praticado uma série de ações muito mais violentas que justificaria a prática do ato xenofóbico. As **ações violentas dos venezuelanos** são também enfatizadas pela narradora por **paralelismos enfáticos**, nestes casos, construídos por meio de expressões verbais repetidas ou semelhantes, como, por exemplo, no uso da locução verbal “vamos lembrar” (“**vamos lembrar** que semana passada **venezuelanos mataram** um homem à pauladas para roubar os tênis”, linhas 3-4); (“**vamos lembrar** que três semanas atrás **venezuelanos agrediram** as ÚNICAS médicas (...) da maternidade de Boa Vista”, linhas 7-8); ou no uso da locução verbal “vamos nos recordar” (“vamos nos recordar do casal de idosos que **foi morto (...) por um casal de venezuelanos**”, linhas 21-24). Nos exemplos citados, o paralelismo enfático é utilizado por Lígia para ressaltar a gravidade desses

incidentes. A repetição dessas estruturas verbais cria uma ênfase adicional, fortalecendo a percepção negativa sobre os venezuelanos, ao sugerir que suas **ações violentas são recorrentes e precisam ser lembradas**. Dessa forma, a presença dessa pista indexicalizadora enfatiza a construção de uma narrativa que atribui aos venezuelanos um comportamento violento, desencadeando, dessa maneira, uma possível justificativa implícita para a concretização do ataque xenofóbico cometido pelos moradores brasileiros na fronteira. Em suma, através da repetição de expressões verbais relacionadas a atos violentos, a narradora reforça a ideia de que **os venezuelanos são uma ameaça** e amplifica a percepção negativa sobre eles em seu relato.

Nesses exemplos, noto que o uso do verbo **"lembrar"**, presente nas pistas indexicais de paralelismo, aponta para **recapitulações** de episódios anteriores ao evento "Bota Fogo!". Parece que Lígia, ao recordar essas experiências e organizar uma memória desses acontecimentos, está implicitamente justificando que o ataque não foi aleatório, mas resultado de sucessivos atos violentos por parte dos migrantes venezuelanos. Nesse sentido, acredito que a fala da moradora é marcada por uma **contradição** entre os argumentos que usa para justificar que os roraimenses não são xenófobos e as diversas ações que escolhe para descrever o comportamento violento/criminoso dos migrantes venezuelanos em Roraima.

Além dessas ações destacadas por Lígia, outras pistas indexicais são mobilizadas no relato e contribuem para evidenciar uma percepção negativa dos venezuelanos e da situação migratória na fronteira. No fragmento "as **marmitas** entregues em **TODOS os abrigos**, muitas vezes, foram parar **no lixo** porque os venezuelanos diziam que frango e peixe eram comida pra cachorro, eles queriam carne vermelha" (linhas 11-14), identifca-se uma **absolutização estratégica** expressa por meio do pronome indefinido escrito em letras maiúsculas "TODOS" e o índice lexical "os abrigos". Ao fazer uso dessa absolutização, a narradora sugere que **todas as marmitas** entregues em **todos os abrigos** foram **desperdiçadas por todos os venezuelanos** e, implicitamente, indexicaliza uma das ações da **Operação Acolhida** e de algumas **ONGs** na região. Conforme a pesquisa de Simões e Rocha (2018) sobre os processos de governança da crise migratória em Roraima, a operação do Governo Federal atua no ordenamento da fronteira, na interiorização dos migrantes, mas também no abrigamento dos venezuelanos em

instalações provisórias. Simões e Rocha (2018) também destacam as ações da sociedade civil e dos agentes religiosos em diferentes frentes em resposta à emergência da crise humanitária, incluindo o fornecimento de “comida, moradia (quando possível) e materiais de primeira necessidade” (SIMÕES; ROCHA, 2018). Por outro lado, quando Lígia afirma que os venezuelanos rejeitavam certos alimentos considerados adequados para cães, exigindo carne vermelha, sua generalização contribui para reforçar uma narrativa negativa sobre os venezuelanos, retratando-os como migrantes de crise ingratos, exigentes e insensíveis às ofertas de ajuda e assistência em Roraima.

Ao avançar na análise, chama a atenção os índices indexicais apontando para um **discurso de disseminação da doenças**, mobilizados por Lígia e destacados no seguinte enunciado: “Nós nem sabíamos mais o que era **sarampo** e, nossos **muros passaram a ser adesivados** com “**esta casa está imunizada**” para que **agentes de endemias** que passassem soubessem que todos ali já foram **vacinados**” (linhas 49-51). Nesse contexto, a fala da narradora aciona uma **pista indexical de referência** para indicar o ressurgimento do sarampo no país. Com isso, ela sugere que antes da chegada dos venezuelanos, os roraimenses (“nós nem sabíamos mais”, linha 50) não tinham conhecimento ou preocupação com o sarampo. Ao mencionar que seus muros são adesivados com a frase “esta casa está imunizada”, Lígia assume uma posição de distanciamento e segregação em relação aos venezuelanos.

Dessa maneira, seu posicionamento contribui para fixar a ideia de que os migrantes são a causa da propagação da doença, ao informar que os brasileiros já estão vacinados e imunizados, ao contrário dos venezuelanos. Um posicionamento de preconceito e estigmatização em relação aos venezuelanos, que os associa diretamente ao sarampo e, mais uma vez, estabelece uma diferenciação entre o “nós” (brasileiros) e o “eles” (venezuelanos). Segundo Albuquerque Jr. (2016), no discurso xenofóbico, é comum a manifestação de elementos como o “medo do contato, da contaminação, da degenerescência, do adoecimento e da morte, (...) devido à presença de estrangeiros (...), frequentando os mesmos espaços dos nacionais” (ALBUQUERQUE JR., 2016, p. 71). Portanto, a xenofobia se manifesta no discurso da narradora por meio da associação negativa entre a chegada dos venezuelanos e o ressurgimento do sarampo, além da adoção de medidas

discriminatórias, como a exibição do adesivo de imunização nas casas, para distinguir os brasileiros dos migrantes de crise.

O trecho acima e o relato como um todo sinalizam a percepção que a narradora tem do "território nacional" como foco de contaminação após a chegada dos **venezuelanos**, posicionando-os como **portadores de doenças**. Com o argumento de reduzir os efeitos negativos da migração venezuelana, o discurso da moradora é também incorporado e institucionalizado na narrativa construída pelo governo de Roraima, sendo **entextualizado** no pedido de **Ação Civil Originária.** A Governadora do estado e candidata à reeleição na época fez uso dessa ação institucional, em diferentes momentos, para solicitar ao Governo Federal o **fechamento da fronteira com a Venezuela** e a **instalação de uma barreira sanitária.** De acordo com Suely Campos, tratava-se de uma medida de natureza preventiva e de controle, cujo objetivo seria evitar a exposição dos moradores de Roraima e dos venezuelanos "a uma potencial epidemia de sarampo, à malária, tripanossomíase, febre amarela, oncocercose, hanseníase, leishmaniose, doenças venéreas, tuberculose e hepatites", na fronteira de Pacaraima (RORAIMA, ACO 3121, 2018, p. 2).

No seguinte fragmento do relato "Quem nos julga não sabe que **venezuelanos em massa** já conhecem audiência de custódia, já falam que somos nós que **temos que aprender espanhol** e **não eles o Português**, e não é que estavam certos?" (linhas 96-100), Lígia mobiliza uma **ordem de indexicalidade** que remete a **ideologias linguísticas monolíngues e monoculturais** (PIRES SANTOS, 2014; SILVA; PIRES SANTOS; JUNG, 2016; CAVALCANTI, 2019). A **hipérbole** presente em "venezuelanos **em massa**", na primeira parte do enunciado, confere à narrativa de Lígia um tom dramático e indicia seu temor em relação à quantidade expressiva de venezuelanos que está familiarizada com as práticas jurídicas brasileiras. A preocupação da moradora indexicaliza discursos que circularam intensivamente na campanha dos candidatos bolsonaristas em 2018 por meio da disseminação de conteúdos alarmantes e ameaças iminentes, incluindo a tematização do perigo do comunismo e de uma venezuelização do Brasil (CESARINO, 2018). Nesse período, por exemplo, Mina e Lima (2018) informam vários vídeos foram compartilhados nas mídias sociais com o título de **Roraizuela**, "uma menção à junção dos nomes Roraima e Venezuela, dando a conotação de que

há um novo local devido ao grande número de venezuelanos em território brasileiro" (MINA; LIMA, 2018, p. 337).

O temor de que o "Brasil se torne uma Venezuela" se materializa de forma mais expressiva quando a narradora aciona uma **modalização deôntica** a partir do do enunciado "somos nós que **temos que aprender** espanhol e não eles o Português" (linha 98) (BRONCKART, 2007). Nesse caso, a modalização deôntica é utilizada por Lígia para expressar um sentimento de obrigação em relação ao aprendizado da língua do Outro. Assim, a narradora categoriza hierarquicamente dois grupos: (i) "nós", referindo-se ao grupo dos brasileiros a qual ela se inclui, que deveria obrigatoriamente aprender espanhol; enquanto o "eles", o grupo dos migrantes venezuelanos e falantes de espanhol, não seriam obrigados a aprender o português. Em resumo, a modalização deôntica presente no enunciado indica uma perspectiva de dever ou obrigação em relação ao aprendizado do espanhol por parte dos roraimenses. Nesse movimento, a narradora evidencia a **ordem de indexicalidade** (nós e eles) ao hierarquizar sentidos e valores em relação ao uso da língua dos brasileiros (Português, escrito em letra maiúscula) e da língua dos migrantes venezuelanos (espanhol).

A moradora sinaliza um temor ou ressentimento em ter que aprender "obrigatoriamente" a língua dos estrangeiros e não o contrário, entextualizando, assim, discursos de integração ou assimilação linguístico-cultural. Nesse tipo de discurso, há sempre uma expectativa de que os migrantes se adaptem às normas culturais e linguísticas do país de chegada. E, sendo assim, a ordem de indexicalidade presente no posicionamento de Lígia reflete uma ideologia linguística monolíngue e monocultural que, geralmente, é incorporada em discursos oficiais ou em discursos nacionalistas excludentes como um mecanismo de controle da cidadania (PIRES SANTOS, 2014; SILVA; PIRES SANTOS; JUNG, 2016). E não só essas ideologias, pois, implicitamente, a narrativa de Lígia indicia que, em cenários multilíngues envolvendo grupos minoritarizados (ou naturalizados como minoritários), como mostram as pesquisas de Pires Santos (2014) e Cavalcanti (2019), é recorrente o aparecimento de "ideologias hegemônicas de língua(gem) relacionadas à política/cidadania/diversidade/marginalidade/racialização" (CAVALCANTI, 2019, p. 2).

Destaco que, ao longo da narrativa, Lígia expressa seu posicionamento sobre os migrantes de crise categorizando-os em dois grupos diferentes: (i) os venezuelanos que foram interiorizados para outros estados brasileiros: São Paulo, Mato Grosso e Rio de Janeiro; e (ii) os venezuelanos que permaneceram em Roraima. No **primeiro grupo**, a narradora inclui os migrantes venezuelanos "com nível superior, solteiros, sem filhos, sem passagens pela polícia, com cartão de vacina em dia e passaporte em mãos", linhas 104-106. E, no **segundo grupo**, Lígia inclui os migrantes que "sobraram" em Roraima ("O que sobrou para nós?", linha 106), ou seja, "Os doentes, os que furtam, roubam, assediam, entram no crime e, ainda há os que defendem Chávez" (linhas 106-107).

Dessa modo, é perceptível que a narradora classifica os migrantes do primeiro grupo a partir de uma série de **atributos positivos**, deixando transparecer que os venezuelanos que foram interiorizados seriam bem-vindos em Roraima se correspondessem a um **tipo ideal ou desejável de migrante:** aqueles com boa escolarização, sem família, sem filhos, honestos, saudáveis e documentados. Em contraposição, Lígia mobiliza uma sequência de verbos que indicam atividades criminosas e ilegais para descrever as ações do grupo que "sobrou" na região. O segundo grupo, portanto, é descrito indexicalmente pela narradora como um **tipo indesejável de migrantes**, classificando-os como **tipos sociais marginais**: aqueles que são portadores de doenças, ladrões, assediadores, criminosos e chavistas. Esses posicionamentos da narradora ratificam a ideia de que, em tempos de estabilidade política e econômica, migrantes e refugiados podem não ser um problema ou até mesmo serem desejados enquanto elemento "potencialmente produtivo", mas, em tempos de crise, se transformam em objeto de rejeição e raiva e potenciais alvos de xenofobia e racialização (BIZON; CAMARGO, 2018; CAVALCANTI; BIZON, 2020).

Ao longo do relato, por meio da análise de diferentes de pistas indexicais foi possível identificar como Lígia se posicionou em resposta ao ataque "Bota Fogo!" e à situação migratória em Roraima, expressando-se principalmente por meio de posicionamentos xenofóbicos em relação aos migrantes e refugiados venezuelanos que vivem na fronteira de Pacaraima. Ao analisar a entextualização desses diferentes elementos do discurso xenofóbico, identifiquei **ordens de indexicalidade** no relato de Lígia, evidenciando uma hierarquização na forma como a narradora

mobilizou valores positivos para posicionar de um lado os “roraimenses”, e, de outro, atributos negativos para narrar os “venezuelanos” (BLOMMAERT, 2010). Esses posicionamentos também se apresentaram no discurso político presente na narrativa de agentes públicos, como o da governadora do estado, no período que envolveu confrontos violentos entre a população de Roraima e os migrantes venezuelanos para justificar o fechamento da fronteira. Na seção que segue, exploro como esse relato, após viralizar, foi entextualizado em outras plataformas digitais.

4.5.2 Entextualização do Relato como Notícia: “Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde”

Como o próprio termo denota, as fake news se apropriam da linguagem e de elementos que compõem a narrativa jornalística. Assim como as notícias falsas, uma das características mais importantes das narrativas nas mídias sociais é seu potencial de circularem para além do contexto em que foram originalmente publicadas e de serem exponencialmente compartilhadas, tornando-se em pouco tempo virais (DE FINA; GORE, 2017). A dimensão volumosa de compartilhamentos multiplica não apenas o número de leitores da narrativa original, mas também, segundo De Fina e Gore (2017), a capacidade dos usuários de moldar a história.

Partindo desse entendimento, à medida que as narrativas percorrem seu trajeto, ou seja, enquanto se deslocam de uma prática discursiva para outra, gerando novos contextos, tanto carregam consigo vestígios de sentido de sua história de usos quanto instauram novos significados, em uma dinâmica inesgotável de mobilidade e produção de sentido (BAUMAN; BRIGGS, 2006; CAVALCANTI; BIZON, 2020; SANQUE, 2020). As narrativas (textos e discursos), assim, seguem caminhos multidirecionais de circulação, por meio de processos contínuos de entextualização, descontextualização e recontextualização (FABRÍCIO, 2017; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2018).

Como observado anteriormente, após o ataque “Bota Fogo!”, o relato da moradora de Roraima (Narrativa 1) recebeu um alto número de compartilhamentos (29 mil até a data da captura de tela), acabou viralizando e percorrendo diferentes trajetórias textuais em diferentes mídias sociais e plataformas digitais. A Figura 21

refere-se à a captura de um desses percursos do relato da moradora, compartilhado como um *post* na página do Jornal da Cidade Online no Facebook em 20 de agosto de 2018.

NARRATIVA 2

Figura 21

"Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde"



Fonte: Página do Jornal da Cidade *Online* no *Facebook,* 2018[148].

Ao ser entextualizado na página do Jornal da Cidade Online no Facebook, o relato gerou 7,1 mil novos compartilhamentos, 3,4 mil reações entre curtidas, emojis de "tristeza" e "raiva" e mais 371 comentários. Nesse *post,* a inclusão de algumas pistas indexicais apontam para duas entextualizações: (i) do ataque "Bota Fogo!" e (ii) do relato da moradora roraimense. A **primeira entextualização** pode

[148] Disponível em: https://www.facebook.com/jornaldacidadeonline/posts/1987982184565806. Acesso em: 27 fev. 2019.

ser recuperada pelo uso de **pistas semióticas de referência**, como as duas imagens – do evento narrado e da foto de Maduro, presidente da Venezuela – incorporadas à postagem. A **citação direta** de um trecho do relato *"Quando disserem que somos cruéis vamos lembrar que três semanas atrás venezuelanos agrediram as ÚNICAS médicas plantonistas da única maternidade de Boa Vista"*, (abaixo do nome da página na Figura 21) registra a **segunda entextualização**.

A página do Jornal da Cidade Online retirou essa citação direta do relato da moradora (linhas 7-9) e a incluiu no enunciado do *Post* (Narrativa 2) sem fazer alterações. Como argumentam Bauman e Briggs (2006), a citação de discursos é um recurso importante para conectar eventos narrados e eventos narrativos, permitindo que os intérpretes (*performers*) ampliem a diversidade estilística e ideológica ao recorrerem a diversos eventos de fala, vozes e perspectivas. Essa descentralização da voz da narradora com o compartilhamento da citação direta possibilita uma reavaliação de significados para além dos limites da publicação do relato em seu perfil no Facebook.

Nesse novo percurso, a escolha da página, ao apresentar especificamente essa citação do relato e não outra, não é neutra, e sugere um alinhamento do jornal com o posicionamento de Lígia. Sendo assim, o enquadramento dessa citação e, por sua vez, da postagem é o de justificar a suposta crueldade de um grupo específico, neste caso, os brasileiros, baseado em um incidente anterior de agressão dos venezuelanos contra as "ÚNICAS médicas" do hospital de Boa Vista.

Seguindo os rastros da entextualização do relato, os elementos que destaco no trecho "vamos lembrar que **três semanas** atrás venezuelanos agrediram as **ÚNICAS** médicas plantonistas da **única maternidade de Boa Vista**" (linhas 8-9 do relato) apontam para algumas interpretações sobre o contexto local. No enunciado desse *post*, as expressões "três semanas atrás" e "maternidade de Boa Vista", **pistas indexicais de referência**, ajudam a evidenciar uma **escala temporal** retrospectiva e uma **escala espacial**, porque recapitulam a ação dos venezuelanos que agrediram médicas brasileiras em Roraima. Além disso, vale ressaltar o efeito de sentido da **pista de absolutização estratégica** expressa por meio da repetição do termo "Única" no enunciado. A absolutização estratégica, nesse contexto, foi empregada para enfatizar a singularidade dos elementos mencionados – das

médicas plantonistas e da maternidade de Boa Vista –, provocando um impacto emocional e persuasivo na audiência do relato e do *post*. Com isso, a narradora e o jornal estão chamando a atenção para a falta de recursos do sistema público de saúde de Roraima para atender a população, apontando implicitamente para os **boatos e fake news** que circularam na época de que as grávidas venezuelanas estavam tendo preferência no atendimento médico em detrimento das brasileiras (PRADO, 2018).

Como introduzi no início deste capítulo 4, a reportagem de Prado (2018), informou que a notícia intitulada "Denúncia: gestantes brasileiras estão sendo retiradas da Maternidade Estadual para abrir leitos para gestantes que chegam da Venezuela", na verdade, era uma fake news criada por Ezequiel Calegari (Partido Patriota). Calegari, candidato a deputado estadual bolsonarista, ficou conhecido no período das Eleições de 2018, por sua postura anti-imigrantes. Em sua página do Facebook "Roraima Sem Censura", ele utilizou uma gestante brasileira em um vídeo para amplificar a viralização dessa fake news e alimentar ainda mais os discursos xenofóbicos em relação aos venezuelanos no norte do país (PRADO, 2018; MELLO; PRADO, 2018).

Abaixo da citação direta do relato, o Jornal da Cidade Online, explicitamente, faz uso do recurso *clickbait*[149] ao criar um **título sensacionalista** para a postagem (Narrativa 2): "Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde". Esse recurso é muito usado em narrativas digitais com o propósito de atingir o usuário de maneira mais direta. Assim, considerando o contexto político de 2018, o título impactante desse *post* pode motivar a audiência a usar a ferramenta "Saiba Mais" do Facebook e acessar o conteúdo narrativo na íntegra no site do Jornal da Cidade Online (www.jornaldacidadeonline.com.br). Na sequência, coloco em tela uma nova trajetória textual referente ao relato que foi entextualizado como notícia no site do Jornal da Cidade Online.

---

[149] *Clickbait* é um termo utilizado para descrever conteúdos online projetados para atrair a atenção do público e incentivá-lo a clicar em um link, geralmente com o objetivo de aumentar o tráfego ou obter visualizações. O *clickbait* envolve o uso de títulos ou descrições sensacionalistas, intrigantes ou exageradas, muitas vezes explorando a curiosidade, o medo ou o interesse do leitor. Disponível em: https://rockcontent.com/br/blog/clickbait/ . Acesso em: 23 fev. 2019.

NARRATIVA 3

Figura 22

Relato entextualizado como notícia no site do Jornal da Cidade *Online*



Fonte: Site do Jornal da Cidade Online, 2018.[150]

O relato da moradora (Narrativa 1) foi compartilhado como um *post* (Narrativa 2) na página do Jornal da Cidade Online e, neste novo percurso, é

150 Disponível em: https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/11101/uma-brasileira-de-roraima-diz-a-verdade-que-a-imprensa-aetica-e-sem-nocao-esconde. Acesso em: 17 nov. 2019.

entextualizado como uma notícia do site do jornal (Narrativa 3). O compartilhamento de uma mesma história pode ser comparado às recontagens das narrativas em formatos mais tradicionais, mas também apresenta questões diferentes a serem analisadas (DE FINA; GORE, 2017).

Na captura de tela da Figura 22, é possível observar algumas mudanças que emergem no novo contexto de produção da Narrativa 3 e que ajudam a entender sua entextualização como uma narrativa jornalística. Como a inclusão de um **título** ao relato da moradora. Neste caso, houve a repetição do mesmo título sensacionalista do *post* (Figura 21): “Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde”.

Destaco os índices indexicais “VERDADE” escrita em letras maiúsculas, “Imprensa” com a primeira letra maiúscula e a marcação da terceira pessoa do singular no verbo “diz” que metapragmaticamente faz **referência** ao relato da “brasileira de Roraima”. Abaixo do título, na Figura 22, observando outros **elementos contextuais**, noto que a Narrativa 3 foi publicada em 20 de agosto de 2018 às 19:09 no site do jornal. Ao final do texto, encontra-se a **assinatura com o nome completo da autora do relato** (usei o pseudônimo de Lígia ao me referir a ela na Narrativa 1). Ao lado da assinatura, foi acrescentado as expressões **“de Roraima/da Redação**”, sugerindo que o Jornal da Cidade Online atribuiu à moradora roraimense o **papel de jornalista** ou repórter.

Como é possível visualizar na captura de tela, outras **pistas semióticas de referência** indiciam o caráter jornalístico dessa entextualização como, por exemplo, o uso das imagens que remetem ao ataque “Bota Fogo!” (as mesmas descritas na Narrativa 2); a inclusão do relato na **categoria “Tema Livre”** (o jornal mostra na aba superior do site as categorias: Política, Economia, Direito e Justiça, Educação e Tema Livre) similar ao formato de colunas em um jornal impresso; as chamadas na lateral para outras matérias, entre outros elementos que atribuem ao relato da moradora características de uma reportagem ou notícia. No entanto, apesar de apresentar todos esses elementos que emulam uma reportagem, lê-se, no corpo do texto, apenas a reprodução na íntegra do relato de 123 linhas da moradora de Roraima.

No período em que o relato foi publicado como uma notícia no site do Jornal da Cidade Online, o portal ainda não declarava apoio, pelo menos de forma

explícita, ao candidato à presidência Jair Bolsonaro. Entretanto, seguindo os rastros indexicais e semióticos no contexto de produção, identifiquei no site do jornal uma série de expressões sensacionalistas para referenciar e predicar negativamente a mídia tradicional: “imprensalha”, “extrema-imprensa”, “imprensa contaminada”, “imprensa esquerdista”, “imprensa suja”, dentre outras. Com base nesse mapeamento de outras notícias do portal e na observação de pistas indexicais como o gentílico feminino empregado no título – “Uma **brasileira de Roraima** diz a VERDADE” –, creio ser possível afirmar que o uso dessa expressão remete implicitamente ao viés ideológico e partidário do jornal como marcadamente “patriota” e alinhado a grupos de extrema-direita no país.

Como contextualizei anteriormente, o relato da moradora foi postado no dia seguinte ao ataque “Bota Fogo!” como resposta em defesa dos brasileiros que estavam sendo acusados de xenófobos nas plataformas de mídias sociais. Sendo assim, entendo que, ao incorporar o **marcador de nacionalidade** no título notícia entextualizada, o Jornal da Cidade Online reivindica para a autora o direito de contar a “verdadeira” história sobre o ataque xenofóbico e a situação migratória em Roraima a partir de sua perpectiva como moradora da região. Com isso, o título aponta para a regra não declarada de que a pessoa que sofreu ou experimentou o ataque é quem tem autoridade e credibilidade para narrá-lo (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2015).

Por outro lado, o emprego das predicações “aética” e “sem noção”, **avaliando** negativamente a imprensa, e do verbo em terceira pessoa “esconde”, no título do relato, mostra como o jornal se posiciona em relação ao papel da mídia no contexto político brasileiro. E, nesse sentido, o alinhamento político do Jornal da Cidade Online encontra aproximações com a campanha eleitoral de Trump em 2016, pois, uma das características mais notáveis desse candidato foi utilizar as mídias sociais (em especial, o Twitter) para compartilhar desinformação e predicar a mídia convencional estadunidense por meio de rótulos pejorativos, repetidos com frequência em uma tentativa de indexar suas publicações como a única fonte verdadeira e confiável de informação (ROSS; RIVERS, 2018).

Contudo, a relação entre a circulação de *fake news* e as campanhas políticas não se restringe apenas ao contexto estadunidense. Com a emergência das mídias digitais, sobretudo a partir de 2018, no Brasil, emergiu um cenário de

pós-verdade e desinformação em que o jornalismo profissional passou a ser questionado e vem enfrentando desde então uma crise de forma e de conteúdo, perdendo a autoridade de definir o que é notícia (SCOFIELD JR., 2019). Subjacente a esse fenômeno, também houve a ascensão de grupos conservadores no país, que tiveram papel decisório nas eleições de 2018, ao mediarem o debate político, utilizando-se de sites e plataformas de redes sociais digitais para compartilhar conteúdo falso e tendencioso

Segundo a checagem feita por Ribeiro e Menezes do portal Aos Fatos (2019), o site do jornal veiculou várias publicações com desinformação deliberada durante as eleições de 2018, as quais, claramente, apoiavam a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro. Apenas para citar um exemplo, em 2018, o Jornal da Cidade Online foi acusado de publicar uma *fake news* emulando uma narrativa jornalística em que se afirmava que “o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) teria entregue os códigos de segurança das urnas eletrônicas de votação a **venezuelanos**; (...)” (AOS FATOS, 2019, s/p.). Como fica evidente nessa e em outras notícias do site do Jornal da Cidade Online, o ataque à Venezuela era explícito nas plataformas digitais do jornal.

Nesse contexto, depois que o Jornal da Cidade Online publicou o relato da moradora como notícia (Narrativa 3), o portal foi acusado de disseminar informações distorcidas ou falsas sobre o ataque e a situação de migração e refúgio em Roraima, gerando uma nova narrativa para verificar tais informações. Desse modo, na subseção que segue, focalizo uma última trajetória textual do relato da moradora que corresponde à entextualização da checagem das *fake news* presentes na narrativa.

4.5.3 *Fact-checking* do Relato: “#Verificamos: Textos e imagens sobre a crise migratória em Roraima misturam dados certos e errados”

Como reflexo dessa perda de credibilidade da mídia, as plataformas de **checagem de fatos** (*fact-checking*) têm crescido e contribuído para desestabilizar a desinformação na Internet. A próxima captura de tela ilustra como o jornalismo

profissional tem se filiado a sites de redes sociais (como o Facebook) para verificar as denúncias de fake news.

NARRATIVA 4

Figura 23

***Fact-checking* do Relato: "#Verificamos: Textos e imagens sobre a crise migratória em Roraima misturam dados certos e errados"**



Lupa

A PRIMEIRA AGÊNCIA DE FACT-CHECKING DO BRASIL

QUEM SOMOS LUPAEDUCAÇÃO EVENTOS

ENTENDA NOSSA METODOLOGIA

FALE COM A REDAÇÃO NO LUPA@LUPA.NEWS

SUGESTÃO DE CHECAGEM?

QUERO SER UM CHECADOR

ETIQUETAS

VERDADEIRO
A informação está comprovadamente correta

VERDADEIRO, MAS
A informação está correta, mas o leitor merece mais explicações

AINDA É CEDO PARA DIZER
A informação pode vir a ser verdadeira. Ainda não é

EXAGERADO
A informação está no caminho correto, mas houve exagero

CONTRADITÓRIO
A informação contradiz outra difundida antes pela mesma fonte

SUBESTIMADO
Os dados são mais graves do que a informação

Foto: Reprodução

#Verificamos: Textos e imagens sobre a crise migratória em Roraima misturam dados certos e errados

por CLARA BECKER
e PLÍNIO LOPES
Rio de Janeiro | lupa@lupa.news

27.AGO.2018 | 15H00 |

Circulam na internet imagens e um longo texto sobre a crise migratória em Roraima. Intitulada "Uma brasileira de Roraima diz a verdade que a imprensa aética e sem noção esconde", a postagem fala sobre o impacto da chegada massiva de venezuelanos ao estado e a deflagração de conflitos locais – observada por todo o país nos últimos dias.

Por meio do projeto de verificação de notícias, usuários do Facebook solicitaram que as informações contidas nesse material – que já teve mais de 89 mil interações na rede social – fossem analisadas.

De acordo com levantamento feito pela Sala da Democracia – #Observa 2018, da Fundação Getúlio Vargas, entre 0h de quinta-feira (16) e 11h desta

Fonte: Agência Lupa, 2018.[151]

[151] Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/08/27/verificamos-roraima/. Acesso em: 17 nov. 2019.

Na Figura 23, identifico uma nova **entextualização** do ataque “Bota Fogo!” a partir do *fact-checking* do relato compartilhado como reportagem pelo Jornal da Cidade Online realizado pela Agência Lupa (2018) e intitulado como “#Verificamos: Textos e imagens sobre a crise migratória em Roraima misturam dados certos e errados”.

À primeira vista, é possível recuperar as referências entextualizadas a partir da reprodução das mesmas imagens (do ataque e de Nicolás Maduro) compartilhadas na página do Facebook e no site do Jornal da Cidade Online. Nessa captura de tela, a checagem dos dados foi publicada, em 27 de agosto de 2018, pelos jornalistas Clara Becker e Plínio Lopes, da Agência Lupa, e hospedada no site da Revista Piauí. Além disso, o título da notícia verificada também faz referência ao contexto narrado, referenciando a crise migratória em Roraima como foco temático. O título antecipa o resultado da checagem com a informação de que o relato da moradora mistura “dados certos e errados”.

A primeira informação, localizada abaixo do nome da empresa, mostra que a Lupa se identifica como “**a primeira** Agência de *Fact-Checking* do Brasil”, posicionando-se, por meio de um adjetivo numeral precedido de artigo, como a pioneira no mercado de verificação de dados online. No corpo do texto, a Lupa informa que a checagem do relato (com mais de **89 mil reações** até aquela data) foi uma **solicitação de usuários do Facebook**, por meio do link nomeado “**projeto de verificação de notícias**”[152]. O link conduz o leitor a uma outra notícia, cujo objetivo é mostrar a parceria entre o Facebook e a Agência Lupa para checar o grau de veracidade dos conteúdos publicados na plataforma. A notícia também relata que a Agência passou a integrar **a rede mundial de checadores** independentes, como membro da *International Fact-Checking Network* (IFCN).

No terceiro parágrafo da notícia, através de outro *link,* a agência apresenta mais uma parceria – a Sala de Democracia Digital, da Fundação Getúlio Vargas – , que amplia o levantamento de dados sobre o evento narrado, incluindo também a plataforma do Twitter[153]. O engajamento que o texto teve nas redes

[152]Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/05/10/verificacao-de-noticias-lupa-facebook/. Acesso em: 06 jan. 2020.

[153] “Entre 0h de quinta-feira (16) até as 11h desta terça (21), foram registradas 234,5 mil publicações no Twitter relacionadas ao contexto da imigração venezuelana em Roraima, impulsionadas pelos registros de ataques a imigrantes em Pacaraima, cidade na fronteira do estado com a Venezuela” (FGV, SALA DE DEMOCRACIA DIGITAL, 2018). Disponível em:

sociais online, evidenciado pelo número de reações e interações no Facebook e no Twitter, indicia um dos argumentos para a realização do *fact-checking* do relato da moradora. A rigor, a Lupa parece ter verificado os dados do relato com base no destaque que o texto teve na imprensa e na Internet. Mas também, dada a relevância do tema, a migração venezuelana era um assunto de interesse público recorrente, sendo, inclusive, pauta polêmica na plataforma de governo dos candidatos nas eleições de 2018 em Roraima.

As expressões destacadas e as notícias extras compartilhadas ao leitor por meio dos links, antes mesmo de apresentar os resultados da verificação dos dados do relato, sugere uma estratégia/necessidade da Lupa para se projetar como a Agência com mais credibilidade para realizar o trabalho de *fact-checking* no país, por compor e ter a parceria de uma rede de instituições nacional e internacionalmente reconhecidas. Essa retórica da confiabilidade sugere uma tentativa por parte da Agência de recuperar a imagem tradicional da imprensa, que tinha a função "(...) de investigar e relatar os acontecimentos de interesse geral com fidedignidade e de fazer circular ideias e opiniões divergentes" (BUCCI, 2019, p. 45), reivindicando para si a empreitada de noticiar a "verdade factual" em meio a uma disputa de narrativas com a mídia independente.

No corpo do texto, a Agência Lupa, então, apresenta os resultados do *fact-checking* por meio apenas de algumas informações citadas no relato da moradora de Roraima. Para tanto, o site da Agência Lupa informa que são utilizadas 9 (nove) etiquetas para categorizar as informações checadas, a saber: 1) verdadeiro (a informação está comprovadamente correta); 2) verdadeiro, mas (a informação está correta, mas o leitor merece mais explicações); 3) ainda é cedo para dizer (a informação pode vir a ser verdadeira, mas ainda não é); 4) exagerado (a informação está no caminho correto, mas houve exagero); 5) contraditório (a informação contradiz outra difundida antes pela mesma fonte); 6) subestimado (os dados são mais graves que a informação) e 7) insustentável (não há dados públicos que comprovem a afirmação); 8) falso (a informação está comprovadamente incorreta) e 9) de olho (etiqueta de monitoramento) (AGÊNCIA LUPA, 2018).

Aplicando essa metodologia, o site verificou 8 dados apresentados no relato da moradora roraimense. Em cada caso, foram incluídos os documentos

https://observa2018.dapp.fgv.br/posts/conflitos-em-roraima-geram-debate-polarizado-e-acentuam-problemas-da-politica-migratoria/. Acesso em: 25 jan. 2020.

comprobatórios da checagem, abrangendo de e-mails de especialistas consultados a dados estatísticos da Polícia Federal e de outras instituições oficiais.

Em relação ao resultado do *fact-checking,* a declaração da narradora de que Pacaraima não tinha um homicídio há três anos ("*Também lembro que Pacaraima não tinha um homicídio há três anos e numa tarde teve dois assassinatos em plena luz do dia no meio do comércio*", linhas 95-96 do relato) foi etiquetada como "exagerada", com base nos dados do Atlas da Violência, atenuando a visão de que a criminalidade passou a ocorrer com a chegada dos venezuelanos no país.

Conforme a moradora, 40% dos partos do hospital local eram de filhos de imigrantes (linhas 19-20), essa informação foi considerada "falsa". Em nota, a Secretaria de Estadual de Saúde de Roraima informou que dos 9.358 partos realizados em 2017, 566 foram de imigrantes.

Nas linhas 70 e 71, a moradora profere o seguinte enunciado: "*Nós sabemos o que é passar a noite inteira com dor e não ir ao HGR por medo da meningite bacteriana que isolou áreas inteiras"*. Essa informação também foi verificada como falsa e comprovada por meio da citação de uma entrevista coletiva com o médico infectologista e de uma nota oficial do Hospital Geral de Roraima. As demais checagens, bem como as fontes documentadas, são públicas e podem ser acessadas em mais detalhes no site da Lupa. Após a extensa análise, o resultado do *fact-checking* foi classificado como "misto" pela Agência, por apresentar uma mistura de fatos verdadeiros e falsos (AGÊNCIA LUPA, 2018).

Nos últimos anos, as plataformas digitais, incluindo as mídias sociais, têm se adaptado para combater notícias falsas através de medidas como o fortalecimento de políticas de uso e combate à desinformação, o uso de algoritmos e inteligência artificial para identificar e sinalizar conteúdos falsos, e como mostrou a Agência Lupa, por meio de parceria com verificadores de fatos independentes. Em relação à notícia verificada pela Lupa, até pouco tempo, o usuário do Facebook podia acessar e compartilhar o relato da moradora de Roraima e chegar ao site do Jornal da Cidade Online sem "obstáculos". Agora, como mostro na captura de tela da Figura 24, quando o Facebook recebe uma denúncia de seus usuários sobre o compartilhamento de alguma *fake news*, a plataforma solicita a verificação do *post* às agências de checagem parceiras.

Figura 24 – Captura de tela de Ferramenta *Fact-Check* no Facebook



Fonte: Página Jornal da Cidade Online no Facebook, 2018.

Desse modo, caso o conteúdo falso seja confirmado e alguém tente compartilhá-lo, a plataforma de mídia social emite um alerta de verificação, “com um *link* de um *post* da agência de checagem comprovando a falsidade” (SCOFIELD JR., 2019, p. 65). Embora o compartilhamento da notícia com dados falsos não seja proibido, o algoritmo do *post* é alterado pelo Facebook, reduzindo a visibilidade da postagem.

Com a difusão da internet, as propagandas políticas e estratégias de campanha que, por muito tempo, foram intermediadas pela mídia de massa, como a televisão, tiveram que se reinventar em um piscar de olhos. Sem a intermediação da televisão, acreditou-se que a política democrática se tornaria mais transparente e sem manipulações. Entretanto, a polarização política que marcou o processo eleitoral brasileiro de 2018 acabou abrindo caminho para que fake news, boatos e publicações sensacionalistas dominassem a narrativa política (CRUZ, 2019). Nesse sentido, “a ideia de ‘desintermediação’ fez emergir uma comunicação política apoiada no desprezo pelo jornalismo profissional e alavancando o processo de digitalização do populismo conservador pró-Bolsonaro (CESARINO, 2018).

Cesarino (2018) identificou que, mesmo num período pós-eleitoral, considerando tamanha eficácia do uso de mídias digitais, grande parte do conteúdo produzido e disseminado nas redes pró-Bolsonaro parecia “ser orientado por algum tipo de **direcionamento planejado**, dada a significativa **regularidade de certos padrões discursivos**” (CESARINO, 2018, p. 2) – ressoando o que a autora chamou de **populismo digital**. O emprego do item lexical “a VERDADE” no título do relato da moradora, publicado no site do Jornal da Cidade Online, remete a essa direcionalidade, uma importante estratégia da **bolsoesfera**[154], que funcionou como um mecanismo de filtragem da informação para chegar ao usuário comum, produzindo uma “realidade” à parte, cujo efeito mais importante, afirma Cesarino, foi o de “enquadrar as mídias convencionais como o lugar dos fakes e da manipulação, e a bolsoesfera como o lugar da verdade e da liberdade de expressão” (2018, p. 7).

Nesse sentido, é evidente a importância do trabalho de *fact-checking* ao oferecer às pessoas um direcionamento que lhes possibilitem acessar dados corretos ou factuais. No entanto, simplesmente espalhar informação de qualidade não substitui a disseminação de fake news ou qualquer tipo de desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). Em tempos de desinformação desenfreada, é importante também promover a educação e conscientização dos usuários sobre a importância de verificar as informações antes de compartilhá-las.

[154] Bolsoesfera engloba um conjunto de redes por onde circulam os conteúdos pró-Bolsonaro através da ecologia das mídias – envolvendo as relações do WhatsApp com outras plataformas como o Facebook, Twitter, YouTube, Instagram, além de inúmeros sites de “notícias” e blogs (CESARINO, 2018, p. 7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A jornada nos cria. Nós nos transformamos nas fronteiras que atravessamos”.
(Salman Rushdie, 2007, p. 340)

A partir dessa epígrafe de *Salman Rushdie,* reflito sobre como as experiências vividas até este momento tiveram efeito em minha construção identitária. Cada desafio, descoberta e encontro ao longo do caminho têm moldado e transformado minhas crenças, valores e posicionamentos. E como foi importante esse “atravessar de fronteiras” para minha formação humana, política e acadêmica. A conclusão do mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras foi um marco importante para eu compreender que precisava desbravar novos horizontes.

Com esse sentimento de atravessar fronteiras, comecei o doutorado com a intenção de atender às demandas locais (linguísticas e culturais), minhas e do meu grupo de estudantes haitianos em um curso de Português como língua de acolhimento (PLAc), que eu ministrava no IFPR - Campus Avançado Coronel Vivida, no sudoeste do Paraná. No entanto, ainda no início dos estudos, precisei me mudar para Curitiba, e, para facilitar a ida a Campinas, a pesquisa precisou tomar outros rumos. Da proposta inicial de realizar uma etnografia presencial com os estudantes haitianos, precisei me aventurar nas redes e nós, e aprender a como fazer etnografia digital, já que a tecnologia e o uso das mídias sociais eram um grande desafio para mim. Nesse novo percurso, movida pela indignação diante dos relatos dos meus estudantes haitianos sobre as experiências de racismo e xenofobia que enfrentavam tanto online quanto presencialmente, decidi dedicar-me a investigar o papel das mídias sociais nas migrações contemporâneas. Assim, meu foco direcionou-se às narrativas e práticas discursivas de e sobre migrantes de crise em contextos digitais.

Como discorro na introdução, com a reconfiguração dos fluxos migratórios para o eixo Sul-Sul, resultado das restrições impostas pelos países do Norte Global, o Brasil se tornou um destino para migrantes, nas últimas décadas, especialmente vindos do Sul Global. Além disso, nos últimos anos, a crise na Venezuela levou a um fluxo significativo de migrantes e refugiados em direção ao Brasil. De acordo com

dados atualizados e elaborados pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), a partir dos registros da Polícia Federal (2023), no período de janeiro de 2017 a janeiro de 2023, um total de 853.566 venezuelanos ingressaram no Brasil. Em relação a esses anos, informei, no Capítulo 1, que o ano de 2018 registrou o maior número de entradas, com um total de 227.433 venezuelanos chegando ao país nesse período. Para efeitos de análise dos dados desta pesquisa, a atualização desses números evidencia a dimensão do fluxo migratório proveniente da Venezuela e ajuda a entender e a contar as histórias sobre os desafios socioeconômicos e humanitários decorrentes dessa situação, principalmente para os migrantes venezuelanos e para a população local que os recebe, neste caso, a cidade de entrada dos migrantes de crise, ou seja, a fronteira de Pacaraima em Roraima.

No caso desta tese, questões metodológicas me fizeram escolher as narrativas online para contar essas histórias. E, neste sentido, a Etnografia a partir de uma abordagem digital, ajudou a estruturar a pesquisa para tentar compreender a mobilidade dos textos e dos posicionamentos interacionais em diferentes plataformas digitais. Para tanto, precisei descobrir que investigar narrativas em contextos online demandava uma compreensão de particularidades e características éticas diferentes do contexto presencial. Nesse contexto, diante da imensidão de dados disponíveis em ambientes de pesquisa online e da complexidade que envolve o processo de análise e categorização desses dados online de maneira coerente, foi essencial para mim estabelecer um foco nas trajetórias textuais de um evento social específico. Essa abordagem da etnografia digital permitiu uma interpretação mais centrada nas vozes dos e sobre os participantes envolvidos nas narrativas.

Entretanto, no início da pesquisa, minha falta de experiência em utilizar a metodologia da etnografia digital me levou a selecionar três eventos sociais, um de cada grupo de migrantes que apresentava um maior fluxo migratório para o Brasil em 2018: haitianos, sírios e venezuelanos. Contudo, após receber os apontamentos esclarecedores da primeira banca de qualificação, decidi modificar meu enfoque e me concentrar exclusivamente nas narrativas relacionadas ao evento amplamente conhecido como “Bota Fogo!”, que envolveu o ataque xenofóbico contra migrantes venezuelanos ocorrido em 18 de agosto de 2018 em Pacaraima/RR. Além disso, foi consenso entre os membros da banca de qualificação que este era um evento de forte impacto, que mereceria ser focalizado em toda sua complexidade.

Sendo assim, esta tese teve como objetivo principal investigar as narrativas relacionadas aos migrantes de crise venezuelanos em diferentes plataformas digitais, especialmente aquelas que surgiram a partir do ataque xenofóbico “Bota Fogo!”. O propósito foi compreender como esses migrantes são retratados e como se narram em narrativas jornalísticas e em interações digitais, levando em consideração o impacto dessas narrativas para seus processos de des(re)territorialização no Brasil. Especificamente, busquei analisar como seus posicionamentos interacionais se transformam no contexto online, contribuindo para a produção e/ou reformulação de espaços sociais para esses migrantes.

Nesses últimos anos de pesquisa, acredito que meu maior aprendizado foi entender o valor das narrativas, e são elas que guiam as respostas às perguntas de pesquisa desta tese, as quais retomo adiante. Como delineei no Capítulo 2, as narrativas que compartilhamos nos permitem uma reflexão profunda sobre as vivências que tivemos, uma vez que essas histórias surgem como uma forma de estruturar e atribuir significado às experiências e aos eventos sociais. Elas nos conectam com o passado, o presente e nos auxiliam a imaginar um futuro possível. Entretanto, as narrativas não se limitam a retratar eventos e experiências, elas também desempenham ações sociais e envolvem uma perspectiva específica do mundo social, posicionando tanto o(s) narrador(es) quanto o público em relação a esse mundo.

Dito isso, nesta tese, as narrativas foram empregadas como uma ferramenta metodológica e teórica. No que diz respeito à abordagem metodológica, mostrei, no Capítulo 3, que a pesquisa envolveu a constituição do *corpus* a partir do registro de dados narrativos e qualitativos (notícias, *posts,* comentários, imagens e vídeos) e incluiu a observação não participante em grupos e páginas de mídias sociais. Pautada em uma conceituação teórica de diferentes autores, na análise e interpretação da narrativas online, procurei compreender como as pessoas e as instituições (a exemplo das narrativas jornalísticas) constroem a realidade e como suas perspectivas são moldadas por fatores políticos, sociais, culturais e históricos.

Assim sendo, no Capítulo 4, a análise teórica das narrativas desempenhou um papel fundamental ao examinar os posicionamentos e as práticas discursivas entre a mídia, os brasileiros e os migrantes de crise, bem como suas expressões de pertencimento a esses grupos sociais. Para tanto, tomei como

referência as considerações de Bizon (2013), que enfatiza a análise de narrativas como um processo teórico-metodológico que ocorre nos contextos da vida social, sendo capaz de revelar os posicionamentos interacionais dos narradores. Com isso, pude compreender a importância de uma abordagem abrangente na interpretação das narrativas, considerando tanto os aspectos teóricos quanto metodológicos, para obter uma compreensão mais profunda do evento analisado.

Neste ponto destas considerações finais, retomo as perguntas de pesquisa desta tese e apresento as principais respostas que emergiram dos dados:

(i) Como migrantes de crise venezuelanos(as) são narrados(as) em práticas discursivas e narrativas jornalísticas no contexto do ataque "Bota Fogo!" em sites de mídias sociais?

(ii) Como esses migrantes se narram em diferentes plataformas digitais após o referido evento?

Nesta sumarização, considero a análise dos resultados obtidos nos três enquadramentos: (i) **Primeiro enquadramento:** a trajetória textual do ataque xenofóbico nas plataformas digitais do Portal G1; (ii) **Segundo enquadramento:** narrativas do evento em plataformas multimídias estrangeiras; e (iii) **Terceiro enquadramento:** entextualizações do ataque intitulado "Bota Fogo!". A partir das respostas, discuto algumas contribuições que esta pesquisa proporcionou e, ao final, ensaio apresentar caminhos possíveis para novas pesquisas.

1. **Primeiro enquadramento:** a trajetória textual do ataque xenofóbico nas plataformas digitais do Portal G1

As narrativas, como abordagem teórica, têm um papel político e ideológico significativo. Ao considerá-las como atos de fala performativos, reconheço que elas mobilizam significados e têm o efeito de produzir transformações sociais. Ao adotar essa perspectiva narrativa na pesquisa, compreendo que as histórias são *performances* linguístico-identitárias situadas que contribuem para a construção de contextos institucionais e sociais mais amplos. Dessa forma, para responder às

perguntas de pesquisa, tentei examinar não apenas o conteúdo presente no evento narrado (as histórias em si, *posts*, notícias e relatos do evento), mas também as posições assumidas pelos atores sociais ao expressarem o que dizem no evento narrativo, considerando o contexto da narrativa, os comentários, as reações multissemióticas, entre outros aspectos.

As narrativas sobre o ataque “Bota Fogo!” que foram contadas nas plataformas digitais do **G1 - O Portal de Notícias da Globo** continham características das narrativas jornalísticas tradicionais em termos de estrutura textual e enquadramento (*news frame*) combinadas a elementos próprios das mídias sociais. Por meio de uma linguagem adaptada aos contextos online, no site do G1, as narrativas jornalísticas buscavam transmitir as informações e capturar a atenção dos usuários ao incluir elementos visuais, como fotos, vídeos, links e referências a outras fontes de informação para complementar a narrativa.

Em relação ao compartilhamento dessas notícias na Página do G1 no Facebook, além do elementos anteriores, os conteúdos foram adaptados às características das mídias sociais com a utilização de títulos atrativos e imagens impactantes (a exemplo da foto das crianças venezuelanas revirando o lixo nas ruas de Pacaraima) e *hashtags* relevantes, visando à ampliação do alcance e o engajamento do público. Todas as postagens do Facebook selecionadas e analisadas no *corpus* apresentado estavam abertas para os comentários da audiência, indicando que as narrativas jornalísticas online do G1, independentemente de abordar temas sensíveis como atos xenofóbicos, objetivavam promover a interatividade e a participação dos usuários em suas plataformas digitais.

Em grande parte das **narrativas jornalísticas do Portal G1**, os migrantes venezuelanos foram narrados como vítimas que estavam envolvidas em tumulto e atos violentos na fronteira entre Roraima e a Venezuela. Entretanto, nas vozes de algumas autoridades citadas nas trajetórias textuais (conforme mencionado pela Polícia Militar, por exemplo, na trajetória textual 1), os venezuelanos foram associados a possíveis crimes, suspeitando-se de seu envolvimento no assalto ao comerciante de Pacaraima, Raimundo Nonato. Destaco a narrativa do Exército Brasileiro, na qual se encontra a afirmação de que o comerciante agredido não poderia ser levado para o hospital em Boa Vista, pois, segundo eles, a ambulância

era destinada apenas aos venezuelanos. Essa narrativa foi inclusive entextualizada nos comentários da audiência e acabou reforçando o sentimento de ódio na população local. Essas narrativas, juntamente com os boatos e fake news que circularam na contexto das Eleições presidenciais em 2018, foram utilizadas pelos moradores roraimenses como justificativa e apoio às ações violentas e discriminatórias contra os venezuelanos, e contribuíram para ressaltar a ideia de que os moradores estavam agindo em prol do bem-estar da população local.

O Portal G1 enfatizou a ação violenta dos moradores locais em expulsar os migrantes e queimar seus pertences, evidenciando uma rejeição concreta por parte da comunidade local de Roraima. Tal representação sugere uma imagem negativa dos venezuelanos, que foram posicionados como uma fonte de tumulto e violência na região, mas também como vítimas dos ataques dos brasileiros. Em contrapartida, nessas narrativas jornalísticas, os moradores de Pacaraima foram narrados como protagonistas das ações de violência contra os venezuelanos, inclusive organizando e compartilhando o ataque xenofóbico pelas/nas mídias sociais.

Considerando a análise dos **comentários** das trajetórias textuais do Portal G1, os resultados indicaram que os participantes da interação apresentaram **práticas discursivas xenofóbicas** ao enquadrar os migrantes como uma ameaça à economia e à saúde pública, utilizando critérios de nacionalidade para posicionar e avaliar os venezuelanos de forma negativa. Grande parte dos narradores dos comentários, inclusive, parabenizaram a população local pelo ato de expulsão dos migrantes, demonstrando um alinhamento positivo com os moradores e apoiando a ideia de **fechamento da fronteira**. Esse posicionamento estava em consonância com os discursos dos candidatos a governadores no **período eleitoral de 2018**, nos quais a defesa do fechamento da fronteira foi amplamente enfatizada.

Nesse contexto, é relevante mencionar que, em 4 de dezembro de 2017, a então governadora de Roraima, Suely Campos, publicou o Decreto Estadual n.º 24.469-E, no qual declarou a “situação de emergência social no estado de Roraima, em razão do grande fluxo migratório de estrangeiros venezuelanos, desprovidos de meios de manutenção, que pretendem ingressar no País pela fronteira do estado” (RORAIMA, 2017, p. 8). Esse decreto foi entextualizado nas narrativas jornalísticas e também indexicalizado no discurso dos usuários em comentários nas mídias sociais.

Sendo assim, o decreto foi narrado como uma medida institucional para lidar com as consequências socioeconômicas decorrentes da migração em Roraima, fornecendo uma justificativa legal para fechar a fronteira.

Conforme análise realizada por Ruseishvili, Carvalho e Nogueira (2018), é possível observar, no texto do Decreto Estadual n.º 24.469-E, uma repetição das expressões “emergência” e “crise”, o que denota um discurso de desastre e ameaça que demandava a adoção de medidas urgentes. Segundo os autores, essa abordagem acabou por mobilizar a sociedade civil, organizações nacionais e internacionais, ao mesmo tempo em que legitimou discursos e práticas intervencionistas em nome da ação humanitária, especialmente sob a liderança das Forças Armadas. De acordo com os autores, a chegada dos venezuelanos a Roraima foi um processo que se desenrolou desde o início de 2016. No entanto, até o final de 2017, mesmo diante das condições precárias enfrentadas por esses migrantes nos municípios roraimenses, essa situação não era percebida como uma “crise” ou uma “emergência”. Apenas após a publicação do decreto pela governadora, é que essa realidade se consolidou como uma “crise humanitária” (RUSEISHVILI; CARVALHO; NOGUEIRA, 2018, p. 65).

Nesse contexto, ao interpretar a publicação do decreto como um ato perlocucionário (AUSTIN, [1962]1990), é perceptível que uma retórica da “emergência” e da “crise” foi sendo construída por agentes públicos e políticos no intuito de requerer recursos logísticos e financeiros do Governo Federal. Essa retórica, reiteradamente reforçada pela mídia, contribuiu para a disseminação de **atos violentos** e de uma **onda de xenofobia** em meio a um cenário de caos já instaurado em Roraima. Isso se manifestou em ações violentas concretas e posicionamentos xenofóbicos contra os migrantes de crise nas plataformas de mídias sociais.

Vale pontuar que alguns dos discursos expressos nos comentários, ajudaram, inclusive, a compor a agenda política de diferentes candidatos nas eleições de 2018, que eram contrários ao aumento do fluxo migratório venezuelano no país. A própria governadora de Roraima, Suely Campos, filiada ao Partido Progressistas (PP), candidata à reeleição na época, usou o ataque “Bota Fogo!” como argumento para solicitar, mais uma vez, o fechamento da fronteira de Pacaraima ao Supremo Tribunal Federal (STF), alegando atender ao pedido de seus

eleitores (MARIN, 2018). O candidato a governador pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), José de Anchieta, defendeu em sua campanha a adoção de cotas para regular a entrada de venezuelanos no estado. O empresário Antônio Denarium, do Partido Social Liberal (PSL) à época, candidato apoiado por Jair Messias Bolsonaro e eleito governador de Roraima nas eleições de 2018, também levantou a bandeira de restrição aos migrantes vindos da Venezuela. Assim como Bolsonaro, Denarium colocou a questão migratória no tópico da segurança nacional em sua campanha, afirmando que implementaria "medidas que restring[issem] a entrada dos imigrantes, como obrigatoriedade de vacinação para todos, **instalação de campos de refugiados pelo Exército**[155] e transferência de imigrantes para outras partes do país" (AGÊNCIA BRASIL, 2018).

Nas narrativas online analisadas nesta pesquisa, foram identificados diversos exemplos de comentários por parte dos usuários que empregaram um teor violento em suas práticas discursivas, como expressões do tipo "*Por mim, que matem todos esses imigrantes"*, e utilizaram metáforas agressivas, como a frase "*Tinha que ter expulsado era na bala*", para descrever e avaliar os migrantes venezuelanos. Além disso, os narradores referenciaram, predicaram e avaliaram os venezuelanos como mal agradecidos e agentes do caos, enquanto os moradores brasileiros foram enquadrados como pessoas tranquilas e acolhedoras, reforçando ordens de indexicalidade que remetem à diferenciação entre "Nós" e "Eles".

Em sua maioria, as narrativas contadas nos comentários das trajetórias textuais do Portal G1 evidenciaram um posicionamento agressivo por parte dos usuários, defendendo a violência como solução para conter o fluxo migratório. Esses posicionamentos xenofóbicos foram inclusive apoiados por outros participantes da interação, demonstrando uma aceitação e reforço dessas visões negativas por meio das reações multissemióticas disponíveis na arquitetura das plataformas de mídias sociais.

No entanto, nem todos os comentários narraram os migrantes e a situação migratória negativamente. Alguns dos comentários analisados mostram posicionamentos de resistência aos discursos xenofóbicos em relação aos migrantes venezuelanos. Retomo como exemplo o comentário desta narradora (analisado na trajetória textual 3 do Portal G1): "*Brasileiros que se dizem de bem põem fogo no*

[155] Aqui chamo a atenção para a tranquilidade com que o candidato e governador eleito de Roraima remete seu plano de governo às medidas adotadas pelo regime nazifascista em sua campanha.

pouco que venezuelanos mais fracos e miseráveis entre nós têm. Eu não sei qual é a solução para esse problema, mas sei que isso está errado". Essa fala da usuária do Facebook exemplifica como as mídias sociais também podem se configurar como um espaço de resistência a discursos xenofóbicos. O comentário da narradora ressoa um posicionamento crítico em relação à violência infligida aos venezuelanos, destacando que a xenofobia precisa ser combatida ao apontar para a necessidade de buscar soluções mais humanitárias para lidar com a crise migratória. Por meio dessa crítica, a meu ver, a narradora se soma a outras vozes que fazem frente ao discurso de ódio e à xenofobia nas mídias sociais.

Nesse caso e em outros, os comentaristas se posicionaram, argumentando sobre a importância de compreender a difícil situação que os refugiados enfrentam no país. Tais comentários enfatizaram que os venezuelanos estão fugindo de uma crise humanitária e econômica severa em seu país de origem, e que era fundamental oferecer apoio e solidariedade a essas pessoas em busca de melhores condições de vida. Considerei esses comentários especificamente como **atos de resistência** (CAVALCANTI; BIZON, 2020; DE FINA, 2020) por destacarem a necessidade de tratar os migrantes com empatia e compaixão, contrapondo a visão negativa e estereotipada associada a eles na maioria dos comentários.

Nas três trajetórias textuais deste enquadramento do G1, só uma delas – trajetória textual 3 – trouxe as vozes dos migrantes e refugiados para apresentarem suas próprias narrativas sobre o ataque e sua condição migratória no território brasileiro. Assim, os venezuelanos se narraram como pessoas em busca de ajuda e apoio, que estavam enfrentando dificuldades financeiras e que dependiam da solidariedade e compaixão de terceiros para obter comida e abrigo.

No geral, as três trajetórias textuais narradas pelo Portal G1 apresentam uma narrativa que enfatiza a violência, a revolta e a expulsão dos venezuelanos, destacando o sentimento de rejeição e hostilidade por parte dos moradores de Pacaraima. Como resultados da análise, tanto o evento narrado como o evento narrativo evidenciaram que os posicionamentos interacionais sobre o ataque xenofóbico "Bota Fogo!" contribuíram para desvelar narrativas e práticas discursivas de estigmatização e desumanização dos venezuelanos, reforçando preconceitos e perpetuando uma imagem negativa dessa população. Por outro lado, outras

narrativas e posicionamento emergiram como atos de resistência, marcando oposição à desumanização, discriminação e estereotipação dos migrantes.

2. **Segundo enquadramento:** narrativas do evento em plataformas multimídias estrangeiras

No contexto da análise da tese, apresentei um breve panorama sobre o ataque xenofóbico ocorrido em 18 de agosto de 2018 a partir de algumas narrativas online dos portais de notícias estrangeiros, como o TeleSur e a Globovisión, bem como da plataforma midiática DW Español. Essa abordagem foi adotada como forma de buscar uma perspectiva em espanhol sobre o conflito, considerando que esses veículos são reconhecidos por sua abrangência na cobertura de eventos na América Latina. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo nesses portais, a obtenção de informações detalhadas sobre o incidente se mostrou desafiadora. Possivelmente em razão da postura restritiva exercida pelo governo de Nicolás Maduro sobre a mídia venezuelana. Nesse sentido, a análise das trajetórias textuais deste segundo enquadramento proporcionou apenas um vislumbre dos posicionamentos dessas empresas de mídia a respeito do ataque xenofóbico “Bota Fogo!”.

As narrativas do portal **TeleSur** destacaram principalmente a posição do governo de Nicolás Maduro, presidente da Venezuela, em relação aos ataques xenofóbicos contra os venezuelanos residentes em Pacaraima. No enquadramento do TeleSur, os migrantes venezuelanos foram narrados como vítimas de ataques xenofóbicos e desalojamentos em massa, representados como um grupo vulnerável que precisa de proteção e segurança.

Por sua vez, nas narrativas do TeleSur, o governo venezuelano foi apresentado como um agente preocupado com os direitos humanos e com a situação de seus compatriotas fora do território venezuelano. Além disso, o governo venezuelano se posicionou criticamente em relação à manipulação da violência e do discurso xenofóbico, que, segundo sua fala, é compartilhada por governos e meios de comunicação imperialistas. Assim, nas trajetórias textuais do TeleSur, o governo venezuelano assumiu um posicionamento defensivo e crítico em relação à narrativa

que associava a violência aos venezuelanos, rejeitando as narrativas que desprestigiam a identidade venezuelana.

Distintamente do enquadramento do TeleSur que se centrou em relatar o posicionamento do Governo venezuelano por meio de entextualizações de comunicados oficiais, a **Globovisión**, empresa de mídia venezuelana, de forma muito sucinta, reportou o ataque “Bota Fogo!” em suas narrativas. Sendo assim, as trajetórias textuais desta plataforma de notícias narraram os venezuelanos como pessoas que abandonaram o Brasil devido à violência e ataques sofridos em Pacaraima. Os migrantes e refugiados também foram narrados como migrantes em busca de uma nova vida, fugindo das adversidades enfrentadas na Venezuela. Além disso, a Globovisión ressaltou que Pacaraima se tornou um local significativo de entrada e abrigo para os venezuelanos que buscam refúgio no Brasil.

Por último, as trajetórias textuais da **DW Español** enquadraram a crise humanitária na Venezuela como um fator que impulsiona a migração dos venezuelanos e narraram os migrantes venezuelanos como pessoas que foram vítimas de violência, de xenofobia e de condições precárias, vivendo nas ruas e praças da cidade de Pacaraima. A DW Español também narrou os venezuelanos como pessoas em busca de uma vida melhor, mas que enfrentam ataques por parte dos moradores locais e por falta de apoio governamental.

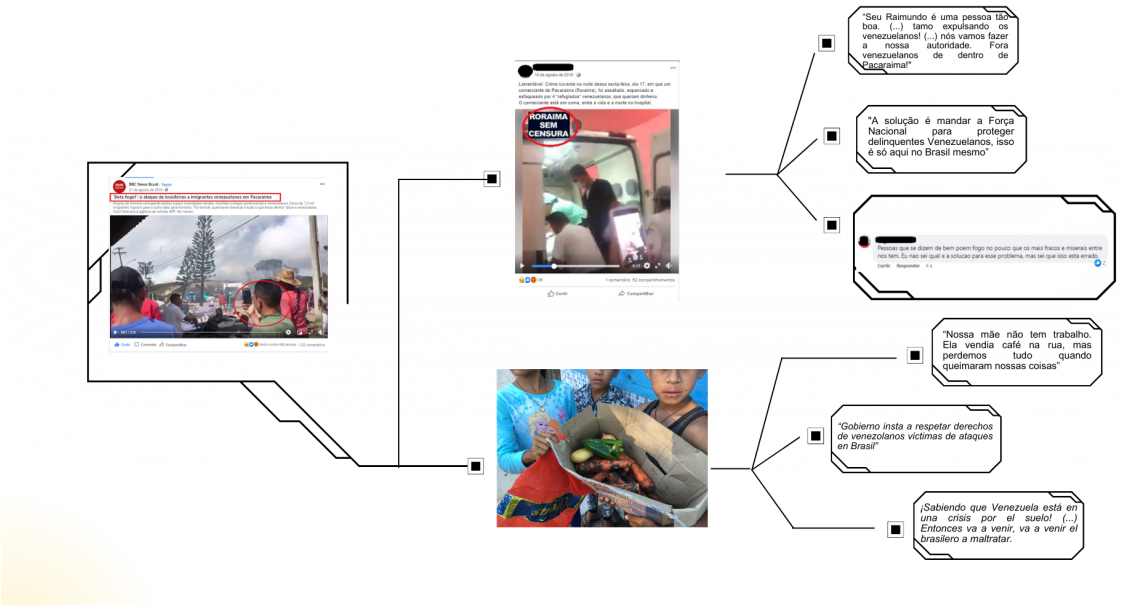
Em um tom que apelava para a sensibilidade do público, as trajetórias textuais da DW Español focalizaram as dificuldades dos migrantes de crise para se alimentar adequadamente em seu país de origem. As narrativas mencionam também que o número de venezuelanos que chegam diariamente a Pacaraima diminuiu significativamente após o ataque “Bota Fogo!”, e migrantes que tentaram cruzar a fronteira depois dos incidentes foram obrigados a passar a noite em abrigos improvisados em estacionamentos de caminhões.

Em suas narrativas, a DW Español trouxe a narrativa dos próprios migrantes venezuelanos sobre a situação vivenciada no contexto fronteiriço. Em especial, nas vídeo-reportagens da DW Español, os venezuelanos se posicionaram nas narrativas como vítimas dos ataques e expressaram preocupação com a violência sofrida. Um migrante venezuelano específico, Jorge Bello, mencionou a crise em seu país de origem, ressaltando as dificuldades enfrentadas pelos venezuelanos e criticando a atitude dos brasileiros em relação aos ataques contra

eles: *"(...) ¡Sabiendo que Venezuela está en una crisis por el suelo! ¡Porque está por el suelo! Entonces va a venir, va a venir el brasilero a maltratar. Entonces si nosotros llegamos y cerramos nuestras fronteras también y no pasa ni un brasilero para allá, ¡entonces nosotros somos mierda!, ¡ahí sí somos pilantras y somos lo que somos!"* – Vejo, na narrativa de Jorge Bello, um ato de resistência ao rejeitar ser retratado como um migrante desprezível e indesejado, distanciando-se de uma postura de vítima. Nesse contexto, a posição adotada por Jorge Bello reforça a postura de agência e o poder de ação dos migrantes venezuelanos, mesmo diante dos desafios enfrentados no país de chegada.

Para finalizar esta parte das considerações finais, apresento um mapa conceitual ilustrativo (Figura 25) que resume a trajetória das narrativas online sobre/de os migrantes venezuelanos por meio de imagens e comentários que re-entextualizam o ataque "Bota Fogo!".

Figura 25 - O que as narrativas contaram



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2023.

3. **Terceiro enquadramento:** entextualizações do ataque intitulado “Bota Fogo!”.

O ataque “Bota Fogo!” desencadeou um debate polarizado sobre a política migratória no Brasil no contexto das Eleições de 2018. Nas mídias sociais, especialmente no Facebook e Twitter, houve intensa discussão entre apoiadores e críticos do acolhimento dos migrantes. Nesse contexto, a narrativa de uma moradora, compartilhada no Facebook, viralizou e recebeu ampla repercussão. A análise dessa narrativa mostrou como a narradora (a quem chamei de Lígia) se posicionou e posicionou os migrantes venezuelanos, acionando pistas indexicais e estratégias retóricas, assumindo para si uma posição social de porta-voz dos moradores roraimenses após serem chamados de xenófobos nas plataformas de mídia sociais. Através de sua narrativa, Lígia busca isentar os moradores brasileiros da responsabilidade pelo ataque xenofóbico, enfatizando as ações violentas dos venezuelanos para justificar a reação.

No relato de Lígia, compartilhado em seu perfil no Facebook, um dia após o ataque em Pacaraima, a narradora retratou os migrantes venezuelanos de maneira negativa, usando uma linguagem carregada de estereótipos e preconceitos. Ela descreveu os venezuelanos como responsáveis por uma série de crimes violentos, como assassinatos, agressões, roubos e vandalismo. A narradora também mencionou casos de assédio sexual, além de criticar o comportamento dos venezuelanos em relação ao desperdício de comida e aos serviços de saúde. Além disso, a narradora abordou questões relacionadas à imigração em massa, como a sobrecarga nos serviços públicos, o aumento da criminalidade e as mudanças na dinâmica social da região.

Após se tornar viral, o relato da moradora de Roraima foi compartilhado em várias plataformas digitais, permitindo que os usuários moldassem a história. No Facebook, o relato foi entextualizado como um *post* na página do Jornal da Cidade Online, recebendo um alto engajamento. A citação direta do relato no *post* possibilitou a conexão entre eventos narrados e eventos narrativos, enquanto elementos como referências temporais e espaciais foram usados estrategicamente para impactar emocionalmente a audiência. O jornal também usou um título sensacionalista e recursos de *clickbait* para direcionar os usuários ao conteúdo completo em seu site.

No site, o relato da moradora foi entextualizado como uma notícia pelo Jornal da Cidade Online. A entextualização jornalística da narrativa apresentou mudanças, como a inclusão de um título sensacionalista repetido do *post*. O uso de expressões negativas para descrever a imprensa e a marcação da nacionalidade da autora no título indiciam a posição do jornal em relação à mídia convencional e a reivindicação da moradora como fonte autoritária do relato. Sendo assim, o relato entextualizado pelo Jornal da Cidade Online contribui para enfatizar o alinhamento político do portal a grupos de extrema-direita no país.

Quando o relato foi compartilhado na página do Facebook e publicado no site do jornal, a trajetória textual da história original apresentou mudanças quanto às funções e ao formato de produção e recepção do texto (DE FINA; GORE, 2017), deixando de representar a narrativa de uma moradora descontente com a presença de migrantes em território nacional, e passando a figurar como um gênero textual da esfera jornalística, com características de "reportagem". Ao ser entextualizado como notícia pelo portal de notícias bolsonarista, as informações do relato foram verificadas pela Agência Lupa, evidenciando que a narrativa continha dados exagerados e fake news.

Destarte, em um cenário já de incertezas e de caos, o compartilhamento de *fake news* e boatos foram o estopim para dar origem ao ataque violento contra os migrantes venezuelanos na fronteira de Pacaraima. O conteúdo dos boatos sobre o assalto ao comerciante local, se tinha elementos falsos ou não, acabou ocupando um papel secundário, embora tenha desempenhado uma ação reativa e xenofóbica por parte dos moradores e de agentes políticos locais, em que, segundo eles, na ausência de autoridades para gerir o fluxo migratório, colocar fogo nos alojamentos e expulsar os venezuelanos a pauladas não configura nenhuma violação aos direitos dos migrantes, pois seriam decisões e medidas justificadas em um contexto de crise.

A xenofobia representa um dos maiores problemas sociais decorrentes dos fluxos migratórios, em que, frequentemente migrantes e refugiados são alvos de discursos de ódio ou vítimas de ataques discriminatórios e racistas. A ascensão de grupos conservadores no país[156], somado a discursos nacionalistas bombardeados

[156] Essa onda conservadora que tem atingido países como Estados Unidos, Rússia, Itália, Polônia, Israel, entre outros, no Brasil, tornou-se mais visível a partir das manifestações de 2013 (no início, o foco era o aumento no preço das passagens de ônibus, depois, diferentes grupos se juntaram aos manifestantes com uma agenda variada de demandas: diminuição da violência policial, os gastos públicos para sediar a Copa, a indignação com a corrupção política etc.); intensificando-se em 2016

na mídia tradicional e o compartilhamentos de fake news e desinformação em plataformas digitais e nos sites de redes sociais, especialmente, durante as eleições de 2018, podem estar entre as principais razões de ter impulsionado ações xenófobas no Brasil, em um cenário que legitima a impunidade e as violações dos direitos humanos dos migrantes de crise.

Ainda é difícil calcular os impactos diretos e indiretos da disseminação de fake news no mundo online e offline. E muitas iniciativas têm se desafiado a combater a desinformação desenfreada, como o importante papel das plataformas de *fact-checking*. Contudo, concordo com Wardle e Derakhshan (2017) e Scofield Jr. (2019, p. 66) que é praticamente impossível o trabalho das agências de verificação conseguirem fazer frente "à velocidade com que as notícias falsas se espalham e se replicam, numa espiral de inverdades que representa grande ameaça ao próprio debate democrático". O combate à desinformação, portanto, além de ser realizado em conjunto com o debate público e democrático, deve passar principalmente pela educação para as mídias digitais. Acredito que a educação é capaz de proporcionar uma reflexão sobre as estratégias de manipulação advindas da produção, propagação e do impacto das fake news, da mesma forma que o conhecimento pode provocar deslocamentos de determinadas visões de estereótipos e preconceitos sobre migrantes de crise na sociedade.

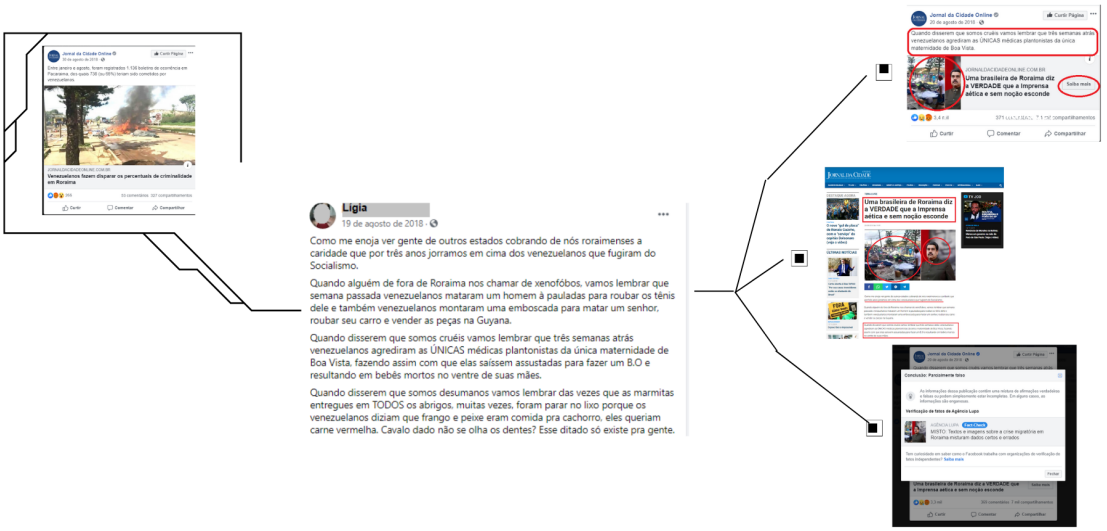
Em suma, os resultados com a análise dos dados no terceiro enquadramento mostraram que as narrativas online podem ser entextualizadas, recontextualizadas, reorientadas, recontadas, reorganizadas, e os criadores da narrativa, embora ainda sejam tratados como os autores do que se tornou uma trajetória textual, praticamente não têm mais controle sobre os processos de re-entextualização (BAUMAN; BRIGGS, 2006; BLOMMAERT, 2010; DE FINA; GORE, 2017). Além disso, tentei argumentar sobre o efeito danoso da disseminação de fake news envolvendo os ataques xenofóbicos contra migrantes venezuelanos em Pacaraima. Em meio a um cenário de disputa política em 2018, as campanhas de desinformação foram potencialmente projetadas para "semear desconfiança e confusão e aprimorar as divisões socioculturais existentes, usando tensões nacionalistas, étnicas, raciais e religiosas" (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 4).

---

com o impeachment da presidente Dilma Rousseff, e culminando numa política deliberada de ódios e polarizações nas eleições de 2018 (SCHWARCZ, 2019).

Para finalizar esta parte das considerações finais, apresento, a seguir, a Figura 26, que mostra o caminho percorrido para realizar a análise das entextualizações do relato da moradora de Roraima sobre o ataque “Bota Fogo!” e a situação dos migrantes venezuelanos no estado. Por fim, na sequência, registro minhas reflexões finais para esta tese.

Figura 26 - Mapa conceitual - Trajetória das entextualizações do Relato



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2023.

4. Traçando rotas imaginadas para caminhos futuros

“Bota fogo! “Esses vagabundos!” “Vamos botar fogo, gente!”

“Não foi um simples assalto, os bandidos venezuelanos espancaram um brasileiro em sua casa, quase até a morte.”

“Estou atendendo venezuelanos e nossos brasileiros estão ficando para trás, estou ocupando a vaga deles.”

“Fora venezuelanos de dentro de Pacaraima!”

“Todos sendo expulsos (...). Esse aqui é o Brasil que nós queremos! Tirem todos!”

“Por mim, que matem todos esses imigrantes.”
“Esse povo só estão emporcalhando mais as ruas e trazendo doenças.”
“Bolsonaro 2018 pra colocar esse bando de vagabundo pra fora do nosso país.”
“Pacaraima no quiere más venezolanos.”

As re-entextualizações que introduzem esta última parte das considerações finais apresentam um **retrato da migração precária** na fronteira entre a pequena cidade de Pacaraima/RR e a Venezuela. Como evidenciado pelas trajetórias textuais do ataque “Bota Fogo!”, a maioria dos venezuelanos que não tinha recursos para prosseguir a outros estados acabava encontrando abrigo em barracas e instalações de infraestrutura precária nas ruas da cidade brasileira. Além disso, para agravar a situação, os migrantes e refugiados venezuelanos eram constantemente alvos de discursos de ódio, atos xenofóbicos e violações dos direitos humanos, muitos dos quais eram propagados por políticos, fake news e páginas anti-refúgio nas mídias sociais.

Essas valorações re-entextualizadas das narrativas online ademais de refletirem as condições precárias nas quais os migrantes de crise se encontra(va)m, estabelecem critérios que determinam quais vidas podem ser reconhecidas e consideradas dignas de serem vividas (BUTLER, 2018). A condição de precariedade é, segundo Butler (2018), uma questão material bastante perceptível para aqueles cujas vidas não são consideradas potencialmente lamentáveis e, por conseguinte, valiosas. Como efeito de um processo des(re)territorializador, ressalto que os venezuelanos foram/são obrigados a “suportar a carga da fome, do subemprego, da privação de direitos legais e da exposição diferenciada à violência e à morte” (BUTLER, 2018, p. 45-46). Desse modo, no contexto desta tese, essas condições de precariedade foram observadas de forma bastante explícita nas representações negativas e violentas em relação aos migrantes, como expressões de ódio, estigmatização e desvalorização de suas vidas. E, nesse sentido, tais narrativas contribuem para reforçar as hierarquias sociais e a exclusão, perpetuando um sistema que marginaliza e desumaniza refugiados e migrantes de crise.

No entanto, Butler (2021) nos alerta para a importância de questionar e resistir a essas representações, buscando uma ética de cuidado e reconhecimento

da igualdade de valor de todas as vidas. Nessa direção, vozeando as palavras de Melo (2019), acredito que para compreender a complexidade das práticas discursivas e sociais desses tempos de mobilidade (inclusive online), é de suma importância "desafiar a necropolítica implantada para vidas não brancas" e isso implica em "reconhecer que vidas negras, indígenas, ciganas, asiáticas e de outras origens também importam[157]" (MELO, 2019, p. 896-897).

Portanto, como professora e agora pesquisadora na área da Linguística Aplicada, acredito que pesquisas futuras sobre língua(gem) e migração devem considerar o papel importante das narrativas online para desestabilizar a perpetuação de discursos de ódio e práticas xenofóbicas, especialmente nos contextos formativos e educacionais. Mobilizando o pensamento de Walsh (2007), considero ser fundamental adotar uma abordagem crítica e intercultural para investigar como as práticas discursivas nas mídias sociais podem provocar mudanças na percepção negativa e violenta em relação aos migrantes e refugiados. A meu ver, uma das formas de promover os atos de resistência por meio da linguagem é ampliando o leque de pesquisas que problematizem os discursos online estigmatizantes e desumanizadores, sobretudo sobre migrantes de crise e refugiados em plataformas de mídias sociais.

Além disso, é fundamental reconhecer que a migração é um processo complexo, que envolve não apenas deslocamentos físicos, culturais, linguísticos e identitários, mas também des(re)territorializações (HAESBAERT, 2004; BIZON, 2013). Nesse contexto, as pesquisas na área da Linguística Aplicada podem desempenhar um papel crucial ao analisar as práticas de língua(gem) e as narrativas nas mídias sociais, fomentando uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e discursivas que permeiam a migração e suas representações.

Após ter investigado as trajetórias textuais do ataque "Bota Fogo!" por meio das narrativas online e das manifestações de xenofobia e resistência nas plataformas digitais e mídias sociais, acredito que esta pesquisa tenha o potencial de contribuir para novos estudos na área da Linguística Aplicada e de ampliar nosso entendimento sobre as práticas linguísticas online em contextos de mobilidade humana. Portanto, é minha expectativa que as próximas histórias contadas sobre

[157] No original: Challenging the necropolitics implanted for nonwhite lives means to recognize that black, indigenous, gypsy, Asian, and other lives also matter, and to comprehend more deeply the complexity of the discursive and social practices of these times.

migrantes nas plataformas digitais sejam narrativas de resistência, justiça social e esperança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Relatório Anual Global Trends:** forced displacement in 2018. Disponível em: https://www.unhcr.org/5d08d7ee7.pdf#_ga=2.244458885.1089995143.1576841892-1776333326.1576100910. Acesso em: 17 dez. 2019.

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Interiorização**. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/construir-futuros-melhores/solucoes-duradouras/integracao-local/interiorizacao/ . Acesso em: 28 mar. 2023.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **Xenofobia:** medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Cortez, 2016.

ALEGRETTI, Laís. Entre venezuelanos, 8 a cada 10 querem deixar a região de fronteira: Dado integra relatório do centro de triagem de Pacaraima (RR) sobre imigrações de junho a agosto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 ago. 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/entre-venezuelanos-8-a-cada-10-querem-deixar-regiao-de-fronteira.shtml#comentarios. Acesso em: 05 jun. 2020.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at large:** cultural dimensions of globalization. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ARDÈVOL-ABREU, Alberto. Framing o teoría del encuadre en comunicación. Orígenes, desarrollo y panorama actual en España. **Revista Latina de Comunicación Social**, n. 70, p. 423-450, 2015. DOI: 10.4185/RLCS-2015-1053

ASSIS, G. de O. Nova Lei de Migração no Brasil: avanços e desafios. *In*: BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul.** Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2018. p. 609-623.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, [1962]1990.

AZEVEDO, Rita. Setembro de 2015: Bolsonaro chama refugiados de “escória do mundo”. **Exame**, São Paulo, 22 set. 2015. Disponível em: https://exame.com/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/. Acesso em: 14 nov. 2019.

BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. [Trad. Paulo Bezerra]. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979]2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem:** problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. [Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi]. 12.ed. São Paulo: Hucitec, [1929]2006.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. 3.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, [1920-1924]2017.

BAKIR, Vian; MCSTAY, Andrew. Fake News and The Economy of Emotions. **Digital Journalism***,* v. 6, n. 2, p. 1-19, 2017. http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645.

BAMBERG, Michael. Positioning Between Structure and Performance. **Journal of Narrative and Life History**, v. 7, n. 1-4, p. 335-342, 1997.

BAMBERG, Michael; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text & Talk***,* v. 28, n. 3, p. 377–396, 2008.

BARAN, Dominika M. Narratives of migration on Facebook: Belonging and identity among former fellow refugees. **Language in Society**, v. 47, n. 2, p. 245–268, 2018.

BARKHUIZEN, Gary. A Short Story Approach to Analyzing Teacher (Imagined) Identities Over Time. **Tesol Quarterly**, v. 50, n. 3, set. 2016.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Trad. Milton Camargo Mota. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015

BASTOS, Liliana Cabral. Narrativa e vida cotidiana. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 1º sem. 2004.

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA**., 31-especial, p. 97-126, 2015.

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. **Ilha - Revista de Antropologia,** v. 8, n. 1-2, p. 185-229, 2006.

BECKER, Clara; LOPES, Plínio. #Verificamos: Textos e imagens sobre a crise migratória em Roraima misturam dados certos e errados. **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 27 ago. 2018. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/08/27/verificamos-roraima/. Acesso em: 17 nov. 2019.

BIAR, Liana de Andrade; ORTON, Naomi; BASTOS, Liliana Cabral. A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de “pós-verdade”. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 21, n. 2, p. 231-251, maio/ago. 2021.

BIZON, Ana Cecília Cossi. **Narrando o exame Celpe-Bras e o convênio PEC-G:** a construção de territorialidades em tempos de internacionalização. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2013.

BIZON, Ana Cecília Cossi; CAMARGO, Helena. R. E. de. Acolhimento e ensino da língua portuguesa à população oriunda de migração de crise no município de São Paulo: por uma política do atravessamento entre verticalidades e horizontalidades. *In*: BAENINGER, Rosana et al. (org.). **Migrações Sul-Sul.** Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2018. p. 712-726.

BLOMMAERT, Jan. Contexto é/como crítica. *In*: SIGNORINI, I. (org.). **Situar a linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 91-115.

BLOMMAERT, Jan. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: University Press, 2010.

BLOMMAERT, Jan; DONG, Jie. **Ethnographic fieldwork:** A beginner's guide. London: Tilburg University, 2010.

BLOMMAERT, Jan; DE FINA, Anna. Chronotopic identities: On the timespace organization of who we are. **Tilburg Papers in Culture Studies**, v. 153, p. 1-28, dec. 2015.

'BOTA FOGO!': o ataque de brasileiros a imigrantes venezuelanos em Pacaraima. **BBC News**, Brasil, 20 ago. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CrXBt9pVG4Q. Acesso em: 11 out. 2019.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-78.

BRASIL. **Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997**. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951 e determina outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm. Acesso em: 11 dez. 2019.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 24 maio 2016. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: 15 jan. 2018.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos:** por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2007.

BRUNER, Jerome. A Construção Narrativa da Realidade. Trad. Waldemar Ferreira Netto. **Critical Inquiry**, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991.

BRUNO, Fernanda; ROQUE, Tatiana. A ponta de um *iceberg* de desconfiança. *In*: BARBOSA, Mariana. (org.). **Pós-verdade e Fake News:** reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 13-23.

BUCCI, Eugênio. News não são fake – e fake news não são news. *In*: BARBOSA, Mariana. (org.) **Pós-verdade e Fake News:** reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 37-47.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra:** Quando a vida é passível de luto? 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio:** uma política do performativo. São Paulo: Unesp, 2021.

CARR, Summerson; LEMPERT, Michael. **Scale:** Discourse and Dimensions of Social Life. Oakland, California: University of California Press, 2016.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio T.; MACÊDO, Marília F. R. de. Imigração e Refúgio no Brasil. **Relatório Anual 2019 do Observatório das Migrações Internacionais**. Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.

CAVALCANTI, Marilda C. Um Olhar Metateórico e Metametodológico em Pesquisa em Linguística Aplicada: implicações éticas e políticas. *In:* MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 233-251.

CAVALCANTI, Marilda C.; PIRES-SANTOS, Maria E. Identidades híbridas, língua(gens) provisórias-alunos “brasiguaios” em foco. **Trabalhos em Linguística Aplicada,** v. 47, n. 2, p. 429-446, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-18132008000200010.

CAVALCANTI, Marilda C. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente:** Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013. p. 211- 226.

CAVALCANTI, Marilda C. O pós-ápice da migração haitiana no país em notícia recortada em portal de notícias: algumas notas sobre escolhas epistemológicas. **DELTA**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 1-22, 2019.

CAVALCANTI, Marilda C.; BIZON, Ana Cecília Cossi. Threads of a hashtag: entextualization of resistance in the face of political and sanitary challenges in brazil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, p. 1966-1994, 2020.

CESARINO, Letícia. **Populismo digital:** roteiro inicial para um conceito, a partir de um estudo de caso da campanha eleitoral de 2018. Manuscrito em desenvolvimento, dez. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38061666/Populismo_digital_roteiro_inicial_para_um_conceito_a_partir_de_um_estudo_de_caso_da_campanha_eleitoral_de_2018. Acesso em: 22 jan. 2020.

CHARLEAUX, João Paulo. Os 3 ataques cometidos contra imigrantes venezuelanos em Roraima. **Nexo Jornal**, São Paulo, 22 mar. 2018. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/22/Os-3-ataques-cometidos-contra-imigrantes-venezuelanos-em-Roraima. Acesso em: 15 jan. 2020.

COGO, Denise. Cidadania comunicativa das migrações transnacionais: usos de mídias e mobilização social de latino-americanos. *In*: COGO, Denise; ELHAJII, Mohammed; HUERTAS, Amparo (org.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. p. 43-66.

CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados. **Relatório Refúgio em Números – 1ª Edição**. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2016. Disponível em: https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros. Acesso em: 15 dez. 2019.

CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados. **Relatório Refúgio em Números – 4ª Edição.** Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2018. Disponível em: https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros. Acesso em: 19 dez. 2019.

CONARE concede refúgio para 21 mil venezuelanos: Resolução e ferramentas de inteligência permitiram cruzamento de dados para julgamento em bloco de processos. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**, Brasília, 05 dez. 2019. Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/conare-concede-refugio-para-21-mil-venezuelanos. Acesso em: 23 jan. 2020.

CONFLITOS em Roraima geram debate polarizado sobre política migratória: Maior grupo do debate critica abertura de fronteira a imigrantes e defende brasileiros envolvidos em episódio de agressão em Pacaraima. Entre as dez notícias com maior engajamento, uma contribui com a desinformação sobre o tema. FGV DAPP (Diretoria de Análise de Políticas Públicas). **Sala de Democracia Digital**, 27 ago. 2018. Disponível em: https://observa2018.dapp.fgv.br/posts/conflitos-em-roraima-geram-debate-polarizado-e-acentuam-problemas-da-politica-migratoria/. Acesso em: 25 jan. 2020.

COSTA, Emily. Levantamento aponta que 10 das 15 cidades de Roraima têm venezuelanos em situação de rua: Mapeamento do Exército diz que 1,5 mil imigrantes estão vivendo nas ruas do estado. Maioria se concentra na capital Boa Vista que, segundo a prefeitura, já tem 25 mil moradores venezuelanos. **Portal G1**, Boa Vista, 27 jun. 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/levantamento-aponta-que-10-das-15-cidades-de-roraima-tem-venezuelanos-em-situacao-de-rua.ghtml. Acesso em: 17 jul. 2022.

CRUZ, Francisco Brito. *Fake News* definem uma eleição? *In*: BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e Fake News:** reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 25-35.

DAVIES, Bronwyn; HARRÉ, Rom. Positioning The discursive construction of selves. **Journal for the Theory of Social Behavior**, n. 20, p. 43-63, 1990.

DAWSON, Catherine. **A–Z of Digital Research Methods**. London and New York: Routledge, 2020.

DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Introduction: Narrative analysis in the shift from texts to practices. **Text & Talk**, v. 28, n. 3, p. 275-281, 2008. https://doi.org/10.1515/TEXT.2008.013

DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (org.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Oxford/UK: John Wiley & Sons, Inc, 2015.

DE FINA, Anna. Performing Self, Positioning Others. *In*: DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (org.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Oxford/UK: John Wiley & Sons, Inc, 2015. p. 349-368.

DE FINA, Anna. Storytelling and audience reactions in social media. **Language in Society**, v. 45, n. 4, p. 473-498, 2016. doi:10.1017/S0047404516000051

DE FINA, Anna; GORE, Brittany T. Online retellings and the viral transformation of a twitter breakup story. *In:* DE FINA, Anna; PERRINO, Sabina (org.). **Storytelling In The Digital Age**. **Narrative Inquiry**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v. 27, n. 2, p. 235-260, 2017. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1075/ni.27.2.03def. Acesso em: 23 fev. 2020.

DE FINA, Anna; PERRINO, Sabina (org.). **Storytelling In The Digital Age**. **Narrative Inquiry**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v. 27, n. 2, 2017.

DE FINA, Anna; TSENG, Amelia. Narrative in the study of migrants. *In*: CANAGARAJAH, Suresh. (org.). **The Routledge Handbook of Migration and Language**. London, UK: Routledge, 2017. p. 381-396.

DE FINA, Anna. Migrant youth push back. Virtual friendships and everyday resistance in the digital sphere. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 3, p. 1833-1861, set./dez. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/010318138362711120201106

DEPPERMANN, Arnulf. Positioning. *In*: DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (org.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Oxford/UK: John Wiley & Sons, Inc, 201. p. 369-387.

DÍAZ, Sergio Prieto. **Cartografías de la Subalternidad Migratoria:** bestialización, inhumanidad y contrahegemonía en el contexto del Plan Frontera Sur de México. Tese de Doutorado em Ciencias Sociales y Políticas. Universidad Iberoamericana, Ciudad de México, 2017.

DÍAZ, Sergio Prieto. Subalternidad migratoria: aproximación decolonial a la violencia epistémica en la migración forzada/indocumentada. **Argumentos**, UAM-Xochimilco, México, año 32, n. 90, p. 17-33, mayo-ago. 2019.

DONATO, Mauro. Com “fake news”, candidato do Patriota incentivou as ofensivas contra venezuelanos em Roraima. **Justificando**, São Paulo, 21 ago. 2018. Disponível em: http://www.justificando.com/2018/08/21/com-fake-news-candidato-do-patriota-incentivou-as-ofensivas-contra-venezuelanos-em-roraima/. Acesso em: 15 out. 2019.

ENTMAN, Robert. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, n. 43, p. 51-58, 1993.

ENTMAN, Robert; ROJECKI, Andrew. **The Black Image in the White Mind**: Media and Race in America. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

ENTMAN, Robert. Cascading Activation: Contesting the White House’s Frame After 9/11. **Political Communication**, n. 20, p. 415-432, 2003.

ERICKSON, Frederick. O que torna a etnografia escolar ‘etnográfica’? **Anthropology and Education Quarterly**, v. 15, p. 51-66, 1984.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FABRÍCIO, Branca Falabella; BASTOS, Liliana Cabral. Narrativas e identidades de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. *In*: PEREIRA, Maria das Graças Dias *et. al.* (org.). **Discursos socioculturais em interação:** interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 39-66.

FABRÍCIO, Branca Falabella. A “outridade lusófona” em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Português no século XXI:** cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 144-168.

FABRÍCIO, Branca Falabella. “Repetir-repetir até ficar diferente”: práticas descoloniais em um blog educacional. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 18, n. 2, 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre/São Paulo: Artmed/Bookman, 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FIGUEIRA, Rickson R. Razões da Xenofobia: ensaio sobre os fatores contribuintes da violência xenófoba contra imigrantes e refugiados venezuelanos em Roraima. *In*: BAENINGER, R.; SILVA, J. C. J. (Coods.); ZUBEN, C. von *et al.* (org.) **Migrações Venezuelanas***.* Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2018. p. 224-231.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. 20 ed. Petrópoles: Vozes, [1975]1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969]2008.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

GARRAZA, Teresa Sádaba; VIRGILI, Jordi Rodriguez; CASTRO, Manuel Bartolomé. Propuesta de sistematización de la teoría del *framing* para el estudio y praxis de la comunicación política. **Observatorio (OBS) Journal**, v. 6, n. 2, p. 109-126, 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** 1.ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis:** An Essay on the Organization of Experience. New York: Harper & Row, [1974]1986.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 10.ed. Petrópolis: Vozes, [1985]2002.

GOFFMAN, Erving. Footing. *In*. RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (org.) **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 107-148.

GREENBANK, Emily. Discursive navigation of employable identities in the narratives of former refugees. **Thesis of Doctor of Philosophy.** Victoria University of Wellington, 2019.

GRILLO, Oscar. Etnografía multisituada, etnografía digital: reflexiones acerca de la extensión del campo y la reflexividad. **Etnografías Contemporáneas – Revista del Centro de Estudios en Antropología**, año 5, n. 9, p. 73-93, 2019.

GUIMARÃES JR., Mário J. L. De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p.123-154, jun. 2004. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-71832004000100006.

HAESBAERT, Rogério. O **Mito da desterritorialização**. Do "Fim dos Territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2004.

HINE, Cristine. **Etnografía virtual**. Tradução do inglês de Cristian P. Hormazábal para versão em espanhol. Coleção Nuevas Tecnologías y Sociedad. Barcelona: Ed. UOC, [2000]2004.

HOFFMANN, Christian R.; BUBLITZ, Wolfram (org.). **Pragmatics of Social Media**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2017.

INTERVOZES - Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Desinformação:** ameaça ao direito à comunicação muito além das *fake news.* São Paulo: Intervozes, 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Ed. Aleph, [2006]2009.

JUNG, Neiva M.; LUNARDELLI, Mariangela G.; PIRES-SANTOS, Maria Elena; SILVA, Regina C. M. "Vendo o que não se enxergava": condições epistemológicas para construção de conhecimento coletivo e reflexivo da língua(gem) em contexto escolar. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada [online]**, v. 31, p. 35-65, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-44507618137386544 18.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin (org.). **A new literacies sampler.** New York: Peter Lang, 2007.

LANGENHOVE, Luk Van; HARRÉ, Rom. Introducing Positioning Theory. *In*: HARRÉ, Rom; LANGENHOVE, Luk Van (org.). **Positioning theory:** moral contexts of intentional action. Oxford/UK: Blackwell Publishers, 1999. p. 14-31.

LEWIS, Elizabeth Sara. **Acho que isso foi bastante macho pra ela:** reforço e subversão de ideologias heteronormativas em performances narrativas digitais de praticantes de *pegging*. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2016.

LOPES, Mariana. **Imperialismo, Petróleo e Revolução Bolivariana:** Impasses Político-Ideológicos do Governo Chávez na Venezuela. Dissertação de Mestrado. Repositório Institucional, Unesp, São Paulo, 2009.

MACHADO, Emerson. Qual a diferença entre emoticons e emoji? **Portal Diferença, Tecnologia**, s/A. Disponível em: https://www.diferenca.com/emoticons-e-emoji/. Acesso em: 08 jan. 2020.

MARIN, Denise Chrispim. Governo federal vê motivação eleitoreira na ação de Roraima: Para fontes de Brasília, a governadora Suely Campos insiste em fechar a fronteira para os venezuelanos como meio de garantir sua reeleição. **Veja**, São Paulo, 21 ago. 2018. Disponível em: veja.abril.com.br/mundo/acao-de-roraima-contra-venezuelanos-tem-motivacao-eleitoreira/. Acesso em: 08 set. 2019.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (orgs.). **Etnografia e educação:** conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.

MELO, Filipe Reis Melo. ALBA-TCP, ¿un nuevo regionalismo o más de lo mismo? *In*: OLIVEIRA, Renata Peixoto de; NOGUEIRA, Silvia Garcia; MELO, Filipe Reis (orgs.) **América Andina:** integração regional, segurança e outros olhares. Campina Grande: EDUEPB, 2012. p. 25-42.

MELLO, Patrícia Campos; PRADO, Avener. Boatos alimentam conflito com venezuelanos em região de fronteira: Campanhas contra imigrantes em Roraima ganham força com posts e vídeos em redes sociais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 ago. 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/boatos-alimentam-conflito-com-venezuelanos-em-regiao-de-fronteira.shtml. Acesso em: 27 out. 2019.

MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp: Com contratos de R$ 12 milhões, prática viola a lei por ser doação não declarada. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml. Acesso em: 05 jun. 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Português no século XXI:** cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; FABRÍCIO, Branca Falabella. Viagem textual pelo sul global: ideologias linguísticas *queer* e metapragmáticas translocais. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 18, n. 3, p. 759-784, set./dez. 2018.

MORENO, Alcides. Ataques a venezuelanos são açulados por fake news brasileiras. **Nocaute**, São Paulo, 19 ago. 2018. Disponível em: https://nocaute.blog.br/2018/08/19/ataque-a-venezuelanos/. Acesso em: 12 out. 2019.

MORENO, Alcides. Cultura do ódio e 'fake news' levaram a ataques de brasileiros a venezuelanos: Mentiras sobre onda migratória resultou em covarde ataque de brasileiros contra um acampamento localizado na fronteira, no último sábado (18). **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 20 ago. 2018. Disponível em: https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/08/cultura-do-odio-e-fake-news-levaram-a-ataques-de-brasileiros-a-venezuelanos/. Acesso em: 15 out. 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. *In*: LAGO, C.; BENETTI, M. (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 143-167.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MÜLLER, Karsten; SCHWARZ, Carlo. Fanning the Flames of Hate: Social Media and Hate Crime. **SSRN,** Rochester, NY, 5 jun. 2020. http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3082972.

MUÑIZ, Carlos M. Encuadr**es noticiosos e inmigración:** del análisis de los contenidos al estudio de los efectos mediáticos. Tesis de Doctorado. Facultad de Ciencias Sociales, Departamento de Sociología y Comunicación, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2007.

MUÑIZ, Carlos M. Encuadres noticiosos sobre migración en la prensa digital mexicana. Un análisis de contenido exploratorio desde la teoría del *framing*. **Convergencia, Revista de Ciencias Sociales**, Universidad Autónoma del Estado de México, n. 55, p. 213-239, ene./abr. 2011.

MURTHY, Dhiraj. Digital Ethnography: An Examination of the Use of New Technologies for Social Research. **Sociology**, v. 42, n. 5, p. 837-855, 2008. DOI: 10.1177/0038038508094565.

OCHS, Elinor; CAPPS, Lisa. **Living Narrative:** Creating Lives in Everyday Storytelling. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001.

OROSA, Berta García; SANTORUM, Santiago Gallur. La conformación de valores noticia en un contexto de conflicto. Análisis pragmático de su funcionamiento en la información sobre el narcotráfico en México y el feminicidio de Ciudad Juárez. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v. 18, n. 2, p. 491-511, 2012. dx.doi.org/10.5209/rev_ESMP.2012.v18.n2.41021.

PAGE, Ruth E. **Stories and Social Media:** Identities and Interaction. New York: Routledge, 2012.

PAGE, Ruth. The Narrative Dimensions of Social Media Storytelling: Options for Linearity and Tellership. *In*: DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (org.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Oxford/UK: John Wiley & Sons, Inc, 2015. p. 329-347.

PAGE, Ruth. Narration. *In:* HOFFMANN, Christian R.; BUBLITZ, Wolfram (org.). **Pragmatics of Social Media**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2017. p. 523-544.

PAVLENKO, Aneta. Autobiographic narratives as data in applied linguistics. **Applied Linguistics**, v. 28, n. 2, p. 163-188, 2007.

PIAIA, Victor R. Rumores, fake news e o impeachment de Dilma Rousseff. **Teoria e Cultura**, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF, v. 13, n. 2, p. 22-39, dez. 2018.

PINK, Sarah; HORST, Heather; POSTILL, John; HJORTH, Larissa; LEWIS, Tania; TACCHI, Jo. **Digital Ethnography:** Principles and Practice. London: SAGE Publications Inc., 2016.

PIRES SANTOS, Maria Elena. PORTUNHOL SELVAGEM: Translinguagens em cenário Translíngue/Transcultural de Fronteira. Revista Gragoatá (UFF), v. 22, p. 523-539, 2017.

POHJONEN, Matti. A Comparative Approach to Social Media Extreme Speech: Online Hate Speech as Media Commentary. **International Journal of Communication**, n. 13, p. 3088–3103, 2019.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, v. 2, n. 3, p. 61-71, jul./dez. 2013.

POLIVANOV, Beatriz. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais:** estudo com participantes de cenas de música eletrônica no *Facebook.* Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

RAMALHO, Sérgio. Virou rotina agredir e assassinar venezuelanos em Roraima. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 28 nov. 2019. Disponível em: https://theintercept.com/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/. Acesso em: 15 jan. 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RESTRIÇÃO a imigrantes é bandeira de governador eleito em Roraima: Denarium inclui fluxo de venezuelanos para estado em seu programa. **Agência Brasil**, Brasília, 28 out. 2018. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/restricao-imigrantes-e-bandeira-de-governador-eleito-em-roraima. Acesso em: 08 set. 2020.

RIBEIRO, Amanda; MENEZES, Luiz F. Jornal da Cidade Online usa perfis apócrifos para atacar políticos e magistrados. **Aos Fatos**, Rio de Janeiro, 04 jul. 2019. Disponível em: https://www.aosfatos.org/noticias/jornal-da-cidade-online-usa-perfis-apocrifos-para-atacar-politicos-e-magistrados/. Acesso em: 17 nov. 2020.

RORAIMA. Procuradoria Geral do Estado. **Ação Civil Originária de 13 de abril de 2018.** Pedido de Tutela Provisória. ACO 3121. Disponível em: http://portal.stf.jus.br/processos/downloadPeca.asp?id=315110327&ext=.pdf. Acesso em: 27 jan. 2020.

ROSS, André S.; RIVERS, Damian J. Discursive Deflection: Accusation of “Fake News” and the Spread of Mis- and Disinformation in the Tweets of President Trump. **Social Media + Society.** SAGE Publications, v. 4, n. 2, p. 1-12, 2018. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1177/2056305118776010. Acesso em: 18 set. 2019.

RUSEISHVILI, Svetlana; CARVALHO, Rodrigo C. de; NOGUEIRA, Mariana F. S. Construção social do estado de emergência e governança das migrações. O Decreto Estadual Nº. 24.469-E como divisor de águas. *In*: BAENINGER, R.; SILVA, J. C. J. (Coods.); ZUBEN, C. von *et al.* (org.) **Migrações Venezuelanas**.Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2018. p. 57-67.

SANQUE, Douglas Roberto Knupp. **“Pela família”:** múltiplas indexicalidades do signo “família” na comunicação do impeachment de Dilma Rousseff. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** São Paulo: Estação das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**.1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCOFIELD JR., Gilberto. Desconstruindo as *Fake News:* o trabalho das Agências de *Fact-Checking*. *In*: BARBOSA, Mariana. (org.). **Pós-verdade e *Fake News*:** reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 59-68.

SERRANO, José Francisco. **Redacción para periodistas:** informar e interpretar. Barcelona: Ariel, 2003.

SILVA, Daniel Nascimento e. **Pragmática da violência:** o Nordeste na mídia brasileira. Rio de Janeiro: 7 letras/FAPERJ, 2011.

SILVA, Daniel Nascimento e. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 67-84, jan./abr. 2014.

SILVA, Izabel da; PIRES SANTOS, Maria Elena; JUNG, Neiva Maria. Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. **Domínios de Lingu@Gem**, v. 10, p. 1257-1277, 2016.

SILVA, Izabel da. “BOTA FOGO NESSES VAGABUNDOS!”: entextualizações de xenofobia na trajetória textual de uma fake news. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 3, p. 2123–2161, 2020.

SISMIGRA – Sistema de Registro Nacional Migratório. Portal de Imigração do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra. Acesso em: 23 jan. 2020.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 11-36.

SOUSA SANTOS, Boaventura de *et. al.* [Coordenação geral de Maria Paula Meneses; Karina Andrea Bidaseca]. **Epistemologias do Sul.** 1.ed. Buenos Aires: CLACSO; Coimbra: Centro de Estudos Sociais - CES, 2018.

TOWNSEND, Leanne; WALLACE, Claire. **Social Media Research:** A Guide to Ethics. University of Aberdeen, 2016. Disponível em: http://www.dotrural.ac.uk/socialmediaresearchethics.pdf. Acesso em: 24 jan. 2019.

UMA BRASILEIRA de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde. **Jornal da Cidade Online***,* Passo Fundo/RS, 20 ago. 2018*.* Disponível em: https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/11101/uma-brasileira-de-roraima-diz-a-verdade-que-a-imprensa-aetica-e-sem-nocao-esconde. Acesso em: 17 nov. 2019.

VAN DIJCK, José. The culture of connectivity: a critical history of social media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. The platform society: Public values in a connective world. Oxford University Press, 2018.

VAN DIJCK, José. **Professor José van Dijck on today's 'platform society'**, 2019. Vídeo publicado pelo canal do Youtube Diggit Magazine. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g2rVuDQeAeg&ab_channel=diggitmagazine. Acesso em: 04 jun. 2023.

VAN DIJK, Teun. Reproducir el racismo: el rol de la prensa. *In*: CHECA Y OLMOS, Francisco (org.). **La Inmigración Sale a la Calle:** comunicación y discursos políticos sobre el fenómeno migratorio. Barcelona: Icaria, 2008. p.19-50.

VARIS, Piia. Digital ethnography.**Tilburg Papers in Culture Studies**, n. 104, 2014.

VERTOVEC, Steven. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, v. 30, n. 6, pp. 1024 - 1054, 2007.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “outro” desde la diferencia colonial. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Org.). **El giro decolonial:** Reflexiones para uma diversidad

epistêmica más Allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Iesco-Pensar, 2007.

WARDLE, Claire.; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Relatório do Council of Europe, 2017. Disponível em: https://rm.coe.int/information-disorder-report-november-2017/1680764666. Acesso em: 17 jan. 2020.

WORTHAM, Stanton. **Narratives in action**. A strategy for research and analysis**.** New York/London: Teachers College; Columbia University, 2001.

WORTHAM, Stanton; REYES, Angela. **Discourse Analysis beyond the Speech Event.** New York, NY: Routledge, 2015.

WORTHAM, Stanton; RHODES, Catherine R. Narratives Across Speech Events. *In*: DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (org.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Malden, MA: Wiley-Blackwell/John Wiley & Sons, 2015. p. 160-177.